



Anna Barbara Cardoso da Silva

**Do luxo ao lixo: Um estudo arqueológico do material cerâmico dos
bolsões do sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas**

Dissertação de Mestrado

Belém, Pará

2016



Anna Barbara Cardoso da Silva

**Do luxo ao lixo: Um estudo arqueológico do material cerâmico dos
bolsões do sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada para
obtenção do título de Mestre em
Antropologia pela Universidade
Federal do Pará.

Orientadora: Dra. Denise P. Schaan

Belém, Pará

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Silva, Anna Barbara Cardoso, 1979 -

Do luxo ao lixo: um estudo arqueológico do material cerâmico dos bolsões do sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas / Anna Barbara Cardoso da Silva. - 2016.

Orientadora: Denise Schaan.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Belém, 2016.

1. Arqueologia - Santarém (PA) - Cerâmica.
 2. Arqueologia - Amazônia. 3. Material cerâmico.
- I. Título.

CDD 22. Ed. 930.1098115



Anna Barbara Cardoso da Silva

**Do luxo ao lixo: Um estudo arqueológico do material cerâmico dos
bolsões do sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas**

Dissertação apresentada como
requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em Antropologia
pela Universidade Federal do Pará.

Banca Examinadora:

PROFA. DRA. HELENA PINTO LIMA

Museu Paraense Emílio Goeldi – Examinadora externa

PROF. DR. TIAGO TOMÉ

Universidade Federal do Pará – UFPA – Examinador interno

PROFA. DRA. DENISE PAHL SCHAAN

Universidade Federal do Pará - UFPA - Orientadora

PROF. DR. DIOGO MENEZES COSTA

Universidade Federal do Pará – Examinador suplente interno

Belém, Pará

2016

DEDICATÓRIA

À minha mãe

AGRADECIMENTOS

Enfim os agradecimentos, que deixei para escrever por último pensando que seria mais fácil, no entanto listar nome de pessoas que são importantes para mim tanto na vida profissional quanto pessoal é mais difícil que eu poderia imaginar, mas vamos lá agradecer.

A todas as pessoas que trabalharam no Projeto Porto de Santarém e que em uma das etapas tiveram contato com os *bolsões* do sítio Porto e com total dedicação e empenho escavaram estes buracos em detalhes e que muito me ajudaram com seu profissionalismo no momento do campo e depois dele.

A CAPES pela bolsa de mestrado.

As palavras agora escritas são dedicadas, a minha orientadora, Dr^a Denise P. Schaan. Muito obrigada por esses longos sete anos em que trabalhamos juntas e você foi orientadora, colega de trabalho, conselheira e incentivadora. A sua paciência e confiança em mim e no meu trabalho tornou essa fase de pós-graduação mais tranquila. Todas as suas contribuições para este trabalho foram importantes para meu crescimento e amadurecimento no fazer arqueológico.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, a todos os professores e professoras que com seus conhecimentos me auxiliaram para o desenvolvimento e finalização desta pesquisa, especialmente os profs. Diogo Costa, Fabiano Gontijo e Edna Alencar.

Ao Antônio Carlos e a Marina que sempre tiveram prestativos e presentes no programa. Auxiliando em todas as demandas desta discente. Os nossos cafés não terminaram com o fim desta fase.

Aos profs. Claide Moraes e Tiago Tomé que participaram na banca de qualificação e muito contribuíram para produção deste trabalho final. Aos avaliadores Helena Lima e Tiago Tomé que gentilmente aceitaram avaliar o trabalho final. Suas contribuições, sugestões e críticas serão muito bem vindas.

As PPGAtas (Camila, Deyse, Amanda, Maíra e Jaqueline), carinhosamente chamado o grupo de amigas que ganhei durante estes dois anos. Por todas as vezes que nos

encontrávamos, seja pessoalmente e pelo WhatsApp para falar da vida acadêmica e pessoal.

Aos amigos Samuel Sá e Wilma Leitão, os primeiros que me incentivaram a fazer pós-graduação. Com quem convivi no Pet/GT/CS e que aprendi que a universidade não está apenas dentro de sala de aula e nos textos lidos, mas para além dos muros desta instituição. Nossos encontros me amadurecem e me deixam feliz e em paz. Ao Pet/GT/CS, em nome de Sandra Palheta, Milton Filho e Luiz Eduardo.

As pessoas que conviveram comigo em laboratório e fizeram do ambiente de trabalho nossa casa: Eduardo, Vitor, Laércios, Raquel, Tallyta, Diego. Obrigada por todos os momentos de trabalho árduo e das brincadeiras e gargalhadas que demos juntos neste espaço. A Tallyta, parceira de *bolsão*, com quem dividi esses buracos e com os quais muitas vezes viajávamos no mundo da imaginação e das ideias tentando entender o que a cultura material queria nos dizer. Será que conseguimos “de menor”? Ao amigo Diego, irmão que ganhei trabalhando no laboratório. Mano, agradeço por todas as vezes que me socorreu nos momentos cruciais destes últimos anos.

As minhas amadas “descoladas” (Vera e Cristiane) com quem trilhei os primeiros trabalhos de campo e com as quais muito aprendi e sei que ainda tenho a aprender sobre a vida.

Ao Rhuan, por todas as vezes que ouviu minhas angústias, reclamações, com quem dividi meus medos. Sendo meu conselheiro para assuntos acadêmicos e extra-acadêmicos. Nossa amizade só cresceu e fortaleceu nesses últimos dois anos, por isso Rhuan, digo... Obrigada por TUDO.

A minha família agradeço por toda a compreensão nas minhas inúmeras faltas de reunião em família. Em especial, a minha mãe, que é meu orgulho, e por quem luto para dar uma vida mais tranquila. Obrigada mãe por todas as vezes que não lavei a louça, que não fiz o café, que não dei banho no cachorro, que não te ouvi e nem te vi.

A ti, Senhor Deus.

Por fim... Espero não ter esquecido ninguém. A todos a cima citados minha eterna gratidão.

RESUMO

O baixo Amazonas, e especialmente o município de Santarém-PA, vem sendo lócus de estudo de pesquisadores brasileiros e estrangeiros há algumas décadas. Estes pesquisadores se debruçam sobre a arqueologia da região que é conhecida por suas peças feitas em cerâmica ou lítico com riquezas em detalhes decorativos. Segundo a etnohistória, o grupo indígena que ocupava a região entre os séculos XVI e XVII, era os *Tapajó*, conhecido por sua característica guerreira, este grupo vivia na confluência dos rios Tapajós e Amazonas. As informações da etnohistória e os contextos arqueológicos têm possibilitado o entendimento da complexa organização social indígena na região, sugerindo a existência de um grande domínio *Tapajó*. Assim, este trabalho, tem como objetivo contribuir com esses estudos, tendo como lócus o sítio arqueológico Porto de Santarém, localizado na área urbana de Santarém, a pesquisa buscou interpretar uma feição peculiar encontrada nos sítios tapajônicos, os *bolsões*. *Bolsões* são buracos no formato de sino invertido onde diversas vasilhas e objetos de cerâmica decorados, assim como líticos, carvão e outros vestígios são encontrados. Os estudiosos têm interpretado essas feições culturais como cerimoniais. Para discutir as hipóteses atuais sobre o significado dos *bolsões*, busquei investigar a cerâmica encontrada em três *bolsões* escavados no sítio arqueológico Porto de Santarém. As análises em laboratório dos fragmentos cerâmicos foram associadas com as informações de campo, além das fontes etnohistóricas e etnográficas.

Palavras-chave: Arqueologia Amazônica, *Tapajó*, Cerâmica, *Bolsão*.

Abstract

The lower Amazon, and especially the city of Santarém-PA, has been the locus of study of Brazilian and foreign researchers for decades. These researchers have addressed the archeology of the region that is known for its artifacts made of ceramic and lithic with riches in decorative details. According to ethno history, the indigenous group habited the region between the sixteenth and seventeenth centuries, were the *Tapajó*, known for his warrior character, this group lived at the confluence of the rivers Tapajós and Amazon. The information from ethnohistory and archaeological contexts has enabled the understanding of the complex Indian social organization in the region, suggesting the existence of a large domain *Tapajó*. Thus, this work aims to contribute with these studies, havins as analytical locus the archaeological site of Port of Santarem, located in the urban area of Santarem, the research sought to interpret a peculiar feature found in tapajônicos sites, the *bolsões*. *Bolsões* are holes with the sape of an inverted bell where several vessels and pottery decorated, as well as lithic, charcoal and other remains are found. Scholars have interpreted these cultural features as ceremonial. To discuss the current hypotheses about the meaning of *bolsões*, I sought to investigate the pottery found in three *bolsões* excavated in the archaeological site of Port of Santarém. The laboratory analysis of ceramic fragments was associated with the field information, and the ethnohistorical and ethnographic sources.

Key-words: Amazon Archaeology, *Tapajó*, Ceramics, *Bolsão*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Estimativa da ocupação <i>Tapajó</i> no século XVI (Dados de Márcio Amaral), 2010.....	21
Figura 2 - Sítios identificados por Nimuendajú em Santarém e Belterra, cortesia de Pet Stenberg. Fonte: Schaan, 2012c: 104.....	26
Figura 3 - Sítios arqueológicos registrados ao longo da BR-163. Fonte Schaan e Amaral-Lima 2012: 54.....	35
Figura 4 - Sítios arqueológicos HP UpdateHP Updateregistrados entre Santarém e Belterra. Fonte: Schaan, Stenberg & Alves. 2014: 4	36
Figura 5 - As sub-áreas do Porto de Santarém. Fonte: Schaan, 2012a: 11	49
Figura 6 - Áreas do Porto de Santarém salvas pelo projeto (Croqui: Tallyta S. A. da Silva).....	50
Figura 7 - Localização dos <i>bolsões</i> em suas respectivas unidades. Fonte: Schaan 2015: 111	64
Figura 8 - Localização dos <i>bolsões</i> 3, 4 e 5 na área 2A-C1. Produção e Fonte: Araújo da Silva 2016.....	64
Figura 9 - Vista frontal da parede leste das unidades L30 U18, L30 U17. Fonte: Schaan 2012a: 138.....	65
Figura 10 - Fragmentos zoomorfos (sapo ou rã e cabeça de urubu-rei), coletado no <i>bolsão</i> 3, nível 20-30 cm. Fonte: Schaan 2012a: 132-133	66
Figura 11 - Vasilha 1, coletada no <i>bolsão</i> 3 no nível de 48-58 cm (<i>in situ</i>) e pré-remontagem em laboratório. Fonte: Schaan 2012a: 136.....	66
Figura 12 - Plano de base das feições 4 e 5 e a identificação onde foram encontrados alguns materiais Fonte: Schaan 2012a: 143	68
Figura 13 - Miniestatueta com representação do sexo masculino e pingente cerâmico. Coletados no <i>bolsão</i> 4, nível 10-20 cm. Fonte: Schaan 2012a: 142 e 144	69
Figura 14 - Perfil das paredes sul e oeste do <i>bolsão</i> 5. Fonte: Schaan 2012a: 165	72
Figura 15 - Muiraquitã encontrado na unidade L32 U18, do <i>bolsão</i> 5, no nível 10-20 cm. Foto: João Ramid. Fonte: Araújo da Silva 2015: 125	73
Figura 16 - Vasilha com decoração zoomorfa encontrada aos 57 cm, na unidade L32 U20, no <i>bolsão</i> 5. Fonte: Schaan 2012a: 151	74
Figura 17 - Datação aproximada das feições conforme sua profundidade. Fonte das datações: Schaan: 2012a, 2015	76
Figura 18 - Tipos de bases. Fonte: Chmyz (1966).....	96
Figura 19 - Tipos de bordas. Fonte: Chmyz (1966).....	97

Figura 20 - Tipos de lábio. Fonte: Chmyz (1966).....	97
Figura 21 - Tipos de formas e contornos de vasilhas. Fonte: Shepard (1985).....	99
Figura 22 - Organização do material da F4.....	101
Figura 23 - Gráfico com a proporção do tratamento de superfície em todo material.....	103
Figura 24 - Gráfico com a porcentagem do estado de conservação de todo material.....	103
Figura 25 - Porcentagem das três técnicas decorativas cromáticas mais frequente em todo material.....	108
Figura 26 - Os cinco tipos de técnicas decorativas cromáticas mais frequentes por feição.....	108
Figura 27 - Os cinco tipos de técnicas decorativas acromáticas mais freqüentes por feição...	110
Figura 28 - Porcentagem da decoração incisa relacionadas com outras técnicas decorativas	110
Figura 29 - Frequência dos antiplásticos encontrados na cerâmica das três feições.....	111
Figura 30 - Base em pedestal de vaso de gargalo da feição 4 (esquerda), coletada no nível 10-20 cm e vaso de gargalo completo (Gomes 2002: 200).....	113
Figura 31 - Porcentagem geral dos tipos de bases encontrado nas três feições.....	114
Figura 32 - Quantidade total de material cerâmico (diagnóstico e não diagnóstico) distribuído por níveis escavados.....	116
Figura 33 - Quantidade total de material (diagnóstico e não diagnóstico) coletado na feição três em relação à quantidade de material diagnóstico.....	116
Figura 34 - Os antiplásticos presentes no material cerâmico da F3.....	117
Figura 35 - Os tipos de bordas combinados com os tipos de lábios presentes no material cerâmico da F3.....	117
Figura 36 - Forma 1 -- Vaso globular –fragmentos de vaso globular.....	118
Figura 37 - Forma 2 - Vaso de gargalo (Gomes 2002: 190) e fragmento zoomorfo na forma de sapo, coletado no nível 20-30 cm.....	120
Figura 38 -Forma 2– Vaso de gargalo – cabeças de urubu rei coletados entre os níveis 20 a 40 cm e exemplar de vaso de gargalo de Gomes (2002: 195).....	120
Figura 39 -Forma 3 – Tigela miniatura.....	121
Figura 40 - Forma 4 – Prato.....	122
Figura 41 - Forma 5 - Tigela Média.....	123
Figura 42 - Forma 6 - Vasilha.....	123

Figura 43 - Forma 7 - Tigela média.....	124
Figura 44 - Forma 8 – Tigela média	124
Figura 45 - Forma 9 – Vasilha – reconstituição gráfica e imagem da vasilha fragmentada, coletada aos 60 cm de profundidade.....	125
Figura 46 - Forma 10 – Vaso – reconstituição gráfica e imagem do vaso remontado, coletado no nível 48-58 cm	126
Figura 47 - Forma 11– Fragmentos da vasilha remontada e sua reconstituição gráfica. Desenho e fotos de Denise Schaan (2015: 109).....	126
Figura 48 – Quantidade total de material (diagnóstico e não diagnóstico) distribuído por níveis escavados	129
Figura 49 - Quantidade total de material (diagnóstico e não diagnóstico) coletado na feição 4 em relação à quantidade de material diagnóstico.....	129
Figura 50 - Amostra em porcentagem dos antiplásticos presente no material cerâmico da F4	130
Figura 51 - Tipos de bordas combinadas com tipos de lábios identificados na feição 4	130
Figura 52 -Forma 1 –Vaso globular –Fragmentos de gargalos (acima) e abaixo exemplar de vaso globular de Gomes (2002: 208).....	132
Figura 53 - Forma 1 – Vaso globular – Fragmentos de gargalos (acima) e abaixo exemplar da Palmatary (1960: 144).....	133
Figura 54 - Forma 1 – Vaso globular – Fragmentos de bases (acima) e abaixo exemplar de vaso globular de Gomes (2002: 208).....	134
Figura 55 - Forma 2 – Vaso em miniatura	135
Figura 56 – Forma 3 – Tigela miniatura.....	135
Figura 57 - Forma 3 – Tigela em miniatura – exemplar de tigela em miniatura de Gomes (2002: 263)	136
Figura 58 - Forma 4 - Vaso de gargalo – fragmento de base e Exemplar de vaso de gargalo de Gomes (2002: 200).....	136
Figura 59 - Forma 5 – Vaso.....	137
Figura 60 -Forma 6 – Tigela rasa	138
Figura 61 - Forma 7 – Tigela média	138
Figura 62 -Forma 8 - Vasilha.....	139

Figura 63 - Forma 9 - Prato.....	140
Figura 64 - Forma 10 – Tigela em miniatura	140
Figura 65 - Forma 11 – Tigela reconstituída (acima) e abaixo exemplar de Gomes (2002: 254)	141
Figura 66 - Quantidade de material (diagnóstico e não diagnóstico) distribuidos por níveis escavados	143
Figura 67 - Quantidade total de material (diagnóstico e não diagnóstico) coletado na feição 5 em relação à quantidade de material diagnóstico.....	143
Figura 68 - Distribuição dos antiplásticos presentes no material por nível	144
Figura 69 - Tipos de bordas combinados com tipos de lábios encontrados na F5	145
Figura 70 - Forma 1 – Vaso globular.....	146
Figura 71 -Forma 1 – Vaso globular – exemplar de Gomes (2002: 205) e fragmento de vaso globular com apêndice zoomorfo, coletado no nível 50-60 cm	146
Figura 72 - Vaso globular.....	147
Figura 73 - Forma 1– Vaso globular - exemplar de Gomes (2002: 202) e fragmento de base em pedestal.....	147
Figura 74 - Forma 2 – Vaso em miniatura	147
Figura 75 - Forma 3 – Tigela miniatura	148
Figura 76 - Forma 4 – Tigela rasa	149
Figura 77 - Forma 5 – Prato com suporte trípole – fragmentos de bases de prato.....	149
Figura 78 - Forma 6 - Vasilha.....	150
Figura 79 - Forma 7 – Vasilha	151
Figura 80 - Forma 8 – Vasilha	152
Figura 81 - Forma 9 – Tigela média – formada por dois fragmentos de bordas e dois fragmentos de bases planas	153
Figura 82 - Forma 10 - Vasilha.....	154
Figura 83 - Forma 11 - Vasilha.....	154
Figura 84 - Forma 12 – Tigela média	155
Figura 85 - Forma 13 – Prato – reconstituição gráfica da vasilha e a vasilha fragmentada, coletada aos 60 cm de profundidade.....	155

Figura 86 - Concentração de fragmentos de uma mesma vasilha policrômica	158
Figura 87 - Desenho da cabeça de urubu rei. Desenho Deise Lobo.....	160
Figura 88 - Fragmentos de vaso de gargalo encontrados em diferentes níveis	161
Figura 89 - (1) nariz, (2) orelha, (3) olho e (4) braço de estatueta.....	162
Figura 90 - Estatuetas <i>in situ</i> e o adorno com forma fálica.....	163
Figura 91 - Estatuetas de perfil e de frente. Desenhos de Deise Lobo	164
Figura 92 - Vasilha <i>in situ</i> . Fonte: Schaan 2012a: 122.....	166
Figura 93 - Vasilha limpa e escavada, encontrada na feição 5, aos 60 cm de profundidade ...	166
Figura 94 - Vaso globular parcialmente <i>in situ</i> , encontrado na feição 5.....	167

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-Processo de Transformação Cultural das áreas dos <i>bolsões</i>	52
Tabela 2 - Listagem das feições na área 2A.....	62
Tabela 3 - Quantificação de artefatos e ecofatos por feição	92
Tabela 4 - Quantidade e porcentagem de material por feição.....	102
Tabela 5 - Quantidade e Peso do material por feição.....	102
Tabela 6 - Tipos de Técnica de Confecção.....	104
Tabela 7 - Quantidade de partes da vasilha por feição.....	104
Tabela 8 - Tipos de vasos por feição	105
Tabela 9 - Tipos de objetos por feição	106
Tabela 10 - Decorados e não decorados por feição.....	106
Tabela 11 - Tipos de combinações decorativas cromáticas por feição	107
Tabela 12 - Tipos de técnicas decorativas acromáticas por feição	109
Tabela 13 - Antiplástico identificado na cerâmica das feições	111
Tabela 14 - Tipos de bordas por feição	112
Tabela 15 - Tipos de lábios por feição.....	112
Tabela 16 - Tipos de bases por feição	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação entre Forma e Função das vasilhas da feição 3.....	127
Quadro 2 - Relação entre Forma e Função das vasilhas da feição 4.....	141
Quadro 3 - Relação entre Forma e Função das vasilhas da feição 5.....	156

Sumário

INTRODUÇÃO	1
1. O BAIXO AMAZONAS – ETNOHISTÓRIA e ARQUEOLOGIA	8
1.1. Relatos Etnohistóricos.....	8
1.2. Expedições Científicas	17
1.3. Pesquisas Arqueológicas em/sobre Santarém e seus arredores	24
1.4. A Ocupação Tapajônica em Santarém	39
2. BURACOS DE QUÊ? E PRA QUÊ?: DISCUTINDO OS <i>BOLSÕES</i> DO SÍTIO PORTO DE SANTARÉM	47
2.1. O Processo de Formação Cultural do Sítio Porto de Santarém.....	47
2.2. Feições Arqueológicas do tipo <i>bolsões</i> em sítios Amazônicos.....	52
2.2.1. Práticas e contextos de deposição cultural em sítios amazônicos	53
2.2.2. Os <i>bolsões</i> do sítio Porto de Santarém	57
2.3. As escavações dos <i>bolsões</i> 3, 4 e 5.....	62
2.3.1. <i>Bolsão</i> 3	64
2.3.2. <i>Bolsão</i> 4	67
2.3.3. <i>Bolsão</i> 5	71
2.4. Estruturas Rituais ou Lixeira Doméstica? O que são os <i>Bolsões</i> do Porto de Santarém? 77	
3. O QUE OS <i>BOLSÕES</i> DIZEM SOBRE O POVO <i>TAPAJÓ</i> ?.....	92
3.1. Metodologia de análise da cerâmica	92
3.2. Resultados por Feição	115
3.2.1 Feição 3	115
3.2.2 Feição 4	128
3.2.3 Feição 5	142
3.3. O que a cerâmica pode nos dizer sobre os <i>Tapajó</i> ? Uma análise contextual de objetos inteiros, semi-inteiros e apêndices	157
3.3.1. Feição 3	157

3.3.2. Feiçã 4	161
3.3.3. Feiçã 5	165
CONCLUSÃO	170
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	176
ANEXOS	186

INTRODUÇÃO

Início essa introdução fazendo um breve relato da minha inserção na Arqueologia e me faço quatro perguntas: Por que um mestrado em arqueologia? Por que o sítio Porto de Santarém? Por que os *bolsões*? Por que o material cerâmico?

Digo que comecei trabalhar *para* a Arqueologia e só depois passei a trabalhar *com* a Arqueologia. Minha vida profissional na Arqueologia começou em 2008, quando ainda na graduação de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Pará (UFPA), passei a ser assistente da profa. Denise Schaan. Naquele momento o trabalho era burocrático e administrativo dos vários projetos de pesquisa em curso e com os quais aprendi coisas que nenhuma graduação ensina. Como fazer um ofício, onde são os lugares dentro e fora da instituição, quem são as pessoas, como se compra uma passagem aérea, como faz prestação de contas de diárias e passagens, listas de compras de material tanto para campo como para laboratório e outros detalhes burocráticos dentro de uma instituição pública. Foram dez meses de trabalhos no vai e vem dos corredores da Instituição que me acolheu em 2005.

Tive uma pausa do trabalho quando fui fazer um intercâmbio na Universidade do Porto em Portugal, e ao voltar, já no início de 2010, ano de formatura, voltei a trabalhar na “minha” antiga sala, sala da Profa. Denise, nos altos do Laboratório de Antropologia (LAANF/UFPA). Esse período durou mais dez meses, período em que fui a campo pela primeira vez para finalmente experimentar tudo aquilo que ouvia das experiências de colegas que já faziam campo há algum tempo. Mais uma vez me afastei da Arqueologia, mas a semente de interesse pela ciência já tinha sido plantada e passei a perceber a Arqueologia e ver a riqueza desta ciência depois destes campos.

Em julho de 2011, em Curitiba, participando de um congresso de Sociologia, recebi um email da profa. Denise Schaan anunciando que precisava de duas pessoas para trabalhar com ela. Eu me candidatei a uma das vagas e logo que cheguei de viagem voltei a trabalhar no laboratório. Agora era para trabalhar *com* Arqueologia, e desde então, segui neste caminho entre idas e vindas entre campo e laboratório.

Os trabalhos com o sítio Porto de Santarém iniciaram no laboratório ainda em 2011, quando tive o primeiro contato com o material com o qual logo me encantei. Tinha acabado de trabalhar com material arqueológico coletado em pesquisas na BR-230; tratava-se de cerâmica com antiplástico de rocha triturada, que nem de lupa precisava para reconhecê-lo, quase sem decoração. Então quando chegou a cerâmica do sítio Porto de Santarém, “meus olhos brilharam”: era uma cerâmica altamente decorada, com fino acabamento, e muito delicada. Foram longos três anos trabalhando neste projeto do qual conheci todo material. A cada novo campo, novas descobertas e novos encantamentos. Durante esse tempo já vinha me preparando para fazer seleção para o Mestrado, mas ainda me achava imatura e insegura sobre o que estudar, talvez fosse mais medo, pois pra mim o novo traz esse sentimento.

Conhecia o sítio apenas do contato com o material, até que 2013 fui a campo. A cidade de Santarém, por si já encanta, especialmente quando o avião sobrevoa o rio Tapajós e vemos aquela imensidão de água, ora verde claro ora verde escuro. Já tinha na cabeça que queira trabalhar o sítio Porto de Santarém, pois já estava trabalhando com o material do sítio, mas uma coisa me inquietava, precisava conhecer o sítio, o dito *estar lá* que já falava Geertz (2005). Fizemos um campo de quase 40 dias e sai decidida a tentar a pós-graduação em Arqueologia, pois senti necessidade de aprender mais sobre esta ciência com a qual já trabalhava desde 2008. Passei a ler, ainda em campo, o livro “Arqueologia, Patrimônio e Multiculturalismo na Beira da Estrada: pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá”. Os primeiros rabiscos do projeto saíram nas margens do livro, mas só fiz a seleção no ano seguinte.

Lembro que o ano da seleção foi o ano em que mais fui a campo. Era o final do projeto Porto de Santarém, mas isso não me impossibilitou de escrever projeto, estudar inglês, estudar para as provas e conseguir a aprovação. Escolhi estudar o sítio Porto de Santarém, porque foi o projeto que trabalhei do início ao fim e tinha tido contato com todo material salvo em cada área, mas estudar todo o material do sítio para uma dissertação era muito carregado, então resolvi fazer um recorte e estudar apenas o material dos *bolsões*. Minha escolha foi muito objetiva, pensei o tempo para analisar o material, a quantidade de material, a experiência com o material. Agora porque

estudar a cerâmica? Foi com o material cerâmico que aprendi a fazer o trabalho de laboratório, a curadoria do material e com ele tinha experiência que me ajudou no momento da escolha. Além de que, ainda tinha aquele encantamento pelo material tão ricamente decorado. Assim, aliei a oportunidade de já ter trabalhado com o material e que poderia dar continuidade com uma pesquisa que focasse nos *bolsões*. Por fim explico porque optei por escrever esta dissertação na 1ª pessoa do singular. Escrevo em primeira pessoa por toda trajetória acadêmica que fiz nas Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia, seguida de uma especialização em Populações Indígenas na Amazônia. Agora concluindo uma pós-graduação em Antropologia, me vejo na obrigação de fazê-lo e também porque me sinto mais à vontade para escrever, pois aqui estou escrevendo os meus pensamentos, minhas interpretações, minhas inquietações, minhas críticas, minhas conclusões, assim não podendo falar na 1ª pessoa do plural. Muito embora tenha total consciência que o trabalho de arqueologia não acontece com duas mãos, mas sim com um coletivo de mãos que escrevem sobre a história dos nossos antepassados. A dissertação apresentada é um diálogo entre a História, Antropologia e Arqueologia.

A Arqueologia Amazônica tem sido foco de interesse de pesquisadores brasileiros e estrangeiros desde o final do século XIX. A região do Baixo Amazonas e especialmente a região de Santarém tem se destacado nesse cenário, por permitir o cotejamento com informações etnohistóricas, históricas e arqueológicas e pela riqueza e diversidade da cultura material encontrada em numerosos e extensos sítios de terra preta.

A cidade de Santarém encontra-se assentada sobre dois grandes sítios arqueológicos (Aldeia e Porto de Santarém), local que no século XVI foi descrito como ocupado por um povo indígena que ficou conhecido como *Tapajó*. Um destes sítios é o sítio PA-ST-42: Porto de Santarém. Localizado no baixo Amazonas, situa-se na margem direita do rio Tapajós, em sua maior parte localizado na área portuária administrada pela Companhia das Docas do Pará-CDP, e a oeste na área da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) – Campus Tapajós e por outras áreas circunvizinhas. Este sítio é caracterizado por apresentar grandes concentrações de materiais arqueológicos, com

depósitos de terra preta profunda, e próximo aos principais cursos de água (Schaan 2012b).

Desde meados do século XVI, as primeiras referências sobre os *Tapajó* vieram dos relatos etnohistóricos de espanhóis e depois portugueses que passaram pela região em busca de caminho para o “*El Dourado*”. Carvajal 2011 [1542] relatou ter tido conflitos com índios quando passavam à margem direita de um rio grande. E neste conflito foram atacados por flechas envenenadas que atingiu uma pessoa de sua tripulação que depois veio a óbito. Depois passaram algumas décadas, e é já no século XVII que estes índios voltaram a ser citados nos relatos de viajantes que tinham como objetivo conhecer essas terras e relatá-las à Coroa Portuguesa (Acuña 1641; Betendorf 1910 [1661]; Heriarte [1662] 1874 e outros). Esses relatos ocorreram no período colonial, quando missionários registraram, mesmo que de forma sucinta, o modo de vida *Tapajó*, seus rituais, suas crenças, seus costumes, comércio, alimentação, relações de gênero, de poder, política, economia e outros. Esses dados têm sido utilizados como fontes documentais e vem sendo usados para serem confrontados com o registro arqueológico por diversos pesquisadores.

Os estudos arqueológicos, além disso, têm oportunizado descobrir outras informações que os dados etnohistóricos não contemplaram. Os sítios arqueológicos da região do Baixo Tapajós têm sido estudados por alguns pesquisadores e, informações, dados, hipóteses e teorias vêm sendo oferecidas para contar a história dos grupos indígenas que viveram na região e modificaram a paisagem com suas práticas culturais. Uma das modificações mais visíveis é a terra preta. Chamada inicialmente como terra de índio, e posteriormente como Terra Preta Arqueológica (TPA), além do uso do termo em inglês ADE (Amazonian Dark Earths), esse solo possui propriedades de fertilidade e resiliência que tem provocado inúmeras investigações de cientistas do solo e arqueólogos.

A terra preta é vista como um dos marcadores de um sítio arqueológico, já que pesquisas vêm informando que essa foi modificada pela ação humana e que sua composição química lhe torna férteis e adequadas para a agricultura. Um dos elementos mais importantes da terra preta é o fósforo, resultado do descarte de matéria orgânica de origem animal; além disso, esses solos possuem pH bastante

elevado. Não há consenso, entretanto, entre os pesquisadores quanto à intenção dos povos antigos em produzi-la (Smith 1980; Woods e McCann 1999).

Outro fator importante da região do Baixo Tapajós é o fato da região ter a cerâmica mais antiga das Américas (Roosevelt 1989; Roosevelt et al. 1991), assim como sítios com registro de períodos que indicam ocupação no final do Pleistoceno e início do Holoceno (Roosevelt 2000a). Assim apresenta-se um período de ocupação bastante antigo para uma região que era tida como um lugar em que o desenvolvimento cultural era limitado pela baixa capacidade de sustentação da floresta (Steward 1948).

Os vestígios arqueológicos encontrados na região de Santarém e seus arredores são muitos e diversificados; no entanto o que tem chamado mais a atenção dos pesquisadores é o material cerâmico que foi produzido pelos *Tapajó*. Interessam-me nesse trabalho os vestígios encontrados em feições arqueológicas que são chamadas de *bolsões*, e que têm sido caracterizadas como locais de descarte de materiais advindos de cerimônias rituais (Quinn 2004; Schaan e Roosevelt 2008; Gomes 2010; Schaan 2012a, Gomes e Luiz 2013). Os materiais cerâmicos encontrados nesses *bolsões* são ricos em decorações e pinturas, e frequentemente são encontrados muitos fragmentos de uma mesma peça, sugerindo contexto de depósito primário.

A hipótese corrente de que o conteúdo dos *bolsões* seja originário de rituais não foi ainda comprovada e é o tema dessa pesquisa. Proponho o estudo desse material levantando as seguintes questões: de que forma os *bolsões* podem esclarecer sobre as práticas simbólicas, ritualísticas e religiosas que eram praticadas por grupos pré-coloniais no auge do período de adensamento populacional e complexidade cultural no baixo Amazonas? O material descartado nos *bolsões* é proveniente apenas de festas/rituais ou de atividades do cotidiano? Como o estudo desses *bolsões* pode ajudar a entender o processo de ocupação regional no baixo Tapajós?

A primeira explicação para a origem do termo *bolsão* advém de Frederico Barata (1950) quem primeiro usou o termo *bolsão* para designar esses buracos encontrados no subsolo da cidade de Santarém/PA. Para Barata (1950) os *bolsões* foram cavados pelos moradores recentes do local e a ação tinha duas intenções: a primeira seria apenas pelo asseio em ver o terreno limpo e a segunda estava relacionada ao “temor

supersticioso” em relação aos materiais, pois estes novos moradores sabiam que estes materiais estavam ligados ao culto dos mortos. No entanto, estudos arqueológicos, como coletas de amostras de carvão ou sementes para datação, apresentaram datações que comprovam que esses buracos foram escavados pelos mais antigos moradores da localidade, os *Tapajó*, assim invalidando a hipótese de Barata (1950).

O material que trabalhei advém de três *bolsões*, que foram escavados no âmbito do projeto de salvamento arqueológico do sítio Porto de Santarém, somando 11.876 fragmentos. A metodologia que utilizei para a análise consistiu na identificação das morfologias e estilos das vasilhas e objetos encontrados nos *bolsões*, e o estudo contextual desses objetos em seu contexto de deposição. Nessa dissertação apresento: uma revisão bibliográfica acerca dos *Tapajó* e da arqueologia de Santarém; o contexto de formação arqueológica do sítio Porto de Santarém; outros contextos de depósitos arqueológicos parecidos com os *bolsões* do sítio Porto; os *bolsões* que foram encontrados no sítio Porto de Santarém; as escavações dos *bolsões* no sítio Porto de Santarém; as discussões dos *bolsões* serem estruturas rituais ou lixeiras domésticas em que me apoio em texto arqueológicos e etnográficos e por fim a metodologia utilizada para a análise do material, os resultados das análises quantitativas e contextuais feitas com material.

Assim, o texto está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, “O Baixo Amazonas – Etnohistória e Arqueologia”, traz a contextualização dos *Tapajó*, desde os dados etnohistóricos, passando pelas expedições científicas, pesquisas arqueológicas e finalizando nas discussões sobre a ocupação tapajônica ser ou não um cacicado.

No segundo capítulo, intitulado “Buracos de quê? e para quê?: Discutindo os *bolsões* do sítio Porto de Santarém”, trago uma discussão sucinta sobre a formação arqueológica do sítio, seguida de uma apresentação sobre outros contextos arqueológicos em que foram encontradas feições arqueológicas do tipo *bolsões*, seguindo da apresentação dos *bolsões* que foram encontrados no sítio Porto de Santarém. Identificando as áreas, os contextos e as interpretações da origem do material encontrado nesses *bolsões*, perpasso de forma resumida as escavações dos

três *bolsões* que são foco desta pesquisa e finalizo o capítulo discutindo sobre esses *bolsões* serem estruturas rituais ou lixeiras domésticas.

No terceiro capítulo, nomeado “O que os *bolsões* dizem sobre o povo *Tapajó?*”, apresento a metodologia de análise, os resultados de forma geral para os três *bolsões* e depois o resultado por *bolsão*, onde faço a descrição das formas de vasilhas que foram encontradas em cada *bolsão* e por último faço uma análise contextual para cada *bolsão*, em que destaco peças que foram encontradas e algumas interpretações para estes materiais.

Como disse anteriormente, este trabalho foi escrito na 1ª pessoa do singular, mas aqui dou os créditos a cada pessoa que me ajudou a chegar a essas páginas. A reconstrução hipotética da forma das vasilhas foi feita por Ana Eugênia Mendonça. A análise do material lítico foi objeto de pesquisa da dissertação de Tallyta Araújo da Silva “Banquete Lapidoso: tecnologia lítica em contextos festivos no sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas”. As informações de campo, relatórios, croquis, fotos, mapas são dos relatórios do projeto, de autoria de Denise Schaan. E todas as pessoas que em algum momento desses longos sete anos de projeto passaram em campo ou no laboratório e tiveram contato com o material.

1. O BAIXO AMAZONAS – ETNOHISTÓRIA e ARQUEOLOGIA

1.1. Relatos Etnohistóricos

“O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.”

Walter Benjamin

Os relatos etnohistóricos sobre a Amazônia surgiram a partir do momento que europeus (espanhóis, portugueses, ingleses, franceses e outros), passaram a se interessar em navegar as águas da Amazônia, com o objetivo de conhecer as terras que consideravam interessante para novas expedições/descobertas/explorações, sejam elas religiosas, econômicas e/ou políticas. Como os espanhóis já haviam dominado o império dos Incas, com o contato com os indígenas coletaram informações sobre novas terras para serem descobertas. Os conquistadores portugueses e espanhóis deixaram relatos sobre o que vivenciaram ou ouviram de outras pessoas na Amazônia entre os séculos XVI e XVII.

As primeiras expedições ocorreram ainda na primeira metade do século XVI, quando se encontrava no imaginário dos desbravadores descobrirem o “*El Dourado*” ou o “*País da Canela*”. E como consequência da descoberta poderiam acumular riquezas seja de especiarias ou de metais preciosos, além de uma fama pessoal perante os demais.

O primeiro relato etnohistórico sobre os indígenas que habitavam a confluência do rio Tapajós com o Amazonas é oriundo da primeira metade do século XVI. A viagem expedicionária espanhola comandada inicialmente por Gonzalo Pizarro deixou Quito em fevereiro de 1541, com o objetivo de descobrir novas riquezas (ouro e especiarias). A expedição organizada por Gonzalo Pizarro estava formada por mais ou menos 4000 tripulantes entre espanhóis e índios (Azevedo 1999; Ugarte 2009). A embarcação tinha no comando Francisco de Orellana, e frei Gaspar de Carvajal fez parte da tripulação, sendo Carvajal responsável pelos relatos da viagem (Ugarte 2009).

A viagem expedicionária no início tinha no comando Pizarro, no entanto quando a expedição chegou ao vale de Zumaco, Orellana passou a fazer parte da expedição, já que não pode sair de Quito. Ao chegarem ao vale do rio Coca, a expedição encontrou o

que procurava: a canela, especiaria de valor econômico na Europa. Porém a expedição chegou ao local com poucas pessoas e pouco alimento, foi então que Pizarro confiou uma pequena tropa a Orellana que saiu em busca de alimentos, pois, segundo os índios da região, descendo o rio Coca durante dez dias a expedição encontraria um lugar para adquirem mantimentos (Ugarte 2009).

Com novo comandante e a expedição bastante debilitada não conseguiu vencer as correntezas do rio Napo e com isso não chegaram ao local em que deixaram a antiga expedição e Pizarro. Com o imprevisto, então, resolveram de comum acordo continuar a viagem que durou nove meses, iniciando em dezembro de 1541 e finalizando em agosto de 1542, sendo que este trajeto foi percorrido pela primeira vez por uma expedição. Entre os tripulantes estava Carvajal, que se tornou o capelão da nova expedição e que escreveu um relato sobre a viagem (Ugarte 2009).

Carvajal 2011 [1542] relatou que durante a viagem no rio Amazonas a expedição passou no período da quaresma de 1542, por uma aldeia denominada de Província de Aparia maior, no alto Amazonas, onde foram recebidos pacificamente pelos índios. No entanto, ao seguirem viagem, Carvajal 2011 [1542] declarou que em junho de 1542, quando passaram pela província de São João, a expedição atravessou por um rio largo, de “uma légua de largura” (Carvajal 2011 [1542]: 45), que ficava localizado à direita do curso de sua navegação. Apesar de não mencionar o nome do rio, pela descrição e depois por relatos de outros viajantes entendeu-se que Carvajal falava do rio Tapajós. Carvajal 2011 [1542] relatou que os índios com os quais eles tiveram contato nessa região eram fortes, grandes, corpulentos e muito guerreiros, e que teriam sofrido ataque por parte desses indígenas, sendo que um de seus tripulantes foi morto por uma flecha envenenada (Carvajal 2011 [1542]).

Após esse primeiro relato em que Carvajal mencionou pela primeira vez os índios que viviam na região do rio Amazonas e também nos rios afluentes ao Amazonas, no caso específico o rio Tapajós. Carvajal deixou registrado sobre os indígenas que viviam na região fazendo uma descrição dos aspectos físicos desses índios e como eles estavam articulados para enfrentar qualquer situação que representasse perigo aos índios.

Seguindo os relatos os *Tapajó* voltaram a ser mencionados em outra expedição que ocorreu no século XVII. A expedição foi planejada pelo governador do Maranhão Jácome Raimundo de Noronha. O governador teve contato com dois religiosos espanhóis, que relataram sua recente viagem pelo alto Amazonas e ficou sabendo da relativa facilidade que era navegar pelo rio Amazonas. Com essas informações e tendo receio de possíveis incursões de espanhóis nas cercanias de Belém, o governador organizou essa expedição para subir o rio e com isso “demarcar fronteiras coloniais dos domínios lusitanos no norte da América do Sul” (Ugarte 2009: 101).

A expedição organizada pelo então governador do Maranhão teve em seu comando o capitão Pedro Teixeira. Militar, com grande experiência na região do baixo Amazonas e fiel à coroa portuguesa, Teixeira levou a cabo tal missão com uma tripulação composta por “70 portugueses e mestiços, e 1100 índios, distribuídos em 47 canoas” (Ugarte 2009: 101). A viagem iniciou saindo do forte de Gurupá, em 17 outubro de 1637 e chegando a Quito no fim de 1638, mas a expedição encerrou-se em dezembro 1639, com o retorno dos expedicionários ao Maranhão percorrendo de volta o rio Amazonas, assim somando 26 meses de viagem (Porro 1992; Azevedo 1999; Ugarte 2009).

Dessa expedição foram produzidos quatro relatos tendo com autores o próprio comandante da viagem Pedro Teixeira, que publicou em 1639 a *Relación del general Pedro Tejeira de el rio de las Amazonas para el Sr. Presidente* (Teixeira 1639). Seguindo-se a de Pedro Teixeira vieram as publicações dos jesuítas Alonso de Rojas (1639), *Relación del Descubrimiento del rio de las Amazonas, hoy S. Francisco del Quito y Declaracion del Mapa donde está pintado*, e de Cristóbal de Acuña, que publicou em 1641, *Relación del Nuevo Descubrimiento del rio de las Amazonas* e por fim do ouvidor-geral Maurício de Heriarte, que escreveu sua obra 23 anos após o fim da expedição, *Descriçam do Estado do Maranhã, Para, Corupa e Rio das Amazonas*, que só foi publicada em 1874. Apresentarei os relatos de acordo com uma ordem cronológica, no entanto, como o relato de Heriarte só foi publicado em 1874, este relato será apresentado depois do relato do padre Felipe Betendorf.

Pedro Teixeira relatou que teve contato com os índios denominados *Tapuvas* que estavam localizados na confluência dos rios Amazonas com o Tapajós (Berredo [1718] 1905).

Teixeira (1639) descreveu os *Tapuvas* como sendo índios guerreiros, que usavam flechas envenenadas e mantinham cativos índios que traziam de conflitos ganhos com outros grupos étnicos com os quais também mantinham uma relação de comércio a longas distâncias, além de praticarem a antropofagia. Ele também indicou que a população *Tajapó* era formada por uns 15.000 habitantes e estes não se relacionavam bem com os religiosos (Porro 1992).

O relato do jesuíta Alonso de Rojas foi construído a partir dos relatos de participantes da expedição de Pedro Teixeira, assim sendo, Rojas é considerado por Ugarte (2009) como “testemunha de ouvido”, já que eram os relatos das pessoas que participaram da viagem que dava credibilidade à descrição de Rojas. Dos confidentes de Rojas destaca-se “piloto-mor Bento da Costa, alguns soldados e o franciscano leigo Domingos de Brieva” (Ugarte 2009: 111). Rojas deve ter tido contato com o mapa que foi construído por Bento da Costa, e pelo qual teve ideia da dimensão do rio Amazonas, características do solo, do clima, da vegetação e das populações indígenas do estuário amazônico (Ugarte 2009).

Rojas informou que os *Estrapajosos* foram gentis com os soldados e religiosos da expedição, levando-os rio acima, onde encontraram uma povoação grande. Os soldados e religiosos foram colocados “numa casa mui grande com madeiras lavradas forradas com mantas de algodão entretecidas com fios de diversas cores, onde puseram uma rede para cada um dos hóspedes, feita de (fibra de) palmeira trabalhada em diversas cores, e lhes deram de comer beiju (*cazave*) e pescado” (Porro 1992: 118). Além disso, os hóspedes dos *Estrapajosos* viram ossos de humano e armas (arcabuzes e pistolas) que provavelmente eram daqueles cadáveres (Porro 1992).

Cristóbal de Acuña desceu o rio Amazonas com a tripulação de Pedro Teixeira a mando dos espanhóis, pois estes estavam desconfiados dos interesses dos portugueses para essa região e também preocupados que os portugueses pudessem romper com acordos com os espanhóis. O objetivo de Acuña era de relatar aos espanhóis qual o

verdadeiro interesse dos portugueses (Ugarte 2009). Acuña (1641) afirmou que ao chegar às margens do rio grande e vistoso, encontrou os índios *Tapajoses* que habitavam as margens deste rio e 500 famílias que se alimentavam de peixes.

Acuña (1641) relatou que esses índios ficaram conhecidos e temidos, tanto por outros grupos indígenas quanto pelos portugueses por suas flechas envenenadas, e, além disso, possuíam escravos feitos entre outras nações indígenas. Os *Tapajoses* trocavam *buraquitas* (muiraquitãs) com outras nações indígenas. O muiraquitã, ao que parece no relato de Acuña, é uma peça de grande valor para os *Tapajó* e também para as pesquisas arqueológicas, visto que, segundo Acuña, os índios trocavam muiraquitã com outras nações indígenas, assim talvez indicando que os *Tapajó* pudessem produzir essa peça e usá-la como moeda de troca.

A expedição de Pedro Teixeira serviu para informar as tropas de Bento Maciel sobre a melhor forma de atacar os *Tapajoses*, já que anterior a esse ataque os portugueses já teriam mantido contato com esses indígenas com a intenção de fazer acordos entre eles. Um dos acordos entre os índios e os portugueses foi que os *Tapajoses* teriam que capturar outros grupos indígenas para serem entregues aos portugueses e fazê-los de escravos. Até o momento que esse acordo foi de interesse português este se manteve de pé, porém à medida que não interessava mais aos portugueses os *Tapajoses* passaram a ser também vistos como os próximos a serem derrotados, capturados e escravizados (Acuña 1641; Marcoy 1995 [1847]; S. José 1847; Reis 2001).

Acuña (1641) registrou a vitória de Bento Maciel sobre os *Tapajoses* e a crueldade com que esses índios foram tratados depois de capturados. Segundo Acuña, após os índios terem suas armas apreendidas e uma grande parte deles presos em currais, a tropa de Bento Maciel saqueou a aldeia, violentou as mulheres e as filhas e, além disso, tiveram os *Tapajoses* que entregar seus filhos como escravos, visto que, não conseguiram alcançar uma cota de 1000 prisioneiros. Essa foi à troca que os *Tapajoses* fizeram com os portugueses para não serem extintos.

Em 1661, a mando da igreja católica, o padre Antônio Vieira enviou o padre João Felipe Betendorf, para assentar uma missão na foz do rio Tapajós. Chegando ao local, Betendorf fez um catecismo em vários idiomas, um deles foi para os *Tapajó*. A partir

de então, Betendorf começou a ensiná-los e a batizá-los, embora muitos índios já estivessem batizados por outros missionários que teriam passado por lá antes (Betendorf 1910 [1661]).

Para erguer a missão religiosa, Betendorf, com o apoio do alferes João Corrêa, acompanhou os índios para retirar a madeira, e entre três e quatro dias a igreja ficou pronta. Com a igreja pronta, Betendorf, tinha um local em que aos poucos pôde administrar a aldeia e converter os *Tapajó* à religião cristã, até ser expulso pelos portugueses, pois estes não estavam satisfeitos com a administração dos jesuítas. Como viveu entre os índios, Betendorf conseguiu fazer registros sobre seu cotidiano. E dentre os relatos sobre o modo de vida dos *Tapajó*, Betendorf 1910 [1661], informou sobre os rituais indígenas.

Os *Tapajó*, segundo Betendorf, adoravam ídolos e, em um espaço celebrativo, denominado por Betendorf (1910 [1661]: 170) como “terreiro do diabo”, faziam seus rituais, durante os quais bebiam, comiam e dançavam, e essas bebidas eram levadas pelas mulheres. Dentro do “terreiro do diabo”, as mulheres não podiam participar dos rituais, seu envolvimento com o espaço era apenas o de levar até o local a bebida que era servida naquele ritual e em seguida ficavam de cócoras vendando os olhos com as mãos para não ver o ritual.

O relato de Betendorf sobre as práticas de rituais/celebrações/cerimônias entre os *Tapajó* torna-se importante para o meu estudo, visto que, o padre descreveu com certos detalhes que os índios tinham um espaço para praticar celebrações que não era dentro da aldeia, mas que continha grande importância para o grupo. Neste local, Betendorf descreveu como os *Tapajó* realizavam essas cerimônias, quais as pessoas que podiam participar e quais as funções que elas tinham dentro do espaço em que faziam as celebrações. Além disso, Betendorf indicou no seu relato que neste espaço era servido comidas e bebidas, estas provavelmente vinham em vasos e vasilhas feitas para aquele momento de festa e que provavelmente depois eram descartadas.

Betendorf 1910 [1661] menciona as relações matrimoniais entre os indígenas, constatando que estes viviam casamentos poligâmicos e que a traição feminina era

punida com a morte. O padre procurou extinguir a poligamia e proibiu as festividades, assim como a retenção de múmias de ancestrais dentro das casas.

Entre os *Tapajó* tinha uma índia chamada de Maria Moaçara, que os índios consideram uma princesa desde seus antepassados e também um oráculo com quem eles se consultavam/aconselhavam e seguiam suas orientações. A mãe de Maria Moaçara era viúva e não se casou novamente porque não encontrou alguém que fosse igual em nobreza, porém isso não a impediu de ter um amante (Betendorf 1910 [1661]).

Sobre as terras do rio Tapajós, Betendorf 1910 [1661] comenta que eram boas para as plantações “para mantimentos, principalmente para milho e tabaco” (op. cit.: 36). Além disso, ressaltou que “os rios abundam em peixes, até peixe-bois e tartarugas” (op.cit.: 36), e que nas matas podiam caçar coelhos, pombos e patos. Relata ainda o fato de usarem veneno também em comidas, isto é, quando não gostavam de uma pessoa a envenenavam pela comida. Menciona que a escravização de outros indígenas era comum entre os *Tapajó*.

Maurício de Heriarte ([1662] 1874) exerceu vários cargos, sendo ouvidor-geral, provedor-mor e auditor do governo português e fez parte da expedição de subida e descida do rio Amazonas, sobre o comando de Pedro Teixeira. Apesar de ter passado muitos anos quando resolveu escrever seu relato, Heriarte compôs este escrito não apenas com a experiência que vivenciou na viagem de Pedro Teixeira, mas também de todas as outras experiências que vivenciou durante os anos que serviu o governo português e esteve em viagens de subida ou descida dos rios da Amazônia e também de suas experiências no convívio com os indígenas da região.

Em suas observações Heriarte ([1662] 1874) pôde relatar o modo de vida dos *Tapajó*, mencionou que “esta provincia dos Tapajós he mui grande, e a primeira aldeia está assentada na bocca de um rio caudeloso e grande, que commummente se chama dos Tapajós” (op. cit.: 35). Mencionou haver outros povos indígenas na região, como os Marautus, Caguanas, Orurucuzos e outros.

Heriarte ([1662] 1874) relatou que a aldeia dos *Tapajó* era a maior já encontrada na região e que havia mais de 60 mil guerreiros, o que significa que tinham um batalhão formado para qualquer guerra. E por terem um grupo preparado para guerras e suas

flechas envenenadas eram temidos por outros grupos indígenas e com isso se mantinham soberanos. Heriarte ([1662] 1874) comenta sobre os aspectos físicos dos *Tapajó*, enfatizando que eles eram fortes, grandes e corpulentos.

Diferente dos relatos de Acuña (1641) e Bettendorf 1910 [1661], Heriarte ([1662] 1874) ressaltou que o rio Tapajós era de poucos peixes. A base do alimento era o milho, diferente de outros grupos indígenas que usavam a mandioca como fonte básica de carboidratos. Heriarte ([1662] 1874) pôde relatar a partir das observações de Bettendorf 1910 [1661], sobre seus rituais e mencionou que os *Tapajó* adoravam ídolos pintados para quem faziam ofertas de suas plantações de milho e que este milho era utilizado para produzir o vinho que os índios usavam como bebida nos rituais que faziam em um terreiro atrás da aldeia. Neste local os *Tapajó* tocavam:

“... trombetas, e atabares tristes e funestros, começavam a tocar por espaço de uma hora, até que vem um grandíssimo terremoto, que parece vem derrubando as árvores e os montes, e com elle vem o Diabo e se mette em um corro, que os índios tem feito para elle, e logo todos com a vinda do Diabo começam a bailar e cantar na sua lingoa, e a beber o vinho até que se acabe, e com isso os traz o Demônio enganado” Heriarte ([1662] 1874: 36).

Heriarte ([1662] 1874) registrou que os padres jesuítas estavam catequizando os índios e tirando seus costumes “diabólicos” (Heriarte [1662] 1874: 37). Vejo que esta era a “justificativa” para catequizar os índios, tendo em vista que eles não adoravam o deus cristão, além também de não terem o hábito de usarem roupas o que incomodava por demais os portugueses. Embora tentasse dar todas as justificativas plausíveis, nenhuma justifica as atrocidades que os indígenas sofreram no contato com os europeus.

Sobre seus mortos, Heriarte ([1662] 1874) contou que eles os colocavam em uma rede e aos seus pés colocavam seus pertences e na cabeça “a figura do Diabo” (Heriarte [1662] 1874: 37) produzido ao seu modo. Esses mortos eram colocados em uma casa construída apenas para receber os mortos que ficavam lá até que sua carne putrefasse e ficassem apenas os ossos. Os ossos eram moídos e misturados ao vinho de milho e servido aos parentes. As pedras verdes (chamadas por Heriarte de *buraquitas*)

também foram mencionadas como muito estimadas pelos indígenas e com as quais também faziam comércio junto às louças finas.

Heriarte ([1662] 1874) comentou que as terras e o clima eram bons para a criação de animais como: gado, ovelhas, cabras, vacas e gados de cerdas. Sobre a organização social dos *Tapajó*, ele afirma que eram governados por “Principaes, em cada rancho um, com vinte ou trinta cazaes, e a todos os governa um Principal grande sobre todos, de quem é mui abedecido” (Heriarte [1662] 1874: 38). Segundo ele, os *Tapajó* faziam esteiras, redes de palha, mantas de algodão; estas mantas serviam para forrar as casas.

Outro relato que destaco é do frei Laureano de la Cruz, que por volta de 1647, junto com outros três religiosos saíram de Quito em busca das províncias dos índios Omáguas e tinham como objetivo catequizá-los. Chegaram à primeira província e por lá passaram algum tempo catequizando-os, observando e repreendendo seus costumes e sua língua. E depois de um tempo que estavam entre os Omáguas, os religiosos resolveram conhecer outros povoados próximos, assim partiram para outras empreitadas de catequização. Percorrendo vários rios, chegaram ao rio Condurises e tiveram contato com os *Codurises*, que relataram existir rio abaixo outro grupo indígena chamado de *Trapajosos* e então decidiram conhecer esse outro grupo indígena (Porro 1992).

Chegando os religiosos ao rio Tapajós encontraram uma tropa de portugueses que os receberam com gentileza, tendo passado alguns dias nesse povoado dos *Trapajosos*. O povoado era formado por dez casas e os religiosos souberam que esses índios já haviam deixado outros grupos de religiosos sem roupas, quando passaram por lá anteriormente. Laureano de la Cruz acompanhou os portugueses em uma missão de paz com outros *Trapajosos* e outros grupos indígenas ali próximo. Chegaram a uma praia muito grande onde aportaram e foram recebidos com gentileza pelos índios que ofereceram o que comer e selaram as pazes. Feita as pazes os *Trapajosos* entregaram aos portugueses os cativos (peças) que se tornariam escravos dos portugueses e pelas peças os *Trapajosos* receberam ferramentas, roupas e facas (Porro 1992).

Os relatos etnohistóricos são importantes para a discussão referentes aos grupos indígenas que habitavam nas margens do rio Tapajós, no baixo Amazonas, pois fornecem informações sobre o cotidiano, modo de vida, crenças, costumes dos *Tapajó* e como esse cotidiano foi mudando cada vez que os índios tinham contato com europeus. Os relatos etnohistóricos sobre os rituais/celebrações/cerimônias entre os *Tapajó* é o aspecto de maior relevância para o meu estudo, já que busco entender sobre essas práticas celebrativas a partir do material arqueológico encontrado nos *bolsões* do sítio Porto de Santarém.

As expedições científicas e as pesquisas arqueológicas da região nos apresentam informações que os relatos etnohistóricos não apresentaram ou não se aprofundaram, visto que os objetivos dos viajantes naquela época eram outros. A junção das informações etnohistóricas, das expedições científicas e das pesquisas arqueológicas auxiliam os pesquisadores a entender o modo de vida de grupos indígenas que já foram dizimados e que tem nessas três fontes uma forma de saber das histórias dos povos pré-colombianos.

1.2. Expedições Científicas

Passado os séculos XVI e XVII vieram às expedições de caráter científico geralmente chamadas de viagens filosóficas e que deixaram novas informações a respeito dos *Tapajó*, no entanto nesse momento com interesses mais abrangentes. Entre aqueles que passaram ou percorreram os rios Amazonas e Tapajós destaque: Charles Marie de La Condamine, José Monteiro de Noronha, Alexandre Rodrigues Ferreira, Paul Marcoy, Alfred Russel Wallace, Henry Walter Bates, Henri Coudreau, Charles Frederick Hartt e João Barbosa Rodrigues. Os dois últimos citados serão apresentados no final desse item, apesar de não estarem na ordem cronológica, pois ambos foram os primeiros a se dedicaram também aos estudos arqueológicos.

No século XVIII, novas informações sobre os *Tapajó* foram deixadas pelo francês Charles Marie de La Condamine, que esteve pela América entre os anos de 1735 e 1744. O foco de La Condamine e dos próximos viajantes que irei relatar era diferente dos primeiros viajantes, já que influenciados pelo movimento Iluminista buscaram na

Amazônia um objetivo voltado para a ciência (Alves 2012). Sendo assim, na expedição que participou o francês/iluminista tinha o objetivo de “medir na linha equinocial a longitude do arco de um grau do meridiano” (La Condamine 2000 [1735]: 22). Esta missão de La Condamine 2000 [1735] se deve ao fato que havia discussões no meio científico quanto a um consenso da esfericidade e grandeza da terra.

Com a missão cumprida La Condamine desceu o rio Amazonas relatando o que viu ao longo do rio e de seus afluentes. Quando passou pelo rio Tapajós, La Condamine fez referência ao rio como “um rio de primeira ordem” (La Condamine 2000 [1735]: 97) e que nessa região habitavam índios “selvagens e guerreiros” (Condamine 2000 [1735]: 98). Junto a isso, La Condamine 2000 [1735] mencionou sobre as pedras verdes (muiraquitãs) que os *Tapajó* possuíam e sobre os benefícios à saúde que elas continham. Por esse motivo, os indígenas tinham grande interesse em tê-las, embora destaque que muitas dessas peças já teriam sido levadas para a Europa.

José Monteiro de Noronha (1862 [1768]) quando passou pela vila pôde registrar mais quatro povoações (Vila de Alter do Chão, Vila Franca, Vila Bonfim e Vila Pinhel). Noronha (1862 [1768]) informou que todos os índios que habitavam essas vilas e as outras povoações “que ficam do Tapajós para baixo” eram chamados de “*Canicarus*” se diferenciando das povoações que moravam rio acima que eram conhecidos como “*Yapyruara*” que significa “gente do sertão ou parte superior do rio” (Noronha 1862 [1768]: 37). Como essas antigas aldeias agora eram vilas e tinham uma estrutura maior para acomodar os viajantes, muitos pousavam na vila de Santarém para descansar, pesquisar, fazer novas reservas de mantimentos e outras precisões.

Alexandre Rodrigues Ferreira era brasileiro, no entanto teve sua formação acadêmica em Portugal, onde obteve titulação em Filosofia Natural. Seus biógrafos o consideram geógrafo, zoólogo, antropólogo, economista, sociólogo, etnólogo e agrônomo (Leite & Leite 2010). Ferreira foi indicado pelo governo português para chefiar uma expedição pelas terras brasileiras com o objetivo de “estudar a etnografia das regiões percorridas, relatar e acondicionar os produtos encontrados e cuidar dos aspectos práticos da expedição” (Leite & Leite 2010: 1). A expedição esteve na Amazônia, entre os anos de 1783 a 1792, saindo da capitania do Grão-Pará, percorrendo o Rio Negro,

Mato Grosso até a capitania de Cuiabá. Durante seu percurso, Ferreira esteve em Santarém em 1786 e observou que existia uma relação de desvalorização com o trabalho das índias no extrativismo (Ferreira 2008 [1783-1792]).

A partir de meados do século XIX, vieram outros viajantes/naturalistas/cientistas para a Amazônia com a intenção de fazer pesquisas científicas, mas também para expandir a exploração dos recursos naturais e também delimitar a área de administração do estado do Pará (Coudreau 1977). Anterior a esse período as aldeias que se tornaram missões religiosas na época da administração jesuítica na região, agora se tornaram vila, após a saída dos jesuítas dessas áreas. A missão do Tapajós, agora vila de Santarém (Daniel 2004 [1722-1776]), era protegida por uma fortaleza (Noronha 1862 [1768]).

Paul Marcoy foi mais um desses naturalistas que percorreu a Amazônia no século XIX. Marcoy atravessou a Amazônia peruana e brasileira, durante os anos de 1846 a 1847 (Silva 2010). Tendo como objetivo etnografar o lugar, as pessoas e as coisas, ele se diferenciava dos outros naturalistas, pois estava interessado na “humanidade e pelos costumes das pessoas” (Marcoy 1995 [1847]: 21). Marcoy passou na comarca de Santarém que já estava estruturada com forte, igreja, e centenas de casas e além dos registros escritos da comarca, produziu uma aquarela de Santarém e ao descrever a paisagem deixa claro que também é poeta: “com suas casas cinzentas, sua linha de colinas áridas, a orla de areia amarela... e o seu rio de água mansa que reflete confusamente as velas brancas e vermelhas de seus barcos ancorados” (Marcoy 1995 [1847]: 230).

Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates são os próximos naturalistas a se encantarem pela Amazônia. Em conversas por cartas Wallace convida Bates para fazerem uma expedição pelo Amazonas com o objetivo de “estudar-lhe a fauna e a flora” (Wallace 2004 [1853]: 14). Além de fazerem coleções de dados que pudesse interessar a história natural e também reunir fatos que os orientassem a resolver o problema da origem das espécies. Aceito o convite, Wallace e Bates saíram de Liverpool, no dia 27 de abril de 1848, chegando às águas do Amazonas um mês depois. No decorrer da expedição os dois naturalistas trilharam caminhos separados, pois

tinham interesses diferentes. Wallace estava mais interessado em coletar informações sobre a origem e evolução das espécies, enquanto que Bates tinha interesse em informações sobre a entomologia (Wallace 2004 [1853]).

Alfred Russel Wallace (2004 [1853]) nessa expedição que iniciou com Bates pelas águas do Amazonas fez diversas coletas de espécies de animais e vegetais e das suas anotações da viagem produziu um livro intitulado “Viagens pelo Amazonas e Rio Negro”, no qual relatou suas experiências no percurso da expedição. Nesse livro, Wallace fez referência à cidade de Santarém como sendo a cidade sede de rotas comerciais. Uma das descrições de Wallace (2004 [1853]) foi referente às águas claras do rio Tapajós que se contrastava com as águas do rio Amazonas. Wallace faz uma descrição detalhada da fachada da cidade.

“A cidade de Santarém está colocada em lindo local, num declive, na barra do Tapajós, com uma linda praia arenosa e uma pequena colina em uma de suas extremidades, ali existindo uma fortaleza, de paredes de barro, dominando as proximidades do Amazonas” (Wallace 2004 [1853]: 184).

O cotidiano dos moradores de Santarém também fez parte do registro de Wallace (2004 [1853]), que descreveu as casas, as ruas, igreja, o porto, e o modo de vida desses moradores que lavavam suas roupas nas beiras das praias e em seguida estendiam as peças no chão de areia brancas. As crianças indígenas e negras banhavam-se nas praias e pareciam peixes. Como citei anteriormente, Wallace (2004 [1853]) considerou a cidade como sendo uma sede de rotas comerciais, por isso destacou que o comércio local vivia da exportação de castanha, salsaparrilha, farinha, peixe salgado e que alguns desses produtos eram adquiridos dos índios *Mundurucus* que habitavam o rio Tapajós.

Sobre os índios que ainda habitavam Santarém, Wallace (2004 [1853]) disse que eles eram empregados em qualquer serviço público e eram supervisionados por um comandante dos trabalhadores. Wallace (2004 [1853]) descreveu como foi sua viagem à vila de Monte Alegre onde foi conhecer a montanha que tinha o formato de um pilão, atualmente conhecida como Caverna do Pilão e as inscrições nas paredes. Lá, fez várias considerações sobre as pinturas rupestres, indicando seu interesse pela arqueologia. Após estadia na vila de Monte Alegre e Santarém, Wallace e sua equipe seguiram viagem para o rio Negro.

Henry Walter Bates 1979 [1876], que era naturalista e entomologista britânico, dedicado aos estudos evolutivos, ele buscou em sua expedição coletar espécimes que explicassem a origem das espécies. Em sua obra *Um naturalista no Rio Amazonas*, Bates 1979 [1876] escreveu que a cidade de Santarém tinha 2.500 habitantes, sendo esta a mais importante e civilizada já encontrada no Amazonas. Além disso, Bates 1979 [1876] descreveu de forma clara e precisa a paisagem do que hoje é o Porto de Santarém/PA, e onde está localizado também o sítio arqueológico Porto de Santarém.

Bates 1979 [1876] relatou que a paisagem, o solo, a vegetação e a fauna eram totalmente diferentes das áreas planas que margeiam o Amazonas. Sobre a área do sítio Porto relatou que “Depois de Laguinhos, há uma praia plana e coberta de árvores, que formam um belo bosque. Depois desse bosque há um trecho de praia arenosa. O terreno é alto e rochoso. É o cinturão de mata que margeia o rio é muito mais longo nesse trecho do que em outros lugares” (Bates 1979 [1876]: 146). A Figura 1 apresenta a extensão da ocupação *Tapajó* e a parte em azul é o Laguinhos descrito por Bates.



Figura 1 - Estimativa da ocupação *Tapajó* no século XVI (Dados de Márcio Amaral), 2010.

Durante sua expedição Bates 1979 [1876] fez várias viagens pelo rio Tapajós de leste a oeste e seus arredores, chegando a Alter do Chão onde encontrou outro grupo indígena, denominado de *Burari*. Neste local habitavam 60 a 70 famílias de índios que

Bates os considerou “semi-civilizados”. Em Itaituba, o naturalista encontrou os índios *Mudurucus*, que considerou a maior e mais poderosa tribo da região. Esses índios habitavam a margem direita do Tapajós e eram considerados guerreiros, pois já haviam atacado portugueses e outros grupos indígenas. Viviam da plantação de mandioca, cujos excedentes vendiam, além de colherem salsaparrilha e borracha nas matas.

Essas informações servem para saber que havia outros grupos indígenas que habitavam as margens do rio Tapajós além dos *Tapajó*. Junto a isso, estas informações indicam o local preciso que os outros grupos habitavam e uma estimativa da quantidade de pessoas que tinha no grupo indígena, assim mostrando que existiam outros grupos indígenas grandes (em termo populacional) assim como os *Tapajó*.

Charles Frederick Hartt e João Barbosa Rodrigues são os primeiros interessados em conhecer a arqueologia da região do Baixo Amazonas. Apesar do foco principal da pesquisa de Hartt não ser os artefatos arqueológicos, pois sua primeira viagem ao Brasil era expedicionária e focada para os estudos geológicos, fez algumas anotações sobre os aspectos arqueológicos da região. Anos mais tarde, Hartt voltou ao Brasil e focou sua atenção nas pesquisas arqueológicas, mencionando as terras pretas e a grande fertilidade que estas possuíam, assim inferindo que os índios teriam escolhido esses locais para moradia devido à fertilidade da terra (Hartt 1885 [1871]).

Dentre suas pesquisas, Hartt (1885 [1871]) buscou em Santarém e em seus arredores artefatos arqueológicos que pudessem indicar a presença de sítios arqueológicos, já que a paisagem teria sido modificada pela ação humana e em seu entorno houvera a presença de sambaquis. Ficou sabendo do engenho Taperinha que continha uma “abundância de conchas marítimas” (Hartt 1885 [1871]: 7).

No sítio Taperinha, Hartt (1885 [1871]) encontrou fragmentos cerâmicos simples e pouco decorados, louças, ossos humanos e de animais, e madeira carbonizada, que encontrou até 6 m de profundidade (op. cit.: 3). A camada acima do depósito de conchas tinha mais ou menos 50 cm de espessura, na qual encontrou fragmentos de cerâmica arqueológica e fragmentos de “louça moderna” (op. cit.: 4).

Hartt (1885 [1871]) fez outras viagens e descreveu outros sítios ao longo do rio Tapajós, tanto na margem direita quanto na margem esquerda do rio, além de ir até o planalto e observar que os sítios se estendiam das proximidades de Santarém em direção ao rio Xingu. Hartt (1885 [1871]) foi o pioneiro dos estudos arqueológicos e relacionou a cerâmica arqueológica da região com o grupo *Tapajó* que ocupava o local no momento do contato.

Na região do planalto, Hartt (1885 [1871]) encontrou material cerâmico com decoração digitado (impressão dos dedos), além de rodela de fuso, estatuetas antropomorfas, apliques modelados zoomorfos e fragmentos de cabeças, pés, braços de “ídolos” parecidos com os encontrados no Marajó (op. cit.: 13). Em outras áreas também identificou material cerâmico, assim indicando que esses locais também teriam sido ocupados pelos grupos da região do Tapajós.

A partir de suas pesquisas arqueológicas, Hartt levantou algumas questões que serviram mais tarde de base para se pensar a arqueologia da região do baixo Tapajós. Para o naturalista, as últimas mudanças físicas que ocorreram no vale do Amazonas foram feitas depois da formação do sambaqui da Taperinha. Outra inquietação de Hartt foi quanto aos povos que ocuparam as áreas de terra preta no planalto e na margem direita do rio Tapajós. Para ele, seriam os *Tapajó* etnohistóricos esses ocupantes, e que os ocupantes dos arredores de Itaituba e da margem esquerda do rio Tapajós fossem os *Mudurucus* e que os *Tapajó* poderiam ser uma divisão dos *Mudurucus*.

Outro precursor desse período dos estudos arqueológicos foi João Barbosa Rodrigues (1875), que esteve na região nos anos de 1872 até meados de 1874. O objetivo de Barbosa Rodrigues no interior do Brasil era de fazer um levantamento taxonômico de uma espécie de palmeira. No entanto, além de fazer o levantamento da espécie, fez coleta de artefatos arqueológicos e registrou o modo de vida dos indígenas do baixo Amazonas.

Barbosa Rodrigues (1875) fez grandes contribuições para a etnologia e para a arqueologia da região, coletou vários fragmentos cerâmicos na cidade de Santarém, além de ter encontrado os mesmos vestígios rio acima e também no interior. Em suas

escavações coletou mais fragmentos cerâmicos, machados, fragmentos de estatuetas, e encontrou sambaquis e caminhos cavados na serra e em seus arredores. A partir das descobertas, Barbosa Rodrigues (1875) relacionou a cerâmica encontrada como produto do grupo *Tapajó* e que a cidade de Santarém seria o centro desse domínio indígena.

Barbosa Rodrigues (1875) relatou outro modo como os *Tapajó* lidavam com seus mortos: estes colocavam seus ossos em urnas funerárias e os enterravam. Roosevelt (2000a) não concorda com essa ideia, pois encontrou restos de ossos humanos queimados junto a fragmentos cerâmicos em áreas rituais, que interpretou como vestígios de cremação. Além das considerações de Roosevelt (2000a), Schaan (2014) ao concluir as pesquisas no sítio Porto de Santarém, também mencionou que os restos mortais dos *Tapajó* eram incinerados, sendo que parte dessas cinzas eram servidas em bebidas fermentadas, possivelmente feitas de milho, para os parentes do morto e outra parte das cinzas eram depositadas em vasilhas que eram enterradas com os pertences do morto, assim fazendo parte dos rituais funerários dos *Tapajó*.

A partir da segunda década do século XX, Curt Nimuendajú começou a fazer pesquisas arqueológicas na região do baixo Amazonas, percorrendo os rios Amazonas e Tapajós na busca de evidências arqueológicas. Desde então, vieram para a região outros pesquisadores, que publicaram e outros ainda publicam trabalhos acadêmicos referentes aos grupos indígenas dos rios de Nhamudá-Trombetas e Tapajós.

1.3. Pesquisas Arqueológicas em/sobre Santarém e seus arredores

As pesquisas arqueológicas iniciaram com Hartt e Barbosa Rodrigues, mas foi com Nimuendajú que essas pesquisas deram continuidade no início do século XX. No entanto, décadas mais tarde ainda no século XX, outros pesquisadores passaram a demonstrar interesse pela área do baixo Tapajós e arredores. Sendo que atualmente essas áreas são foco de pesquisas de vários pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Curt Nimuendajú veio ao Brasil com o objetivo de formar coleções etnológicas e arqueológicas e enviar para o Museu de Gotemburgo, na Suécia (Nimuendajú 2004: 1).

Realizou diversas expedições pelos rios da Amazônia brasileira, entre os anos de 1923 e 1926. Identificou 65 sítios que estavam localizados em Santarém e seus arredores. Os sítios arqueológicos continham material cerâmico e extensas áreas de terra preta, e em alguns locais mais ao alto (planalto de Belterra) da cidade de Santarém existiam caminhos que ligavam essas áreas. Descreveu poços para armazenar água ou criar peixes, que ainda estavam sendo usados pelos novos moradores das áreas. Por haver uma grande quantidade de material arqueológico, caminhos de interligação e poços, tais elementos foram interpretados como indícios de que a região foi habitada por muito tempo e por uma população relativamente numerosa (Nimuendajú 2004: 122-134).

Em suas pesquisas sobre os sítios de terra preta, Nimuendajú afirmou que estes foram formados por antigas habitações indígenas, ideia oposta a que se propunha que esses lugares eram escolhidos pelos indígenas por apresentarem terra preta. A cidade de Santarém com um sítio de terra preta de mais de 1,5 m de espessura, foi o local em que mais encontrou material arqueológico; entre estes destacaram estatuetas, fragmentos antropomorfos e zoomorfos (Nimuendajú 1949; 2004). Além disso, Nimuendajú (1949) afirmou que conheceu dois lugares em que a terra preta começa nas margens do rio Alter do Chão e Santarém-Aldeia, sendo que para ele, Santarém-Aldeia o local mais importante em termos qualidade do material arqueológico se comparado com os outros.

Com a descoberta de uma extensa camada de terra preta e muitos vestígios de material arqueológico, Nimuendajú buscou verificar a extensão da cultura tapajônica que envolveu pesquisas em Alter do Chão, Óbidos e Serra dos Parintins, além de ter subido e descido as margens do rio Tapajós, subido as terras altas e chegando ao Lago Grande, em Vila Franca (Amoroso 2001; Nimuendajú 1949; 2004). Segundo Nimuendajú, essa cultura distribui-se na região de Alter do Chão/ Arapixuna, se estendendo na margem sul do lago grande de Vila Franca e na margem direita do rio Amazonas, entre o lago grande e Arapixuna, conforme Figura 2 (Nimuendajú 2004). Ampliando essa área, Schaan verificou que os vestígios dos *Tapajó* podem ser encontrados ao longo da margem direita do rio Tapajós, se estendendo por até 75Km

ao sul da cidade de Santarém, tanto para a várzea do mesmo rio, quanto para a áreas altas de Belterra (Schaan 2006).

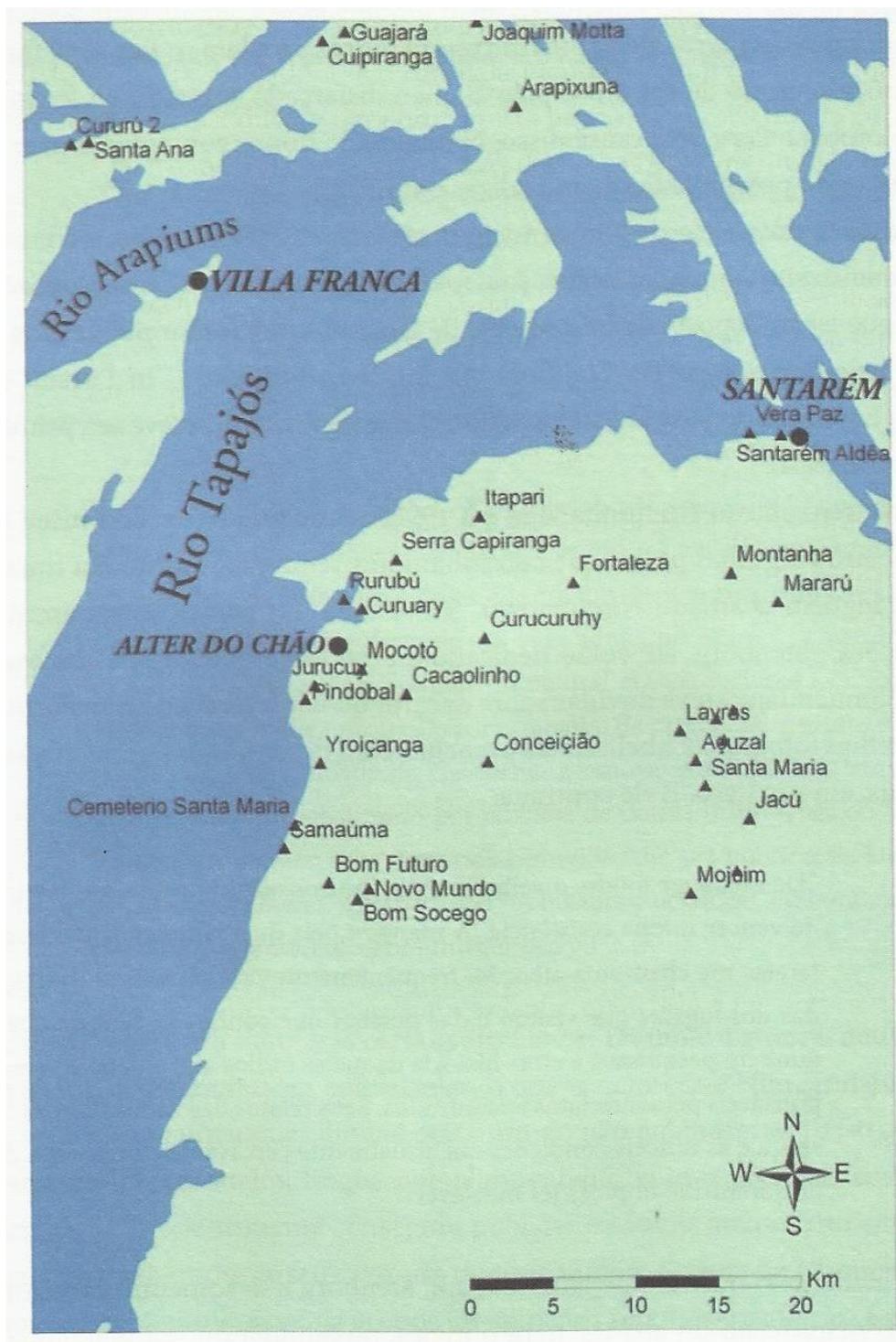


Figura 2 - Sítios identificados por Nimuendajú em Santarém e Belterra, cortesia de Pet Stenborg.
Fonte: Schaan, 2012c: 104

Nimuedajú (1949, 2004) nos deixou uma gama de informações que puderam ser utilizadas por outros pesquisadores, e um dos seus legados dessa época foi o mapa etnográfico que ele fez para as terras baixas sul-americanas (Schaan 2012c), além de identificar e mapear diversos sítios arqueológicos nas áreas de interflúvios e registrar um rico acervo de material arqueológico que o mesmo enviou para museus na Europa, entre esses o Museu de Gotemburgo, seu principal financiador. Posteriormente Helen Palmatary (1939) estudou a coleção desse museu.

Após as pesquisas de Nimuedajú, vieram estudos focados nas coleções museológicas de materiais arqueológicos da região de Santarém, sejam os que estavam dentro do país, quanto os que estavam fora. O objetivo desses trabalhos era os estudos estilísticos, iconográficos e tecnológicos da cultura tapajônica, para isso se utilizaram de teorias vigentes na época, como o histórico-culturalismo e o difusionismo para apoiar algumas conclusões que chegaram a respeito do material analisado (Palmatary 1939, 1960; Barata 1944, 1950, 1951, 1953a, 1953b; Corrêa 1965). Esses estudos destacaram as peças cerâmicas e líticas que mais chamavam a atenção pela sua beleza, detalhes, formas, contornos, sendo um dos destaques os vasos de cariatídes e de gargalo que foram analisados por Barata (1950, 1953a, 1953b).

Frederico Barata (1953a) e Helen Palmatary (1960) além de terem feitos estudos em coleções de artefatos arqueológicos, também buscaram deixar outras informações para além dos estudos estilísticos. Barata (1953a) foi o primeiro a observar a presença de *bolsões*¹ nos quintais das casas do bairro Aldeia/Santarém. Assim, sugerindo que os materiais arqueológicos encontrados nesses buracos eram oriundos das limpezas que os novos moradores do local fizeram nos quintais. Segundo Barata (1953a), existiam duas hipóteses para a origem dos *bolsões*: (1) os novos moradores varreram os vestígios da cultura material dos *Tapajó* para buracos como uma forma de ver o quintal limpo ou (2) porque eles tinham receio quanto ao material, pois sabiam que eram materiais sempre provenientes ao culto dos mortos.

¹ *Bolsão*: termo usado por Frederico Barata (1953a) para explicar que os novos moradores da cidade Santarém faziam buracos nos fundos dos quintais e despejavam os restos de cultura material deixadas pelos *Tapajó*. Ou são feições formadas pela deposição de restos de atividades domésticas e rituais (Schaan, 2012a).

Palmatary (1939; 1960) tinha o objetivo fazer uma análise estilística do material arqueológico tapajônico de coleções existentes dentro e fora do Brasil, e com isso relacionar a cultura material dos *Tapajó* com outras partes da América. A pesquisadora fez um levantamento extenso sobre os dados históricos dos *Tapajó* que estavam relacionados com os aspectos culturais, econômicos e sociais. Ao analisar o material identificou exemplares que não pertenciam à cultura tapajônica, e por isso, concluiu que existiria uma associação étnica entre os *Tapajó* e outros grupos indígenas. O material encontrado que não era proveniente dos *Tapajó*, a pesquisadora os caracterizou como *Konduri*². A partir de então, chegou à conclusão de que a cerâmica santarena poderia ter se difundido por rotas que interligavam a foz do Tapajós ao Caribe pelo rio Orinoco.

Conceição Corrêa (1965) estudou as estatuetas de Santarém que estão nos acervos do Museu Paraense Emílio Goeldi. Trabalhou com peças inteiras e semi-inteiras totalizando 119 peças. Neste trabalho Corrêa (1965) fez uma análise das técnicas de manufatura, decoração, acabamento de superfície, dimensões e estilo. Assim, a pesquisadora fez uma classificação em grupos, conforme o tipo de representação, antropomorfa e/ou zoomorfa. As peças antropomorfas foram classificadas pela base ou por sua postura, sendo que a essas bases e posturas foram subdivididas: base (semi-lunar, unípede, circular e pedestal) e postura (erecta, acorçada e sentada). As outras peças foram classificadas em zoomorfo e inclassificadas. Esta última classificação foi para as estatuetas cujo tipo de representação não foi possível identificar.

Em 1972, Regina MacDonald, publicou um trabalho sobre os *Tapajó*. A pesquisadora fez um estudo de interpretação da cultura tapajônica, levando em consideração um mito do grupo *Warrau*. Segundo MacDonald, os elementos que são encontrados no mito também são encontrados na cerâmica típica de Santarém. Assim concluindo que alguns elementos encontrados na cerâmica tapajônica (jacarés, onças, sapos, pássaros e a figura da mulher) não são reflexos ocasionais do cotidiano do grupo, mas sim a

² Konduri: Estilo cerâmico definido por Peter Hilbert (1955) caracterizado pela modelagem e incisão, localizado na região de Nhamundá-Trombetas.

maneira pelo qual os *Tapajó* ordenam seu universo, assim quando o material cerâmico tapajônico tem o mesmo padrão das relações que foram observadas no mito dos *Warrau*, isto fez a pesquisadora entender que a ordem desses elementos reproduz uma visão de mundo tapajônico (MacDonald 1972).

Vera Guapindaia (1993) estudou a coleção cerâmica de Frederico Barata, que se encontra no Museu Paraense Emílio Goeldi. A autora fez um estudo técnico e morfológico das peças inteiras e daquelas semi-inteiras que eram possíveis de serem identificadas, assim totalizando 210 objetos. Como seu estudo é posterior aos trabalhos realizados por Anna Roosevelt, Guapindaia (1993) pôde acrescentar nas suas discussões as interpretações que Roosevelt estava apresentando sobre a região do baixo Amazonas. Guapindaia (1993) tinha como “objetivo caracterizar tecnologicamente, a cerâmica atribuída ao grupo indígena *Tapajó*, que habitou a foz do rio Tapajós até o século XVII” (op.cit. 7).

Ao classificar o material, os dividiu em grupos conforme suas formas e características comuns: vasos de cariátides, vasos de gargalo, vasilhas com gargalo, estatuetas, cachimbos, apitos, rodela de fuso e formas não reconhecidas. Assim, Guapindaia (1993), concluiu que existia uma cerâmica que foi produzida antes do contato europeu e outra após o contato, sendo que na análise da cerâmica pôde relacionar três perfis cerâmicos: (1) as cerâmicas produzidas pelos *Tapajó*, (2) a cerâmica que foi produzida por outro grupo indígena com influência dos *Tapajó* e (3) e a cerâmica de contato com o elemento europeu (Guapindaia 1993).

Denise Gomes (2002) estudou as vasilhas cerâmicas tapajônicas, da coleção do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). A autora tinha como objetivo discutir e elaborar hipóteses sobre a organização social e a cronologia do desenvolvimento das culturas oriundas das áreas do Tapajós-Trombetas. Gomes (2002) trabalhou com 84 vasilhas inteiras e 34 fragmentos grandes de vasilhas, fazendo uma análise descritiva e interpretativa das vasilhas.

A descrição das vasilhas consistiu em uma análise da forma, decoração e tecnologia. Ao analisar o material Gomes (2002) encontrou peças do estilo Santarém, Influência Santarém, *Konduri*, Influência *Konduri*, Globular e Barrancóide. Ao fazer a análise

interpretativa do material, Gomes, observou que a variação de estilo do material era proveniente de outros grupos indígenas que eram da mesma época dos *Tapajó*. Indicando que existia entre estes grupos uma rede de trocas e que esta rede fazia com que as diferentes unidades partidárias interagissem com um centro de poder. No entanto, Gomes inferiu que por mais que tivesse uma rede de comércio, esta rede poderia ser oriunda tanto de uma sociedade na forma de cacicado, quanto de sociedades igualitárias em processo de transição (Gomes 2002).

Entre os anos de 1971 a 1973, sobre a coordenação de Ulpiano Bezerra de Menezes, foi desenvolvido o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica (PRONAPABA), onde realizaram pesquisas sistemáticas no baixo Amazonas e rio Tapajós. Em prospecções em Prainha e Santarém, foram registrados 27 sítios perto dos lagos e classificados como sítios-habitação e ainda encontraram os caminhos que interligavam as antigas aldeias (Menezes 1971).

Celso Perota (1979), ainda pelo PRONAPABA, fez um levantamento na foz do rio Tapajós até os rios Juruena e Teles Pires, com o objetivo de investigar a extensão do domínio tapajônico, a partir da cerâmica Santarém. Neste levantamento, Perota (1979) localizou 33 sítios arqueológicos. No primeiro momento a pesquisa observou que o material se estendia entre a foz do rio Curi, no limite entre Itaituba e Aveiro, chegando até a área do rio Jamanxim. O material cerâmico encontrado nessa área tinha pintura policroma, excisões, machados de pedra, alguns sepultamentos secundários e terra preta arqueológica, sendo que era pontual a presença da cerâmica Santarém. No segundo momento da pesquisa, Perota (1979) se estendeu até o município de Jacareacanga no encontro dos rios Juruena e Teles Pires. Nesses sítios Perota (1979) encontrou uma cerâmica mais simples, sem decoração e artefatos líticos.

Na década de 1980, Anna Roosevelt veio ao Brasil para fazer pesquisas arqueológicas na região do baixo Amazonas, a partir do Projeto Baixo Amazonas (PBA). Roosevelt pesquisou o sítio sambaqui Taperinha, sítio este já estudado por Hartt (1885 [1871]) no final do século XIX. A pesquisadora também escavou na caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre/PA (Roosevelt et al. 1991).

Roosevelt não acreditava que os povos das terras baixas da Amazônia advinham dos Andes e da Mesoamérica, uma vez que os estudos antropológicos e arqueológicos anteriores já deixavam pistas que existiam ocupações antigas e que as características da cultura material desses grupos se diferenciavam dos povos dos Andes e da Mesoamérica. (Perota 1979; Carneiro 2007). Além disso, Roosevelt também questionou as explicações que Steward (1948) e Meggers (1954) fizeram em relação às terras baixas.

Julian Steward publicou o *Handbook of South American Indians*, em que propôs que os grupos da América do Sul fossem classificados a partir de estágios evolutivos (marginas, floresta-tropical, circum-caribenho e andino) e que estes grupos seriam classificados conforme suas condições tecnológicas e o ambiente ecológico que se encontravam (Carneiro 2007).

Com a teoria de Steward, Betty Meggers (1954) buscou aplicá-la para a foz do Amazonas. Após suas idas a campo, na Ilha de Marajó, Meggers (1954) considerou que o ambiente era o fator limitante para o desenvolvimento cultural da Amazônia. Assim, Meggers e Evans (1957) explicam que o ambiente de floresta tropical encontrado na ilha de Marajó, não explicou o desenvolvimento cultural encontrado no local, assim atribuindo tal desenvolvimento cultural para grupos que vieram de fora da ilha.

Com essas considerações sobre as terras baixas, Meggers (1954) chegou a conclusão de que essas terras possuíam solos pobres, e por isso teriam baixa densidade populacional e uma organização social em termos igualitários. Segundo Carneiro (2007) o casal não indicou a origem da cultura Marajoara, no entanto, seguindo Steward, eles indicariam “os Andes como o único ambiente que poderia ter permitido tal cultura emergir” (Steward 1948: 11).

Através dos estudos feitos por Roosevelt et al. (1991) no sambaqui Taperinha, ela pôde constatar que o sítio fora utilizado intensamente, apresentando uma camada arqueológica em torno de 6,5 m de profundidade em uma extensa área. Entre o material encontrado: conchas, ossos de peixes, carvões, rochas, fragmentos de vasilhas e raros fragmentos de ossos humanos. Junto ao material lítico também foi encontrado material cerâmico de cor avermelhada, sendo suas formas compostas por

vasilhas abertas com bordas arredondadas ou quadradas e bases arredondadas (Roosevelt 1989). Essas vasilhas também continham decoração simples formada por incisões curvilíneas e retilíneas nas bordas. Além disso, foram encontrados resíduos de cinzas nos fundos externos das vasilhas, assim apontando para o uso culinário das mesmas.

Foram feitas datações radiocarbônicas em carvões e conchas que dataram o sítio entre 5.000 e 4.000 a.C; junto a essas datações foram realizadas outras na cerâmica, pelo processo de termoluminescência que indicaram que esta cerâmica era a mais antiga das Américas, em torno de 7.000 AP (Roosevelt 1989; Roosevelt et al. 1991). As evidências dos materiais arqueológicos demonstraram que essa região teve ocupação por povos que viveram de recursos aquáticos e que com o decorrer do tempo foram substituídos por povos horticultores, assim mostrando que houve uma continuidade de ocupação até o século X.

Ao escavar o sítio caverna da Pedra Pintada, Roosevelt et al. (1996) e os pesquisadores encontraram fragmentos líticos, além de vestígios biológicos. Este material foi relacionado aos grupos de caçadores coletores. O sítio foi datado em 11.200 anos A.P, contemporâneo ao período paleoíndio americano. Além do material para datação, a pesquisadora também encontrou fragmentos cerâmicos de cor alaranjada, com incisões. E também pôde coletar restos humanos e de animais (peixes e tartarugas).

Roosevelt também realizou um levantamento arqueológico na área do porto de Santarém, no qual identificou uma grande área de terra preta e vestígios arqueológicos, o sítio foi denominado de sítio Porto de Santarém. Anos mais tarde, esse sítio foi prospectado por Vera Gaupindaia, devido ser uma área que a Companhia das Docas (CDP) estava arrendando para a Cargill. Como parte do licenciamento ambiental, o sítio foi salvo pela primeira vez no ano de 2007. A partir de então, acordos foram formados entre as arqueólogas Anna Roosevelt e Denise Schaan, que iniciaram a pesquisa juntas, mas depois o projeto passou a ser coordenado apenas por Denise Schaan (Schaan e Amaral-Lima 2012).

As descobertas de Roosevelt mudaram alguns pensamentos relativos à região, tendo em vista que, encontrou uma ocupação antiga e contemporânea ao paleoíndio

americano, e que esta ocupação antiga teria uma cultura diferente do paleoíndio americano. Essas descobertas fizeram com que Roosevelt repensasse sobre as rotas de migração e adapção ecológica dos primeiros forrageiros. Sendo então possível que grupos indígenas pudessem viver e se adaptar ao ambiente da floresta tropical. Assim, Roosevelt pode contradizer as explicações de Steward e Meggers para as terras baixas (Roosevelt et al. 1996).

Na década de 1990 uma equipe do Museu Paranense Emilio Goeldi fez um levantamento arqueológico no município de Itaituba. Nas escavações foram coletados materiais cerâmico (panelas, vasos de diversos tamanhos e formas e urnas), lítico (lâminas de machado, amoladores, machados manuais e outros), lenhoso (armas) e urnas funerárias. Foram feitas datações em materiais orgânicos associados às urnas funerárias que datam em 5.000 A.P, assim identificando uma ocupação anterior aos *Tapajó* (Lisboa & Coirolo 1995).

Denise Gomes (2003, 2008) pesquisou para sua tese de doutorado na margem esquerda do rio Tapajós, na comunidade do Parauá, distante 100 km ao sul da cidade de Santarém. Nessa pesquisa, Gomes tinha como objetivo verificar os limites da ocupação tapajônica, além de entender como os grupos indígenas das áreas periféricas se relacionavam com os *Tapajó*. Em seus resultados, identificou que a maioria dos sítios pesquisados tinham cerâmicas associadas à Tradição Borda Incisa (Meggers e Evans 1961), com datações entre 3.800 e 3.600 anos AP e no período tardio 1.300 a 910 AP.

Com essas evidências, Gomes (2008) concluiu que esses sítios foram ocupados de forma descontínua por povos horticultores que estenderam essa ocupação até o início da ocupação de Santarém pelos portugueses, sendo que os últimos grupos teriam interagido com os *Tapajó*, porém a autora sugere que a área estudada não seria uma área de domínio tapajônico, uma vez que houve uma pequena ocorrência de material cerâmico da fase Santarém e esta ocorrência foi encontrada apenas nos níveis superiores. Assim tendo a região uma organização sociopolítica menos centralizada e expansionista como era afirmado por Roosevelt, tendo em vista que, teriam grupos que eram autônomos do cacicado tapajônico.

Como parte do PBA, Ellen Quinn (2004) participou de escavações no sítio Porto de Santarém, para desenvolver sua tese de doutorado. A tese tinha como objetivo comparar as cerâmicas decoradas encontradas nas escavações com as cerâmicas encontradas nos acervos de museus. O objetivo vinha com o propósito de entender a cronologia do sítio e de saber se esta cultura material era do período pré-contato ou foi produzida a partir da influência do contato com os europeus. A pesquisadora participou de três etapas de campo, nos anos de 1993, 2000 e 2001, durante as quais fez escavações arqueológicas, visitas em museus e em casas de colecionadores particulares em Santarém. Quinn concluiu que tanto as cerâmicas encontradas em acervos de museus como as encontradas nas escavações advinham do mesmo período (horizonte inciso ponteadado), e que esta cultura material tinha sido produzida antes do contato.

Em 2006, Denise Gomes foi solicitada pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para fazer um estudo no centro urbano da cidade de Santarém, devido o órgão ter recebido diversas denúncias sobre a destruição do patrimônio arqueológico tanto no centro da cidade, no bairro Aldeia, como nos arredores de Santarém (Gomes 2006). Neste trabalho registrou 58 locais (terrenos vazios e quintais das casas) com vestígios arqueológicos provenientes da cultura tapajônica (Gomes 2006, 2008). Com isso, a pesquisadora delimitou o sítio arqueológico que foi denominado de sítio Aldeia. O sítio Aldeia se estendia entre os bairros Aldeia e Centro sendo que esta extensão ia por uma faixa de 2 km por 0,7 km de largura paralelo ao rio Tapajós, assim abrangendo os bairros Aldeia e Centro (Gomes 2010).

Denise Schaan em 2006 fez um levantamento arqueológico ao longo da BR-163, entre Santarém e Rurópolis. Essa pesquisa foi oriunda de um pedido do Centro de Excelência em Engenharia de Transportes-Instituto Militar de Engenharia (Cetran-IME). No percurso da rodovia, Schaan identificou 16 sítios arqueológicos e cinco ocorrências isoladas. Quase todos os sítios identificados tinham cerâmica da fase Santarém da tradição Inciso Ponteadado. Dos 16 sítios identificados em seis sítios encontraram os poços escavados descritos por Nimuendajú (1949). Em continuidade, Schaan e Amaral-Lima (2012) ainda registraram outros sítios, totalizando 111 sítios arqueológicos, conforme Figura 3. Com a pesquisa, Schaan e Amaral-Lima (2012: 24) puderam

concluir que a cultura tapajônica “se estende até cerca do km 72, por uma faixa que vai do lado esquerdo da rodovia até a margem do rio”.

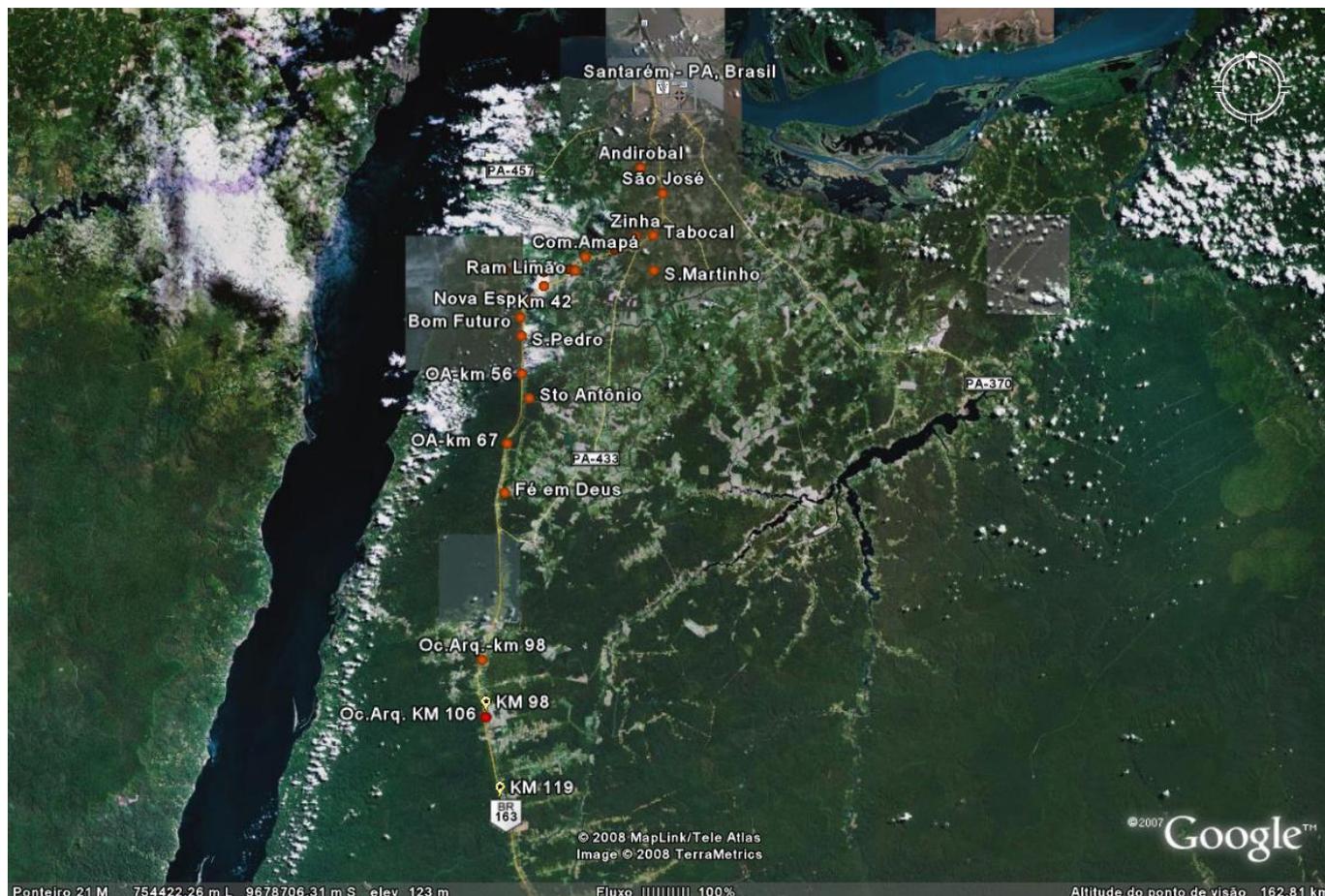


Figura 3 - Sítios arqueológicos registrados ao longo da BR-163. Fonte Schaan e Amaral-Lima 2012: 54

A partir desse primeiro levantamento, Schaan interessou-se pela arqueologia da região e em contato com o arqueólogo sueco, Per Stenborg, que havia editado em 2004 um livro com material inédito de Nimuendajú, iniciou uma parceria de pesquisa para trabalhar nos sítios do planalto de Belterra. Schaan e Stenborg pretendiam re-localizar os sítios registrados por Nimuendajú. Para esta tarefa, os pesquisadores utilizaram os mapas produzidos por Nimuendajú, que foram escaneados e plotados em mapas mais recentes para facilitar as localizações.

Com os mapas em mãos, Schaan e Stenborg foram à campo e durante dez dias percorrendo o planalto de Belterra conseguiram re-localizar 25 sítios dos 48 sítios encontrados por Nimuendajú. Em outra etapa de campo conseguiram identificar 60 novos sítios, sendo que ainda foram realizadas outras prospecções nas margens do rio

Tapajós e no planalto de Belterra, pelo convênio entre UFPA e DNIT, assim contabilizando 111 sítios de diferentes tamanhos e profundidades que abrange uma região de 115 mil hectares, conforme Figura 4 (Schaan e Amaral-Lima 2012).

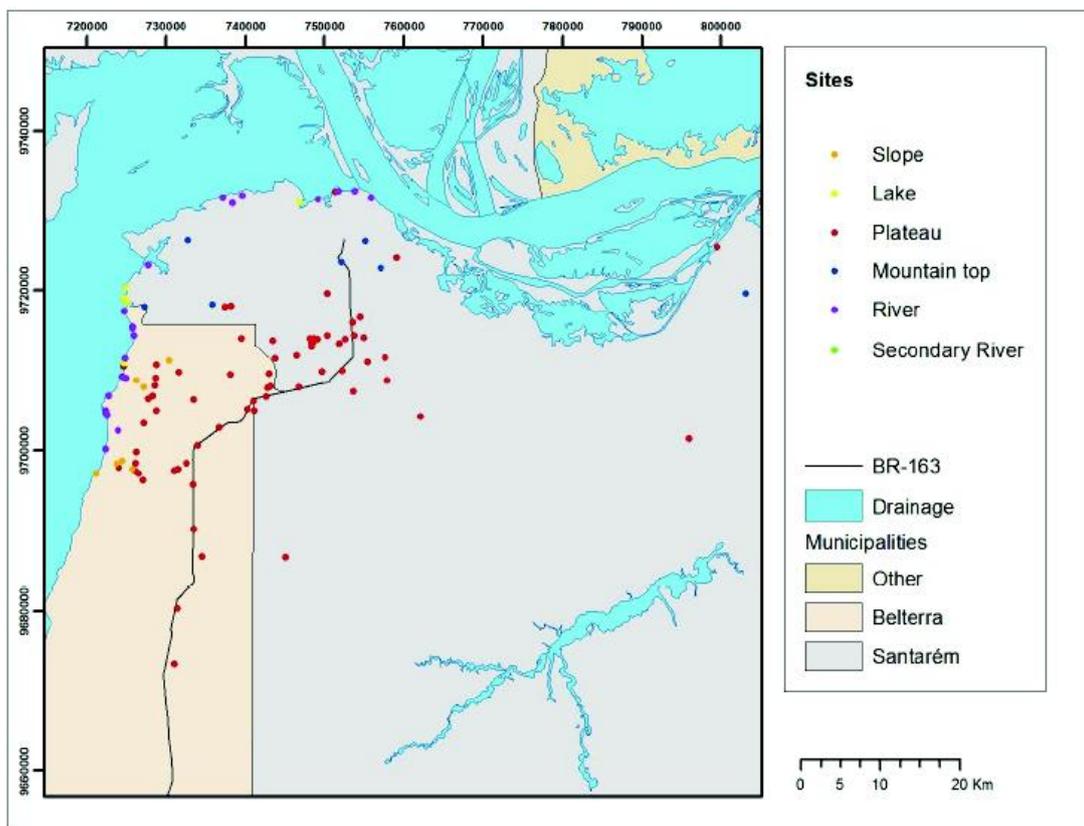


Figura 4 - Sítios arqueológicos HP UpdateHP Update registrados entre Santarém e Belterra. Fonte: Schaan, Stenborg & Alves. 2014: 4

Através dessa pesquisa, alguns sítios da região do Planalto de Belterra foram escavados, como por exemplo, o sítio Cedro, que se localiza a cerca de 50 km da cidade de Santarém e que apresentou um contexto bem semelhante (enterramento em urnas, feições arqueológicas, poço que abastecia a aldeia, piso de casa e muitos fragmentos cerâmicos da Tradição Inciso Ponteadado), este sítio é foco de pesquisa de doutorado de Joanna Troufflard. As datações obtidas para os sítios Cedro, Fé em Deus e Amapá, todos localizados em região de planalto, estão entre 1.400 e 1.670 AD, sendo estes contemporâneos aos sítios arqueológicos da margem do rio com os sítios Aldeia e Porto (Schaan e Amaral-Lima 2012).

Stenborg, Schaan e Amaral-Lima (2012), através de evidências arqueológicas afirmam que a cultura dos *Tapajó* se estende a 90 km ao sul da cidade de Santarém. A maioria dos sítios está assentada em solo de terra preta, com dimensões que variam de um ha a 16 ha, com espessura de terra preta que variam de 0,2 m a 2 m.

Analisando os dados obtidos com as prospecções, Stenborg, Schaan e Amaral-Lima (2012) argumentaram que existem na área pesquisada três tipos de assentamentos: (1) sítios com grandes extensões que se caracterizam por se localizarem nas margens do rio, ter grandes quantidades de vestígios arqueológicos, uma profunda camada de terra preta, como os sítios Porto e Aldeia. (2) sítios grandes em extensão, mas não contém concentração elevada de material arqueológico e possuem uma camada menos profunda de terra preta, apesar de terem cursos d'água próximo, não tem distribuição limitada à proximidade dos principais cursos de água, exemplos de sítios Pindobal, Lavras II e Lavras III e (3) sítios pequenos em extensão, com camadas de terra preta que variam em profundidade, e estão longe dos cursos d'água, exemplo de sítios Genipapo I, Genipapo II e Bom Futuro. Stenborg, Schaan e Amaral-Lima (2012) indicam que os sítios se concentram na área de planalto e ao longo do rio Tapajós, até a confluência com o Amazonas.

Em publicação posterior, Schaan, Stenborg e Alves (2014) refinam a classificação dos sítios, apresentando cinco tipos: “à margem do rio, no planalto, nas serras, no declive entre o planalto e o rio, e ao lado de lagos” (Schaan, Stenborg e Alves 2014: 3). Analisando a cultura material encontrada nesses sítios indicam a presença ubíqua dos mesmos tipos cerâmicos, assim reforçando a ideia que existia uma conexão entre os grupos indígenas da margem do rio com os grupos indígenas do planalto (Schaan, Stenborg e Alves 2014).

Ainda pelo convênio firmado entre UFPA e DNIT vários sítios foram resgatados ao longo das BR-163 e BR-230. Entre aqueles sítios que foram salvos na BR-230, destaco o sítio Alvorada, que foi lócus de pesquisa de especialização de Cristiane Martins. Martins (2010) tinha como objetivo “investigar a organização social dos grupos indígenas pré-coloniais da região e contatos culturais entre grupos que produziram a cerâmica inserida no Horizonte Inciso Ponteados” (Martins 2010: 8). A partir da análise

dos artefatos, reconstituição de vasilhas, presença de argila temperada, e placas de cerâmica, Martins (2010) pôde concluir que existia uma produção local dos artefatos, sejam eles para usos domésticos ou para fins ritualísticos, no entanto a partir de determinado momento incorporam características estilísticas de outros grupos, entre eles os *Tapajó*, muito embora não tenham abandonado suas próprias características, tendo datação em torno de 900 A.D.

Cristiane Martins para sua dissertação estudou o sítio Serraria Trombetas que também foi salvo pelo acordo entre UFPA e DNIT. O sítio encontra-se ao longo da BR-230, no município de Itaituba, estando distante ao sul de Santarém cerca de 250 km. Martins (2012) tinha como objetivo “compreende dois exercícios: (1) o primeiro de escala local, com foco no sítio arqueológico Serraria Trombetas, e no estudo detalhado do espaço intra-sítio, entendido como um microcosmo de uma história regional; e (2) o segundo de escala regional, de comparação dos resultados locais com a cronologia e as características dos demais sítios arqueológico da região” (Martins 2012: 8).

A partir da análise de todos os dados e do material arqueológicos, Martins (2012) pôde concluir que o sítio era um sítio habitação, tendo outras áreas que se ligavam a ele, como uma área de sepultamento, de combustão e outra de descarte de material arqueológico. Essas áreas tiveram datações entre 380-180 a.C e AD 1.300 a 1.370. Além disso, a pesquisadora observou que a cultura material do sítio tem características estilísticas da fase Santarém, no entanto com variações locais, sendo que esta cultura material teria mais semelhança com outros contextos arqueológicos que são oriundos dos rios Nhamundá-Trombetas e do baixo curso do rio Tapajós, sendo então esses espaços uma “ocupação periférica do domínio Tapajônico”.

Daiana Alves (2012), para sua dissertação pesquisou uma área do sítio Porto de Santarém, como objetivo observar o período de ocupação formativo do sítio (4.000 - 2.000 AP) e com isso questionar seu papel na dinâmica de ocupação regional de longo termo. Alves fez escavações no ano de 2011, durante alguns meses, na área 10A Shell e 10A Estivadores. Para chegar ao período formativo, à pesquisadora teve que fazer escavações com mais de 2,5 m de profundidade. Após as escavações, Alves fez análise de todo o material coletado, sendo que estes materiais foram: fragmentos cerâmicos,

lascas líticas, calibradores sulcados, dente de ralador, fragmentos ósseos friáveis e carvões. Para esse período Alves obteve datações de 8.000 AP na camada de latossolo, a mais de dois metros de profundidade, outra datação advém de uma profundidade próxima a anterior, porém com um período um pouco mais recuado 7760±40 BP. Com os resultados das análises relacionados com as informações contextuais, Alves concluiu que o sítio Porto de Santarém tem um período formativo, porém de forma descontínua.

Analisando as datações radiocarbônicas obtidas para a ocupação tapajônica na foz do rio estão no intervalo entre AD 900 a 1600 enquanto que os sítios do planalto (Bom Futuro, Amapá e Cedro) foram datados entre A.D 1320 a 1650, mostrando que são contemporâneos e um pouco mais tardios com relação ao sítio Porto. Com isso, puderam concluir que os *Tapajó* ocuparam primeiro a margem dos rios e depois se expandiram para o planalto em busca de novas terras para a agricultura (Schaan, Stenborg e Alves 2014). As hipóteses que os pesquisadores levantam referentes à organização regional dos grupos indígenas da margem do rio e do planalto era que existia entre eles uma relação baseada na troca, no comércio, nas festas, rituais religiosos e aliança a outros grupos contra inimigos em comum. A economia dependia da agricultura e da pesca (Schaan, Stenborg e Alves 2014). A partir desses resultados e interpretações dos materiais arqueológicos, os autores entram na discussão que existe sobre Santarém ser ou não o domínio tapajônico com uma chefia hierarquizada, sendo este o próximo item na discussão do texto.

1.4. A Ocupação Tapajônica em Santarém

No final das duas últimas décadas do século XX a arqueologia mundial passou a discutir sobre cacicados, levando em consideração sua variabilidade e sua identificação arqueológica. No entanto, o termo já tinha sido discutido por Julian Steward no começo dos anos de 1940, quando o pesquisador formulou os estágios evolutivos, apesar de não ter denominado de cacicado, hoje reconhecem que “tribos” fazia referência a cacicados. Depois de Steward, Karlevo Oberg, publicou o artigo “*Types of Social Structure Among the Lowland Tribes of South and Central América*” ([1973]

1955), em que o cacicado era o terceiro dos seis tipos de organização política criadas por Oberg, sendo esta definição de cacicado que irei utilizar a seguir (Carneiro 2007).

No entanto, o foco da discussão que apresento é referente à Amazônia e como o termo cacicado foi utilizado nos contextos amazônicos. Tendo em vista os trabalhos de Anna Roosevelt em Marajó, quando a palavra cacicado foi usada pela primeira vez no contexto amazônico, Roosevelt (1987) propôs que em Marajó existiu um grande cacicado, formado por chefes supremos, estratificação social, guerras, trabalhos públicos e sistema intensivo de terras (agricultura intensiva de milho), no entanto após pesquisas empíricas constatou que essas sociedades não teriam se formado a partir da agricultura extensiva do milho. Assim, Roosevelt (1999) abandonou a ideia de organização social complexa (cacicado), e passou a considerar que existiam outras formas de organização social que denominou de heterárquicas.

Dentro desse contexto de sociedades complexas na Amazônia, a Arqueologia do baixo Amazonas tem importância fundamental nas discussões que foram levantadas sobre a existência de cacicados na Amazônia, tendo em vista que a proposta da cidade de Santarém ser o centro do domínio Tapajônico advém de Barbosa Rodrigues (1875), quando este fez pesquisas na região do baixo Amazonas e coletou material arqueológico em Santarém e seus arredores, indicando que esse domínio se estendia pelas “chapadas das serras que a contornam, como se collige pelos inumeros vestígios que encontro ao Piquiatuba, Ypanema, Mararú, Taperinha” (Barbosa Rodrigues 1875: 21).

Hartt (1885 [1871]), alguns anos antes, escavou o sítio Taperinha e constatou que houve uma presença antiga de grupos indígenas na região, pela grande camada de cultura material encontrada e pelos vestígios arqueológicos encontrados em Taperinha e em outros locais próximos a Santarém. Além de Taperinha, Hartt (1885 [1871]) também visitou outros sítios ao longo das duas margens do rio Tapajós, no planalto que vai desde Santarém em direção ao Xingu.

A ideia de que o material arqueológico encontrado era originário dos *Tapajó* foi reforçada por Nimuendajú (2004) que, além de confirmar a proposta de Hartt (1885 [1871]), também indica que essa cultura se espalhou para além da foz do rio Tapajós,

indo para as terras de planalto da região. Para Nimuendajú, Santarém estava assentada em um grande sítio arqueológico, sendo então oportuno ao etnólogo levantar a hipótese que Santarém era o centro de dispersão da cultura *Tapajó* (Amoroso 2001). Quando registrou os sítios encontrados em Santarém e em seus arredores, Numuendajú (1949), afirmou que existiam dois sítios que estavam perto do rio, um que ficava em Alter do Chão a 30 km de Santarém e o bairro Aldeia, sendo que o bairro Aldeia era o mais importante, devido ter sido do mesmo que foi retirada a maior quantidade de material arqueológico até aquele momento.

Após as descobertas de Nimuendajú, esteve em Santarém Frederico Barata (1950) que fez escavações nos quintais de casas do bairro Aldeia, sendo que ao encontrar material observou que estes se concentravam em buracos, que o mesmo denominou de *bolsões*. Nesse momento Barata (1953a) explicou que esses *bolsões* eram provenientes do crescimento da cidade que ia em direção ao bairro Aldeia e que por isso os novos moradores enterravam esses materiais como uma forma de torna o espaço limpo e por terem “temor supersticioso” para com os objetos indígenas.

No artigo publicado em 1999, Anna Roosevelt abrange os trabalhos que fez na cidade de Santarém, no sítio arqueológico Porto de Santarém. Identificando nesse sítio uma extensa camada de terra preta e uma grande quantidade de material arqueológico, muito embora a pesquisadora tenha ressaltado que nesse sítio a camada de TPA não ultrapassasse um metro. A partir de prospecções e escavações, Roosevelt pôde indicar que o padrão de assentamento desse sítio era formado por aglomerados de grupos que se interligavam por estradas. E a partir de dados etnohistóricos e dos dados coletados por pesquisa de campo da pesquisadora e por outros pesquisadores, Roosevelt conseguiu fazer referências e levantar hipótese sobre Santarém, conforme citação:

“The general picture of the Santarém society accords better with the idea of a warlike complex chiefdom than does that of the Marajoara society. Ethnohistorical accounts, iconography and settlement patterns all give evidence of a moderately centralized political hierarchy that claimed some tribute” (Roosevelt 1999: 27).

Conforme Roosevelt (1999) os artefatos arqueológicos eram ricos em detalhes e confecção, foram encontrados pedaços grandes e pequenos de fragmentos de pratos, além de estatuetas do sexo feminino, instrumentos musicais, que possivelmente eram usados em rituais. Além disso, também destacou os materiais produzidos em pedra (machados, enxos, formões e furadores) que serviam de instrumentos para esculpir em madeira e do muiraquitã que era um adorno usado principalmente pelas mulheres e era um objeto de trocas comerciais. Essas e outras características não foram encontradas em outros assentamentos menores, assim levando Roosevelt (1999) a interpretar que neste lugar haveria evidências de centralização política ou ritual e hierarquização.

A partir de todo esse levantamento e estudos, Roosevelt (1987, 1992, 1993, 1994) propôs que a região de Santarém abrigaria um dos grandes cacicados amazônicos. Esses cacicados eram formados por grupos sedentários que estavam distribuídos regionalmente em diversos assentamentos difentes, porém estavam organizados de forma política e social, levando em consideração a hierarquização dos grupos, sendo que seus chefes possuíam ascendência divina e eram subordinados a um líder maior, e tendo na agricultura intensiva e na pesca seus principais recursos alimentares.

De acordo com Roosevelt, a economia do cacicado tapajônico envolvia a produção agrícola em grande escala, caça, pesca e um amplo processamento de alimentos para armazenagem. No que diz respeito à pesca, esses indígenas criavam viveiros de tartarugas, currais e represas para os peixes, afim de sempre ter um excedente disponível (Roosevelt 2000b). Roosevelt acreditava que havia centralização política e que tributos eram cobrados pelo poder central.

Roosevelt (1991, 1992, 1999) fez referência a Santarém como o local do cacicado tapajônico. O cacicado tapajônico estaria relacionado à área de dispersão da cerâmica da Tradição Inciso Ponteadado³, da fase Santarém que dataria do primeiro milênio a.C (Roosevelt et al. 1991). Em suas pesquisas, Roosevelt (1999) encontrou cerâmica Inciso

³ Tradição Inciso Ponteadado tem cerâmica com as seguintes características decorativas: incisões e ponteados principalmente nas faixas ao redor das vasilhas, além de linhas paralelas e geométricas com adornos e apliques nos formatos zoomorfos e antropomorfos (Meggers e Evans 1961).

Ponteado nos níveis superiores dos sítios Taperinha (Roosevelt et al. 1991) e na caverna da Pedra Pintada (Roosevelt 1994; Roosevelt et al. 1996).

Nas escavações que fez no sítio Porto de Santarém, em uma área denominada de “shell site”, Roosevelt pôde concluir que existiam mais duas fases anteriores à fase Santarém, que teriam que ser confirmadas com o estudo do material em laboratório e as datações fossem processadas (Schaan 2010b). O estudo de Alves (2012) confirmou que existe uma fase anterior a fase Santarém, que foi denominada de período formativo.

Gomes (2002, 2005, 2006, 2007, 2008, 2010) não concorda com a afirmação de Roosevelt (1999) que existiu um cacicado tapajônico, pois para ela os relatos etnohistóricos devem ser comprovados a partir de resultados de pesquisas arqueológicas e que esses resultados apresentados ainda não podem levar a tal afirmação, já que para Gomes pode existir outras explicações para a dispersão dos estilos cerâmicos. Sendo assim, com o estudo da coleção cerâmica do MAE-USP, Gomes (2002) observou que a partir dos traços decorativos e também das formas dos objetos o material apresentava diferentes grupos cerâmicos, sendo estes organizados pela pesquisadora em estilos cerâmicos, tais como: estilo *Konduri*, estilo de influência *Konduri*, estilo Globular, estilo Santarém-Aldeia, estilo de influência Santarém, estilos Barrancóides, estilos Inciso e Ponteado e Intrusivos.

Assim, propondo outras interpretações para as variações estilísticas da região, sendo que na primeira interpretação a pesquisadora utilizou o conceito de *peer polity interaction* (Renfrew 1984), o qual “relações de interação entre unidades partidárias, entretanto, subordinadas a um centro de poder” (Gomes 2002: 160). Para Renfrew (1984) “a comunidade autônoma é concebida por ele como a unidade sociopolítica de maior importância na região, podendo ser de uma aldeia, várias aldeias agregadas formando tribo ou ainda tribos unidas por instituições políticas efetivas, como o caso dos cacicados” (Renfrew 1984 apud Gomes 2002: 162).

Na segunda interpretação de Gomes (2002), a arqueóloga propõe o modelo de Sistema de Interdependência Regional, que foi proposto por Arevello-Jimenez e Biord (1994) para o Orinoco, no qual consiste a partir de fontes etnohistóricas e etnográficas a

existência de um sistema de interdependência, que era “responsável pelo desenvolvimento de relações interétnicas entre comunidades autônomas e politicamente descentralizadas do Orinoco” (Gomes 2002: 162). Essas relações interétnicas seriam desenvolvidas pela circulação de bens de prestígio que remetiam o poder, assim articulando uma ideologia que explicaria a organização social em forma de cacicados.

Partindo da ideia que Santarém não era o cacicado tapajônico, Gomes (2006, 2008) fez uma ampla pesquisa arqueológica na margem direita do rio Tapajós e no seu interior. Em suas observações Gomes constatou que existiam sítios com diferentes características conforme seu local de ocupação, por exemplo, os sítios próximos do rio seriam sítios habitação. Dentro das datações Gomes (2002) identifica uma ocupação de 1.300-900 A.P, data que antecede o cacicado tapajônico. Além disso, em seus estudos na Comunidade do Parauá, Gomes (2008) constatou que os grupos que vivam nessa área tinham contato com os *Tapajó*, porém mantinham autonomia em relação aos *Tapajó*, tendo estes grupos indígenas da margem direita do rio Tapajós um estilo cerâmico próprio.

No entanto, Schaan (2010a) em seu artigo que discutiu sobre os cacicados, a pesquisadora mencionou que o local que Gomes (2006) fez sua pesquisa já era considerado por muitos como a periferia do cacicado tapajônico, tendo então esses locais mais “liberdade, justamente pelas distâncias, para o desenvolvimento de economias independentes” (Schaan 2010a: 53), além disso, a pesquisa de Gomes (2005) apresentou datação de uma ocupação inicial por volta 2.400-1.600 A.C, de sociedade que cultivaram mandioca em sítios que foram ocupados até o século XIII, sendo estes então contemporâneos ao cacicado *Tapajó* (Schaan 2010a).

Gomes (2010) fez um estudo nas iconografias encontradas no material cerâmico dos *Tapajó*, fazendo uma relação das iconografias com as cosmologias e a organização sociopolítica dos *Tapajó*. Com isso ela conclui que as representações iconográficas presentes na cerâmica tapajônica estão relacionadas ao que conhecemos por Perspectivismo Ameríndio (Viveiros de Castro 2002). E dentro dessas representações o perspectivismo ameríndio seria segundo a lógica nativa o “mundo seria povoado não só

pelos humanos, mas também por outros sujeitos que são considerados pessoas, uma vez que possuem intencionalidade” e agem como agentes ativos dessa sociedade (Gomes 2010: 216).

Assim, com resultados interpretativos, Gomes (2010) indicou que essas representações estariam ligadas ao sistema cosmológico, tendo o xamanismo com o mediador das relações entre os seres humanos e não humanos; as iconografias estariam ligadas mais aos aspectos rituais do grupo indígena. Por isso, seria necessário se desfazer dos utensílios usados em um ritual, pois para o grupo esses pertences poderiam representar perigo, sendo então preciso isolá-los do convívio social (Gomes 2010). Essa seria uma explicação para os *bolsões*, estrutura arqueológica em que se encontram uma grande quantidade de cultura material rica em decoração, e esse material criou um modo de descarte que Gomes (2010) classificou de contexto de retenção intencional.

Schaan (2012b) ao estudar os sítios arqueológicos do planalto de Belterra e o sítio Porto pôde identificar no material arqueológico desses sítios os estilos *Tapajó* e *Konduri* em menor proporção, assim verificando que estes estilos são encontrados em sítios arqueológicos com grandes extensões que se encontram nos rios Nhamundá, Trombetas e Tapajós, assim como também no planalto de Belterra, além desses sítios encontraram outros em menores no tamanho que estão localizados em rios e córregos menores, no Amazonas (rio Arapius) e na margem esquerda do Tapajós. Também foram encontrados outros sítios arqueológicos com grandes extensões, na cidade de Juruti, localizada na margem esquerda do rio Tapajós, juntando a esses novos sítios tem aqueles que foram registrados por Nimandajú.

Com isso, Schaan (2012b) propôs que a configuração desses assentamentos sugere que existia entre esses sítios um sistema regional interligado. Sendo que, tinha dois sítios com maior importância dentro desse sistema, estando ambos localizados em margens opostas do rio Amazonas; um situado na foz do rio Tapajós, a capital do *Tapajó*, que foi coberto pela cidade de Santarém e o outro localizado na foz do rio Trombetas, sítio arqueológico que foi coberto pela cidade de Oriximiná.

Tendo apresentado as discussões que foram feitas sobre cacicados no baixo Amazonas, e sobre Santarém ser ou não um cacicado Tapajônico, vejo como necessário apresentar o conceito de cacicado que vou adquerir para esse trabalho e me posicionar a respeito de tal questão. O conceito que usarei foi construído em 1973 [1955], por Karlevo Oberg:

“definiu cacicado como uma unidade política territorial composta múltiplas aldeias, governada por um chefe supremo que controla distritos e aldeias governadas por uma hierarquia de chefes subordinados. Esse chefe supremo teria poder judicial e punitivo, podendo castigar com a morte, além de ter o poder de requisitar homens e suprimentos para a guerra” (Oberg 1973 [1955]: 484 apud Schaan 2010a).

Quanto à questão de Santarém ser ou não um cacicado Tapajônico, vejo na proposta de Schaan (2012b) a explicação mais adequada para a região, tendo em vista, toda a complexidade e variedade de sítios que foram encontrados em Santarém, no planalto de Belterra e pelas margens do rio Tapajós. Acredito que mais e novos estudos nas regiões poderão apresentar informações que venham coadunar e emponderar a proposta de Schaan (2012b), lembrando que os estudos de ecologia história a partir da arqueologia da paisagem terão grande influência nessas novas interpretações e esses dados somados com os estudos de paleoambientes e solos ampliarão tal discussão, como já foi mencionado por Schaan (2010a).

2. BURACOS DE QUÊ? E PRA QUÊ?: DISCUTINDO OS *BOLSÕES* DO SÍTIO PORTO DE SANTARÉM

2.1. O Processo de Formação Cultural do Sítio Porto de Santarém

A maioria dos sítios arqueológicos são formados por um processo longo e às vezes contínuo de ocupação humana. Populações indígenas que viveram na Amazônia há milênios antes do contato com europeus deixaram na paisagem ou no subsolo marcas de suas presenças. É a partir do contexto arqueológico que os arqueólogos podem inferir sobre essas populações, sempre tendo como base os registros históricos e arqueológicos do local estudado. Nesse capítulo discuto sobre o processo de formação cultural do sítio Porto de Santarém, enfatizando as feições arqueológicas (*bolsões*) que foram encontradas, apoiando-me ainda em estudos arqueológicos semelhantes em outros contextos amazônicos e de outros países.

O processo de formação do registro arqueológico, segundo Schiffer (1975), ocorre por dois fatores: naturais e culturais, que foram denominados respectivamente de *N-transform* e *C-transform*. Esses fatores vão desde a erosão do solo, enchentes até a retirada de material arqueológico por predadores ou a retirada de terra preta pela comunidade. O sítio Porto passou e passa tanto por processos naturais quanto por processos culturais, tendo em vista sua localidade (centro urbano de Santarém/PA) e os interesses econômicos e sociais sobre o terreno onde o sítio está assentado.

Segundo Schiffer (1987:7) os registros históricos e arqueológicos são criados pelo processo de formação cultural que o autor conceitua como: “processos do comportamento humano que afetam ou transformam artefatos após o período inicial de uso em uma determinada atividade⁴”. O sítio Porto de Santarém é um exemplo desse processo do comportamento humano, que desde que foi ocupado pelos indígenas designados nas crônicas como *Tapajó*, vem sofrendo constantes

⁴ “Processes of human behavior that affect or transform artifacts after their initial period of use in a given activity” (Schiffer 1987:7).

transformações. Atualmente parte do sítio é ocupada por pátios e galpões para descarregar e armazenar produtos, muito embora esse espaço por anos tenha sido utilizado pela população local para outros fins, como área de lazer (campos de futebol) ou espaço para auto-escolas realizarem suas aulas práticas, assim destruindo o patrimônio arqueológico.

O sítio Porto de Santarém vem sendo investigado com mais regularidade desde 2007, quando o Núcleo de Pesquisa e Ensino em Arqueologia da Universidade Federal do Pará (NPEA-UFPA), celebrou uma parceria com a pesquisadora Anna Roosevelt para dar continuidade à pesquisa que já era realizada desde a década 80 do século XX. Em 2009 foi realizado um convênio com a CDP e a Cargill Agrícola S/A para realizar atividades de salvamento arqueológico em conjunto com atividades de educação patrimonial, curadoria do material, montagem de uma exposição do material salvo e por fim a produção de um livro (Schaan 2010b). O croqui da Figura 5 apresenta as sub-áreas do sítio que já estavam sub-divididas pelos empreendedores.

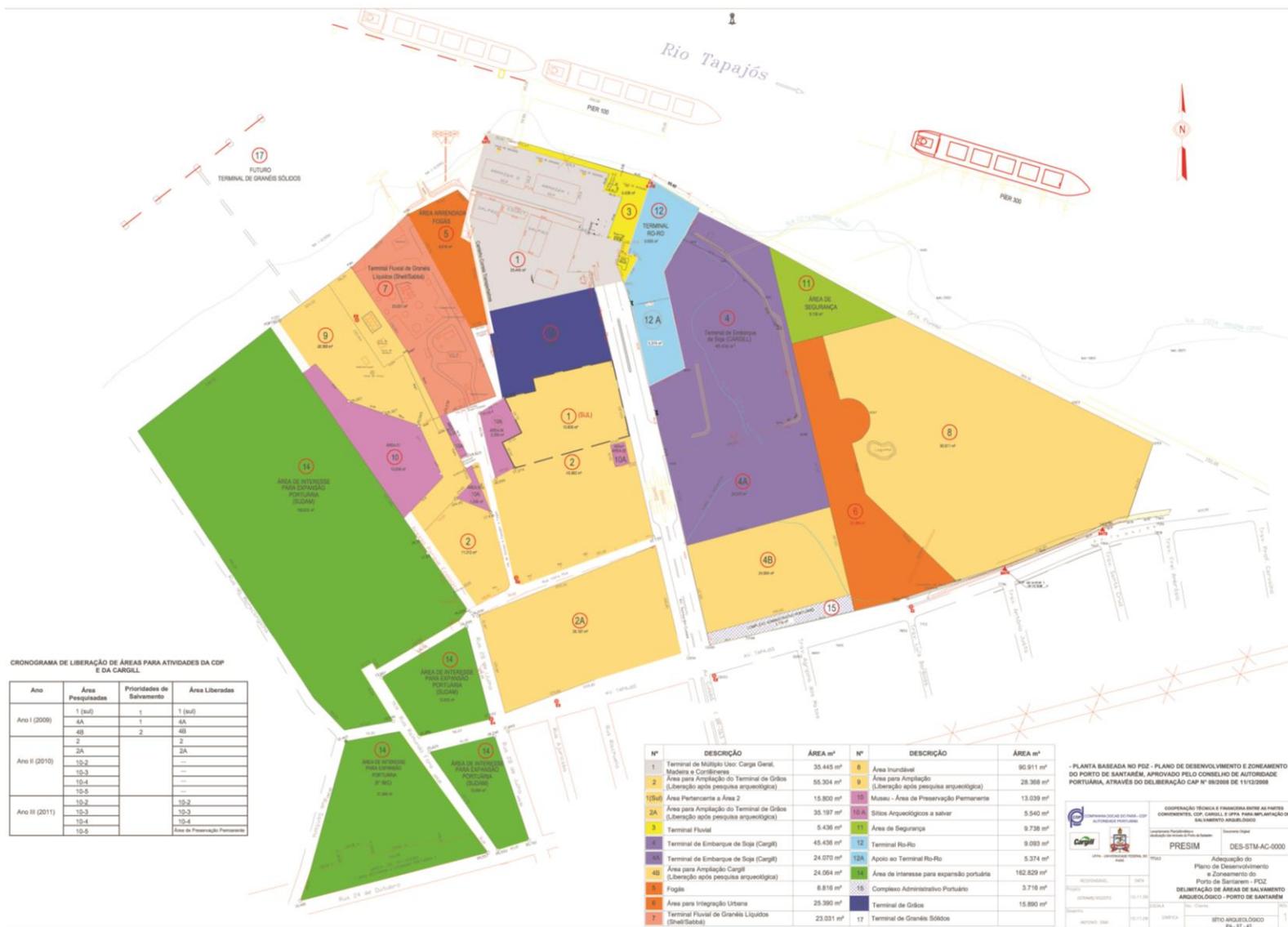


Figura 5 - As sub-áreas do Porto de Santarém. Fonte: Schaan, 2012a: 11

O Projeto de Salvamento Arqueológico do Sítio Porto de Santarém foi executado em várias etapas de campo que investigaram as várias áreas demarcadas no croqui da Figura 6 em destaque para a área de estudo desta dissertação: 2A-C1. Das dez áreas investigadas todas (com exceção da área 10-1 que não foi escavada por ser área de preservação) passaram pelas etapas de trabalho de campo: “mapeamento geofísico, tradagens, coletas de superfície e escavações pontuais e em superfícies ampliadas” (Schaan 2015: 57).



Figura 6 - Áreas do Porto de Santarém salvas pelo projeto (Croqui: Tallyta S. A. da Silva)

Os primeiros centímetros escavados em todas as áreas apresentaram uma camada composta por material recente (plásticos, pregos, vidros, louças, materiais de construção e outros), terraplenagem e bioturbações causadas por bichos e raízes de árvores. Abaixo dessa primeira camada, em algumas áreas, vem uma espessa camada de terra preta em que se encontram fragmentos de artefatos da cultura tapajônica seguida do latossolo amarelado. No entanto, em algumas áreas, como por exemplo, a 2 e 2A que a camada de terra preta arqueológica (TPA) já não existia e por isso foi necessário adequar o método de trabalho para escavar essas áreas. Em ambas as áreas foi realizado levantamento geofísico preliminar e na área 2A ainda foi feitas tradagens (Schaan 2015).

De forma geral todas as áreas apresentaram material arqueológico da cultura tapajônica, como material cerâmico (vasilhas semi-inteiras, fragmentos zoomorfos, fragmentos antropomorfos, bojo de vasilhas, bordas, bases, gargalos e outros), além de restos de forno crematório, material lítico (lâmina de machado, lascas, calibradores, dentes de ralador e outros), material ósseo, argila, carvão, amostras de solo, material histórico, somando durante os sete anos do projeto “cerca de 150 mil artefatos e ecofatos” (Schaan 2015: 57).

Nas áreas que foram trabalhadas pelo projeto, ficou evidente que o sítio Porto de Santarém apresenta alguns contextos arqueológicos preservados que podem ser estudados e assim inferir sobre os *Tapajó*. Esses estudos já foram contemplados por meio de dissertações de mestrado e publicações (Alves 2012, Schaan e Lima 2012, Schaan e Alves 2015, Araújo da Silva 2016). Segundo Schaan e Alves (2015: 56) o sítio era composto por uma aldeia “formada por 10 a 30 casas comunais, dispostas ao redor de uma área aberta, onde existiam oficinas para produção de utensílios e ferramentas diversos, assim como atividades cerimoniais. Atrás das casas era depositado o lixo tanto doméstico quanto de festividades. As casas tinham piso de chão batido e provavelmente abrigavam famílias extensas”.

No entanto existe área no sítio que já foi bastante degradada, como exemplo a área 4A, quando foi escava em 2009, foram encontrados grandes depósitos de TPA, plataformas cerimoniais, tesos domésticos e sepultamento em vaso (Schaan 2010b), e depois de quatro anos já havia sofrido por um grande processo de destruição do patrimônio, em que a área foi terraplenada e o solo revolvido afetando os depósitos arqueológicos (Schaan 2014).

O sítio ainda possui outras áreas com contextos arqueológicos de *bolsões* que foram encontrados no sítio e que segundo pesquisas (Quinn 2004; Roosevelt e Schaan 2008; Gomes 2010; Gomes e Luiz 2013) afirmam que esses buracos podem revelar sobre o comportamento dos *Tapajó* ao que se refere às questões de rituais/cerimoniais/cultos. A Tabela 1 identificou as áreas do sítio que foram encontrados os *bolsões* e como essas áreas foram utilizadas e transformadas ao longo do tempo.

Tabela 1-Processo de Transformação Cultural das áreas dos *bolsões*

Áreas do sítio	Área (m ²)	Ocupação nos períodos Formativo e Santarém	Ocupação Contemporânea
4A	24.070	Aldeia/ Casas	Galpão para armazenamento de grãos
4B			Galpão para armazenamento de grãos
10A-4	3.271,15	Roça/Casas	Área não ocupada
10A-5	600		Área não ocupada
2	26.741	Cemitério/ Oficina lítica	Campo de futebol
2A-C1	32.142,54	Casas	Campo de futebol e pátio de auto escola
1 e 1A*	24.400	Área específica para produção de artefatos líticos	Prédios construídos pela UFOPA

*áreas escavadas tendo coordenação de Denise Gomes e Claide Moraes

2.2. Feições Arqueológicas do tipo *bolsões* em sítios Amazônicos

A região da Amazônia brasileira é rica e diversa em sítios arqueológicos que são compostos pelos mais diferentes contextos. Os sítios arqueológicos do Marajó são conhecidos pelos seus *mounds*, desvios de cursos de rios para represar peixes, tesos cerimoniais e de habitação (Schaan 2009). Enquanto no alto Xingu existem sítios com construções de terra em forma de trincheiras ao redor e dentro das aldeias, como forma de fortificações de defesa, além de aterros lineares colocados nas margens da praça central, reservatórios, barragens, canais, estradas e aldeias com praças circulares (Heckenberger 2001, 2005; Heckenberger et al. 2003). Já no Acre há sítios caracterizados por apresentar valetas escavadas, alguns com formatos geométricos, esses sítios parecem ter sido locais de encontros, de realização de cerimônias ou centros de intercâmbio (Schaan et al. 2007).

Segundo Schaan (2012a: 22) feição caracteriza todo fato cultural contido no registro arqueológico, enquanto que para Márcio Castro (2009: 106-107) “o conceito de feição está relacionado a evidências antropogênicas de intervenção em subsuperfície, quase sempre verticalmente dispostas na estratigrafia e que não possuem uma estrutura

física ou arquitetônica delimitada”. O termo foi utilizado pela primeira vez por Myre (1928) “feature”, para designar evidências humanas sem uma estrutura física delimitada. Existem feições arqueológicas formadas por buracos de estaca ou poste, por sepultamentos com urnas funerárias com ou sem acompanhamento, concentração de argila formando antigos fogões, lixeiras domésticas e/ou cerimoniais, restos de fogueiras, ou a junção de restos de alimentos no mesmo local também podem formar uma feição. Os solos de muitas dessas feições são de colocação escura chegando ao preto (10YR 2/1) (Schaan 2012a). A seguir discutirei sobre contexto de buracos de lixo em que o material descartado sugere área de lixeira cerimonial e/ou doméstica que são semelhantes aos *bolsões* do sítio Porto de Santarém em outros contextos e em diferentes sítios da região amazônica. E depois apresentarei o contexto dos *bolsões* do sítio Porto.

2.2.1. Práticas e contextos de deposição cultural em sítios amazônicos

Nessa seção apresento diversos contextos de deposição cultural em sítios amazônicos, buscando encontrar padrões que permitam auxiliar na interpretação dos *bolsões* encontrados no sítio Porto de Santarém.

Helena Lima (2008) identificou, no sítio Açutuba, nove feições que foram identificadas como sílos para armazenar alimentos. Tratava-se de manchas escuras de formato circular, com grande presença de carvões, raízes e algumas sementes carbonizadas. Eram mais largas que profundas, tendo 40 cm de diâmetro e 20 cm de profundidade. (Lima 2008).

No norte do Amapá, Mariana Cabral e João Saldanha (2008) identificaram, no sítio megalítico Rego Grande 1, densas concentrações de fragmentos cerâmicos que sugerem depósitos intensos nessas áreas, chegando alguns desses depósitos a terem 2 m de diâmetro e 30 cm de espessura, embora haja alguns que são pequenos e restritos, o que os autores consideraram pequenos “caches”. Os pesquisadores observaram que esses depósitos foram formados pelo material já fragmentado e misturado, e são provenientes de vasilhas inteiras que foram despositadas no local e depois foram fragmentadas (Cabral e Saldanha 2008).

No sítio Osvaldo, localizado na área de confluência entre os rios Negro e Solimões, encontraram concentrações cerâmicas em manchas de terra preta que foram interpretadas como refugio secundário (lixeiros). Uma das concentrações foi interpretada por Ricardo Portocarrero (2006) como possível espaço da "casa chefal", onde também seriam realizados rituais coletivos. Essa hipótese decorre do fato de que esta concentração estava localizada na parte mais alta do sítio, ter a maior profundidade de terra preta e a única na qual foi encontrada uma estatueta cerâmica. Além disso, nessa concentração houve um percentual maior de paredes de vasilhas decoradas em relação às outras concentrações e maior quantidade de material cerâmico.

Uma mancha marron com formato circular com 80 cm de diâmetro, contendo cerâmicas, carvões, bolotas de argilas queimadas foi interpretada por Bernardo Costa (2012), que escavou o sítio Boa Esperança, na RDS Amanã, como uma estrutura de combustão. Outras duas feições semelhantes foram evidenciadas no nível de 80-90 cm de profundidade e se destacavam pela coloração das manchas que eram escuras se diferenciando do latossolo. A feição 2 tinha um diâmetro de 90 cm e grandes quantidades de carvões e fragmentos cerâmicos grandes. Para Costa (2012) esses fragmentos eram de vários vasilhames e alguns remontavam, sendo que o processo de quebra é anterior ao depósito.

Costa (2012) indicou que eles foram colocados ou depositados de forma cuidadosa e não jogados aleatoriamente; o pesquisador observou essa forma de descarte pelo fato do tamanho dos fragmentos que eram grandes. Além da cerâmica a feição era composta por bolotas de argila queimadas e fragmentos de trempe. A base da feição era plana. A feição 3 com dimensões 40 x 20 cm de diâmetro, tem um formato circular e base arredondada. Nessa feição havia fragmentos cerâmicos que remontavam com outros que se encontraram na feição 2.

Na ilha de Marajó, Schaan (2009) identificou 34 aterros ao longo do rio Camutins, nos quais fez um estudo de arqueologia da paisagem, em que mapeou os aterros e as feições culturais em seu entorno, e aliado ao estudo da distribuição espacial dos artefatos e das áreas de atividade nos dois maiores aterros (M-1 e M-17) entre os 34

aterros identificados. Assim, como resultado, Schaan (2009) classificou os tesos em dois tipos e que tinham funcionalidades diferentes. Os tesos que continham cerâmica cerimonial e enterramentos foram identificados como os tesos de moradia da elite e locais onde realizavam festas e cerimônias. Os tesos que continham pouca e nenhuma presença de cerâmicas decoradas foram identificados como locais de moradia da população comum.

Além disso, nos tesos cerimoniais foram identificadas camadas espessas de aterro formadas em um curto período de tempo e que Schaan (2009) interpretou como um trabalho que demandou maior esforço e que estava relacionado às escavações dos lagos para “retenção de recursos aquáticos” (op. cit. p.59), no entanto também havia camadas finas que foram interpretadas como a “manutenção anual do sistema” (op.cit. p.59), além de fogões em forma de U que só ocorreu no (M-17), que podem ter sido usados para uso ritual, e presença de urnas funerárias. Enquanto na área doméstica do teso (M-17) foi identificado um fogão, com “remanescentes de artefatos domésticos” (op. cit. 59), além de terra preta e pouca presença de cultura material próximo à área de descarte.

Como resultado, Schaan (2009) conclui que os dois maiores tesos não tinham uma relação de hierarquia, e que ambos praticavam atividades semelhantes, a partir de “um sistema de manejo hidráulico ao logo do rio Camutins” (op. cit. pp. 65) e que esse sistema era formado por uma barragem e dois lagos que estavam conectados com o rio e de onde retiram recursos aquáticos, além disso, foram identificados nos dois tesos áreas de sepultamento, áreas de atividades domésticas e festas/cerimônias que ficavam perto dos viveiros de peixes e isso representa uma forma de controle no grupo.

Às vezes, depósitos de lixo podem ser encontrados na forma de montículos, como no caso do sítio Carapanari, localizado a cerca de 12Km a oeste de Santarém. As escavações realizadas no sítio identificaram montículos, que mediam até 1,5 m de altura, contendo “lixo utilitário, restos alimentares e artefatos líticos ao lado de fragmentos de cerâmica cerimonial da cultura Santarém” (Gomes 2010: 225). Além desse material, também encontraram os vasos típicos tapajônicos e estatuetas

antropomorfas. A noroeste do sítio foi encontrado um vaso globular, dentro de um contexto que foi interpretado pela autora como uma cerimônia de endocanibalismo com possível acompanhamento funerário e ingestão de ossos calcinados (Gomes 2010).

O sítio Aldeia é considerado “o maior e o principal sítio dos *Tapajós*” (Gomes 2010: 223). Localizado no centro urbano de Santarém, o sítio foi coberto por prédios, residências, asfaltos, calçadas e prédios comerciais. Denise Gomes, em 2006, fez prospecções e escavações no sítio, em quintais e terrenos baldios, delimitando o sítio com cerca de 2000 m x 70 m que se estende pelos bairros do Centro e Aldeia. O sítio possui terra preta, tendo um formato linear, sendo paralelo ao rio Tapajós (Gomes 2010).

Nos trabalhos de delimitação do sítio Aldeia, Gomes encontrou *bolsões* arqueológicos, um dos quais foi parcialmente escavado. Deste *bolsão* coletaram grandes fragmentos de vaso globular com pintura policrômica, de vaso de gargalo com apêndices zoomorfos, vaso de cariátides, uma lamina de machado. Gomes (2010) destacou que alguns dos materiais cerâmicos estavam fragmentados em grandes pedaços que podiam ser remontados, assim indicando quebra intencional. Além desse *bolsão*, Gomes (2010) identificou outros tipos de feições arqueológicas que foram reconhecidas com lixeiras secundárias. A partir desses trabalhos, nos sítios Aldeia e Carapanari, Gomes (2010) classificou esses diferentes contextos de deposição e lhes atribuiu significados que será discutido no sub-capítulo 2.4.

O sítio Porto também apresentou na área 2A-C1 mais três *bolsões* que são o foco dessa dissertação. No entanto, tendo em vista, tudo que já foi apresentado nos outros sítios e nos diversos contextos, percebo que as características de formas/dimensões/contéudos e/ou interpretações feitas para as feições dos sítios já mencionados anteriormente são as que mais se aproximam das observadas nos *bolsões* do Porto e que me ajudou a interpretar os *bolsões* do sítio estudado.

Com os trabalhos apresentados anteriormente, percebo que existe uma variedade de *bolsões* e dentro desses *bolsões* uma variedade de material arqueológico, no

entanto alguns têm características em comum, isto é, possuem grande quantidade de material arqueológico, sendo este material constituído principalmente de cerâmicas decoradas, vasos cerimoniais, vaso com enterramento que são interpretados como oriundos de uma cerimonia ou ritual, embora também tenha exemplos de *bolsões* que continham material de refugio secundário (lixeiros) e que estavam misturados com material de um ritual/cerimonia.

Os exemplos mencionados a cima tem relevância para esta dissertação no sentido de fazer com que eu observe o tipo de material que continha nos *bolsões* estudados, a forma como esse material foi descartado, como foi quebrado, o contexto que material foi encontrado, e isso pôde me orientar e auxiliar na interpretação que fiz para o material encontrado nos *bolsões* do sítio Porto de Santarém. Com isso pude perceber de forma geral que o material dos *bolsões* por mim estudados não continha marcas de queima, assim indicando que o material descartado nesses buracos não foi queimado dentro do buraco ou levados ao fogo antes do descarte.

Além disso, percebo também que os materiais não foram intencionalmente quebrados, apesar de ter encontrados grandes fragmentos da mesma vasilha que puderam ser em partes remontadas. No entanto dentro desses *bolsões* também tenha encontrado um material muito fragmentado, que poderiam ser oriundos de áreas de atividades onde tinha um fluxo maior e frequente de pessoas que deixou esse material bem fragmentado. A seguir apresentarei os *bolsões* que foram encontrados no sítio Porto de Santarém e a metodologia que foi utilizada para detectar essas anomalias no solo.

2.2.2. Os *bolsões* do sítio Porto de Santarém

As feições arqueológicas também foram encontradas no sítio Porto de Santarém conhecidas como *bolsões* foram identificados em pesquisas realizadas por Denise Gomes, em uma área do sítio que se encontra dentro da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) (Gomes e Luiz 2011, 2013; Moraes et al. 2013). Além desses foram encontrados outros *bolsões* por Anna Roosevelt (Quinn 2004; Schaan e Roosevelt 2008) e Denise Schaan (Schaan 2012a, Schaan 2014).

A pesquisa na área da UFOPA iniciou com um levantamento geofísico que tinha por objetivo detectar anomalias que indicassem feições arqueológicas e áreas de atividades das comunidades préteritas que habitaram o local (Gomes e Luiz 2011, 2013).

As duas áreas trabalhadas (1 e 1A), assentadas sobre uma colina, medem 24.400 m², e apresentam terra preta com coloração de solo que variam 7.5 YR 2.5/1 (black) até 7.5 YR 3/2 (dark brown). A área 1, segundo informações dos moradores, era um antigo lixão e depois foi terraplanado e usado como campo de futebol. Segundo os pesquisadores, da área do campo de futebol foi retirada pelo menos 1 m de camada arqueológica. As partes mais baixas receberam um aterro para ser nivelado. Após o trabalho da geofísica foram realizadas tradagens com o objetivo de delimitar a dispersão da cultura material, assim como sua densidade e profundidade (Gomes e Luiz 2011, 2013).

A geofísica detectou 17 anomalias, das quais sete apresentaram potencial arqueológico. As escavações nas áreas de anomalia apresentaram uma camada de TPA pouco espessa que variavam de 10 e 70 cm de profundidade. Foram identificados *bolsões* de formato semi-circular onde a profundidade da TPA chegou a 110 cm. Dentro dos *bolsões* foram encontrados fragmentos cerâmicos de estilo tapajônico, bastante fragmentado. A cerâmica coletada tem paredes de espessura fina (0,5 a 1 cm), antiplástico composto de cauixi e caco moído, presença de vestígio de engobo vermelho, incisões e modelados. Além de fragmentos de vasos cerâmicos, foi encontrado fragmentos de estatuetas humanas e bastante fragmentos de lascas de sílexito, afiadores com sulcos, carvões, osso de animal, que foi identificado com sendo restos ósseos de peixe-boi (Gomes e Luiz 2011, 2013).

Entre o material arqueológico, foi encontrada aos 50 cm de profundidade uma vasilha inteira com detalhes típicos da cerâmica tapajônica, e depois do trabalho de escavação em laboratório, foram detectados microfragmentos de ossos. A vasilha tem boca circular, formato esférico, base convexa, medindo 15 cm de altura e 20 cm de diâmetro, com vestígio de engobo vermelho e um aplique circular. Segundo Gomes e Luiz esses *bolsões* possuem um padrão que podem se correlacionar a “um

comportamento pré-colonial relacionado a ações de cuidado, limpeza e manutenção da área da aldeia, por meio da abertura de um buraco intencionalmente cavado, em forma de vale, onde foram depositados fragmentos cerâmicos, vestígios líticos e provavelmente material orgânico” (Gomes e Luiz 2011: 28).

Além disso, Gomes e Luiz (2013) verificaram que nas áreas escavadas houve presença de material lítico em grande quantidade, no entanto, uma área específica ocorreu maior concentração desse tipo de material, assim levando a supor que essa área do *bolsão* possa corresponder a uma área de indústria lítica. Em uma delas, ocorria a atividade de lascamento unipolar e bipolar, tendo como matéria-prima o sillexito, enquanto em outra área havia outra indústria dos calibradores, que serviriam para afiar pontas de flechas ou lanças de madeira.

Em outra área foi encontrada uma vasilha, que estava associada a possível contexto funerário, no entanto foi encontrado nesta mesma área evidências de uma lixeira, assim indicado que esta área estava próxima de unidades residenciais e não era uma área especial que estivesse relacionada apenas ao contexto funerário (Gomes e Luiz 2013).

Em 2012, Claide Moraes e colaboradores, fizeram novas escavações na área 1. As escavações tiveram como um dos objetivos confirmar a presença de feições arqueológicas já detectadas nas escavações em 2011. Nessa etapa de campo, foram abertas 14 unidades ao redor das unidades que evidenciaram os três *bolsões* na etapa de campo em 2011. Essas novas escavações evidenciaram total, ou quase que totalmente os *bolsões* já encontrados anteriormente.

Nesses *bolsões* foram encontrados fragmentos cerâmicos, líticos, sementes e madeira carbonizadas, carvões, ossos, além de fragmentos de estatuetas cerâmicas, lascas, amoladores líticos, furador e duas estruturas de fogueiras, no entanto, para os pesquisadores, o material que mais se destacou foi a abundância de material lítico lascado. Uma das observações feitas por eles foi em relação à sobreposição existente entre dois *bolsões*, o que indicou uma diferença temporal e outro caso em que dois

bolsões estão tão próximos que dificultou a identificação dos seus limites (Moraes et al. 2013).

Como considerações a respeito dos *bolsões* arqueológicos, os pesquisadores relacionaram esses *bolsões* a uma área de atividade específica, e que para eles essa área era o local onde se produzia artefatos líticos. Essa evidência foi possível, tendo em vista a imensa quantidade de lítico lascado, embora acreditem que esses artefatos não eram usados nesse local, mas sim apenas produzidos, devido à ausência de instrumentos finalizados. Assim, concluíram que esses *bolsões* se diferenciam dos mencionados por Nimuendajú (2004) e Gomes (2002) que continham fragmentos cerâmicos quebrados *in situ* com características simbólicas, assim possuindo contexto diferente (Moraes et al. 2013).

Bolsões foram encontrados também em várias áreas no sítio Porto. (Quinn 2004; Schaan 2010b, Schaan 2012a, Schaan 2015). Essas feições de forma geral têm formato de sino invertido (Schaan e Alves 2015), com solo de terra preta e profundidades que muitas vezes ultrapassam 1 m, com diâmetros variáveis. “Esses *bolsões* possuíam dimensões variando entre 2,5m² e 4m², com profundidade de 70-100 cm³” (Schaan 2012b: 9-10).

Nesses *bolsões* são encontrados fragmentos e objetos de cerâmica diversos e ricos em detalhes, fragmentos e peças líticas, carvões, bolotas de argila, ossos de fauna, além de fragmentos de carvões.

A pesquisa coordenada por Roosevelt na área 10A-4 identificou contextos que foram interpretados como domésticos e cerimoniais referentes à fase Santarém e a fases anteriores a ela. Nos contextos domésticos encontraram estruturas de pisos e refugio de habitação (*bolsões*), além de fragmentos cerâmicos, carvões, ossos, argila queimada e lascas. Para Schaan e Roosevelt (2008):

“Os contextos cerimoniais constavam de *bolsões* contendo fragmentos de cerâmica e de estatuetas ricamente decorados, tortuais de fuso decorados, perfuradores para tortuais de fuso decorados, seixos utilizados para alisar a cerâmica, ossos grandes de peixes e alguns ossos de mamíferos. Também foi identificado um contexto funerário com remanescentes humanos de cremação onde foram coletados ossos escurecidos e queimados” (Schaan e Roosevelt 2008: 06).

Percebe-se que Roosevelt e sua aluna Quinn assumem, pelas proporções de objetos cerâmicos decorados, que os *bolsões* continham material cerimonial. Na área 10A-5 escavada em 1987, Roosevelt identifica como contexto doméstico estruturas de piso e o contexto cerimonial era um *bolsão*, no qual havia a presença de cinzas, fragmentos cerâmicos decorados, inclusive fragmentos de estatuetas, carvão, plantas carbonizadas (Quinn 2004).

Também no *bolsão* escavado na área 4A encontram objetos cerimoniais e domésticos, cerâmicas decoradas (incisão, pintura policrômica), polidor-moedor, abrasadores, ferramentas para manufatura da cerâmica, apliques zoomorfos, base de estatuetas, carvões, sementes e outros. O *bolsão* também continha ossos humanos queimados e cinzas. Abaixo da camada cultural da fase Santarém, foi identificado um solo compactado, como se fosse um piso aplainado, que foi interpretado como plataformas para pisos de casas. (Schaan 2010b).

O material encontrado no *bolsão* é proveniente da fase Santarém (antropomorfos, zoomorfos, bordas, apliques, fragmentos decorados com entalhes, incisões, ossos friáveis, carvões, rochas, barro queimado). Aos 175 cm, quando chegou ao fim à escavação perceberam que "... a base possuía a forma circular reduzida e côncava com um número reduzido de material cultural, com material cerâmico tanto na área interna como externa do *bolsão*" (Schaan 2010b: 107). Além disso, observou-se que nesse último nível também identificaram restos de fogo ou fogueira que foram depositados junto com o material cultural de dentro do *bolsão*.

Quinn (2004) levantou a hipótese que esses *bolsões* serviam de depósito para armazenar alimentos, visto que no local foram encontrados restos de alimentos e fragmentos cerâmicos. No entanto, para Schaan e Roosevelt (2008) o material verificado nas estruturas dos *bolsões* faz parte de um contexto cerimonial, no qual encontram cerâmica decorada, estatuetas, tortuais de fuso decorados, assim também como perfuradores para tortuais de fuso decorados, seixos, ossos de peixes e de mamíferos, vasilhas semi-inteiras, seixos ossos de peixes e mamíferos.

2.3. As escavações dos bolsões 3, 4 e 5

Os *bolsões* objeto dessa pesquisa são aqueles identificados na área 2A-C1, localizada na parte sul do sítio Porto de Santarém. A área 2A possui 32.142,54m², com topografia plana, solo superficial com granulometria arenosa, seco/úmido, com grau de compactação variando do compacto ao macio. A coloração do solo variou de preto (10YR 2/1 black) a amarelo amarronzado (10YR 6/6 brownish yellow), coloração típica de latossolo. Essa área foi encontrada bastante degradada. Schaan (2012a) estimou que pelo menos 1 m de terra preta já teria sido retirada ao longo dos anos, além das constantes terraplenagens que ocorreram por diversas vezes na área.

O local, antes de ser trabalhado pela equipe de arqueólogos, era usado pela população local como espaço de lazer, havendo ali três campos de futebol. Além disso, a área também fora usada em outros momentos como pátio de treinamento para auto escola; essas atividades contribuíram para a destruição das camadas arqueológicas, visto que em alguns locais já era visível desde a superfície o latossolo. Também foi registrado que a área era local para descarte de lixo e restos de construção (Schaan 2012a).

A área 2A foi dividida para fins de mapeamento arqueológico de acordo com as características locais, conforme (Figura 6). Como havia três campos de futebol no local, estes foram nomeados C1, C2 e C3 e uma área entre os campos 1 e 3 foi denominada “entre campos” (EC). O primeiro trabalho realizado na área foi o levantamento geofísico na área C1 (campo 1) e EC (entre os campos 1 e 3). Nas áreas dos campos 2 e 3 foi realizada decapagem mecânica para averiguar se haveria outras feições culturais como as encontradas no Campo 1, contudo os resultados foram negativos para este tipo de artefato cultural (Schaan 2012a: 178). A Tabela 2 apresenta as feições identificadas na área e suas respectivas identificações.

Tabela 2 - Listagem das feições na área 2A

Feição Nº	Feição/Conteúdo Cultural	Unidades de Escavação
1	Mancha escura	L1 U47, U48/ I0 U47
2	Vasilha fragmentada	I11 U61
3	<i>Bolsão</i>	L30 U17, 18/ I30 U17, 18
4	<i>Bolsão</i>	L31 U17, 18, 19/ I31 U17, 18, 19

5	<i>Bolsão</i>	L32 U18, 19, 20/ I31 U20
6	<i>Bolsão</i>	L2 U59, 60,61/ I1 U59, 60/ I2 U59, 60
7	Mancha escura	L10 U51, 52

O levantamento geofísico identificou diversas anomalias, que foram investigadas por escavações. Foram demarcadas 21 unidades, de tamanho 1x1 e 2x1 m, somando 21 m² não contíguos de área escavada. As escavações foram feitas por níveis naturais, porém controlados por níveis artificiais de 10 cm. Nessas escavações foram identificadas duas feições (F1 e F7), descritas como manchas escuras e que provavelmente seriam *bolsões* que foram afetados pelos processos de descarte de lixo e retirada de TPA, assim destruindo esses depósitos. As escavações foram levadas até o nível culturalmente estéril, ao final do qual foi ainda realizada uma tradagem de cerca de 50 cm para verificar se não haveria outras ocorrências (Schaan 2012a).

Apesar da identificação dessas feições e coleta de material arqueológico, percebeu-se que as anomalias indicadas pela geofísica eram causadas por lixo recente, intrusivo nas camadas arqueológicas. Assim sendo, a equipe em campo optou por outra metodologia, que foi de fazer tradagens nas mesmas linhas trabalhadas pela equipe de geofísica, onde foram realizadas 500 tradagens. Com este método foi possível verificar locais onde havia ainda camada de TPA com vestígios arqueológicos. A partir de então, foram realizadas novas escavações, que possibilitaram a identificação inicial do *bolsão* F3 e, com a ampliação da escavação, encontrou-se os demais (F4, F5 e F6). (Schaan 2012a).

A primeira camada (0-10 cm) dos *bolsões* estava bastante perturbada com lixo recente (plástico, vidro, metal). Os três *bolsões* (F3, F4 e F5), estavam localizados no sentido leste/oeste, contidos em uma área escavada de 15 m². Apresentavam forma aproximadamente elíptica, e diâmetro máximo de 3m, sendo que as escavações resultaram na remoção de cerca de 20 m³ de solo com presença de cultura material (Schaan 2012a). O croqui abaixo (Figura 7) apresenta as formas dos *bolsões* 3, 4 e 5 aos 20 cm de profundidade dentro do grid das unidades escavadas na área 2A-C1 (Schaan 2015: 111) e a Figura 8 localiza os *bolsões* dentro do sítio e os outros tipos de feições que foram identificadas próximo.

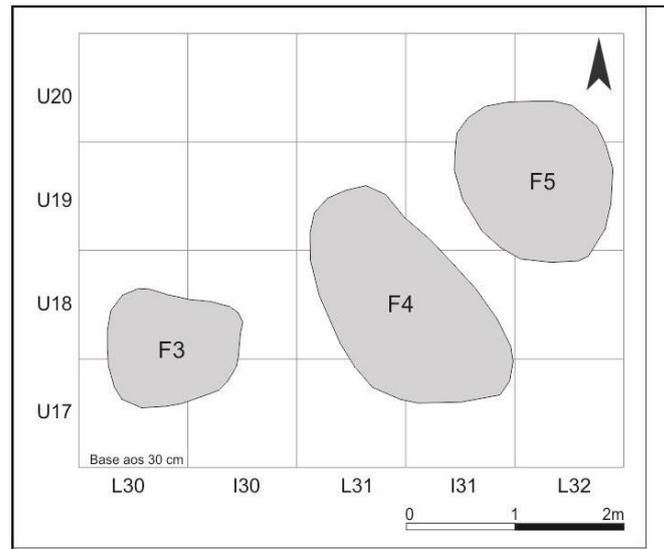


Figura 7 - Localização dos *bolsões* em suas respectivas unidades. Fonte: Schaan 2015: 111

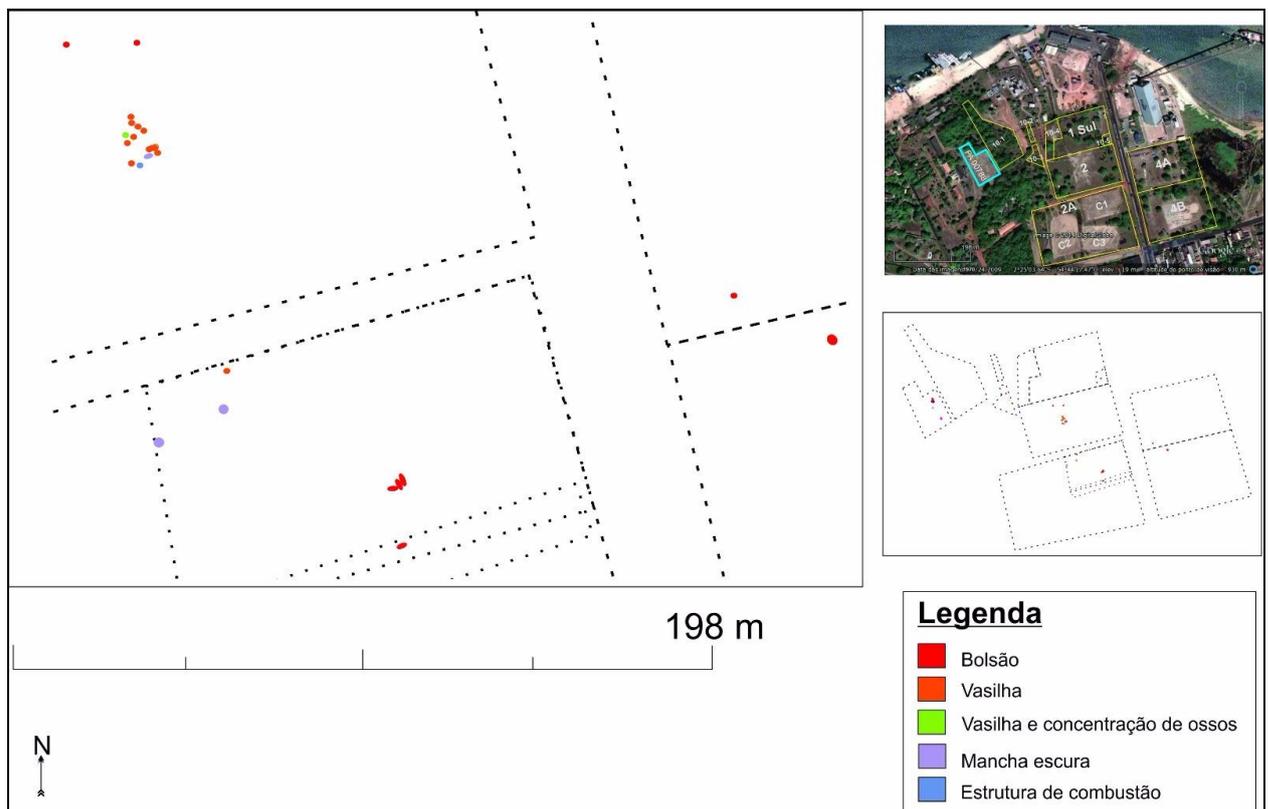


Figura 8 - Localização dos *bolsões* 3, 4 e 5 na área 2A-C1. Produção e Fonte: Araújo da Silva 2016

2.3.1. Bolsão 3

O *bolsão* F3 foi escavado em três etapas de campo, sendo inicialmente escavada a unidade (L30 U18). Após essa primeira escavação foi observado que o *bolsão* expandia-se para norte e leste, sendo então abertas mais três unidades (I30 U18, L30

U17, I30 U17). No final da escavação das unidades (L30 U18, L30 U17) foi possível visualizar o perfil deste *bolsão* na parede leste da escavação (Figura 9), e o formato de sino invertido com coloração do solo bem escuro se diferenciando do seu contorno com solo amarelado (latossolo) (Schaan 2012a).



Figura 9 - Vista frontal da parede leste das unidades L30 U18, L30 U17. Fonte: Schaan 2012a: 138

Ao escavar o *bolsão* observou-se que o solo no início era arenoso, semicompactado e semiúmido e com o decorrer da escavação suas características foram mudando para um solo areno-argiloso, solto e úmido, mantendo-se assim até o final da escavação. A coloração do solo nos primeiros 10 cm era cinza muito escuro a marrom escuro acizentado (10YR 3/1, 3/2 e 4/2) e de acordo que os níveis foram prosseguindo a coloração ficou homogênea (10YR 2/2 very dark grayish brown). Uma vez que o buraco que originou o *bolsão* foi escavado no latossolo, eram bastante visíveis os limites da feição a cada nível, quando a maior parte do material coletado estava no solo de TPA e o latossolo era praticamente estéril. Nessas partes de coloração mais escura foi observada maior quantidade de vestígios orgânicos, como carvões, cinzas e pequenos fragmentos ósseos. Nos níveis mais profundos o solo de TPA misturou-se mais ao latossolo, apresentando manchas mais claras (10YR 4/2 dark grayish brown) e finalizando com solo de coloração amarelo amarançado (10YR 6/6 brownish yellow) (Schaan 2012a).

No nível de 20 a 30 cm foram coletados fragmentos cerâmicos de vaso de gargalo como o fragmento zoomorfo em forma de sapo ou rã (Figura 10) que foi coletado no canto nordeste da unidade I30 U18, enquanto na porção sudoeste, foi coletado um fragmento zoomorfo na forma de uma cabeça de urubu-rei (Figura 10) (Schaan 2012a).



Figura 10 - Fragmentos zoomorfos (sapo ou rã e cabeça de urubu-rei), coletado no bolsão 3, nível 20-30 cm. Fonte: Schaan 2012a: 132-133

A partir dos 35 cm de profundidade apareceram fragmentos grandes de cerâmica com decoração policroma que fazem parte de uma mesma vasilha, que foi denominada de vasilha 1. Aos 43 cm de profundidade apareceram mais fragmentos dessa mesma vasilha (Figura 11), que continuam a ser coletados até os 65 cm. Os fragmentos estavam dispersos e em diferentes posições e puderam ser remontados em laboratório. A vasilha estava associada a carvões, ossos e sementes carbonizadas. Durante toda a escavação foram feitas coletas de amostras de carvão que foram datados e que serão apresentados mais detalhadamente em um gráfico geral (Schaan 2012a).



Figura 11 - Vasilha 1, coletada no bolsão 3 no nível de 48-58 cm (*in situ*) e pré-remontagem em laboratório. Fonte: Schaan 2012a: 136

Aos 50 cm de profundidade foi coletada uma rodela de fuso de cerâmica. Foram coletados do *bolsão* 3 outros fragmentos de cerâmica de bilhas, pratos, tigelas, vasos de gargalo, além de carvões, ossos, sementes. O material arqueológico apareceu até 131 cm de profundidade, no entanto, o *bolsão* foi escavado até os 138 cm de profundidade em que se constatou pouca presença de material arqueológico e a mudança na coloração do solo, desaparecendo a coloração escura e evidenciando-se o latossolo (Schaan 2012a).

O total de material cerâmico coletado desse *bolsão* são 1.484 fragmentos e 2.398 micro-fragmentos e 1.421 fragmentos líticos (instrumentos passivos, lascados, dentes de ralador e outros), conforme Araújo da Silva (2016).

O solo dentro do *bolsão* era escuro se diferenciando do latossolo que o circundava, assim ficando bem visível os limites que contornavam o *bolsão*, aos 30 cm de profundidade o *bolsão* media 1,25 x 1,3 m. Foi encontrado muito material cerâmico e lítico dentro do *bolsão*, sendo que o material parecia ter sido jogado dentro do buraco, sem qualquer organização. Tive esta percepção pela descrição das escavações, pelas fotos que foram tiradas do material em contexto e pela disposição do material dentro do *bolsão*. Uma vez que foi encontrado material entulhado um por cima do outro e nas posições verticais e horizontais, assim indicando que esse buraco poderia ter sido usado como lixeira para descartar material que não tinha mais utilidade para os *Tapajó*, podendo o buraco conter material de uso doméstico que quebrou e foi descartado, mas também pode ter sido material de uso cerimonial que por algum motivo foi descartado.

2.3.2. Bolsão 4

Os bolsões 4 e 5 foram descobertos a partir da escavação da unidade I31 U19, que foi aberta entre os dois.

Para a escavação total do *bolsão* 4 foram abertas seis unidades: L31 U18, I31 U18 (no centro do *bolsão*), L31 U19, I31 U17, I31 U19, L31 U17 (formavam as bordas do

bolsão). A Figura 12 apresenta um plano de base das feições 4 e 5, aos 20 cm de profundidade e alguns onde foram encontrados alguns materiais.

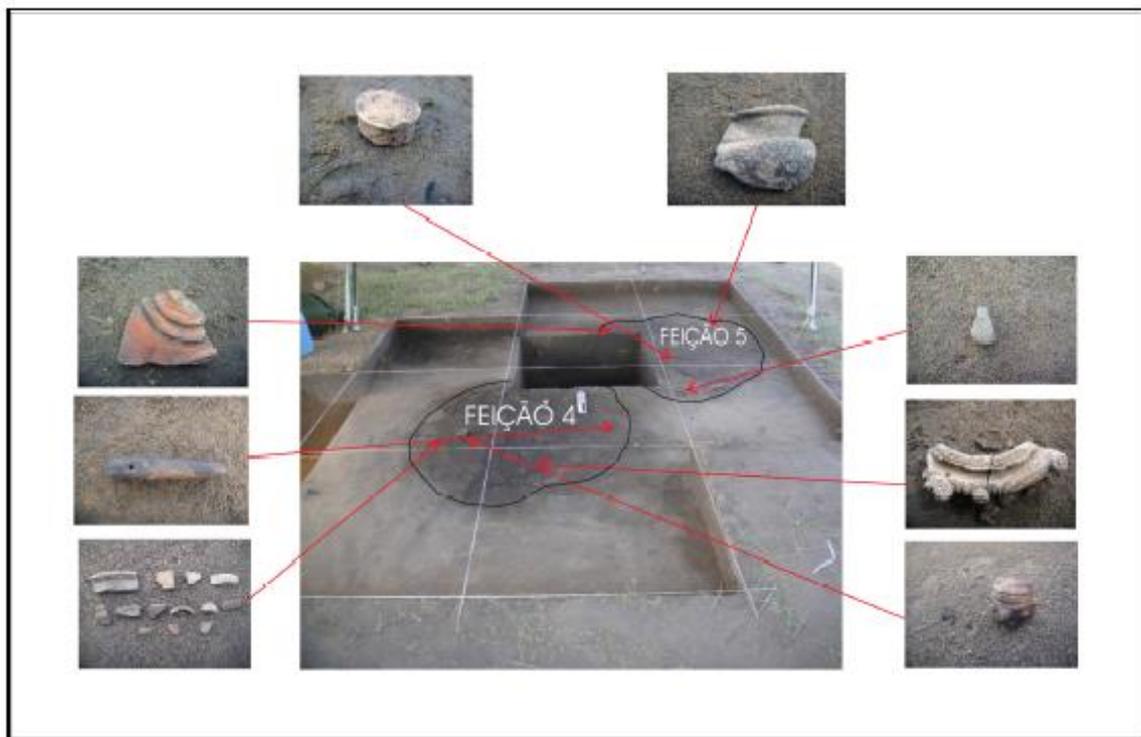


Figura 12 - Plano de base das feições 4 e 5 e a identificação onde foram encontrados alguns materiais
Fonte: Schaan 2012a: 143

Os primeiros 10 cm de profundidade da escavação mostraram um solo bastante perturbado por lixo recente e bem compactado devido às atividades que eram realizadas na área antes das escavações. O *bolsão* só teve seu contorno visualizado quando a escavação da unidade L31 U18 chegou aos 20 cm de profundidade, sendo o formato de seu topo oval, com um solo muito escuro (10YR 2/1 black) no interior. Os vestígios culturais estavam mais concentrados nas unidades I31 U17 e L31 U18, com solo TPA de coloração variando entre 10YR 2/1 e 2/2, e fora da feição um solo com coloração marrom escuro dos 20 aos 50 cm de profundidade (variando entre 10YR 3/2 e 3/3) (Schaan 2012a).

Do meio ao final da escavação o solo fora do *bolsão* tinha coloração que variava entre marrom amarelado (10 YR 5/8) e amarelo amarronzado (10 YR 6/8), sendo argiloso, pegajoso e compactado, assim percebendo que havia uma mistura do solo escuro de dentro do *bolsão* com o latossolo. À medida que o *bolsão* foi se apresentando a equipe

em campo precisou abrir outras unidades com o objetivo de evidenciar os limites horizontais do *bolsão*, assim sendo abertas unidades para leste e norte da unidade L31 U17. Somente quando as escavações em todas as unidades chegaram aos 20 cm de profundidade foi possível evidenciar totalmente o *bolsão* 5 (Schaan 2012a).

Nos primeiros 10 cm o material arqueológico estava concentrado nas unidades (L31 U18, L31 U17) na posição horizontal. Foram coletados 87 fragmentos cerâmicos (alguns com engobo vermelho), além de 21 lascas de sílex (Schaan 2012a).

No nível 10-20 cm, apenas na unidade I31 U18, a nordeste da unidade I31 U19, foi encontrada uma grande quantidade de seixos, que não apareceu nas outras unidades e que ainda apareceu nos níveis seguintes. Nesse nível na unidade I31 U18 o material arqueológico foi encontrado deitado ou inclinado. Além de carvões, argila queimada, fragmentos ósseos, lascas e abrasadores foi encontrado um pingente cerâmico de forma fálica (Figura 13). No nível seguinte, nessa unidade L31 U18 foi coletada uma miniestatueta antropomorfa com representação do sexo masculino (Figura 13) (Schaan 2012a).



Figura 13 - Miniestatueta com representação do sexo masculino e pingente cerâmico. Coletados no *bolsão* 4, nível 10-20 cm. Fonte: Schaan 2012a: 142 e 144

Na unidade (L31 U17), na porção sudoeste, no nível de 10-20 cm, foi coletado pouco material arqueológico (48 fragmentos cerâmicos e 4 lascas líticas), além de lateritas e seixos que estavam dispersos na unidade e não foram coletados. Chegando ao final deste nível, percebeu-se que a mancha escura do *bolsão* concentrava-se na porção

nordeste da unidade. Neste mesmo nível, da unidade (I31 U17), evidenciou-se o restante do contorno do *bolsão* (Schaan 2012a).

No terceiro nível (20-30 cm) houve uma redução do tamanho do *bolsão*, na porção centro-oeste da unidade (L31 U18), chegando quase a desaparecer a borda do *bolsão* na porção nordeste, da unidade (L31 U19). Houve também uma redução do tamanho da borda do *bolsão* nas unidades (L31 U17, I31 U17). Neste nível a maior quantidade de material estava concentrada nas unidades centrais (I31 U18, L31 U18) do *bolsão*. O material foi encontrado nas posições verticais e horizontais. Nesse nível foi coletado pouco material lítico (17 lascas) (Schaan 20102a).

A maior quantidade de material continua concentrado nas unidades centrais, sendo que houve uma diminuição na quantidade de material no nível 30-40 cm, embora permanecesse a mancha escura ressaltando que este buraco era uma estrutura de um *bolsão*. De acordo que iam descendo os níveis a quantidade de material arqueológico também foi diminuindo (Schaan 2012a).

Com a escavação do *bolsão* chegando aos 60 cm de profundidade, o solo fora do *bolsão* começou a matizar e dentro do *bolsão* o solo passou a ter a coloração marrom escuro (10 YR 3/2 e 3/3 dark brown). A quantidade de material cultural diminuiu consideravelmente, e as escavações se concentraram apenas nas unidades onde ainda havia vestígios do *bolsão* (Schaan 2012a).

As dimensões horizontais do *bolsão* foram diminuindo de tamanho de acordo que os níveis iam sendo escavados. Aos 100 cm de profundidade o *bolsão* estava totalmente escavado, não havendo mais material ou solo cultural (Schaan 2012a).

Dentro do *bolsão* foi encontrada uma grande variedade de material cultural: fragmentos de vaso de cariátides, cabeça antropomorfa, pingente cerâmico, estatueta do sexo feminino, bordas e material lítico. Foram coletados nesta feição 643 fragmentos diagnósticos, 1.445 fragmentos não-diagnósticos e 1.512 micro-fragmentos.

O *bolsão* 4 assim como o *bolsão* 3 tem formato de sino invertido. Aos 30 cm de profundidade mede 2,5 x 1,3 m. O material arqueológico encontrado neste *bolsão* é característico da cultura tapajônica. Este material foi encontrado nas posições deitadas, verticais e horizontais, indicando que o material foi descartado sem nenhum tipo de organização no momento do descarte. A maior quantidade de material arqueológico foi encontrada dentro do *bolsão*, embora tenham encontrado material fora do *bolsão* que provavelmente foi removido por lixiviação ou por bioturbações. Os materiais podem ter sido oriundo de descarte do contexto doméstico e/ou contexto cerimonial.

2.3.3. Bolsão 5

O *bolsão* 5 foi evidenciado quando iniciaram as escavações no *bolsão* 4, assim os dois *bolsões* foram escavados concomitantemente. As primeiras unidades que foram marcadas e escavadas:- L32 U18, L32 U19, L32 U20 – tiveram o objetivo de compreender a disposição dos materiais e os contextos do *bolsão* 5. Essas unidades foram escavadas até os 20 cm de profundidade, quando se igualaram com a escavação do *bolsão* 4 e passaram a ser escavados juntos, porém os materiais foram coletados separados (Schaan 2102a). A imagem da Figura 14 é o perfil das paredes sul e oeste, da quarta unidade I31 U20, no canto noroeste do *bolsão* 5 (Schaan 2012a).

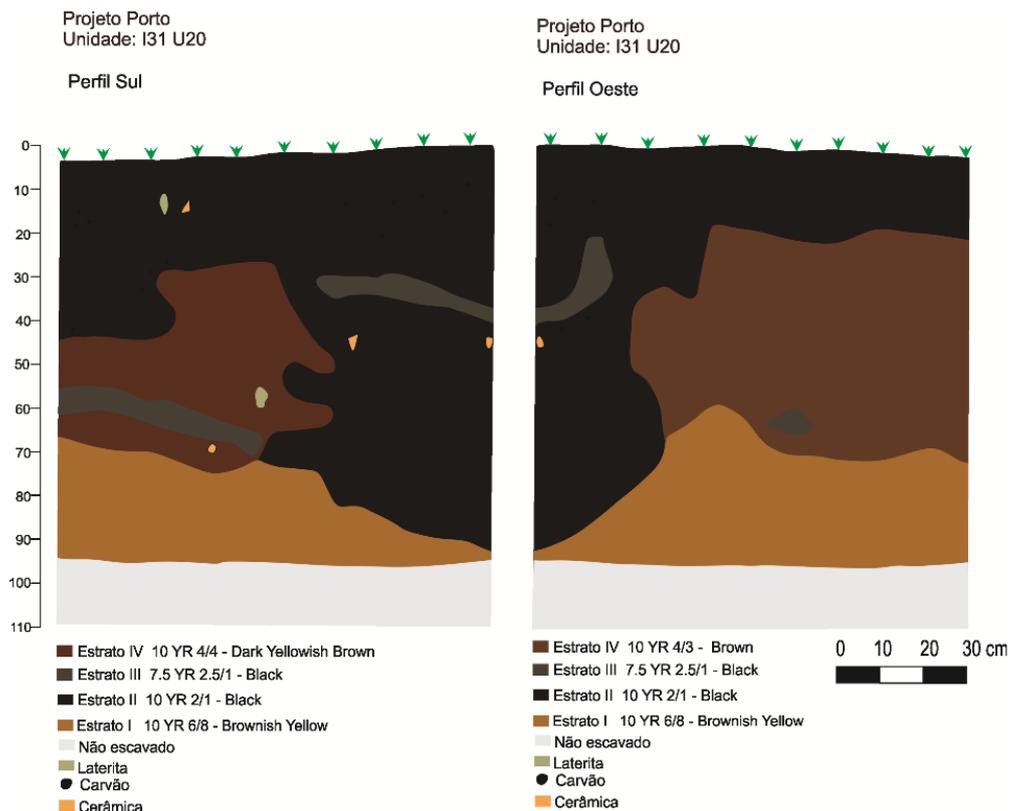


Figura 14 - Perfil das paredes sul e oeste do *bolsão* 5. Fonte: Schaan 2012a: 165

O solo no início das escavações estava bastante perturbado com lixo recente e bioturbações. O solo tinha coloração escura igual ao da feição 4 (10YR 2/1 black) permanecendo assim até o sétimo nível (60-70 cm) quando clareou para marrom acinzentado (10YR 3/2 very dark grayish brown) e no final da escavação, aos 100 cm de profundidade, o solo tornou-se marrom amarelado (10YR 6/4 light yellowish brown), com textura areno-argiloso, compactado e seco e por fim tornou-se pegajoso e úmido. Essa mudança de coloração do solo dentro do *bolsão* indica que houve intrusões de latossolo e que a mancha escura de solo que forma o *bolsão* começa a desaparecer (Schaan 2012a).

Após os primeiros 20 cm escavados abriu-se a quarta unidade (I31 U20) visualizando com isso todos os limites do *bolsão*, assim sendo possível verificar seu formato oval, semelhante ao dos *bolsões* 3 e 4. Após a abertura da quarta unidade (I31 U20) percebeu-se a estrutura do *bolsão* que estava distribuída entre as unidades - L32 U18, L32 U19, L32 U20, I31 U20 – a parte central do *bolsão* estava localizado na unidade L32

U19, local que foi retirada a maior quantidade de material arqueológico (Schaan 2012a).

No nível 10-20 cm, na porção sul do *bolsão* (L32 U18) foi encontrado um muiraquitã de forma batraquiana, com incisões e furos laterais, conforme Figura 15. Nesse *bolsão* foram encontradas concentrações de lateritas (20-30 cm, 30-40 cm), algumas com possíveis marcas de queima (Schaan 2012a).



Figura 15 - Muiraquitã encontrado na unidade L32 U18, do *bolsão* 5, no nível 10-20 cm. Foto: João Ramid. Fonte: Araújo da Silva 2015: 125

Na unidade (L32 U19), no nível 10-20 cm, na porção centro-leste, foi o local com maior concentração de material arqueológico. No canto sudoeste, desta unidade, foi coletado aos 15 cm de profundidade um alargador em argelito. O material cerâmico coletado encontram-se decorações como: (pintura policroma, engobo vermelho, filetes aplicados, modelados) e material lítico (dois abrasadores sulcados e 170 lascas) (Schaan 2012a).

No nível 20–30 cm o material foi encontrado dentro do *bolsão* nas posições horizontais e verticais, tendo uma concentração de material cerâmico, no canto noroeste, da unidade (L32 U18) e que corresponde a porção sudeste do *bolsão*. Na base dos 30 cm observou-se um uma pequena redução dos limites do *bolsão* e a maioria do material coletado encontravam-se dentro do *bolsão* (Schaan 2012a).

Aos 57 cm de profundidade foram coletados fragmentos grandes de uma vasilha com decoração zoomorfa, pintura vermelha e contorno complexo, provavelmente parte de

um vaso globular (Figura 16). No nível seguinte, na unidade L32 U20, outros fragmentos da mesma vasilha foram coletados (Schaan 2012a).



**Figura 16 - Vasilha com decoração zoomorfa encontrada aos 57 cm, na unidade L32 U20, no bolsão 5.
Fonte: Schaan 2012a: 151**

Além desses já citados, o *bolsão* 5 apresentou os seguintes materiais: fragmentos cerâmicos com filetes aplicados, fragmentos com pintura policroma, partes de estatuetas, alargador, lâmina de machado, lascas, abrasadores sulcados, carvões e outros. As escavações chegaram ao fim quando não apresentou o solo escuro que formava a mancha e os vestígios arqueológicos desapareceram, tendo este *bolsão* a profundidade de 100 cm.

Nesse *bolsão* foram coletados 1.069 fragmentos diagnósticos, 1.453 fragmentos não-diagnósticos e 1.872 micro-fragmentos. O material lítico somou 1.196 fragmentos (lítico polido, instrumentos passivos, lascado, dente de ralador e outros), segundo Araújo da Silva 2016.

O *bolsão* 5, assim como o 3 e o 4, tem formato de sino invertido. Aos 30 cm de profundidade a *bolsão* media 1,5 x 1,4 m. A maior quantidade de material foi encontrada dentro do *bolsão*, o que indica a intencionalidade em descartar o material dentro do buraco. O material estava nas posições horizontais e verticais, indicando que ao ser descartado não foi colocado de forma organizada, mas sim como se tivesse sido jogado, assim tendo locais dentro do buraco que o material estava mais concentrado que em outros. Como observei na descrição das escavações, no mesmo nível havia

unidades que apresentavam uma maior quantidade de material do que outras. Quanto às datações radiocarbônicas, foi feita coleta de material vegetal para os três *bolsões*, assim obtendo datação para a F3, F4 e F5, por volta de ± 1400 AD, assim indicando que esses *bolsões* foram produzidos no período que as pesquisas arqueológicas consideram o de auge dessa sociedade. Além disso, percebo que o *bolsão* 3 tem a mesma datação 1420 AD para coletas em diferentes profundidades (36 cm e 58 cm), isto indica que o buraco em questão foi enchido em curto espaço de tempo. Os *bolsões* 3 e 5 tem a datação mais antiga em torno de 1370 AD, sendo que as coletas foram feitas no mesmo nível 60 – 70 cm. O gráfico da Figura 17 apresenta as datações dos três *bolsões* e as profundidades da coleta.

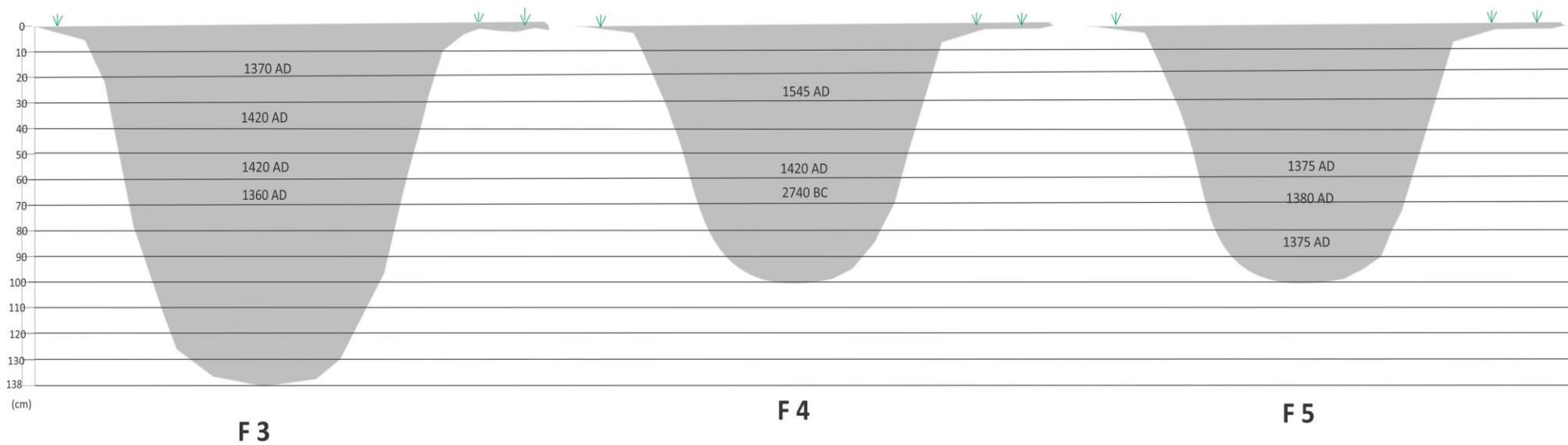


Figura 17 - Datação aproximada das feições conforme sua profundidade. Fonte das datações: Schaan: 2012a, 2015

2.4. Estruturas Rituais ou Lixeira Doméstica? O que são os *Bolsões* do Porto de Santarém?

Estruturas rituais ou lixeiras domésticas? Esta é a pergunta que vai nortear as discussões desse sub-capítulo que tratará das feições arqueológicas encontradas no sítio Porto de Santarém. Tendo em vista tudo que fora visto no sub-capítulo anterior, observo que as estruturas dos *bolsões* do sítio Porto têm um significado diferenciando no contexto das relações sociais contruídas pelos *Tapajó*. A princípio destaco que essas estruturas foram escavadas com uma intencionalidade que poderia ser apenas para descartar vestígios sem utilidades para o grupo indígena ou pelo fato de terem que se desfazer de certos materiais que teriam sido usados em alguma cerimonia/ritual. Para alguns autores o material encontrado nesses tipos de *bolsões* é proveniente de algum tipo de cerimonia/ritual e que foram despejados nesses buracos (Quinn 2004; Gomes 2010, 2012; Gomes e Luiz 2013; Schaan e Roosevelt 2008; Schaan 2010b, 2012a, 2012b; Schaan e Alves 2015) com a intenção proposital de se “livrar” do material (Barata 1950).

Entendendo que os espaços onde os *bolsões* foram encontrados são espaços de descarte, para Schiffer (1987) existe o que ele denominou de “cultural deposition”, local que ocorreria o descarte de lixo, assim transformando os vestígios arqueológicos do contexto sistêmico para o contexto arqueológico. Essas deposições ocorrem por diversos processos, incluindo perda, abandono, a eliminação dos mortos e comportamento de *caches*, assim construindo depósitos diferentes. Para Schiffer (1987) o início do processo de descarte pode ocorrer por quebra, uso, desgaste e deterioração. Assim, tendo como exemplo, os *bolsões* do sítio Porto (Gomes e Luiz 2011, Moraes et al. 2013, Schaan 2012a), em que os depósitos são diferentes em termo de material e de interpretação que foram feita para os *bolsões*.

Segundo Schiffer (1987) existe artefatos que foram produzidos para poucos usos, assim os considerado como “termination of uselife”, sendo estes artefatos descartados após esses poucos usos. Com essa proposição de Schiffer, pensando de forma simbólica no termo e que alguns materiais descartados nos *bolsões* do sítio Porto são

dessa natureza. Sendo provável que foram produzidos para serem usados poucas vezes e dentro do contexto cerimonial, posso inferir que alguns artefatos encontrados nos *bolsões* não foram despejados devido terem se quebrado, ou porque estavam desgastados ou mesmo deteriorados. Mas sim, provavelmente, por terem sido usados em alguma cerimônia/ritual, e assim os classificando ao que Schiffer (1987) denominou de “*ritual caches*”.

O ritual é tema estudado por diversos antropólogos sociais (Gennep 2011; Turner 1974; Peirano 2003). As discussões sobre o tema advêm do início do século XX, quando Arnold Van Gennep (2011) buscou estudar os rituais para compreender as sociedades estudadas, sendo que o antropólogo apontou para a importância que as diversas culturas dão para aos ritos como forma de sacralizar suas ações cotidianas, assim observando no ritual o aspecto mágico-religioso de cruzar fronteiras. Dentro da reedição do livro “Os Ritos de Passagem”, Roberto DaMatta também contribui para a discussão afirmando que os ritos conferem um caráter de sacralidade, de mistério dentro das ações cotidianas. Influenciado por Van Gennep, Victor Turner (1974) discutiu ritual como “drama social”, assim vendo que o ritual servia para revolver conflitos ou diminuir rivalidades. Essa proposição foi formulada, a partir de seu trabalho de campo com meninas Ndembu. Segundo Mariza Peirano (2003) ritual é:

“Um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo]. (op. cit. p. 11).

A partir dos conceitos formados para se entender ritual, segundo esses antropólogos, os exemplos etnográficos e arqueológicos que discutem descarte, performance e cerimônia servem não para ilustrar a questão, mas para nos fazer conhecer e entender

as relações sociais que eram construídas pelos grupos estudados. Sussana Ekholm (1984 apud Schiffer 1987), em seus estudos sobre os astecas, observou que os indígenas ao celebrarem o ritual do fogo novo, de forma cerimonial limpam as casas e eliminam quase todas as suas roupas e objetos domésticos. O material do descarte produzido na limpeza é depositado em um lixo que não é o mesmo lixo doméstico.

Estudos arqueológicos realizados no Vale do Coppan-Honduras descobriram feições arqueológicas que possuem contexto cerimonial e outras que possuem contexto doméstico/cerimonial. Estas feições foram identificadas desde o período formativo tardio 300 a.C – 100 d.C. (Cummins e Haslam 2006). Os autores encontraram quatro manchas de solo, com formato arredondado, com diâmetros que variam de 1,1 m a 1,2 m. Uma delas continha concentração de cerâmica, carvões, ossos de animais, estatueta masculina, uma cabeça com olho no formato de grão de café, machado de pedra, concentração de argila. Quanto à grande quantidade de carvão dentro da mancha, constou-se que este carvão não tinha sido produzido dentro da feição, haja vista que, os fragmentos cerâmicos não tinham marca de queima. Além disso, em outra parte da mancha foi encontrada uma vasilha inteira.

Cummins e Haslam (2006) concluíram que havia sido descartado tanto material simbólico quanto utilitário, assim havendo compartilhamento desse espaço; no entanto, em outra mancha havia apenas material ritual, e sobre essa feição, Cummins e Haslam (2006), concluíram que a forma com o material foi descartado no local indica uma comunicação com o submundo, caracterizando-a como “sacred topography” (Cummins e Haslam 2006: 248); o alinhamento das manchas indicaria uma negociação com o submundo, assim transformando o espaço doméstico em espaço sagrado.

Raymond (1993) ao estudar o contexto cerimonial no Equador, percebeu que as cerimônias rituais não ocorriam em espaços planejados, mas sim em espaços domésticos, não havendo uma separação entre esses espaços. No entanto percebeu que no final do período da cultura Valdivia, as cerimônias passaram a ocorrer em espaços planejados para esses fins, muito embora, esses espaços tenham sido planejados a partir da organização dos espaços domésticos. Assim, os autores

interpretaram que as cerimônias que ocorriam nos espaços especializados foram realizadas a partir daquelas que anteriormente ocorriam nos contextos domésticos.

Quinn (2004) em sua tese relata que os *bolsões* encontrados nas escavações do sítio Porto de Santarém continham cinzas, carvão, plantas carbonizadas, cerâmicas decoradas, vasos semi-inteiros, restos de comida, ossos de peixes grandes, ossos de tartarugas, estatuetas, efígies, modelados e fragmentos de tigelas com incisão, pratos, garrafas, e rodela de fuso decoradas, bem como ferramentas para a produção de artefatos e processamento de alimentos. Ela propõe que os *bolsões* estão relacionados a atividades rituais, provenientes de “termination ceremony” (Roosevelt com. Pessoal 1993, citada por Quinn 2004: 80), sendo que poderiam ter sido realizados depois de uma festa ou de um funeral.

Schaan e Roosevelt (2008) também afirmaram que os materiais encontrados nos *bolsões* do sítio Porto de Santarém são oriundos de uma cerimônia/ritual do grupo indígena *Tapajó*. Sendo assim, essas proposições de Schaan, Roosevelt, Quinn, Gomes, que irão orientar esse trabalho, muito embora pensar que todo o material encontrado nesses *bolsões* seja proveniente de um descarte de uma cerimônia/ritual seja um pouco precipitado de se pensar, tendo em vista a diversidade de material encontrado nesses buracos e também fora deles (Alves 2012; Schaan 2010b, 2012a, 2014; Schaan e Alves 2015). Sendo então preciso considerar os contextos que estes foram encontrados e os resultados das análises do material.

Segundo Betendorf 1910 [1661] os *Tapajó* celebravam seus rituais em um local denominado “Terreiro do Diabo”, neste local era proibida a circulação das mulheres, que apenas tinham como obrigação no ritual fazer a bebida que era produzida com milho e levar essa bebida em vasilhas até o local da cerimônia. Fato parecido ocorre com o grupo *Wauja*, do Alto Xingu. Segundo Aristóteles Barcelos Neto (2012) as mulheres são proibidas de verem as flautas sagradas, que após um rito são guardadas em uma casa no centro da aldeia. As flautas são os “objetos-sujeitos” (op. cit. p. 5) mais importantes dentro dos rituais. No entanto, as mulheres participam dos rituais, sendo parte integrante dos grupos formados. Outro fato em destaque são os *amunaw* (status político), que expressam seu reconhecimento político pelo “recebimento de

artefatos, desde roças e adornos de luxo (*awojopaixê*) e casa”, fato este que só ocorre entre os *amunaw* (op. cit. p. 17).

Barcelos Neto (2012) também registrou que nos rituais inter-aldeões, ocorre uma troca de objetos de luxo (panelas e torradores de beiju finamente pintados, colares, cintos de caramujo, adornos plumários de cabeça). Somente os *amunaw* podem realizar as trocas, sendo esses objetos que fazem circular e dão reconhecimento ao nome de um *amunaw* dentro do grupo. Esses objetos de luxo são objetos de troca e também conhecido entre os *Wauja* como objetos pagamento. O pagamento ocorre para a maioria dos rituais. Além dos objetos pagamentos, os *Wauja*, também têm outros objetos de importância: os objetos rituais permanentes (flautas sagradas) e os objetos semi permanentes (clarinetes).

Gomes e Luiz (2011, 2013) quando fizeram seus trabalhos no sítio Porto de Santarém, observaram que existia uma diferenciação entre *bolsões* e lixeiras. Para os pesquisadores, as lixeiras contém lixo comum, já os *bolsões* contém artefatos provenientes de cerimônias, como os vasos de efígie de onça com pintura policrômica e outros, assim também como ossos que indicam o consumo de alimentos no momento do ritual. Além do conteúdo encontrado nessas estruturas arqueológicas, também existe uma diferenciação quanto às dimensões, para os *bolsões* o diâmetro varia entre 0,5 m a 0,8 m, já as lixeiras seriam maiores contendo diâmetros que variam entre 1,5 m até 2m. Verificando essas dimensões, percebo que as dimensões dos *bolsões* que estou estudando têm medidas parecidas com as lixeiras, muito embora quanto ao material encontrado percebo que pela descrição do material que os autores encontraram o material encontrado nos *bolsões* do sítio Porto é parecido com os encontrados nos *bolsões* de Gomes e Luiz (2011 2013).

Gomes (2010, 2012) e Gomes e Luiz (2011, 2013) quando realizaram os trabalhos nos sítios Aldeia, Carapanari e Porto perceberam que existia uma diferenciação no descarte do material encontrado nas feições arqueológicas. Para ela existem três modos principais de descarte: contexto de retenção, contexto de dispersão e contexto de deposição in situ. O contexto de retenção estaria relacionado ao descarte de artefatos utilizados apenas em cerimônias ritualísticas, intencionalmente quebrados e

descartados em buracos na terra, sendo estes artefatos separados do lixo comum; já o contexto de dispersão está relacionado ao descarte de artefatos cerimoniais que foram quebrados e queimados e misturados ao do lixo comum do cotidiano da aldeia, sendo estes constituídos de refugo secundário. Por fim o contexto de deposição *in situ*, isto é, o “artefato foi encontrado no local onde foi utilizado” (op. cit. p. 230), sendo construído do refugo primário.

Assim a cultura material encontrada no contexto de retenção, para Gomes (2010) seria composta de artefatos que estavam associados a cerimônias com “maior grau de formalização e que não ocorreria em comunidades menores” (Gomes 2010: 229. Com essa lógica, Gomes (2010) conclui que eram frequentes as cerimônias coletivas e que também a presença desses materiais no contexto de retenção indicava que era necessário repor essas peças que a cada cerimônia eram descartadas, assim havendo uma produção constante desses materiais, que a mesma inferiu a partir da grande quantidade desses tipos de materiais nos acervos dos museus. Quanto à cultura material do contexto de dispersão, Gomes (2010) sugeriu que a mistura desses objetos poderiam ser de cerimônias de menor importância.

Lúcia Velthem (2003) fez um trabalho entre os *Wayana* que residem no Brasil e observou que os espaços de descarte são importantes para os *Wayana*. Esse grupo indígena mora nas terras indígenas Tucumaque e Paru de Leste, localizadas nos estados do Pará e Amapá, e dividem as terras com os *Apatai*, embora tenham suas diferenças conseguem viver de forma harmônica. O trabalho de Velthem foi realizado na Terra Indígena Paru de Leste, entre os *Wayana*. Dentre suas observações, a antropóloga descreveu de forma minuciosa o cotidiano do grupo, desde a construção de uma aldeia, com as casas residências, roça, porto, casa cerimonial, e os outros espaços que compõe uma aldeia *Wayana*.

O chefe da aldeia é conhecido como *Tipatakem* (provindo de locais). Essa denominação não faz referência apenas ao local que o chefe mora com a sua família, mas também ao lugar onde fabricam, armazenam e descartam coisas e pessoas. A aldeia começa ser formada pela roça e local para depositar água, em seguida as residências permanentes e por fim a casa cerimonial, que para ser construída tem todo um ritual. A casa

cerimonial chamada de *Tukuxipan* (lugar de muitos peixes) é a fabricação que mais os *Wayana* se importam. Nesse lugar só entram homens e as visitas (Velthem 2003).

Velthem (2003) observou que existia entre *Wayana* uma importância para o descarte dos objetos. Os objetos profanos de pessoas vivas e que não são mais utilizados e nem podem ser reciclados são abandonados nos cantos dentro das casas ou em seu entorno, assim se referindo aos objetos como *tupapbé* (verdadeiramente jogado), sendo essa uma das formas de descarte entre eles. A área que fica entre as cozinhas e as residências também é um lugar de descarte, pois nesse local tanto homens como mulheres fazem suas atividades de manufatura, sendo um espaço “de atividades muito poluidoras” (op. cit. p. 163).

Há outro espaço após a periferia residencial, já afastado onde tem vegetação mais densa, denominado de *imukútpé* (velho local), nesse espaço descartam vasilhas que continham substâncias que poderiam causar algum malefício para o grupo, podem causar doenças, e também costumam descartar objetos de pessoas mortas, sendo essa forma de descarte denominada de *imukúptak tarimai* (apodrece a periferia). Esses objetos que tiveram sobre domínio feminino são cobertos e intocáveis (Velthem 2003).

O porto é outro espaço para o descarte de objetos (os cestos e algum tipo de material onde transportam os alimentos), estes não entram na aldeia, assim sendo descartados na beira do rio. O local é conhecido como *kamakantor-pointak tarimai* (apodrecer no lugar de pesca). Quanto aos pertences dos mortos, estes têm alguns destinos: a queima, abandono, a quebra e depois são jogados nas águas do rio ou enterrados com o morto, nesse último caso, apenas os pertences mais estimados pelo morto são enterrados consigo, e essa tem que ser uma vontade do morto em vida. Dos pertences do morto, o que ainda permanece sem que utilizem, é a casa do morto que é abandonada, dos pertences tem a cesta de tampo, peça mais relevante, pois está é repassada entre seus parentes para outras gerações (Velthem 2003).

No sítio Porto de Santarém, Alves (2012) observou que:

“Os descartes se intensificam ainda mais a partir de 960+/- AP, com aumento demográfico, a complexificação política e a produção cerâmica em

larga escala relacionados à ocupação Santarém. A cerâmica descartada apresenta coloração mais clara, indicando alteração na escolha da argila. Aumenta o repertório de técnicas decorativas utilizadas, sugerindo os típicos elementos decorativos da cerâmica da cultura Santarém, como os ponteados, incisões e modelados. Embora seja uma pequena parte do material cerâmico descartado, é normal a maior parte dos refugos cerâmicos serem fragmentos de cerâmica sem decoração, haja vista que os decorados são em menor número, utilizados em ocasiões especiais” (op. cit. p. 197).

Hayden e Cannon (1983) em seus estudos sobre os maias contemporâneos, dentro de suas observações nas aldeias os pesquisadores perceberam que as áreas de pátios e praças se mantinham limpas e os lixos secundários (vidros, pedras, cerâmicas etc) eram colocados em buracos escavados com tamanhos que variavam de 20 cm a 300 x 900 cm de diâmetro, com profundidade que variavam de 20 a 200 cm, sendo que esses buracos tinham sido escavados para outros fins, porém foram reutilizados como recipientes de lixo. Os pesquisadores levantaram hipóteses para a diferença no descarte do material. Para eles, alguns materiais que continham valor e que ainda podiam ser reutilizados eram despejados em uma área de lixo provisório, já aqueles materiais que não continham valor e que poderiam impedir a circulação pela aldeia (exemplo vidro quebrado) foram logo descartados em fossos.

Gomes (2010, 2012) também buscou entender as motivações para o descarte de material cerâmico dentro dos *bolsões*, levando em consideração sua iconografia. No intuito de entender o significado das representações iconográficas presentes na cultura material dos *Tapajó*, relacionou essas representações com xamanismo e com práticas rituais, sendo então estas imbricadas ao sistema político e religioso, apontando para uma ideologia pan-amazônica que pode ser comparada com a teoria do perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro (2002), o qual tem os animais e objetos com agentes ativos/participativos dentro das relações sociais com os seres humanos. Tendo essa ideologia, os grupos indígenas veriam-se obrigados a se desfazer dessas representações iconográficas e de todo e qualquer material que fora usado em rituais, pois os mesmos poderiam afetá-los negativamente; por isso seriam abertos

buracos (*bolsões*) para se desfazerem do material, buscando separar esse do lixo comum (Gomes 2010).

A partir da leitura de relatos etnohistóricos, como os de Betendorf 1910 [1661] e Heriarte [1662] 1874, que mencionaram que os *Tapajó* faziam cerimônias coletivas no “Terreiro do Diabo” e neste local bebiam, dançavam, cantavam, e tocavam seus instrumentos musicais, Gomes (2010) levantou a hipótese de que essas cerimônias eram cerimônias xamânicas e conforme sua interpretação sobre uma descrição de Heriarte [1662] 1874 a pesquisadora sugere que os *Tapajó* usavam máscaras rituais para evocar seres sobrenaturais. Na sua crônica, Heriarte menciona que os *Tapajó*:

“... desde milho fazem todas as semanas quantidades de vinho, e a quinta-feira de noite o levam em grandes vasilhas a uma eira, que detrás da sua aldeia tem muito limpa e asseada, na qual se ajuntam todos daquela nação e com trombetas e atabaques tristes e funestos, começam a tocar por espaço de uma hora, até que vem um gradíssimo terremoto, que parece vem derrubando as árvores e os montes; e com ele vem o Diabo começam a bailar e cantar na sua língua e a beber o vinho até que se acabe, e com isso o trás o Demônio enganados” (Heriarte [1662] 1874:36).

A descrição de Heriarte não deixa claro tal sugestão, no entanto apresentou pontos relevantes quanto o momento da cerimônia, pois apresentou que os *Tapajó* possuíam instrumentos musicais (trombetas e atabaques) e que havia toda uma preparação até o momento do ápice do rito, em que provavelmente o xamã “recebia” o Diabo e então iniciava o rito com dança, bebida e muita festa até que o suprimento de vinho acabasse. A relação que Gomes (2010) fez do rito com uma cerimônia xamânica é algo que já foi observado em outros trabalhos na Amazônia, seja levando em consideração a um grupo indígena ou artefatos arqueológicos.

Antônio Porro (2010) ao trabalhar com os ídolos de pedra e as possíveis funções e finalidade que os buracos encontrados nessa peça possam ter. Algumas peças por si só já conotam uma associação com *alter ego* ou espíritos protetores. Como hipótese, Porro (2010) indicou que os ídolos de pedra fazem parte do instrumental xamânico, tendo estes a função de suporte e guia para os tubos de inalação (os buracos encontrados nos ídolos). Para Porro no momento da cerimônia, o xamã inala

substâncias alucinógenas que ficavam nos buracos (suportes) dos ídolos, em transe os *alter egos* ou os espíritos protetores usavam o xamã para fazer suas curas ou outros procedimentos necessários em favor do grupo indígena. Sua hipótese encontrou apoio em outras peças arqueológicas e em outras cerimônias xamânicas realizadas em outros lugares.

Velthem (2003) observou que entre os *Wayana* a casa cerimonial tem todo um aspecto cerimonial, porém também cotidiano, sendo um espaço social quando os homens estão fazendo suas manufaturas ou apenas conversando sobre o cotidiano da aldeia, como um espaço sobrenatural quando o xamã usa o espaço para fazer rituais de cura de doentes ou mesmo quando está sendo construída. A casa cerimonial é construída pelos homens, sendo associada ao mundo aquático e seus habitantes. Quando está sendo construída, homens de outras aldeias vêm para a aldeia para ajudar na tarefa, assim acrescentado nesse momento um fator ritual, pois estes vão acrescentar no espaço elementos estéticos e simbólicos.

Esses homens que vem de outras aldeias usam máscaras (*támok*) que representam sobrenaturais antropomorfos, enquanto as atividades cerimoniais não terminam os mascarados ficam na periferia da aldeia, são alimentados e ficam num lugar coberto. Após toda preparação, eles tiram as máscaras e iniciam o trabalho de construção, sendo que estes ainda estão submetidos a uma série de restrições, como exemplo, os homens tem que trabalhar em silêncio. No telhado pelo lado de dentro, a casa recebe pinturas com representação de sobrenaturais, sendo que no seu mastro penduram uma figura feita de argila que representa o *pete* (pomba trocal), colocando nas suas costas um pequeno vaso cerimonial. Durante todo o processo de construção existem outras cerimônias, como a colocação da *maruana* (cobertura do teto) com as pinturas já mencionadas. Se esse momento de colocação da *maruana* não for ritualizado os participantes da construção, incluído o chefe da aldeia, podem ser atingidos pelo sobrenatural que tem forma de arraia de água doce (Velthem 2003).

A casa cerimonial é o local onde guardam vários objetos, entre eles os objetos rituais como as flautas e as máscaras, que após serem usadas são amarradas e penduradas até apodrecerem. Velthem (2003) percebeu que esses espaços tinham grande

importância para os *Wayana*, pois como já disse é o local que agrega objetos de rituais, mas também objetos de uso cotidiano, sendo também o local de encontro entre os homens, reuniões com os visitantes, trabalhos de cura do xamã, ou mesmo o local para atividades do cotidiano (Velthem 2003).

Barcelos Neto (2004) quando esteve entre os *Wauja* buscou observar o uso das máscaras. Essas máscaras tiveram por um período “adormecidas” (fala de um *Kamayurá*) e quando voltaram a ser usadas Barcelos Neto buscou entender o sistema transformacional das máscaras, interpretando a forma visual e o sentido do reaparecimento. Essas máscaras são usadas em rituais *Apapaatai lyãu* nos quais os *Apapaatai* se transformam de agentes patogênicos para a de personagens (objetos) rituais, essa transformação ocorre para que seja feita a cura de um doente. A maioria das máscaras se relaciona com um ser ou objeto singular. Dentro da lógica *Wauja* as máscaras possuem identidades que são definidas quando o xamã (espírito) veste a máscara, assim dando capacidades e poder a eles.

As máscaras dentro de um ritual tem uma função instrumental. Cada máscara possui um significado e pode ou não está relacionada a um animal, embora isso só ocorra no momento que o *Apapaatai* veste a máscara, isto é, no momento do ritual, pois é nesse momento que há uma relação entre doente/xamã/performe. Assim no ato do ritual é um momento também de performace e a máscara nesse sentido passa a ser um personagem (Barcelos Neto 2004).

A função que as máscaras dos *Wauja* têm no grupo serve como exemplo para se pensar os materiais encontrados nos *bolsões* do sítio Porto, no sentido de entender que alguns materiais depositados nesses *bolsões* provavelmente também possam ter a função instrumental dentro de um ritual, além disso, também pudesse considerar que esses materiais têm relações com a cosmologia, como já foi mencionado por Gomes (2010), a exemplo dos vasos de efíge com apêndices de seres duais, que são interpretados como mediadores e portadores de uma comunicação com o cosmo.

Nas análises sobre os motivos geométricos, Barcelos Neto (2004), observou que estes representam duas ideias: uma que a de reproduzir formas do corpo humano e a outra que a de representar animal, assim percebeu que as máscaras possuem um aspecto

híbrido entre o humano e o animal. Sendo que esses motivos para os *Wauja* só possuem significados, quando estes se relacionam com tripe doença/cura/ritual, assim sendo o grafismo um importante marcador de identidades quando ocorre o processo criativo no mundo dos *Apapaatai* e que é revelado na experiência xamânica.

Assim, para Barcelos Neto (2004), “no sistema dos *Wauja*, um objeto sempre implica um segundo objeto, um terceiro ou mais objetos, mesmo que estes não estejam materialmente presentes. Trata-se de um mundo onde muito pouca coisa existe no singular” (op. cit. p.69). A perspectiva de Barcelos Neto também se coaduna com a de Cristina Barreto (2013, 2014), quando ela fala dos “*bolsões de memória*”, no sentido das máscaras ou dos *bolsões* serem um marcador de identidade.

Cristiana Barreto (2013, 2014) em seus artigos trabalhou de forma sucinta com as feições encontradas na Amazônia Central, na região do rio Trombetas e no sítio Aldeia em Santarém. Barreto denominou essas feições de “*bolsões de memória*”. Para a pesquisadora esses buracos formados por terra preta, com carvões e grandes quantidades de fragmentos cerâmicos decorados, com um diâmetro com poucos metros e uma profundidade que chega até 1 m ou mais. Ela observou que os materiais encontrados nesses *bolsões* foram escolhidos e colocados de forma cuidadosa e por fim enterrados propositalmente nesses buracos. Mesmo que a autora não saiba quem sejam os responsáveis pelos *bolsões*, a autora indicou que existe uma “relação entre estas peças e a memória de lugares ocupados”, além de ser um marcador de identidade (Barreto 2014: 125).

As informações etnográficas e arqueológicas que trabalham com descarte de material, me fizeram refletir a respeito da importância que tinha para os *Tapajó* o descarte do material. Lembrando que, esse descarte de material pode ter sido feito apenas pelo fato de não ser mais possível reutilizá-lo ou pelo fato deste material possuir algum significado sobrenatural e que pudesse trazer algum malefício para quem o possuía, o que importava era o descarte, era se desfazer do material, tirando-os de circulação, tirando-os da visão do grupo e para isso não precisaria ter um local específico para o processo de descarte, que poderia ser nos fundos de uma casa ou em buracos

escavados para receber o material descartado, assim havendo um processo de formação não contínuo deste descarte.

Entender os *bolsões* do sítio Porto de Santarém, apenas dentro do contexto de retenção e que os materiais encontrados nesses *bolsões* seriam provenientes apenas de ritual/cerimonial não é muito plausível, pois deixa de se dar importância para o contexto doméstico que também estava inserido nos buracos, tendo em vista que existia nos *bolsões* uma variedade de vasilhas seja de servir, cozinhar ou armazenar alimentos e líquidos, assim indicando que esses buracos/*bolsões* não eram restritos apenas para descartar material de um ritual, mas também estavam abertos para receber materiais provenientes dos espaços domésticos ou mesmo de pequenas cerimônias, e isso indicaria o que Gomes (2010) denominou de contexto de dispersão, assim não havendo um limite entre os espaços rituais e domésticos. E fazendo com que esses processos ocorressem de forma mais fluída e transformacional.

Além disso, para entender esses *bolsões* do sítio Porto de Santarém, é preciso entender os vestígios materiais que foram descartados nesses buracos. Lembrando que se afirma que os materiais provenientes de um ritual/cerimonial encontrado nesses *bolsões* são descritos como materiais cerâmicos com decorações, pinturas policrômicas, com vasos de efíges, gargalo, cariátides, estatuetas, rodela de fuso, instrumentos líticos e outros, conforme já foi descritos nos materiais encontrados nas áreas 4A, 4B, 10A-4, 10A-5, 2A-C1, 1 e 1A ou mesmo em outros sítios com Aldeia e Carapanari.

Assim, vale ressaltar que não é necessário entender que somente esses tipos de materiais seriam provenientes de um ritual/cerimônia, pois pensando que esses espaços são fluidos e que nos espaços domésticos se encontra material cerimonial, como exemplos os espaços dos *Wayana*, e também o caso dos *Tapajó*, isto leva a pensar que havia uma mistura de material, não tendo tantas diferenciações entre este ser material ritual ou aquele ser material doméstico.

Ressalto aqui que os alimentos e bebidas servidos no momento do ritual/cerimônia poderiam sim ser colocados em vasilhas mais elaboradas. No entanto é preciso lembrar que esses alimentos e bebidas para serem processados provavelmente alguns

foram levados ao fogo, será então que neste momento, no espaço doméstico as vasilhas de processamento não foram vasilhas de uso doméstico/cotidiano e que depois de usadas para processamento dos alimentos ou a fermentação de uma bebida também não foram descartadas com os demais materiais, assim tendo esta peça uso no contexto/ espaço doméstico e ritual/cerimonial.

Deste modo, não seria preciso haver essa dicotomia no material arqueológico, e esses contextos e espaços pudessem ser transformacionais de acordo com as ações sociais que o grupo estava praticando no momento e assim dando um valor simbólico para este material, seja ele do espaço doméstico ou mesmo do espaço cerimonial. Por fim, percebo que as características morfológicas estão sendo mais ressaltadas do que a intenção de tentar entender como ocorreram as relações sociais dos grupos do passado.

A partir de toda a discussão do capítulo e entendendo ritual como uma forma de sacralizar as ações cotidianas, segundo Van Gennep (2011), interpreto que a ação de escavar os *bolsões* e descartar certo material dentro dos buracos são ações ritualizadas e que o material encontrado nos buracos não são ritual por serem decorados, já que foi encontrado em outras áreas do sítio materiais com essas características também, mas não neste contexto. Os materiais encontrados nesses *bolsões* são rituais por toda a intencionalidade que eles carregavam no momento do descarte e pelo fato do grupo ter que abrir um buraco para descartá-lo, isto é, não eram materiais que apenas poderiam ser varridos das áreas de circulação, mas sim que precisavam sair da visão do grupo, precisava ser excluído do convívio do grupo, pelo fato de poderem trazer algum dano ao grupo, como mencionou Gomes (2010).

Muito embora tenha encontrado material com características do contexto doméstico, ou mesmo aqueles fragmentos muito pequenos e que possivelmente, pelo padrão de quebra (muito fragmentados) sejam oriundos de áreas de grande circulação com as áreas de cozinha, cogito dizer que seriam materiais que estavam próximo do local onde foram feitos os buracos e que também foram jogados dentro do buraco apenas como uma forma de limpeza da área.

O que percebo que os *Tapajó* não escolheram uma área específica para fazer esses buracos, tendo em vista que, foram encontrados *bolsões* em outras áreas do sítio, assim como também no sítio Aldeia, e pelo visto foram feitos próximo aos locais de moradia, assim sendo tratados como contexto de lixeiras secundárias, segundo Gomes (2010). E por esse motivo também, os materiais do contexto doméstico poderiam ter sido misturados com o que o grupo realmente queria enterrar. No próximo capítulo apresento as análises do material cerâmico coletado nos *bolsões*.

3. O QUE OS *BOLSÕES* DIZEM SOBRE O POVO *TAPAJÓ*?

As informações que compõem este capítulo consistem da metodologia de análise do material arqueológico, assim como dos resultados obtidos com as análises do material e por fim o sub-capítulo em que discuto as interpretações contextuais referente ao material dos *bolsões* do sítio Porto de Santarém. Considera-se que os dados arqueológicos, mais as informações etnohistóricas e as etnográficas me possibilitarão entender e interpretar o fazer ritual dos *Tapajó*, levando em consideração o modo de descarte e os significados que estão por trás dessas ações.

3.1. Metodologia de análise da cerâmica

Os materiais arqueológicos coletados nas feições entre julho 2011 a fevereiro de 2012 somam um total de 15.199 objetos entre artefatos e ecofatos. Destes foram coletados: 11.876 fragmentos e objetos cerâmicos, 3.175 líticos, 114 amostras de carvão, 13 amostras de osso, 2 materiais históricos, 5 amostras de solo e uma amostra de cinzas, conforme Tabela 3.

Tabela 3 - Quantificação de artefatos e ecofatos por feição

Feição	Cerâmico	Lítico	Carvão	Osso	Mat. Histórico	Solo	Cinzas
3	3.882	1.421	78	1	1	2	0
4	3.600	558	10	11	1	2	1
5	4.394	1.196	26	1	0	1	0
Total	11.876	3.175	114	13	2	5	1

Os materiais diagnósticos são as bordas, bases, apêndices, apliques, zoomorfos, antropomorfos, alças, gargalos, vasilhas semi-inteiras, além de peças inteiras: estatuetas, tortual de fuso e adorno. O material não diagnóstico são partes de vasilha

sem decoração cromática⁵ ou acromática⁶, e os micro-fragmentos são fragmentos menores de 3 cm de comprimento.

A curadoria do material foi realizada no Laboratório de Arqueologia/NPEA/UFPA. Nas etapas de curadoria o material foi catalogado, higienizado e feito à triagem do material em: diagnóstico, não diagnóstico e micro-fragmentos (estes últimos separados pelo tamanho), quantificado, identificado com número de registro (NR), analisado e por fim o material foi acondicionado na reserva técnica do laboratório. A higienização foi realizada com água corrente e escova de cerdas macias para retirada do excesso de sedimento agregado ao material. Seguida à higienização e à separação dos micro-fragmentos, o material foi numerado. No processo de numeração o material recebe uma camada de esmalte incolor, de preferência na parte interna do material e se possível longe de decoração cromática ou acromática, em seguida é colocado o NR com tinta nanquim e depois passada outra camada de esmalte incolor para fixar o registro e conservá-lo, a partir de então o material é identificado pelo seu NR.

Seguida essa primeira etapa de trabalho o material foi analisado de forma quantitativa. A análise ocorreu em duas etapas: Na primeira etapa todo o material já quantificado foi pesado e anotado seu peso em gramas (g). A segunda etapa foi realizada apenas com os fragmentos diagnósticos e não diagnósticos verificando o antiplástico presente na cerâmica, com o uso de lupa binocular. Para o material diagnóstico observei os atributos tecnológicos e estilísticos de cada peça, sendo estes classificados conforme a lista de atributos (Anexo 1). Para medir os micro-fragmentos utilizei o paquímetro manual com escala de 0 a 15 cm. As informações foram registradas em planilhas do programa Microsoft Office Excel-2007 e as tabelas e gráficos foram produzidas também no mesmo programa.

Para classificar o material foi utilizada a nomenclatura das fontes: Chmyz (1966), Souza (1997), Barata (1950, 1953a, 1953b), Corrêa (1965), Gomes (2002) e Alves (2012). Gomes (2002) foi utilizada para classificar aspectos cromáticos e acromáticos do material, além de orientar na identificação de peças inteiras e semi-inteiras que

⁵ Decoração que utiliza engobo e/ou pintura.

⁶ Decoração que não utiliza engobo e/ou pintura.

constam no catálogo e que se parece com alguns fragmentos do material analisado. Para a descrição da reconstituição hipotética das vasilhas utilizei as definições de formas e contornos de Shepard (1985) e para a definição das classes e funções das vasilhas reconstituídas utilizei Rice (1987).

A lista de atributos que foi construída para a análise da segunda etapa é formada por 12 atributos: estado de conservação, tipo de objeto, parte da vasilha ou objeto, antiplástico, tratamento de superfície, estado de conservação, técnica de confecção, tipos de base, de bordas, de lábios, decoração cromática e acromática.

(1)Estado de conservação: estado em que o material cerâmico se encontra.

Fragmento: pedaços de vasilhas ou estatuetas

Peça fragmentada: objeto que não está composta por todas as suas partes

Peça inteira: objeto composto por todas as suas partes

(2)Tipo de objeto

Estatueta: “pequena representação antropomorfa ou zoomorfa modelada ou moldada em cerâmica, ou ainda esculpida em pedra ou osso” (Souza 1997: 51).

Tortual de fuso: “disco de pedra ou cerâmica, com perfuração central, destinados a servir de peso na fiação dos tecidos de algodão” (Souza 1997: 124).

Vasilha: “termo que abrange todas as formas de recipientes de cerâmica” (Souza 1997: 135).

Adorno: “artefato lítico, cerâmico ou quebrato-ósteo-adonto-malacológico que supõe-se, foi utilizado como objeto de adorno” (Souza 1997: 12).

(3)Partes da vasilha ou partes de estatueta

Apêndice: “saliência externa acrescentada ao corpo da vasilha” (Gomes 2002: 73).

Alça: “apêndice vazado destinado a suspender o vaso, podendo ser vertical ou horizontal” (Souza 1997: 13).

Base: “parte inferior, de sustentação do vasilhame” (Souza 1997: 122).

Borda: “extremidade superior do vaso” (Souza 1997: 27).

Corpo: “parte situada entre a base e a borda, entre a base e o colo ou entre a base e o gargalo” (Gomes 2002: 73).

Gargalo: “forma de boca afunilada, que tem início acima do ponto de diâmetro máximo do vaso, sendo determinado por um ponto angular ou um ponto de inflexão” (Gomes 2002: 73).

Tampa: “peça especialmente feita para vedar recipientes, podendo ser usados, também, outras vasilhas ou cacos para a mesma função” (Souza 1997: 121).

Partes do corpo da estatueta: pé, cabeça, braço, olho, nariz, mão, perna e orelha.

O atributo para as partes da vasilha, depois de classificados em apêndice, borda, base, gargalo ou corpo é sub-classificados quando é possível identificar a peça com um vaso de cariátides, vaso de gargalo, vaso globular (Barata 1950) prato e tigela (Gomes 2002).

Para os **aspectos tecnológicos**, foram observados três atributos: antiplástico, tratamento de superfície e técnica de confecção.

O **(4) antiplástico** “é a matéria introduzida na pasta, para conseguir condições técnicas propícias a uma boa secagem e queima”, sendo os antiplásticos formados por temperos minerais e/ou temperos orgânicos (Souza 1997: 122). Os antiplásticos encontrados na cerâmica do sítio Porto de Santarém foram: rocha triturada e caco moído (minerais); cauixi e caraipé (orgânicos).

Os tipos de **(5) tratamento de superfície** observados no material do sítio Porto de Santarém foram: alisamento, polimento, sem tratamento de superfície e superfície alisada e depois polida. Quanto ao **(6) estado de conservação** as peças foram observadas quando estavam erodidas, patinadas ou preservadas e os três tipos de estado de conservação foram identificados no material analisado. E as **(7) técnicas de confecções** observadas foram: acordelamento, modelagem e repuxado.

As partes da vasilha se dividem em três novos atributos, assim apresento as tipologias para os tipos (8) de bases, (9) de bordas e (10) lábios, sendo estes atributos classificados de acordo com Chmyz (1966) conforme as Figuras 18, 19 e 20.

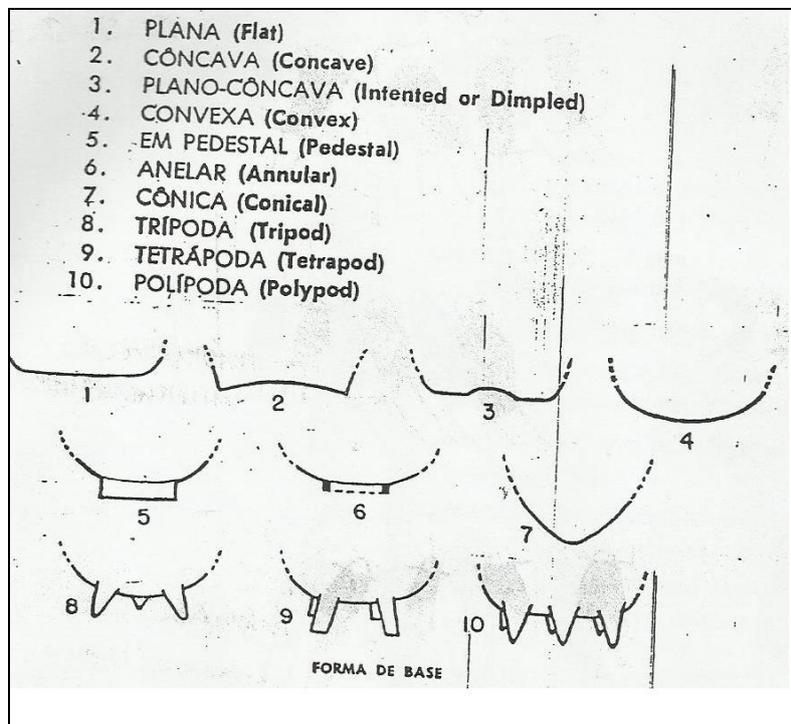


Figura 18 - Tipos de bases. Fonte: Chmyz (1966)

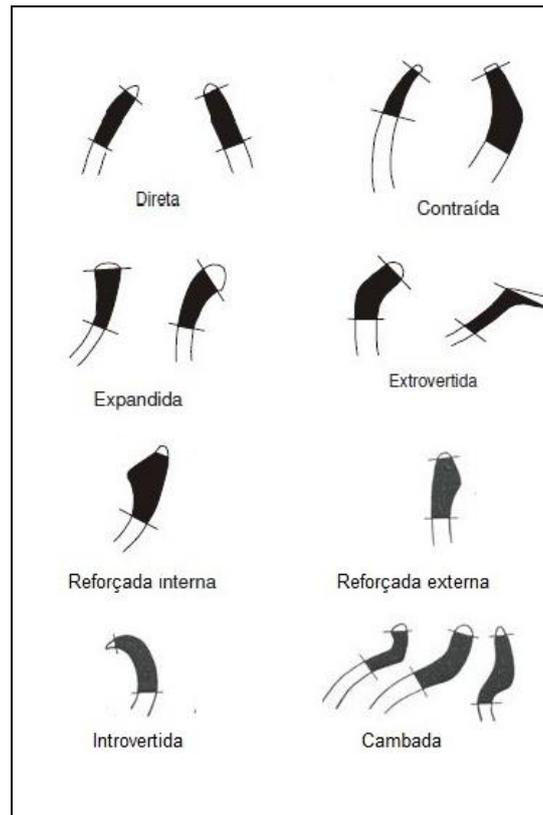


Figura 19 - Tipos de bordas. Fonte: Chmyz (1966)

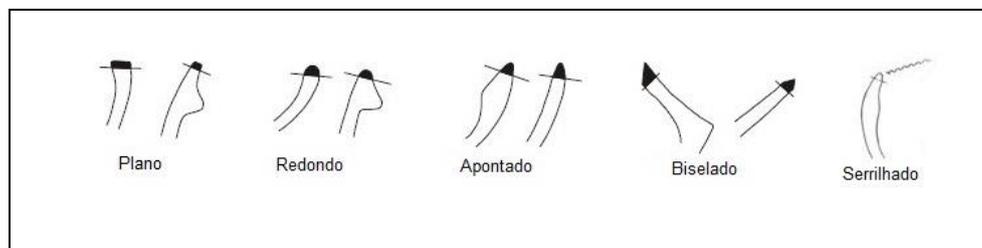


Figura 20 - Tipos de lábio. Fonte: Chmyz (1966)

Quanto aos **aspectos decorativos** foram classificados em cromáticos e acromáticos: Os aspectos **(11) decorativos acromáticos** são constituídos por vários atributos que serão apresentados a seguir:

Aplicado: “decoreção em que se fixa uma ou várias tiras ou bolas de pasta, na superfície cerâmica, com efeitos de variadas formas e desenhos” (Souza 1997: 17).

Digitado: “decoreção que consiste em imprimir a ponta do dedo na superfície do vasilhame” (Souza 1997: 45).

Entalhado: “decoreção que consiste em pequenos cortes executados no lábio do vasilhame ou em qualquer outra parte do mesmo” (Chmyz 1966: 130).

Exciso: “decoreção que consiste em retirar da superfície da cerâmica, antes da queima, porções de vários tamanhos, formas e profundidades” (Chmyz 1966: 131).

Filete aplicado: “apliques modelados com formato longilíneo, contendo ou não outras decorações na superfície externa” (Alves 2012).

Incisão: “decoreção que consiste em incisões praticadas por meio da extremidade aguçada de instrumentos variados, na superfície da cerâmica, antes da queima. Variando em comprimento, largura e profundidade, podendo apresentar secções regulares ou irregulares” (Chmyz 1966: 133).

Marca de cestaria: decoreção que consiste em imprimir na superfície externa das cerâmicas marcas de cestas feitas de palha.

Ponteadado: “decoreção cerâmica feita com pontas, deixando marcas independentes, podendo ser de várias formas e tamanhos” (Souza 1997: 103).

Ponteadado-arrastado: “decoreção cerâmica executada com um instrumento de uma ou mais pontas que marca a superfície cerâmica, e fixa, alternadamente, pontos e sulcos interligados” (Souza 1997: 140).

Ungulado: “decoreção que consiste em imprimir, com a ponta das unhas, marcas agrupadas em diversas posições, na superfície do vasilhame” (Chmyz 1966: 146).

(12) Os cromáticos são engobo e pintura. O engobo é um tipo de tratamento que consiste em aplicar, antes da queima, uma camada de barro, mais espessa que o banho, com ou sem pigmentos minerais, na superfície do vasilhame (Chmyz 1966: 130). A pintura é uma técnica que consiste em aplicar pigmentos minerais ou vegetais à superfície cerâmica, ou sobre o engobo, antes ou depois da queima (Gomes 2002: 76).

As formas e contornos das vasilhas seguiram a classificação de Shepard (1985: 224-248) conforme Figura 21 a seguir.

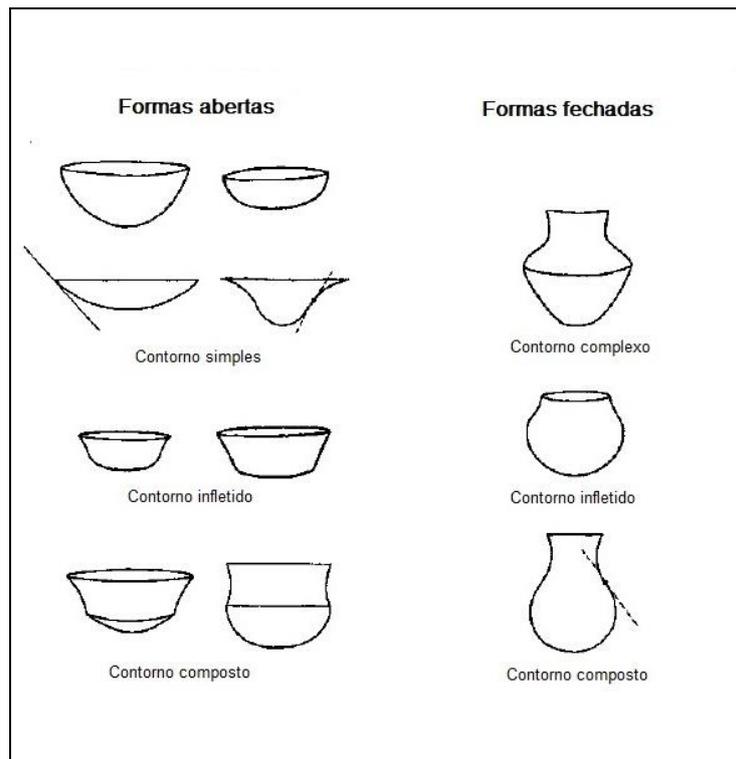


Figura 21 - Tipos de formas e contornos de vasilhas. Fonte: Shepard (1985)

Essa classificação de Shepard (1985: 228) em vasilhas de formas abertas ou de formas fechadas foi definida a partir dos diâmetros das bordas e o diâmetro máximo das vasilhas, no entanto para a reconstituição das vasilhas deste trabalho foi utilizado a inclinação das bordas. Assim, vasilhas com a forma aberta têm o diâmetro da boca equivalente ao diâmetro máximo das vasilhas, enquanto que as vasilhas com a forma fechada têm o diâmetro da boca é menor que o diâmetro máximo da vasilha.

Quanto ao contorno das vasilhas, Shepard (1985: 231-232) classificou em quatro tipos: simples, composto, infletido e complexo. Estes tipos de contornos foram definidos a partir do ponto angular (PA) e do ponto de inflexão (PI). O (PA) ponto em que houve uma alteração no contorno da vasilha e o (PI) ponto em que há mudança na curvatura da vasilha de côncava para convexa e também ocorrendo o inverso. Assim, as vasilhas de contorno do tipo simples não apresentam (PA) e nem (PI), as de contorno do tipo composto apresentam (PA), as de contorno do tipo infletido apresentam apenas (PI) e as de contorno do tipo complexo apresentam os dois ou mais pontos (PA) e/ou (PI).

As vasilhas foram reconstituídas hipoteticamente a partir das bordas e bases que fossem possíveis verificar a inclinação e o diâmetro, além dos apêndices que eram semelhantes a apêndices encontrados em coleções de material de Santarém. As vasilhas reconstituídas foram organizadas pela sua forma e assim relacionadas às suas funções seguindo o modelo etnográfico de Rice (1987: 238-240) para denomina-las com possível função doméstica e para as vasilhas com possível função cerimonial me baseei em Barata (1950) Gomes (2002) e no tipo de material que Shiffer (1987) denomina com contendo em um *ritual caches*. As funções foram organizadas em seis tipos de peças:

1. Vasilhas para armazenar: recipiente com abertura restrita para despejar, sendo comum ter apêndices para auxiliar na sustentação ou movimento. A superfície apresenta tratamento ou engobo utilizado para reduzir a permeabilidade, tendo baixa frequência de reposição.
2. Vasilhas para cozinhar: recipientes com formas globulares, cônicas e arredondadas, sem alteração no ângulo do bojo, sendo suas paredes finas para suportar o choque térmico, com alta frequência de reposição.
3. Vasilhas para preparar alimentos: recipientes que não são levados ao fogo e possuem formas simples e abertas, paredes densas para suportar o atrito das atividades de socar, triturar, misturar etc.
4. Vasilhas para servir: recipientes com formato aberto, geralmente com alças, base plana, pedestal ou anelar para garantir a estabilidade. Possui dimensões pequenas ou grandes e podem ser usadas de forma individual ou em grupo.
5. Recipientes para tostar ou secar: são quase sempre de formato plano ou circular, sendo a borda com pouca curvatura.
6. Vasilhas para transporte: recipientes para transportar alimentos ou bebidas, possuem alças, sendo leves e com boca fechada.

Definindo a classificação das vasilhas foram usados os critérios de Rice (1987: 215-216) que as denominou conforme altura e diâmetro máximo das vasilhas, levando em

consideração o que já foi apresentado anteriormente. Assim, há cinco classes de vasilhas, conforme descrição abaixo:

1. Prato: a altura será sempre menor do que $1/5$ do diâmetro máximo.
2. Tigela rasa: a altura será sempre maior do que $1/5$ do diâmetro máximo.
3. Tigela média: a altura será sempre maior ou igual a $1/3$ do diâmetro máximo, porém menor do que $1/2$ do diâmetro máximo.
4. Vasilha: a altura é maior ou igual a $1/2$ do diâmetro máximo.
5. Vaso: a altura é maior ou igual ao diâmetro máximo.

Depois dessa análise quantitativa realizei uma análise qualitativa com a reconstituição das vasilhas, além de separar o material por feição. O objetivo da análise ao separar o material por feição era de perceber uma associação entre os objetos, procurando observar a sequência do depósito que ocorreu no momento do descarte do material e com isso verificar se o material descartado ocorreu em um ou em vários episódios e qual a possível proveniência do material antes do descarte. Para isso, tive que organizar o material por nível escavado e abrir os sacos e verificar o material buscando alcançar os objetivos acima. A Figura 22 a seguir apresenta como procedi com o material.



Figura 22 - Organização do material da F4

Resultados Gerais das análises das feições 3, 4 e 5

Os materiais cerâmicos provenientes dos três *bolsões* somam 11.876 fragmentos. Os micro-fragmentos têm maior quantidade nas três feições, indicando que o material estava bastante fragmentado. Os micro-fragmentos foram desconsiderados na segunda etapa da análise, que contou somente com os fragmentos diagnósticos e não diagnósticos, que somaram 6.094, equivalendo a mais de 51% do material coletado. A Tabela 4 indicou que a feição 5 tem maior proporção de material diagnósticos (48%) que as demais (F3: 23%, F4: 29%).

Tabela 4 - Quantidade e porcentagem de material por feição

F	Quant. Diag.	% Diag.	Quant. Não-diag.	% Não Diag.	Quant. Micro	% Micro	Quant. Total	% Total
3	499	23%	985	26%	2.398	42%	3.882	33%
4	643	29%	1.445	37%	1.512	26%	3.600	30%
5	1.069	48%	1.453	37%	1.872	32%	4.394	37%
Total	2.211	100%	3.883	100%	5.782	100%	11.876	100%

Os pesos dos materiais foram mensurados em gramas (g), observe que a feição 3 tem menor quantidade de material (diagnóstico e não-diagnóstico) se comparada com a feição 5, no entanto o peso da feição 3 é maior que o peso da feição 5, isto ocorreu, porque na feição 3 foi encontrada uma grande vasilha policrômica fragmentada e duas vasilhas menores e pouco fragmentadas, que deixou o material mais pesado, assim influenciando na razão entre Peso/Quantidade, conforme Tabela 5.

Tabela 5 - Quantidade e Peso do material por feição

Feição	Quantidade	Peso	Peso/Quantidade
3	3.882	15.278	3.936
4	3.600	11.639	3.233
5	4.394	14.973	3.408
Total	11.876	41.890	10.576

Sobre os atributos **tratamento de superfície, estado de conservação e técnica de confecção**, obtive as informações para a quantidade geral do material entre diagnósticos e não diagnósticos – soma 6.094 fragmentos sem separar por feição. O

tratamento de superfície alisado representa 93,47% do total de material, conforme gráfico da Figura 23.

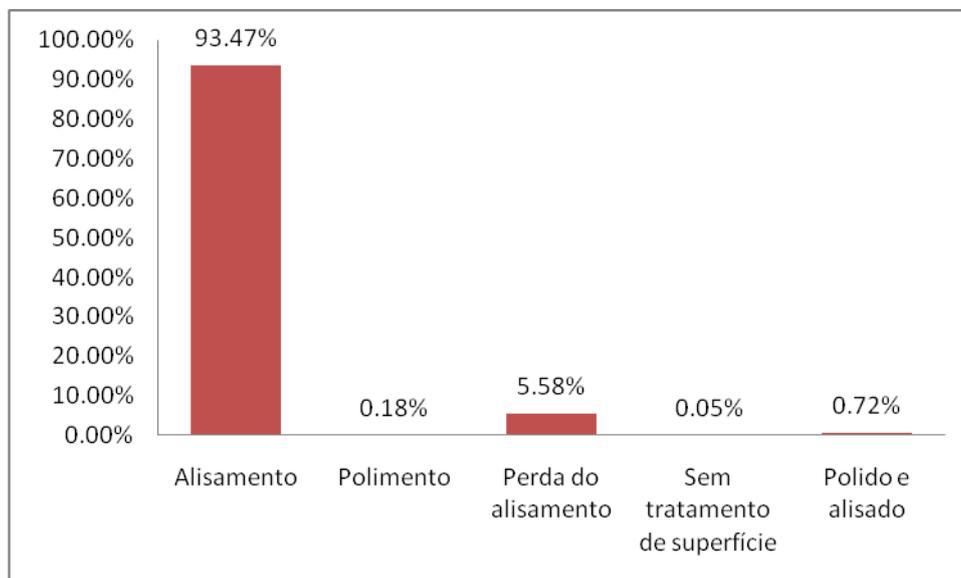


Figura 23 - Gráfico com a proporção do tratamento de superfície em todo material

Quanto ao **estado de conservação**, 91% do material se encontra preservado, conforme gráfico da Figura 24. E sobre a **técnica de confecção**, o acordelamento representa 98,49% do total do material analisado conforme Tabela 6 a seguir.

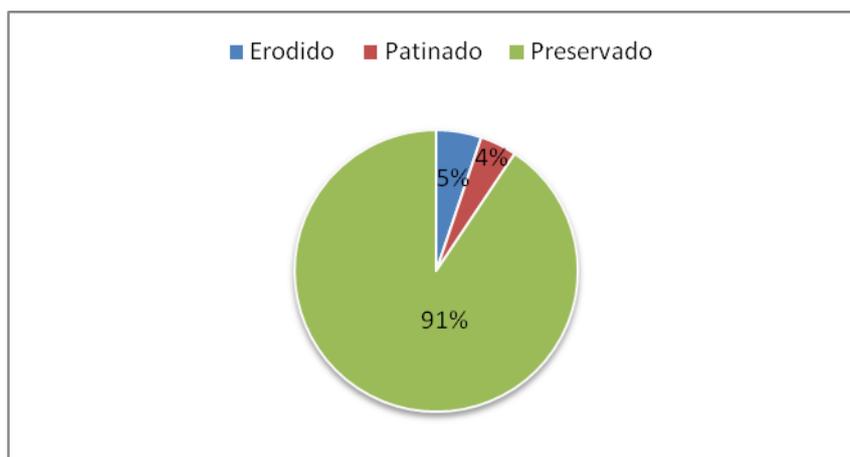


Figura 24 - Gráfico com a porcentagem do estado de conservação de todo material

Tabela 6 - Tipos de Técnica de Confeção

Técnica de Confeção	Total
Acordelamento	98.49%
Modelagem	1.46%
Repuxado	0.05%
Total	100.00%

Quanto ao atributo **partes da vasilha** observei que os fragmentos de corpo representam mais de 90% do material nas três feições. Isso claro, por um lado, está relacionado ao fato de que quanto uma vasilha quebra haverá mais pedaços de seu bojo do que do restante de elementos que a compõem, mas por outro lado indica que em nenhuma das três feições houve uma escolha de descarte de partes específicas de uma vasilha como, por exemplo, um descarte especial para apêndices zoomorfos. Seguido a maior representatividade dos fragmentos do corpo há os de bordas, bases, aplique sem forma, apêndice zoomorfo e gargalo. A Tabela 7 apresenta as partes da vasilha encontradas separadas por feições.

Tabela 7 - Quantidade de partes da vasilha por feição

Parte	Quant. F3	% F3	Quant. F4	% F4	Quant. F5	% F5
Corpo	1.345	90.63%	1.963	94.01%	2.328	92.31%
Borda	98	6.60%	88	4.21%	157	6.23%
Base	7	0.47%	11	0.53%	15	0.59%
Aplique sem forma	5	0.34%	11	0.53%	8	0.32%
Apêndice Zoomorfo	15	1.01%	0	0.00%	4	0.16%
Gargalo	7	0.47%	5	0.24%	4	0.16%
Flange	4	0.27%	2	0.10%	2	0.08%
Outros	0	0.00%	3	0.14%	1	0.04%
Apêndice	0	0.00%	0	0.00%	3	0.12%
Apêndice sem forma	0	0.00%	3	0.14%	0	0.00%
Tampa	3	0.20%	0	0.00%	0	0.00%
Alça	0	0.00%	1	0.05%	0	0.00%
Apêndice antropomorfo	0	0.00%	1	0.05%	0	0.00%
Total	1.484	100%	2.088	100%	2.522	100%

Quanto aos **tipos de vasos** encontrados em todas as feições, observa-se que a feição 3 tem maior quantidade (25) de tipos de vasos. Na amostra para as três feições os vasos globulares são mais frequentes (21%), seguidos por vasilhas (20%) e tigelas médias (16%). O vaso do tipo de gargalo representam 13% da amostra total, conforme Tabela 8. Os vasos do tipo globular e gargalo são vasos considerados cerimoniais, assim indicando que nessas feições também continha materiais cerimoniais.

Tabela 8 - Tipos de vasos por feição

Tipos de vasos	Quant.		Quant.		Quant.		Total	% Total
	F3	% F3	F4	% F4	F5	% F5		
Gargalo	3	12%	1	5%	0	0%	4	13%
Globular	3	12%	7	33%	5	21%	15	21%
Vasilha	3	12%	2	10%	9	38%	14	20%
Vaso	1	4%	2	10%	0	0%	3	4%
Prato	4	16%	1	5%	2	8%	7	10%
Tigela em miniatura	5	20%	3	14%	1	4%	9	13%
Vaso em miniatura	0	0%	1	5%	1	4%	2	3%
Tigela média	6	24%	2	10%	3	13%	11	16%
Tigela rasa	0	0%	2	10%	3	13%	5	7%
Total	25	100%	21	100%	24	100%	70	100%

Dentro da amostra de material analisado foram observados quatro tipos de objetos: estatueta, tortual de fuso, vasilha e adorno, conforme Tabela 9. As estatuetas estavam inteiras ou em fragmentos (braço, pé, perna, cabeça, olho, nariz, orelha). Havia dois tortuais de fuso, um inteiro e um fragmentado. Vasilhas foram coletadas em partes fragmentadas: borda, corpo, base, apêndice, aplique, alça, gargalo, além das vasilhas semi-inteiras. O adorno é uma peça inteira. Em relação à quantidade total de vasilha que soma 6.069, a maior proporção de vasilha encontrava-se na F5: 41,5%, seguido da F4: 34,1% e F3: 24,4%. Das 22 estatuetas inteiras ou semi-inteiras encontradas nas três feições a maior proporção encontrava-se na F4: 68,2%, seguido da F3: 18,2% e F5: 13,6%.

Tabela 9 - Tipos de objetos por feição

Tipo de Objeto	Quant. F3	% F3	Quant. F4	% F4	Quant. F5	% F5	Quant. Total	% Total
Vasilha	1.479	24.4%	2.072	34.1%	2.518	41.5%	6.069	100%
Estatueta	4	18.2%	15	68.2%	3	13.6%	22	100%
Tortual de fuso	1	50%	0	0%	1	50%	2	100%
Adorno	0	0%	1	100%	0	0%	1	100%

Os fragmentos decorados nas três feições somam 1.943, sendo que a F5 apresenta maior proporção de material decorado (51%), seguido da F4 (27%) e F3 (22%), conforme Tabela 10 a seguir que apresenta a quantidade e porcentagem de fragmentos decorados e não-decorados. A proporção de não decorados não chega a 50% do material em nenhuma das três feições.

Tabela 10 - Decorados e não decorados por feição

Feição	Decorados	% Decorados	Não decorados	% Não decorados	Quant. Total	% Total
3	418	22%	1.066	26%	1484	24%
4	530	27%	1.558	38%	2088	34%
5	995	51%	1.527	37%	2522	41%
Total	1.943	100%	4.151	100%	6094	100%

Os **aspectos decorativos** foram classificados em cromáticos e acromáticos. As **técnicas cromáticas** são o engobo e a pintura, que quando combinados apresentaram 27 tipos de combinações decorativas, sendo que o engobo vermelho externo representa 70% das decorações presentes, seguido de pintura vermelha externa (mais de 13%) e engobo branco externo (mais de 4%), conforme gráfico da Figura 25. A Tabela 11 apresenta todas as combinações decorativas cromáticas encontradas por feição e o gráfico (Figura 26) apresenta as cinco técnicas decorativas mais frequentes por feição que também indicam que o engobo vermelho é a técnica decorativa mais frequente seguido da pintura vermelha externa.

Tabela 11 - Tipos de combinações decorativas cromáticas por feição

Decoração Cromática	Quant. F3	Quant. F4	Quant. F5	Total
Engobo vermelho externo	229	367	639	1235
Pintura vermelha externa	53	43	127	223
Engobo branco externo	14	32	29	75
Pintura vermelha externa/interna	17	16	40	73
Pintura preta externa	9	5	19	33
Pintura vermelha e preta sobre engobo branco externo e engobo vermelho interno	12	0	18	30
Pintura vermelha sobre engobo branco externo	5	0	16	21
Pintura vermelha interna	4	1	12	17
Engobo branco externo e pintura vermelha interno	0	7	2	9
Pintura branca externo e pintura vermelha interno	0	2	7	9
Pintura branca	6	1	0	7
Pintura vermelha interna e pintura vermelha e preto sobre engobo branco externo	3	0	2	5
Pintura branca sobre vermelha	0	0	4	4
Engobo vermelho interno	0	0	3	3
Pintura vermelha e preta sobre engobo branco externo e pintura preta externo	0	0	3	3
Pintura vermelha externo e engobo branco interno	1	2	0	3
Engobo vermelho interno e externo	0	1	1	2
Engobo branco externo e interno	0	1	1	2
Pintura preta sobre branca	0	0	2	2
Pintura preta sobre vermelha	1	0	1	2
Pintura preta externa e interno	2	0	0	2
Pintura branca sobre preta	0	0	1	1
Pintura laranja externa	0	0	1	1
Pintura vermelha sobre engobo branco externo e engobo branco interno	0	0	1	1
Pintura vermelha sobre engobo branco interno	1	0	0	1
Pintura vermelha e preto sobre engobo branco externo e interno	0	0	1	1
Pintura vermelha sobre engobo branco interno	1	0	0	1
Total	358	478	930	1766

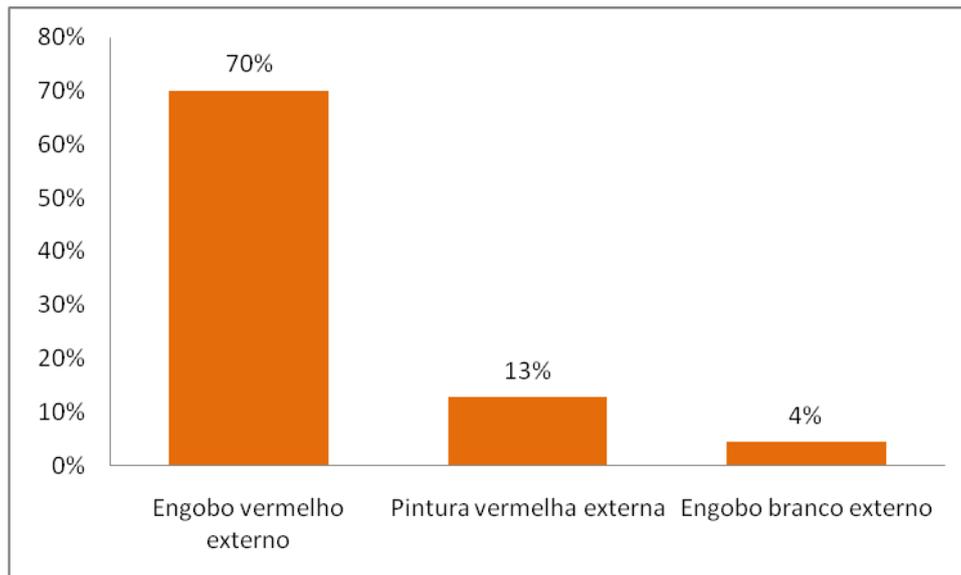


Figura 25 - Porcentagem das três técnicas decorativas cromáticas mais frequente em todo material

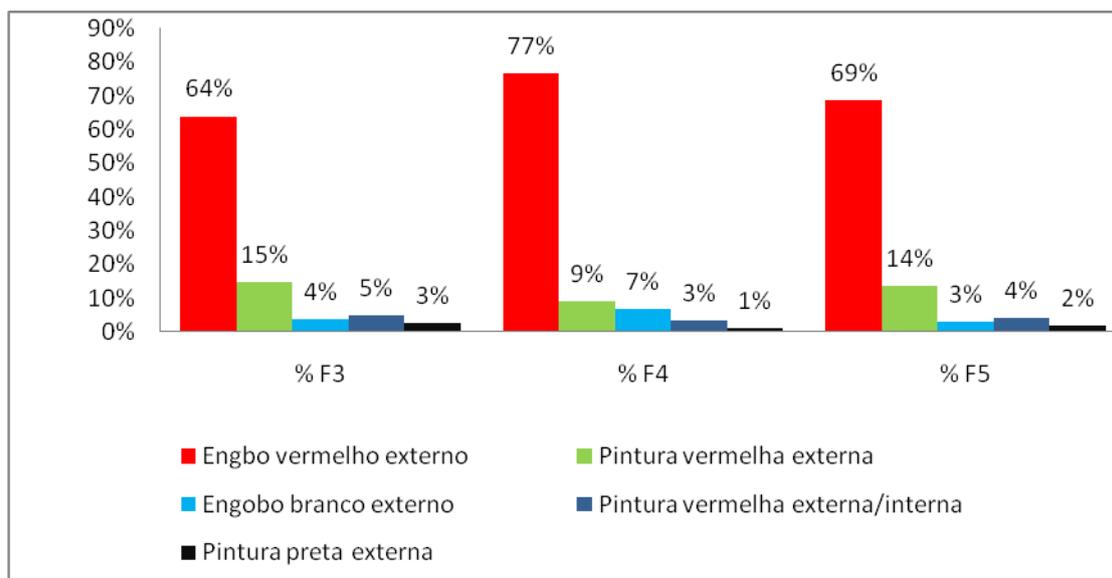


Figura 26 - Os cinco tipos de técnicas decorativas cromáticas mais frequentes por feição

As **decorações acromáticas** apresentam 18 técnicas decorativas, sendo que a decoração mais frequente foi o inciso (F3: 46%, F4: 36%, F5: 52%) seguido de: exciso, filete aplicado, entalhado e filete aplicado digitado/inciso, conforme mostra o gráfico da Figura 27. Percebe-se que há fragmentos cerâmicos que têm mais de uma decoração, como por exemplo, a incisão que aparece relacionada com outras técnicas decorativas como ponteadado, entalhado, filetes aplicados e outros conforme gráfico da Figura 28. A decoração incisa representa 45% das técnicas decorativas presentes; no entanto, quando relacionada com outra técnica decorativa essa porcentagem aumenta

para 66% conforme gráfico da Figura 28. A Tabela 12 apresenta todos os tipos de técnicas decorativas acromáticas encontradas por feição, e o gráfico da Figura 27 apresenta os cinco tipos de técnicas decorativas mais frequentes por feições e o gráfico da Figura 28 apresenta as combinações da decoração incisa com outras decorações do total de material analisado nas três feições.

Tabela 12 - Tipos de técnicas decorativas acromáticas por feição

Decoração Acromática	Quant. F3	% F3	Quant. F4	% F4	Quant. F5	% F5	Total
Inciso	31	46%	20	36%	32	52%	83
Exciso	12	18%	2	4%	1	2%	15
Filetes aplicados	6	9%	4	7%	3	5%	13
Entalhado	5	7%	7	13%	1	2%	13
Filete aplicado digitado/inciso	1	1%	1	2%	8	13%	10
Incisões paralelas	0	0%	9	16%	0	0%	9
Filete aplicado com entalhes	1	1%	3	5%	4	7%	8
Inciso/ponteadado	2	3%	0	0%	4	7%	6
Inciso/entalhado	3	4%	3	5%	0	0%	6
Filete aplicado com incisões	2	3%	1	2%	2	3%	5
Marca de cestaria	2	3%	2	4%	0	0%	4
Incisões angulares (semi -circular)	0	0%	2	4%	1	2%	3
Ponteadado	0	0%	1	2%	1	2%	2
Filete aplicado com ponteadado	0	0%	0	0%	2	3%	2
Ponteadado arrastado	1	1%	0	0%	1	2%	2
Digitado	0	0%	1	2%	0	0%	1
Ungulado	1	1%	0	0%	0	0%	1
Ponteadado/exciso	0	0%	0	0%	1	2%	1
Total	67	100%	56	100%	61	100%	184

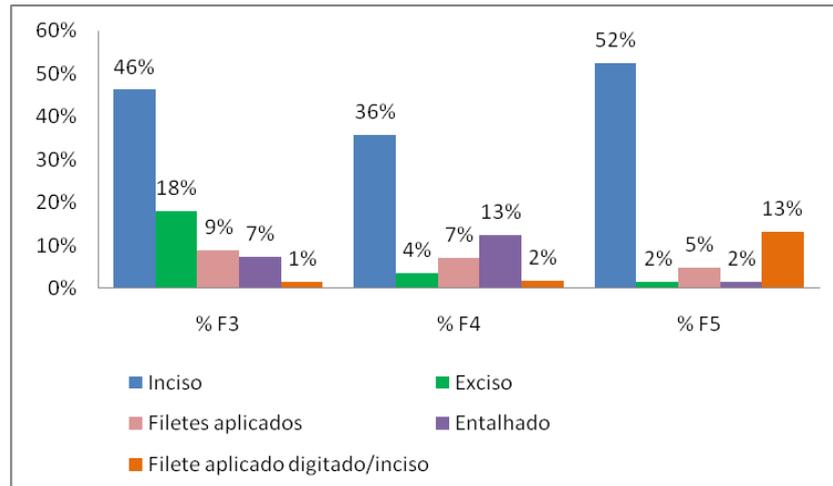


Figura 27 - Os cinco tipos de técnicas decorativas acromáticas mais frequentes por feição

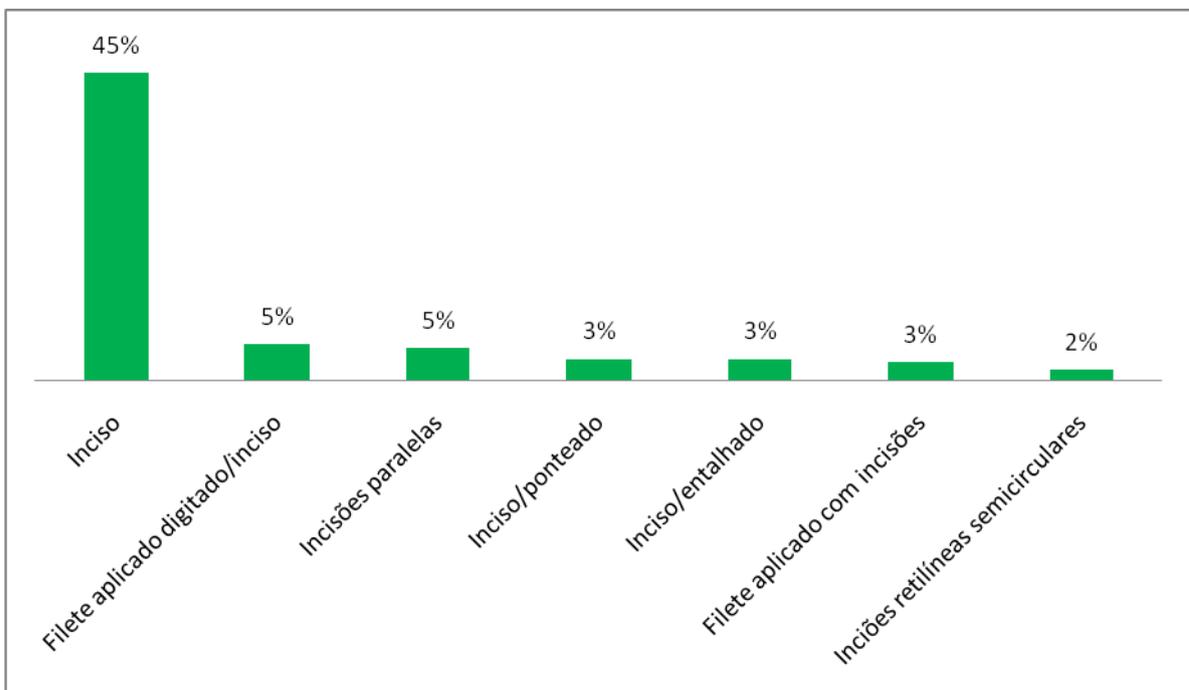


Figura 28 - Porcentagem da decoração incisa relacionadas com outras técnicas decorativas

Quanto ao **antiplástico** encontrado no material cerâmico das três feições, o mais frequente é o cauxi, representando mais de 63% do total de antiplástico observados, conforme gráfico da Figura 29. Quando misturado com outros antiplásticos (caco moído, rocha triturada e caraipé) essa porcentagem aumenta para mais de 93% do total do material, sendo esta uma característica do material dos *Tapajó*, conforme já foi verificado por Gomes (2002) e Alves (2012). Segundo Suellen Esquerdo (2013) o cauxi é um antiplástico já encontrado nas argilas coletadas nas áreas próximas a

Santarém, assim provavelmente o cauxi não foi colocado de forma intencional na argila (Volkmer-Ribeiro 2005 apud Esquerdo 2013); isto pode explicar a presença de mais de 90% de cauxi no material analisado das feições. A Tabela 13 apresenta os tipos de antiplásticos encontrados nos materiais.

Tabela 13 - Antiplástico identificado na cerâmica das feições

Antiplástico	Quant. F3	% F3	Quant. F4	% F4	Quant. F5	% F5
Cauxi	1.176	79.2%	1.264	60.5%	1.418	56.2%
Cauxi+ caco moído ⁷	241	16.2%	452	21.6%	573	22.7%
Cauxi+rocha triturada	59	4.0%	371	17.8%	1	0.0%
Caco moído	0	0.0%	0	0.0%	383	15.2%
Caco moído+ cauxi	0	0.0%	0	0.0%	139	5.5%
Rocha triturada	1	0.1%	1	0.0%	3	0.1%
Rocha triturada+ cauxi	5	0.3%	0	0.0%	0	0.0%
Caraipé	2	0.1%	0	0.0%	2	0.1%
Cauxi+ caraipé	0	0.0%	0	0.0%	3	0.1%
Total	1.484	100.0%	2.088	100.0%	2.522	100.0%

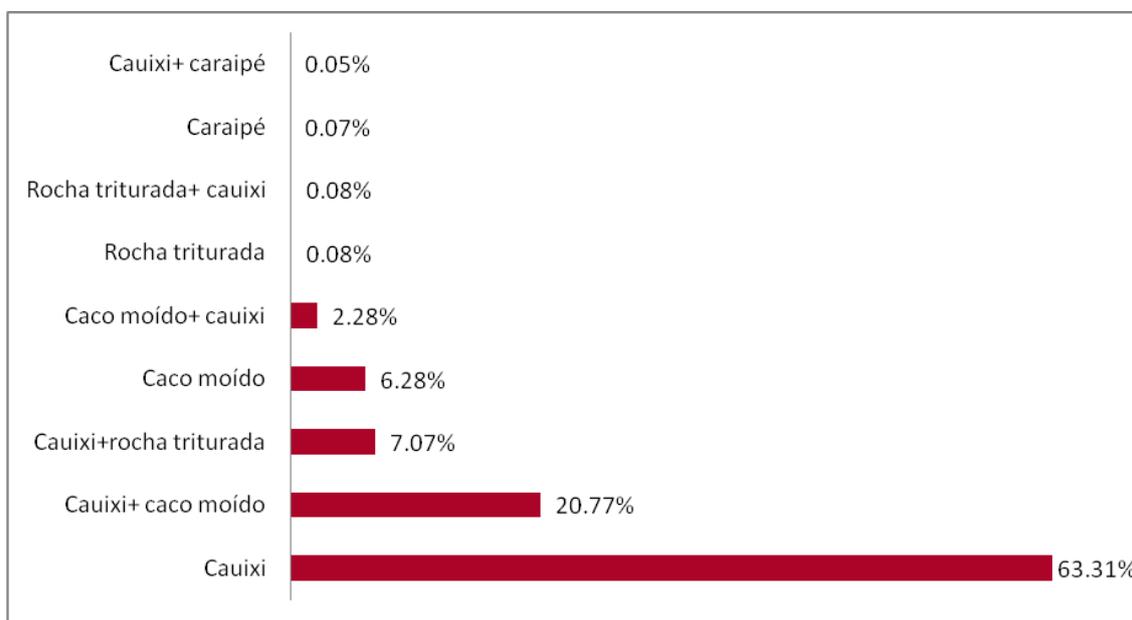


Figura 29 - Frequência dos antiplásticos encontrados na cerâmica das três feições

As bordas e as bases das vasilhas somam 376 fragmentos, sendo que os tipos de bordas variaram entre: direta, inclinada interna, inclinada externa, reforçada

⁷Os antiplásticos (cauxi e o caco moído) aparecem na combinação cauxi + caco moído e caco moído + cauxi, essa ordem se altera pela quantidade de antiplástico, isto é, o primeiro antiplástico que aparece na combinação é o que apareceu em maior quantidade nos fragmentos cerâmicos analisados.

internamente, reforçada externamente, extrovertida, introvertida, expandida, vasada e cambada, além disso, tiveram bordas que não consegui identificar o tipo porque estavam erodidas. As bordas diretas são as mais frequentes (F3: 58%, F4: 55%, F5: 46%) seguida de não identificadas, expandidas e extrovertidas, conforme Tabela 14 a seguir. A Tabela 15 apresenta os tipos de lábios, em que o tipo de lábio arredondado foi mais frequente (F3: 46%, F4: 33% e F5: 21%) seguido de lábios do tipo plano (F3: 15%, F4: 23%, F5: 34%) e dentro desta quantidade total tiveram lábios que não consegui identificar o tipo porque estavam erodidos.

Tabela 14 - Tipos de bordas por feição

Tipos de bordas	Quant. F3	% F3	Quant. F4	% F4	Quant. F5	% F5
Direta	57	58%	48	55%	73	46%
Não identificado	19	20%	19	22%	51	33%
Expandida	9	9%	2	2%	13	8%
Extrovertida	4	4%	8	9%	8	5%
Reforçada externamente	2	2%	5	6%	6	3%
Reforçada internamente	1	1%	1	1%	1	1%
Inclinada externa	6	6%	3	3%	2	1%
Introvertida	0	0%	2	2%	0	0%
Inclinada interna	0	0%	0	0%	1	1%
Vasada	0	0%	0	0%	1	1%
Cambada	0	0%	0	0%	1	1%
Total	98	100%	88	100%	157	100%

Tabela 15 - Tipos de lábios por feição

Tipos de lábio	Quant. F3	% F3	Quant. F4	% F4	Quant. F5	% F5
Arredondo	44	46%	30	33%	33	21%
Plano	15	15%	21	23%	53	34%
Não identificado	15	15%	20	22%	54	35%
Apontado	23	24%	19	21%	15	10%
Serrilhado/dentado	0	0%	1	1%	0	0%
Total	97	100%	91	100%	155	100%

Quanto às bases analisadas, foram identificados cinco tipos (pedestal, plana, arredondada, polípoda e côncava), sendo que do total de 33 bases, 13 são do tipo pedestal, características da indústria cerâmica da fase Santarém, conforme apresentando na Tabela 16. É possível que estas bases sejam de vasilhas do tipo cariátides, gargalo e/ou pratos, conforme Figura 30. Essas bases em pedestal representam 40% da amostra, seguido das bases planas e não identificadas, ambas com 15% da amostra, conforme gráfico da Figura 31.



Figura 30 - Base em pedestal de vaso de gargalo da feição 4 (esquerda), coletada no nível 10-20 cm e vaso de gargalo completo (Gomes 2002: 200).

Tabela 16 - Tipos de bases por feição

Tipos de bases	Quant. F3		Quant. F4		Quant. F5	
	F3	% F3	F4	% F4	F5	% F5
Pedestal	1	14%	9	82%	3	20%
Plana	0	0%	2	18%	3	20%
Não identificado	2	29%	0	0%	3	20%
Arredondada	2	29%	0	0%	2	13%
Polípoda	2	29%	0	0%	2	13%
Côncava	0	0%	0	0%	2	13%
Total	7	100%	11	100%	15	100%

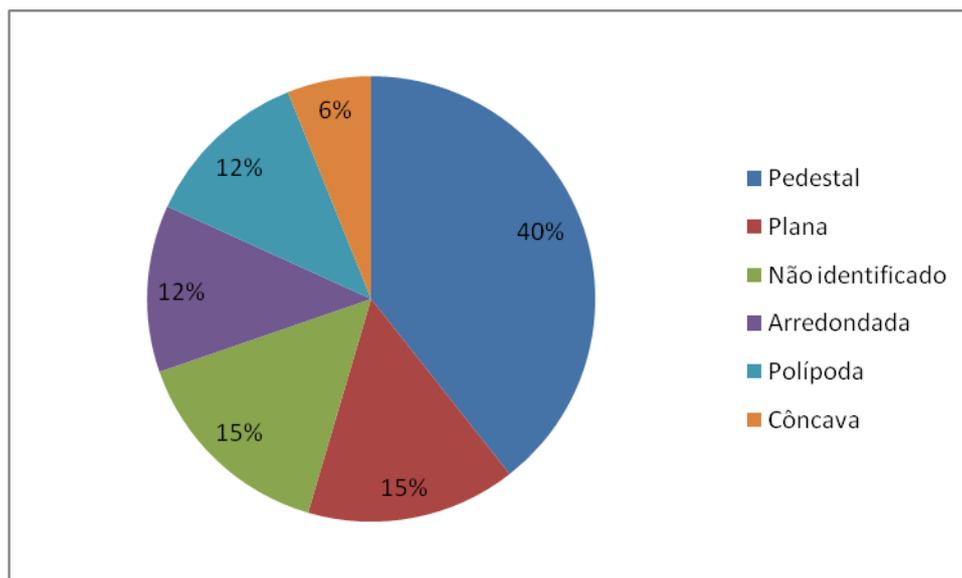


Figura 31 - Porcentagem geral dos tipos de bases encontrado nas três feições

Nessa parte apresentei apenas os dados gerais das análises sem fazer combinações entre os atributos e nem apresentar os resultados por nível de escavação, no entanto algumas considerações já foram observadas quanto ao material analisado. Observo que nas três feições não houve uma preocupação no momento do descarte do material, sendo que o material foi encontrado nos buracos de forma desorganizada como se tivessem jogado de qualquer forma. Percebo, entretanto, que houve uma intencionalidade no descarte, pois foram abertos buracos para despejar o material. Essas feições também foram identificadas em outras áreas do sítio Porto e também no sítio Aldeia o que indica que ser uma prática comum entre os *Tapajó*.

Entre as feições, a feição 3 é a que tem maior quantidade (25) de tipos de vasos, sendo os mais frequentes: os vasos globulares são mais frequentes (21%), seguidos por vasilhas (20%) e tigelas médias (16%). O vaso do tipo de gargalo representam 13% da amostra total.

Na feição 4, foram encontrados 13 fragmentos de estatuetas, uma estatueta do sexo feminino e outra estatueta do sexo masculino. Isso significa que 68% das estatuetas estavam no *bolsão* 4. Ressalto que partes de estatuetas também foram encontradas na feição 3 (4 fragmentos) na feição 5 (3 fragmentos).

A feição 5 foi a que apresentou maior quantidade de material cerâmico (4.394 fragmentos), o que equivale a 37% do total de material coletado. No entanto, quando comparada com a feição 3, em relação ao peso, o material da feição 3 ($Q/P=3,936$) é mais pesado que do feição 5 ($Q/P=3,408$), isto ocorreu porque a feição 3 apresentou uma grande vasilha policrômica fragmentada e duas vasilhas menores e pouco fragmentadas, assim deixando o material da feição mais pesado, apesar de ter menor quantidade de material. A seguir serão apresentados os resultados das análises por feição.

3.2. Resultados por Feição

3.2.1 Feição 3

Na feição 3 foram coletados 3.882 fragmentos cerâmicos, sendo 2.398 micro-fragmentos. Os fragmentos diagnósticos somaram 499, perfazendo 12,85% da amostra. Quanto à distribuição do material (diagnóstico e não diagnóstico) por nível, percebe-se que a quantidade de material aumenta a partir do início da escavação, atingindo o maior pico no nível 20-30 cm, diminuindo depois gradativamente até o final. O nível 20-30 cm também corresponde à largura máxima do buraco. O gráfico da Figura 32 apresenta a quantidade total do material (diagnóstico e não diagnóstico) coletado na feição 3 e o gráfico da Figura 33 apresenta a quantidade total de material (diagnóstico e não diagnóstico) em relação à quantidade de material diagnóstico; verifica-se que houve uma diminuição na quantidade de material diagnóstico no nível 48-58 cm, e isto ocorreu porque neste nível foi encontrada a maior parte da vasilha policrômica fragmentada (forma 9), além de outra vasilha fragmentada (forma 8). A maior parte do material diagnóstico estava concentrada até os 48 cm de profundidade, conforme apresenta no gráfico da Figura 33.

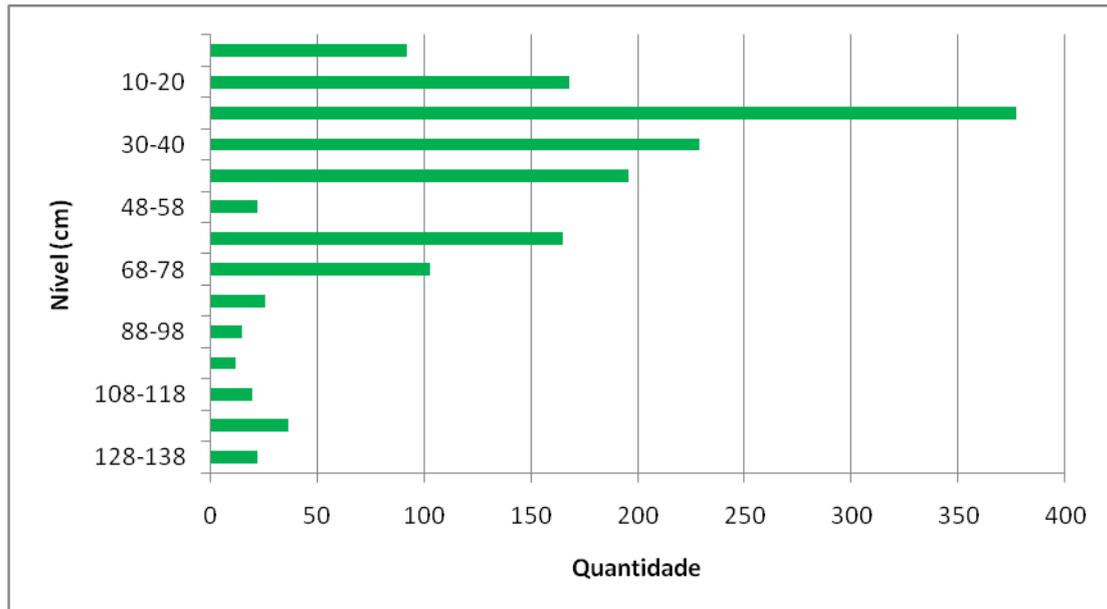


Figura 32 - Quantidade total de material cerâmico (diagnóstico e não diagnóstico) distribuído por níveis escavados

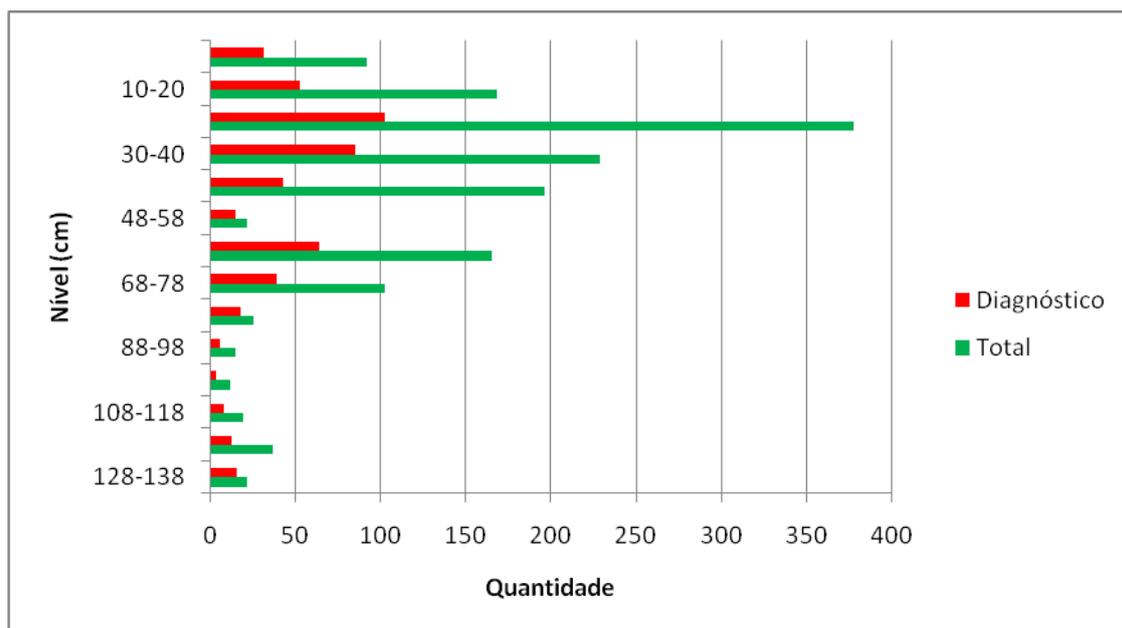


Figura 33 - Quantidade total de material (diagnóstico e não diagnóstico) coletado na feição três em relação à quantidade de material diagnóstico

Dentro da amostra analisada de 1.484 fragmentos (diagnósticos e não diagnósticos) o antiplástico predominante foi o cauxi, que foi identificado sozinho ou combinado com os antiplásticos caco moído e/ou rocha triturada. Na análise as combinações de antiplásticos foram registradas de maneira que o antiplástico mais abundante aparece primeiro (Exemplo: cauxi + rocha triturada, significa que o cauxi é o antiplástico mais

abundante que a rocha triturada). O gráfico da Figura 34 a seguir apresenta o quantitativo dos antiplásticos presentes na amostra.

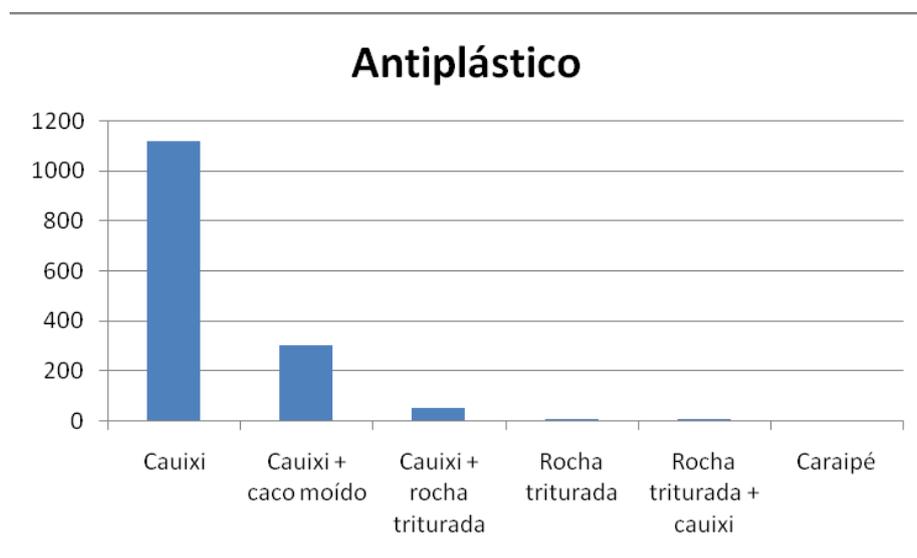


Figura 34 - Os antiplásticos presentes no material cerâmico da F3

Foram coletados 98 fragmentos de bordas na feição, apenas 78 fragmentos permitiram identificar as tipologias de borda e lábio. As mais frequentes foram: borda direta com lábio arredondado (44,87%), seguida de borda direta com lábio apontado (21,79%) e direta com lábio plano (12,82%). As bordas do tipo diretas representam 79% da amostra. O gráfico da Figura 35 apresenta a combinação entre os tipos de bordas e os tipos de lábios encontrados.

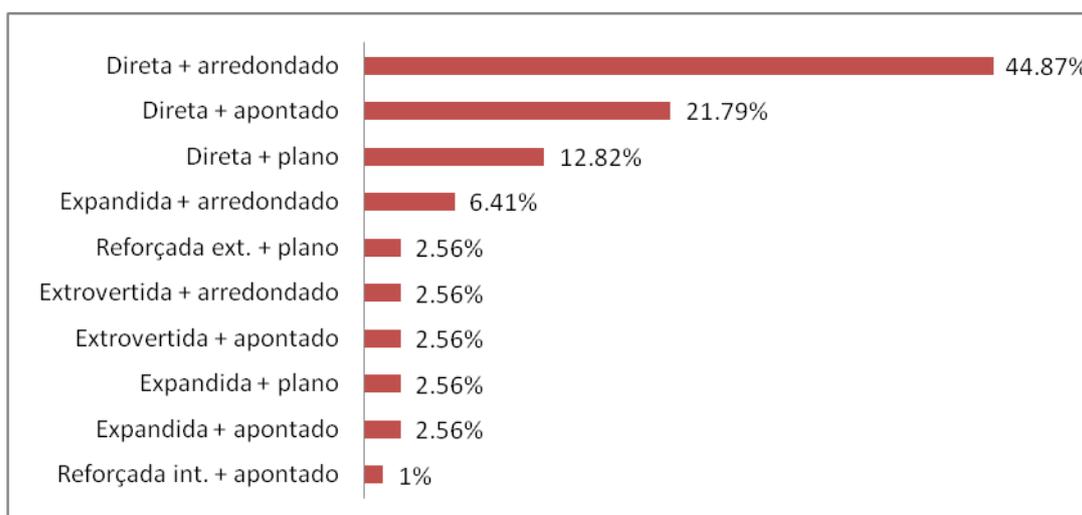


Figura 35 - Os tipos de bordas combinados com os tipos de lábios presentes no material cerâmico da

F3

A partir de 16 fragmentos de borda, um fragmento de base e três fragmentos de gargalo foi possível fazer a reconstituição hipotética de 20 vasilhas. A classificação das vasilhas em 11 formas se deu a partir de atributos semelhantes: dimensões das peças, diâmetro e inclinação das bordas, forma do corpo, apêndices zoomorfos que indicassem ser de algum tipo de vasilha da coleção de Santarém e por duas vasilhas fragmentadas. As reconstituições foram finalizadas no CorelDRAW X5.

Forma 1: Vaso globular– vaso de contorno composto, formado por três partes: o gargalo, o corpo e a base em pedestal. Geralmente o corpo apresenta apêndice zoomorfo e engobo vermelho. O gargalo 36A - diâmetro de abertura 7 cm, borda extrovertida e lábio arredondado, abaixo do lábio tem uma faixa de pintura vermelha; 36B tem diâmetro de abertura 9 cm, borda inclinada externa e lábio arredondado; 36C tem diâmetro de abertura de 16 cm, borda inclinada externa e lábio apontado. O antiplástico dos gargalos é composto de cauxi sendo a técnica de confecção o acordelamento e tratamento de superfície 36A e 36B o a alisamento e 36C o alisamento seguido de polimento.

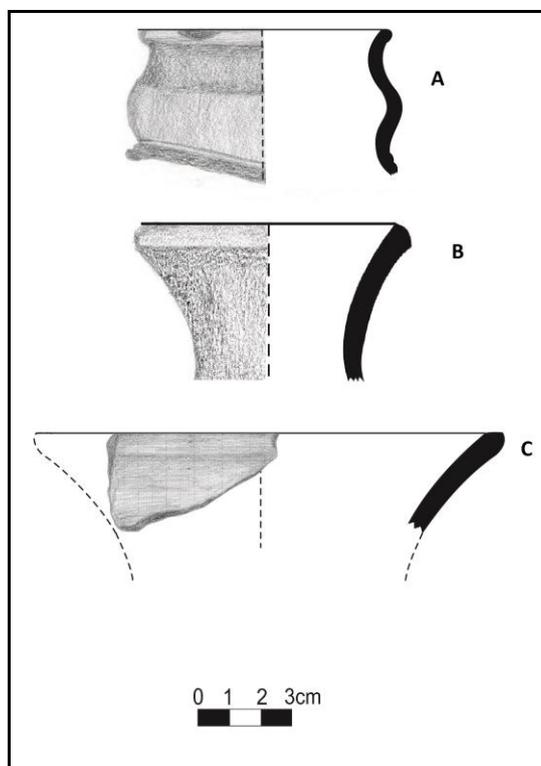


Figura 36 - Forma 1 -- Vaso globular -- fragmentos de vaso globular

Forma 2: Vaso de gargalo - “Vaso de contorno complexo, composto por quatro partes estruturais. A primeira é um gargalo cilíndrico; logo abaixo do gargalo tem uma flange sem decoração. A segunda parte é o colo. A terceira parte consiste no corpo do vaso de formato ovalóide, com seis protuberâncias hemisféricas distribuídas simetricamente a meia altura do corpo, sendo duas decoradas com uma apêndice modelado em forma de cabeça de jacaré. Uma das cabeças foi adornada com outras figuras zoomorfas (cachorro do mato e urubu rei). Este último posicionado lateralmente se visto de perfil assume uma feição dual. A quarta parte do vaso é uma base de formato anelar. O gargalo tem incisões retilíneas, formando ângulos concêntricos. As aplicações de faces antropomorfas, em ambos os lados do colo. Detalhes de incisões no urubu rei e no cachorro do mato. Os olhos dos animais e das faces antropomorfas do colo são todos do mesmo tipo, aplicados e com incisão circular. A base é decorada com um motivo composto por incisões espiraladas” (Gomes 2002: 188). O apêndice na forma de sapo tem o cauixi como antiplástico, técnica de confecção o acordelamento e repuxado e o tratamento de superfície o alisamento. O vaso de gargalo que é representado por duas cabeças de urubu rei tem a mesma descrição de Gomes (2002: 188), no entanto com algumas diferenças: “Numa das protuberâncias hemisféricas foi colocada a cabeça de um urubu rei e, na direção simetricamente oposta, uma cauda. No corpo do vaso há restos do que parece ser uma rã na posição de salto. O urubu rei possui uma crista e os olhos representados pela aplicação de protuberâncias esféricas com uma incisão circular no centro. Este mesmo tipo de protuberância se repete na parte superior do bico, o que confere um aspecto dual à representação. Circundando a crista, os olhos e toda a área do bico existe um filete aplicado coberto por ponteadado. A base é decorada por um motivo composto por incisões retilíneas e ponteadado” (Gomes 2002 195). O antiplástico presente nos fragmentos zoomorfos é o cauixi, a técnica de confecção é a modelagem e o tratamento de superfície o alisamento.



Figura 37 - Forma 2 - Vaso de gargalo (Gomes 2002: 190) e fragmento zoomorfo na forma de sapo, coletado no nível 20-30 cm



Figura 38 -Forma 2– Vaso de gargalo – cabeças de urubu rei coletados entre os níveis 20 a 40 cm e exemplar de vaso de gargalo de Gomes (2002: 195)

Forma 3: Tigela miniatura - corpo em forma de calota esférica, base convexa, com boca circular, geralmente decorada com flange mesial, conforme exemplos de Gomes (2002: 260-264). As tigelas têm diâmetros de abertura que variam de 6 cm a 8 cm, borda direta reforçada externa, lábio plano e flange mesial com apliques modelados. As tigelas 39B, C e D têm incisões paralelas abaixo dos lábios. A tigela 39A tem na flange incisões paralelas. A tigela 39B tem na borda incisões retilíneas, na flange mesial aplique modelado com representação zoomorfa, os olhos foram feitos com ponteados, o nariz indicado por uma aplique e a boca por incisão retilínea. As tigelas 39C, D e E têm incisões paralelas finas na borda e aplique modelado. O antiplástico presente nas peças é o cauxi sendo a técnica de confecção o acordelamento e a modelagem para os apêndices e tratamento de superfície o alisamento.

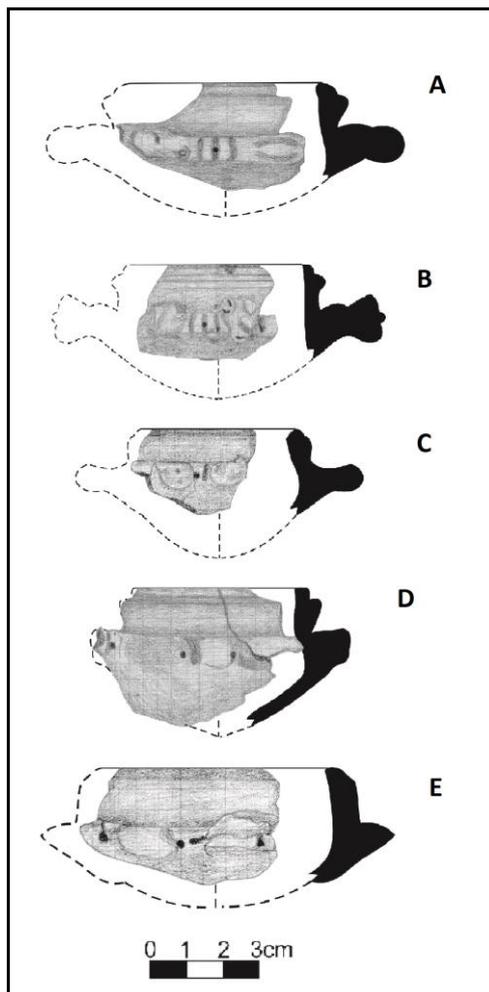


Figura 39 -Forma 3 – Tigela miniatura

Forma 4: Prato – pratos de forma aberta, contorno simples e corpo com formato de calota esférica, com diâmetros de abertura que variam de 16 cm a 20 cm e base de 8 cm de diâmetro. As bordas são do tipo direta ou inclinada externa, os lábios dos pratos 40A e B são do tipo arredondado e do prato 40C é apontado. O prato 40C apresenta engobo vermelho na parte externa. Uma base plana encontrada na amostra permite sugerir que os pratos teriam base plana. Os pratos têm como antiplástico o cauxi e também cauxi com caco moído, sendo a técnica de confecção o acordelamento e o tratamento de superfície o alisamento nos pratos 40 A, B e D; e o prato 40C foi alisado seguido de polimento.

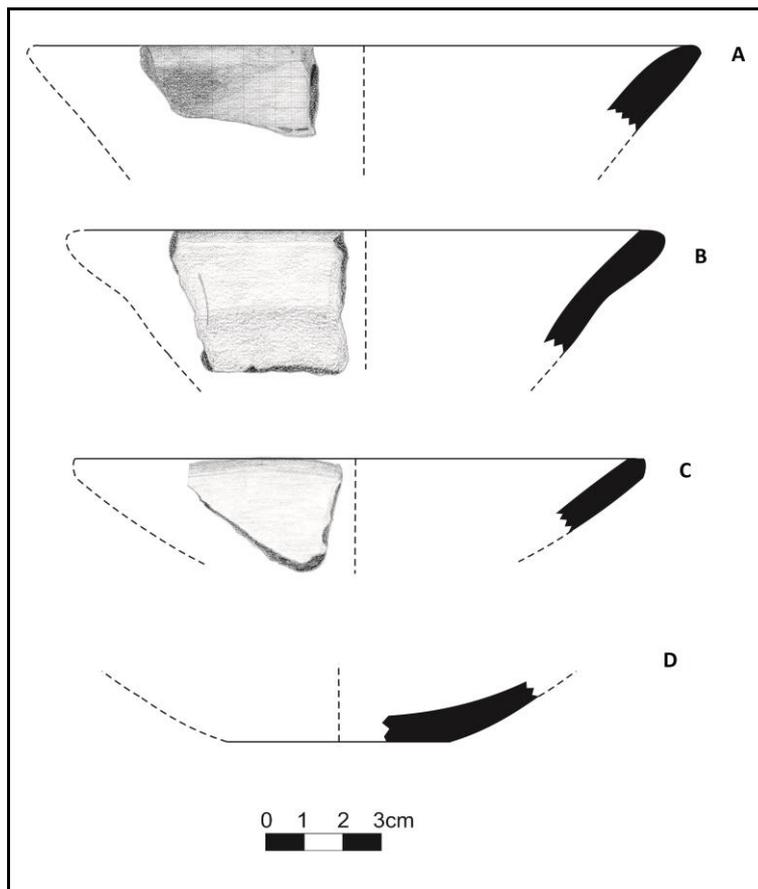


Figura 40 - Forma 4 – Prato

Forma 5: Tigela média - com forma aberta, contorno simples e forma do corpo calota esférica. As tigelas têm diâmetros de abertura que variam de 30 cm a 32 cm. As tigelas 41A e B têm bordas inclinadas externas e lábios arredondados e a tigela 41C tem borda expandida e lábio plano, com decoração incisa abaixo do lábio. Todas as tigelas possuem antiplástico de cauxi, a técnica de confecção é o acordelamento e o tratamento de superfície é alisado.

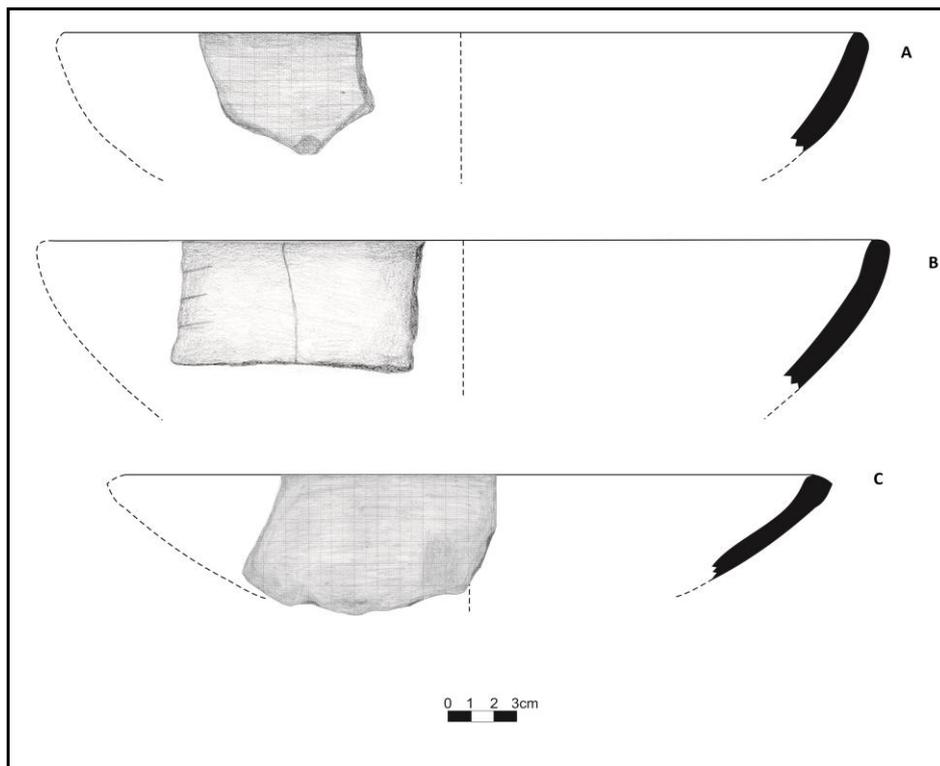


Figura 41 - Forma 5 - Tigela Média

Forma 6: Vasilha com boca circular, e provavelmente contorno simples e corpo esférico. O diâmetro de abertura mede 24 cm, borda reforçada externa e lábio arredondado, apresenta decoração com filete aplicado com incisões finas horizontais na borda. O antiplástico da vasilha é composto de cauxi, sendo a técnica de confecção o acordelamento, tratamento de superfície o alisamento.

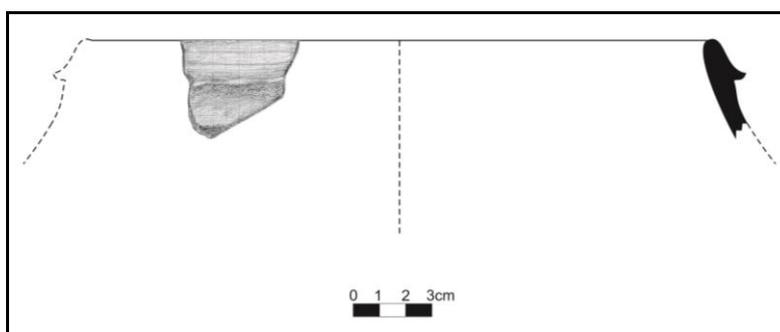


Figura 42 - Forma 6 - Vasilha

Forma 7: Tigela média - forma de calota esférica, boca aberta e contorno simples. O diâmetro de abertura é 16 cm. A tigela tem borda expandida inclinada interna e lábio

plano. A tigela tem o antiplástico com cauixi, técnica de confecção o acordelamento e tratamento de superfície é o alisamento.

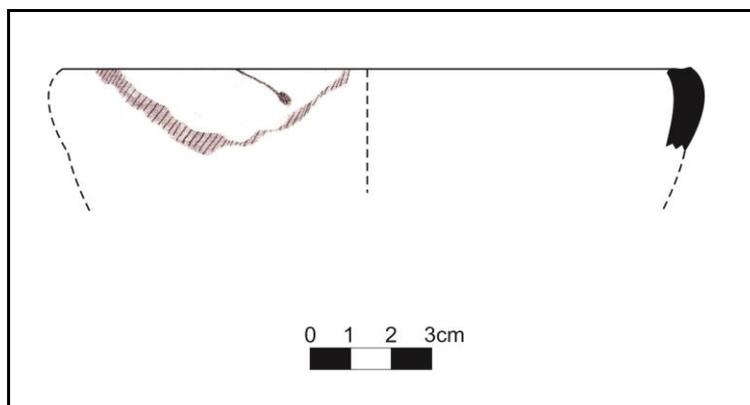


Figura 43 - Forma 7 - Tigela média

Forma 8: Tigela média - forma de calota esférica, boca aberta e contorno simples. O diâmetro de abertura é 32 cm. A tigela 44A tem borda direta e lábio arredondado. A tigela 44B tem borda expandida inclinada interna e lábio arredondado, decoração com pintura preta na parte externa e interna. As tigelas têm o antiplástico com cauixi, técnica de confecção o acordelamento e tratamento de superfície das tigelas 44B é o alisamento e da tigela 44A o alisamento seguido de polimento.

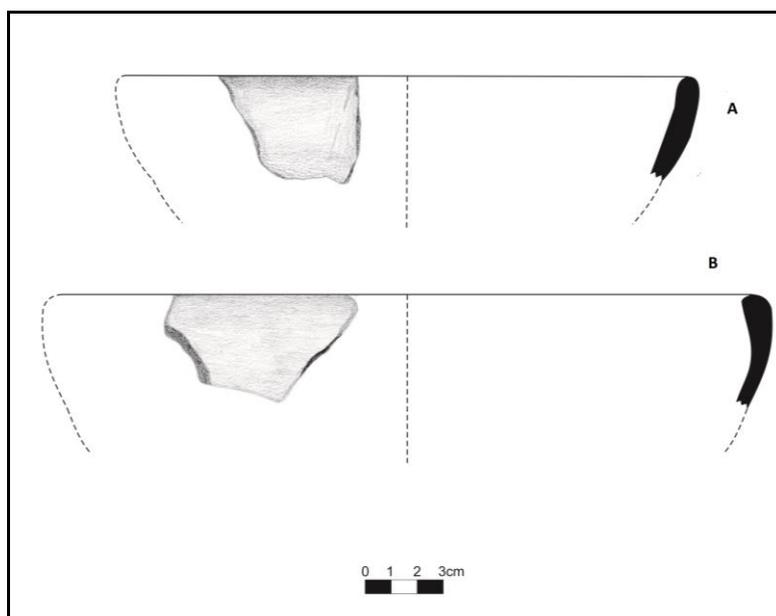


Figura 44 - Forma 8 - Tigela média

Forma 9: Vasilha – bojo com formato de calota esférica, boca circular, forma fechada, contorno infletido e base plana. A vasilha não tem borda, e base plana medindo 3,5 cm. A vasilha apresenta vestígios de engobo vermelho na parte externa. O antiplástico da vasilha é o cauixi, a técnica de confecção foi o acordelamento e o tratamento de superfície o alisamento para o vaso.

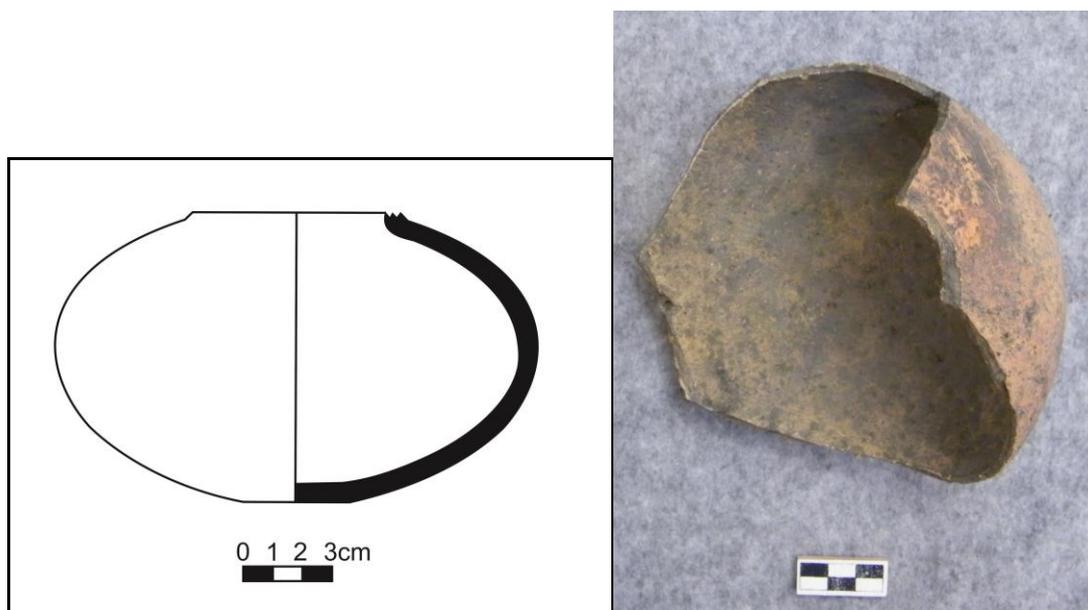


Figura 45 - Forma 9 – Vasilha – reconstituição gráfica e imagem da vasilha fragmentada, coletada aos 60 cm de profundidade

Forma 10: Vaso – vaso com contorno composto, corpo esférico e uma inflexão na altura média do corpo. O vaso não tem borda e base côncava medindo 4 cm. O vaso apresenta vestígios de engobo vermelho na parte externa. O antiplástico do vaso é o cauixi, a técnica de confecção foi o acordelamento e o tratamento de superfície o alisamento seguido de polimento.



Figura 46 - Forma 10 – Vaso – reconstituição gráfica e imagem do vaso remontado, coletado no nível 48-58 cm

Forma 11: Vasilha - com formato de calota esférica, forma aberta, contorno infletido, borda extrovertida, lábio plano e base plana. A vasilha tem pintura policrômica na parte externa (pintura vermelha e preta sobre engobo branco), pintura vermelha na parte interna, perfurações no lábio que podem servir para suspensão. A pintura preta e vermelha é em linhas formando retângulos. A borda extrovertida apresenta uma decoração plástica que é semelhante a ondulações feitas pela técnica do entalhe, conforme Gomes (2002: 223) (Figura 44).

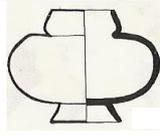
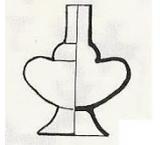
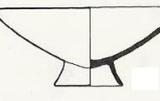
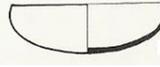
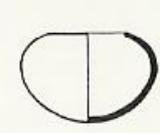


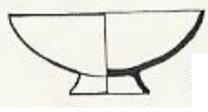
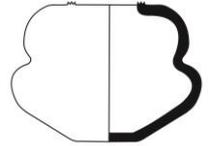
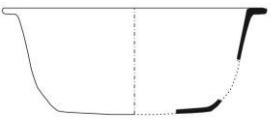
Figura 47 - Forma 11– Fragmentos da vasilha remontada e sua reconstituição gráfica. Desenho e fotos de Denise Schaan (2015: 109)

A seguir irei apresentar as formas das vasilhas encontradas na feição 3 e suas possíveis funções, conforme o quadro 1. Ressalto que a função cerimonial foi constituída a partir das bibliografias existentes (Barata 1950; Gomes 2002), além das vasilhas pouco fragmentadas tendo como base Schiffer (1987). Segundo Schiffer (1987) um *ritual*

caches é um tipo de depósito onde encontra-se artefatos que geralmente não são encontrados em lixeiras secundárias, sendo estes artefatos muitas vezes completos e fáceis de serem restaurados, como exemplo o caso das formas (9, 10 e 11). Para indicar a função doméstica tive como base Rice (1987) e o fato deste material está bastante fragmentado sugerindo que poderiam ser de espaço doméstico. Esse procedimento também foi utilizado para construção dos quadros 2 e 3 das feições 4 e 5.

Quadro 1 - Relação entre Forma e Função das vasilhas da feição 3

Prof. (cm)	Forma	Função	Modelo	Referências
30-72	1	Cerimonial		Gomes (2002: 84)
20-58	2	Cerimonial		Gomes (2002: 85)
10-60	3	Cerimonial		Gomes (2002: 84)
20-68	4	Doméstico		Gomes (2001: 84)
20-68	5	Doméstico		Gomes (2002: 84)
20-30	6	Doméstico		Gomes (2002: 84)

65	7	Doméstico		Gomes (2002: 84)
20-50	8	Doméstico		Gomes (2002: 84)
74	9	Cerimonial		Gomes (2002: 85)
60	10	Cerimonial		Silva (2016: 144)
35-65	11	Cerimonial		Schaan (2015:109)

3.2.2 Feição 4

Foram coletados na feição 3.600 fragmentos cerâmicos. Destes, 1.512 são micro-fragmentos, 643 fragmentos são diagnósticos e 1.445 são fragmentos não diagnósticos. A proporção de fragmentos diagnósticos representa mais de 17% da amostra coletada na feição 4. Quanto à distribuição do material (diagnóstico e não diagnóstico) por nível, observo que a maior parte do material foi coletado do segundo ao quarto níveis (10 a 40 cm), o que é compreensível, tendo em vista que o *bolsão* diminui em largura para baixo. Nos primeiros cinco níveis (0-50 cm) escavados foram coletados 1.779 fragmentos cerâmicos, sendo uma porcentagem de mais de 85% do total de material. O gráfico da Figura 48 apresenta a quantidade de material (diagnóstico e não diagnóstico) distribuído por nível. O gráfico da Figura 49 apresenta a quantidade total de material (diagnóstico e não diagnóstico) coletado na feição 4 em

relação à quantidade de material diagnóstico. Verifiquei que a maior parte de material diagnóstico foi coletado do segundo ao quarto níveis (10 a 40 cm).

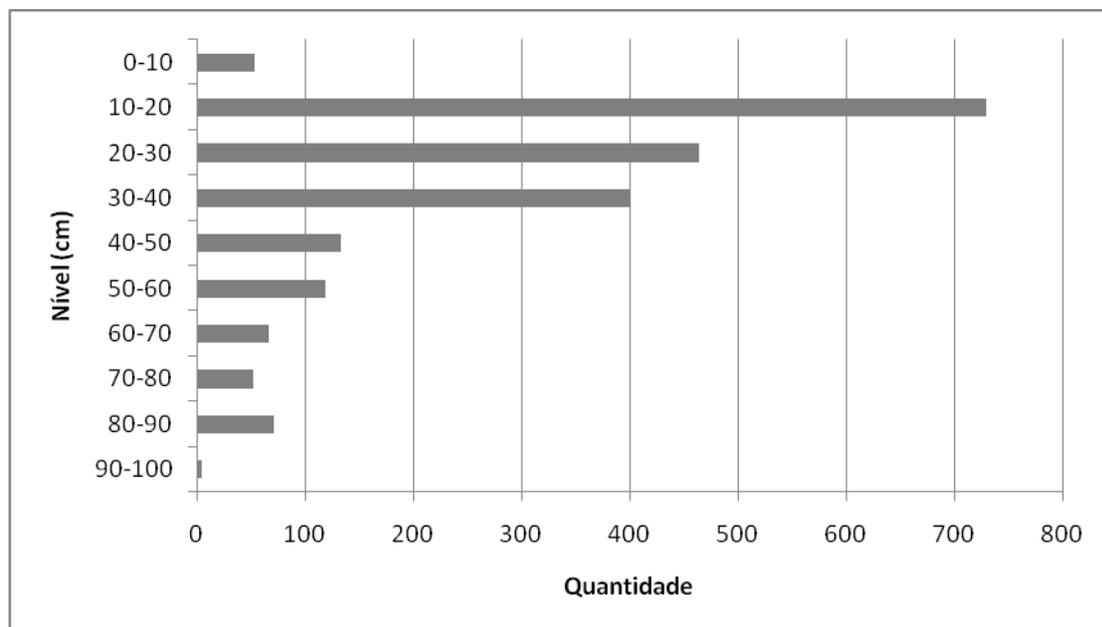


Figura 48 – Quantidade total de material (diagnóstico e não diagnóstico) distribuído por níveis escavados

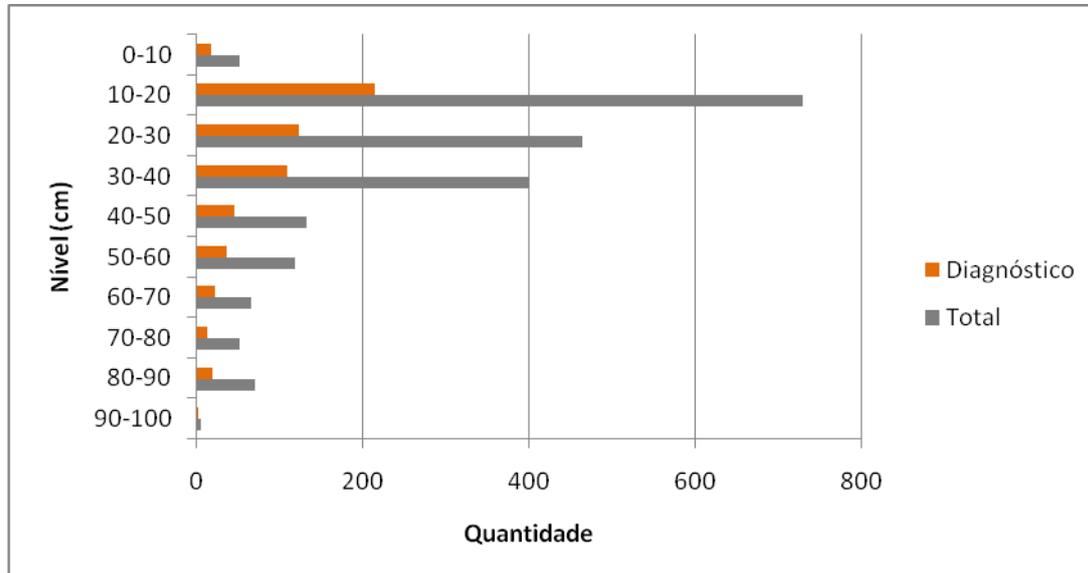


Figura 49 - Quantidade total de material (diagnóstico e não diagnóstico) coletado na feição 4 em relação à quantidade de material diagnóstico

Na amostra analisada o antiplástico predominante foi o cauixi, que representa 60,39% da amostra. No entanto, quando em combinação com outros antiplásticos (caco moído e rocha triturada) representa uma proporção de 99,71%. O gráfico da Figura 50 apresenta as proporções de antiplásticos encontrados na amostra da feição 4.

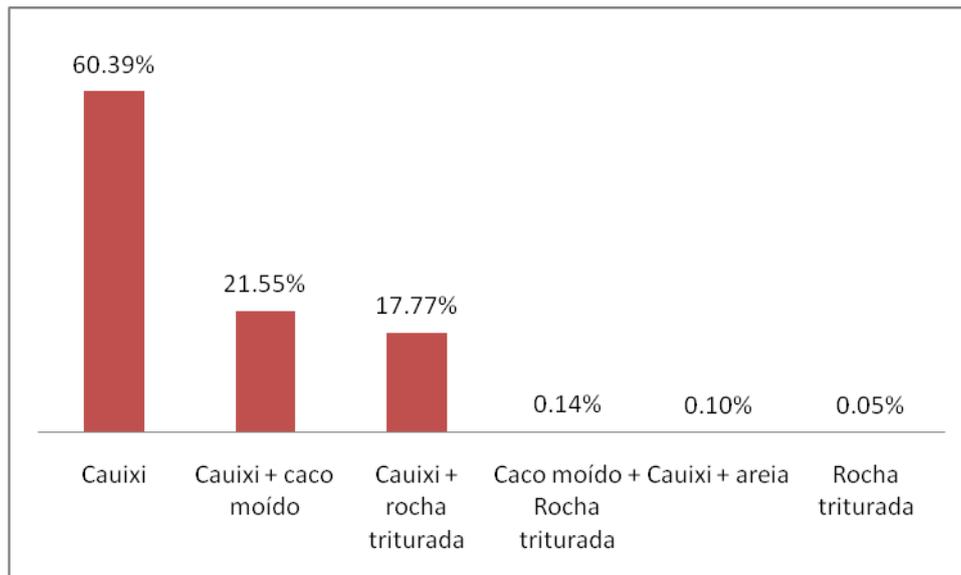


Figura 50 - Amostra em porcentagem dos antiplásticos presente no material cerâmico da F4

Na feição 4, foram coletados 88 fragmentos de bordas, mas em apenas 68 fragmentos foi possível identificar os atributos relativos às bordas. A maioria das bordas são do tipo direta e com lábio arredondado (33,82%), seguida de bordas do tipos direta com lábio plano (27,94%) e lábio apontado (17,65%), e extrovertida com lábio apontado (7,35%). Assim, verifica-se uma preferência por produzir bordas do tipo direta, que representam 80,82% da amostra, conforme a Figura 51.

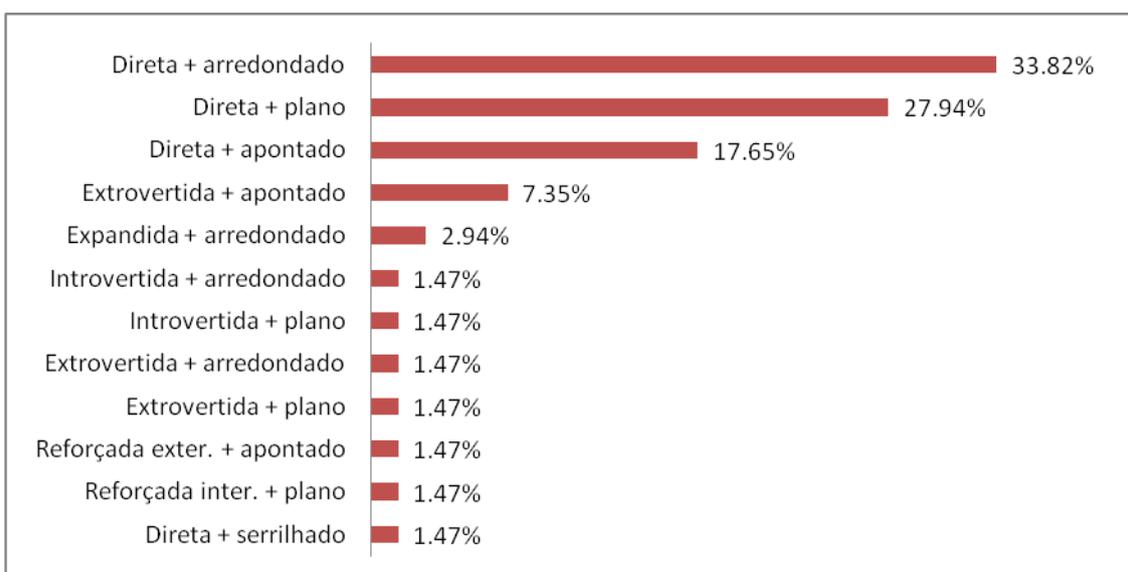


Figura 51 - Tipos de bordas combinadas com tipos de lábios identificados na feição 4

A partir de 11 fragmentos de borda, três fragmentos de base, cinco fragmentos de gargalo e uma tigela em miniatura foi possível fazer a reconstituição hipotética de 20

vasilhas. A classificação das vasilhas se deu a partir de alguns atributos semelhantes: dimensões e forma do corpo das vasilhas, diâmetro de abertura e inclinação das bordas e das bases. Essas bordas e bases foram desenhadas e em seguida trabalhadas sua forma definitiva no CorelDRAW X5 e depois foram agrupadas a partir de suas formas e funções. Assim foram identificadas 11 formas de vasilhas para a feição 4.

Forma 1: Vaso globular - vaso de contorno composto, com bojo esférico, base anelar, gargalo vertical e apêndice zoomorfo ou rosto antropomorfo feito por aplicação de filetes e incisão circular, sempre aplicados no corpo do vaso, este aplicado horizontal e engobo vermelho na parte externa conforme exemplar de Gomes (2002: 202).

O diâmetro de abertura do gargalo 52A tem 9 cm, com borda reforçada externa, lábio arredondado. O gargalo 52B tem diâmetro de abertura 10 cm, borda extrovertida e lábio serrilhado a parte externa apresenta engobo vermelho. Os vasos têm o antiplástico constituído de cauixi, exceto as bases da Figura 54A e B que tem o cauixi com rocha triturada a técnica de confecção foi o acordelamento e a modelagem e o tratamento de superfície é o alisamento.

Os diâmetros de abertura dos gargalos da Figura 53A, B e C variam entre 16 cm a 18 cm. O gargalo 53A tem borda direta inclina externa e lábio apontado. O gargalo 53B tem borda direta e lábio arredondado, e na parte externa do vaso tem pintura vermelha e preta em linhas paralelas horizontais sobre engobo branco. O gargalo 53C tem borda inclina externa e lábio arredondado, com vestígios de pintura policrômica na parte externa do vaso em linhas paralelas horizontais. O gargalo 53B parece com o exemplar de Palmatary (1960: 144), conforme Figura 52 abaixo dos desenhos dos gargalos.

As bases da Figura 54A e B apresentam possíveis diâmetros que variam entre 5,7 cm a 10 cm que foram medidos da maior largura do fragmento. A base do vaso 54A tem pintura vermelha na parte externa.

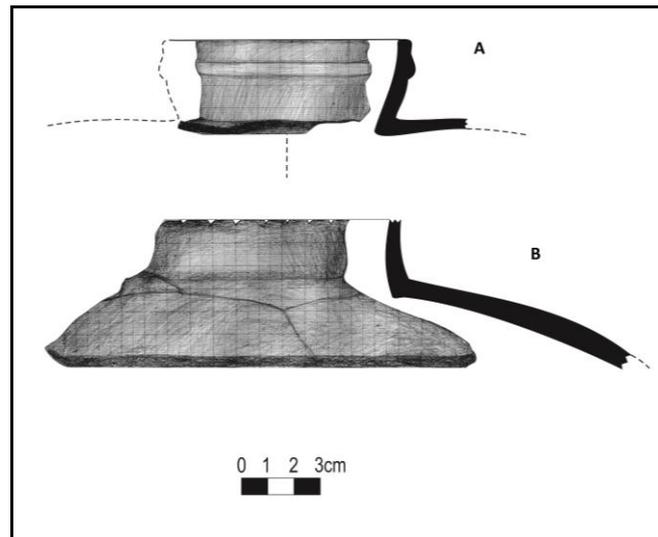


Figura 52 -Forma 1 –Vaso globular –Fragmentos de gargalos (acima) e abaixo exemplar de vaso globular de Gomes (2002: 208)

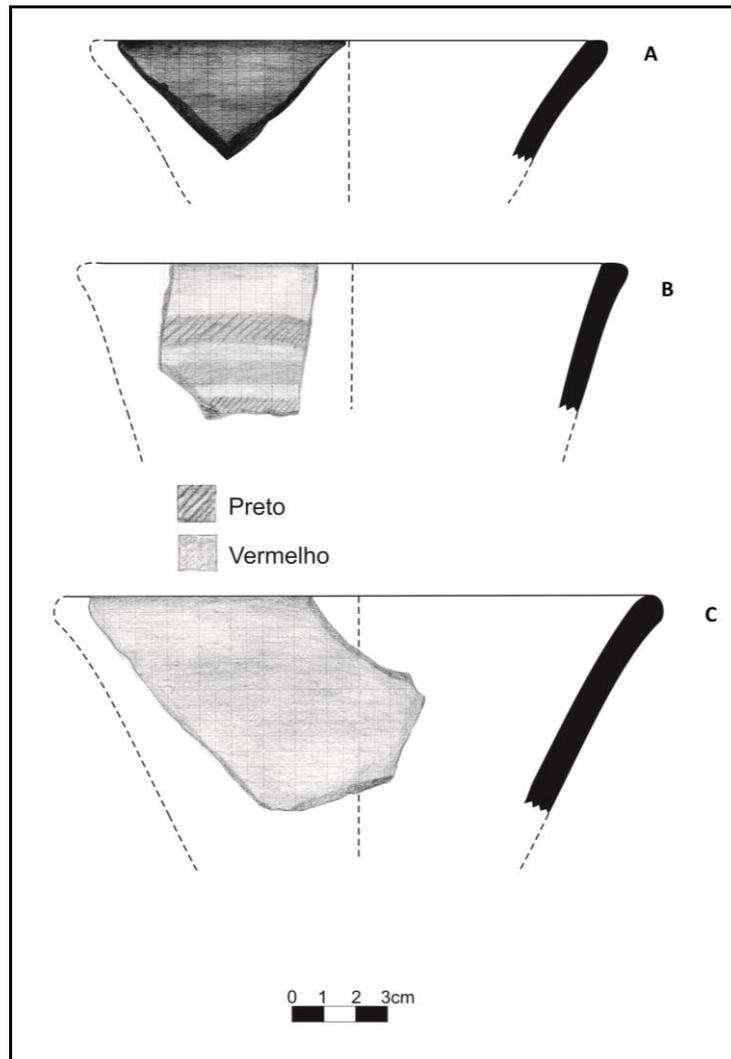


Figura 53 - Forma 1 – Vaso globular – Fragmentos de gargalos (acima) e abaixo exemplar da Palmatary (1960: 144)

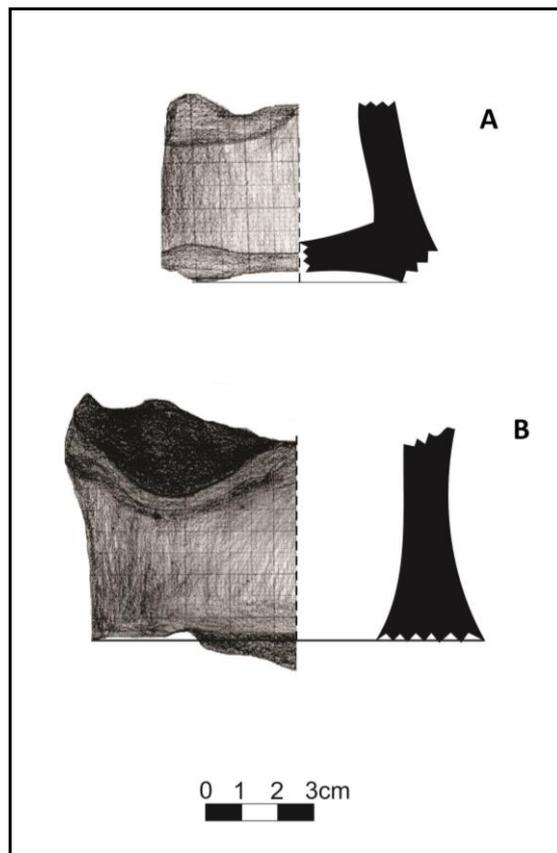


Figura 54 - Forma 1 – Vaso globular – Fragmentos de bases (acima) e abaixo exemplar de vaso globular de Gomes (2002: 208)

Forma 2: Vaso em miniatura - forma aberta e contorno simples, corpo tronco cônico invertido, borda reforçada externa com lábio plano e parede reta. O diâmetro de abertura mede 8 cm. O fragmento é decorado com incisões retilíneas paralelas inclinadas no corpo superior, apresentando incisão horizontal sobre a borda, no corpo do vaso tem incisões paralelas na diagonal.

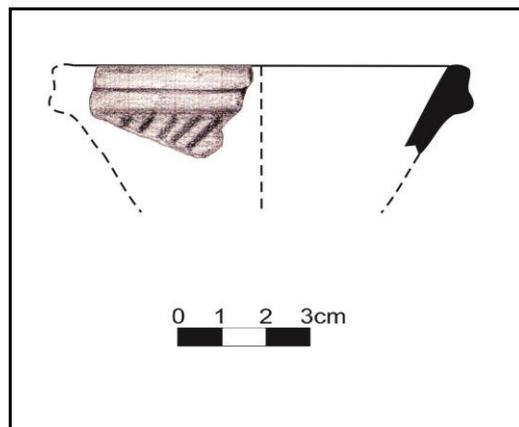


Figura 55 - Forma 2 – Vaso em miniatura

Forma 3: Tigela miniatura - com boca restrita contorno simples e forma do corpo calota esférica. A tigela 56A tem diâmetro de abertura 10 cm, borda reforçada externa com lábio plano e flange mesial. O lábio é decorado com ponteados formando linha horizontal. A tigela 56B tem diâmetro de abertura 12 cm, borda oca e lábio apontado, apresenta uma flange labial com applique modelado de face antropozomorfa. Os olhos são representados por incisões circulares, o nariz indicado por dois ponteados e a boca incisão retilínea. Entre os rostos tem “uma protuberância esférica, combinada com uma sigmóide aplicada” Gomes (2002: 263). As tigelas têm o cauxi como antiplástico, técnica de confecção o acordelamento, sendo que os apêndices da tigela 56B têm técnica de confecção modelagem e o tratamento de superfície alisamento.

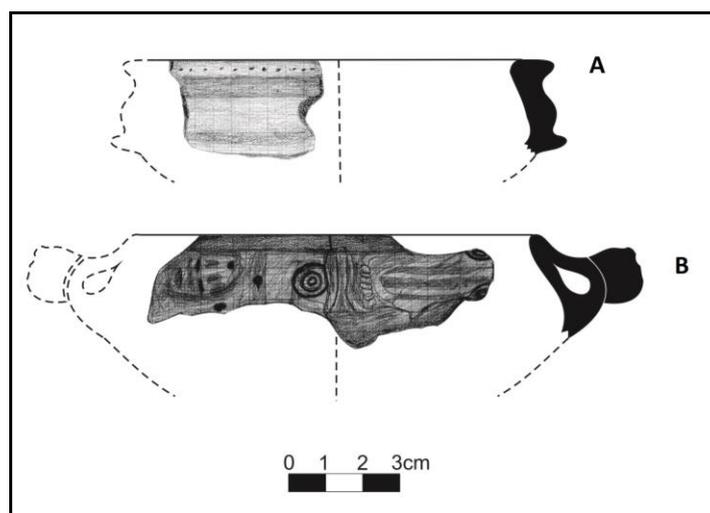


Figura 56 – Forma 3 – Tigela miniatura



Figura 57 - Forma 3 – Tigela em miniatura – exemplar de tigela em miniatura de Gomes (2002: 263)

Forma 4: Vaso de gargalo – “Vaso de contorno complexo, composto por quatro partes estruturais. A primeira é um gargalo cilíndrico; logo abaixo do gargalo tem duas flanges sem decoração. A segunda parte é o colo que encontra-se ausente. A terceira parte consiste no corpo do vaso de formato ovalóide, com protuberâncias hemisféricas distribuídas simetricamente a meia altura do corpo, sendo duas decoradas com uma apêndice modelado em forma de cabeça de jacaré. Ao redor das cabeças de jacaré foi aplicado um filete, cujas extremidades são protuberâncias esféricas aplicadas. Este motivo assemelha-se a uma cobra estilizada. No corpo do vaso existem restos de rãs em posição de salto. A quarta parte do vaso é uma base de formato anelar. O gargalo tem incisões retilíneas, formando ângulos concêntricos. Detalhes de incisões no urubu rei e no cachorro do mato. Os olhos dos animais e das faces antropomorfas do colo são todos do mesmo tipo, aplicados e com incisão circular” (Gomes 2002: 188, 200). A base que representa essa forma tem 7 cm de diâmetro. Os antiplásticos presentes foram o cauxi com caco moído. A técnica de confecção foi a modelagem e o tratamento de superfície foi o alisamento.

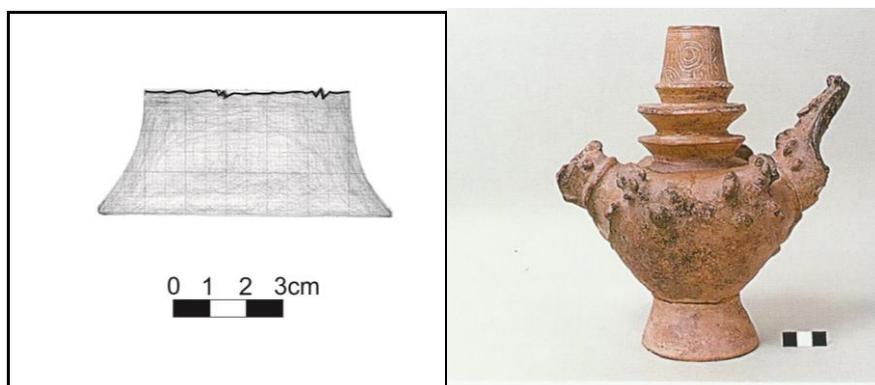


Figura 58 - Forma 4 - Vaso de gargalo – fragmento de base e Exemplar de vaso de gargalo de Gomes (2002: 200)

Forma 5: Vaso - com forma fechada, contorno infletido e corpo com formato ovalóide. O diâmetro de abertura do vaso 59A é 10 cm, o vaso tem um estreitamento tipo colar, borda reforçada externa e lábio plano, com antiplástico de cauixi, na borda tem filete aplicado com incisões paralelas horizontais. O vaso 59B tem diâmetro de abertura 12 cm, borda reforçada externa e lábio apontado, antiplástico composto de cauixi e caco moído, a borda tem flange labial e abaixo do lábio tem duas linhas de incisões paralelas na posição horizontal. A técnica de confecção dos vasos foi o acordelamento e o tratamento de superfície o alisamento.

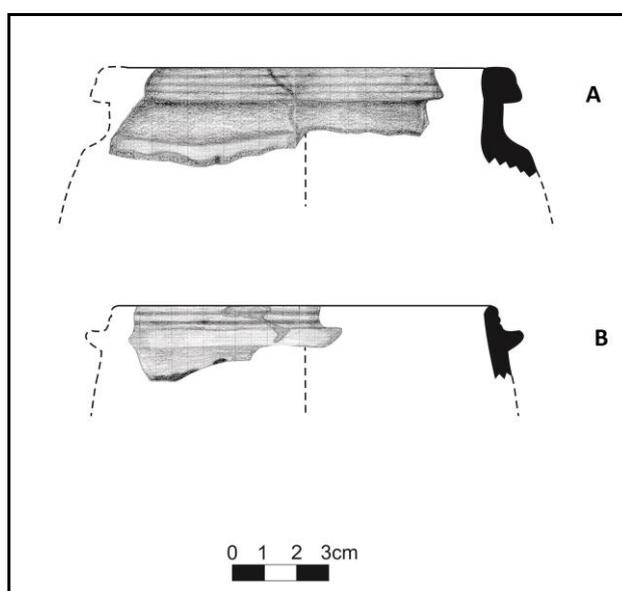


Figura 59 - Forma 5 – Vaso

Forma 6: Tigela rasa – tigelas de boca aberta, contorno simples e corpo com formato de calota esférica. A tigela 60A tem diâmetro de abertura 30 cm, borda extrovertida e lábio plano, antiplástico composto de cauixi, com incisão em linha fina horizontal no corpo da tigela. A tigela 60B tem diâmetro de abertura 26 cm, borda expandida e lábio arredondado, antiplástico composto por cauixi e rocha triturada. A técnica de confecção foi o acordelamento e o tratamento de superfície alisamento.

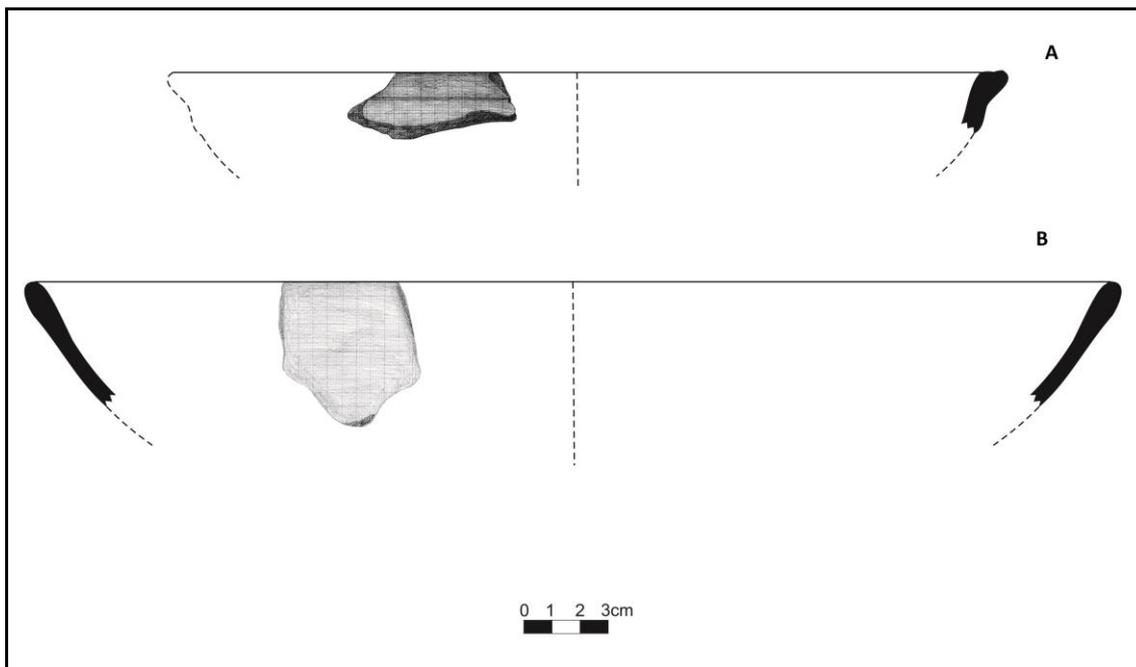


Figura 60 - Forma 6 – Tigela rasa

Forma 7: Tigela média – tigela com boca aberta, contorno simples corpo com formato tronco-cônico invertido, paredes retas, provavelmente base anelar. A tigela tem borda extrovertida com diâmetro de abertura 32 cm, e lábio plano. O lábio apresenta decoração digitada ao longo de toda sua extensão.

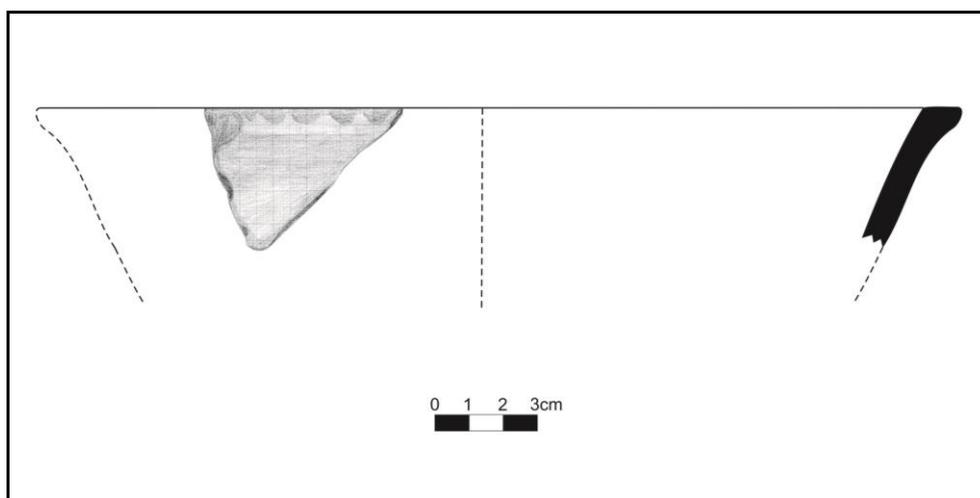


Figura 61 - Forma 7 – Tigela média

Forma 8: Vasilha - vasilha com boca fechada, contorno infletido e corpo com formato globular. A vasilha 62A tem diâmetro de abertura 18 cm, borda reforçada externa apresenta decoração entalhada fina de forma dupla na posição vertical e lábio

arredondado, apresentando estreitamento formando um pescoço, antiplástico cauixi com rocha triturada, a técnica de confecção acordelamento e tratamento de superfície alisado seguido de polimento. A vasilha 62B tem diâmetro de abertura 26 cm, borda reforçada externa e lábio plano, antiplástico cauixi, a técnica de confecção acordelamento e tratamento de superfície alisamento, o lábio tem decoração entalhada espessa.

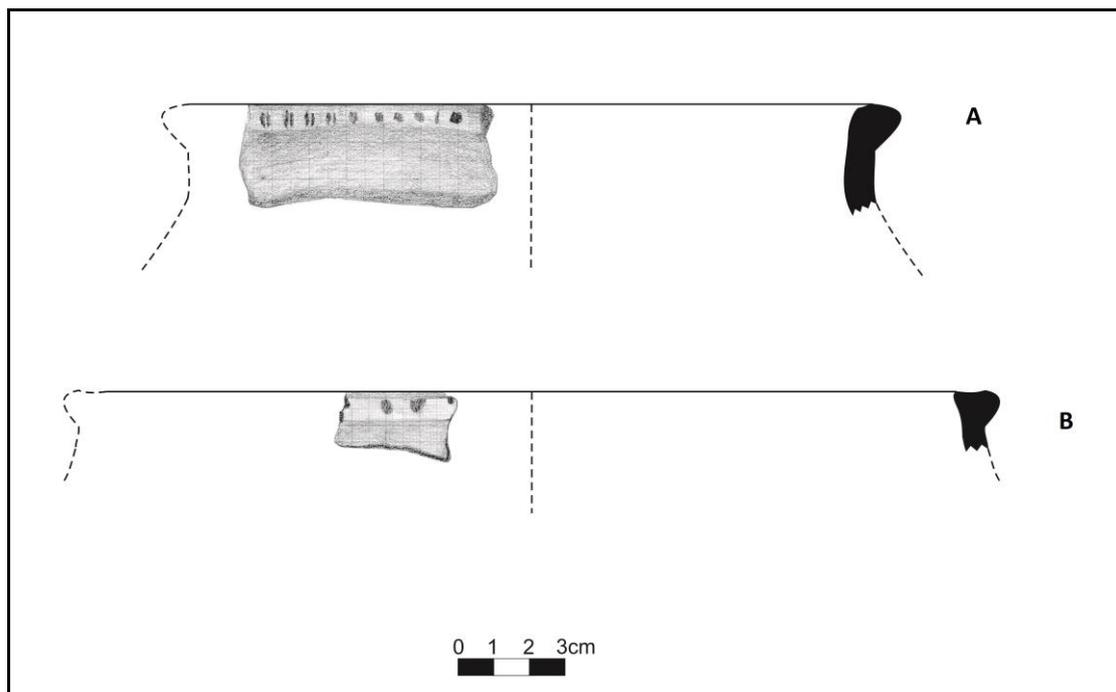


Figura 62 -Forma 8 - Vasilha

Forma 9: Prato - com boca aberta, contorno simples, formato do corpo de calota esférica. Apresenta borda direta, lábio arredondado as paredes inclinadas com um estreitamento em direção a base. O prato tem diâmetro de abertura de 16 cm, o corpo do prato apresenta duas incisões finas paralelas na posição horizontal e distante entre si 1 cm. O antiplástico presente foi o cauixi. A técnica de confecção foi o acordelamento e o tratamento de superfície foi o alisamento.

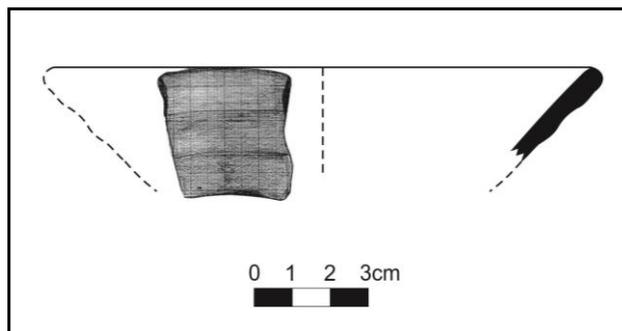


Figura 63 - Forma 9 - Prato

Forma 10: Tigela em miniatura com diâmetro de abertura de 6 cm. A peça tem boca circular, contorno simples, e formato esférico, com antiplástico de cauixi. A técnica de confecção é a modelagem e tratamento de superfície foi o alisamento.

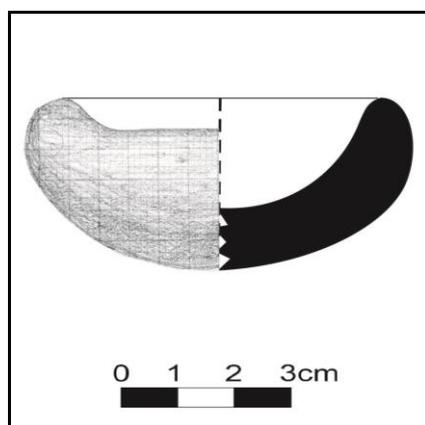


Figura 64 - Forma 10 – Tigela em miniatura

Forma 11: Tigela média– com boca circular, contorno simples e formato do corpo calota esférica. A tigela tem borda direta reforçada externa e lábio plano, a borda tem decoração duas linhas incisadas paralelas horizontais, além de “uma combinação de motivos incisados retilíneos, semicirculares concêntricos” Gomes (2002: 254) e vestígios de pintura vermelha, tem antiplástico cauixi com caco moído, técnica de confecção acordelamento e tratamento de superfície alisamento. A tigela tem um exemplar com decoração parecida no catálogo de Gomes (2002: 254), conforme Figura 65.

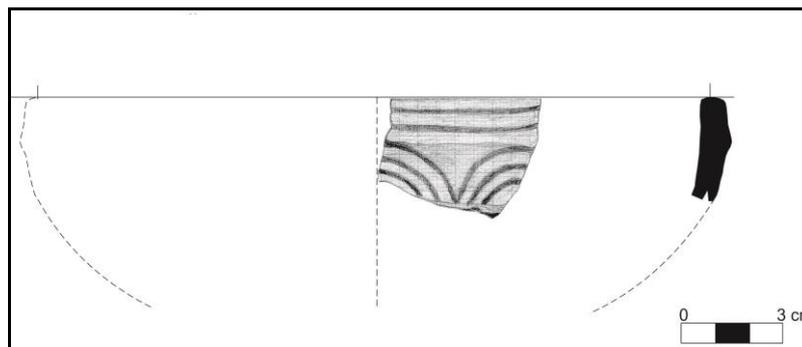
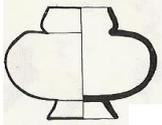
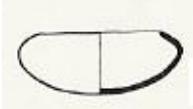
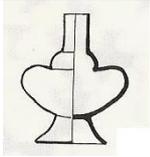
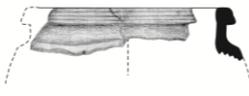
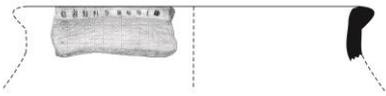
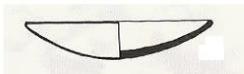
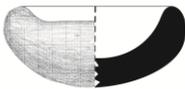


Figura 65 - Forma 11 – Tigela reconstituída (acima) e abaixo exemplar de Gomes (2002: 254)

Quadro 2 - Relação entre Forma e Função das vasilhas da feição 4

Prof. (cm)	Forma	Função	Modelo	Referências
20 a 60	1	Cerimonial		Gomes (2002: 84)
20 a 30	2	Cerimonial		Silva (2016: 134)
10 a 20	3	Cerimonial		Gomes (2002: 83)

20 a 30	4	Cerimonial		Gomes (2001: 85)
50 a 60	5	Doméstico		Silva (2016: 136)
20 a 60	6	Doméstico		Silva (2016: 137)
20 a 30	7	Doméstico		Silva (2016: 137)
10 a 20	8	Doméstico		Silva (2016: 139)
20 a 30	9	Doméstico		Gomes (2002: 84)
10 a 20	10	Cerimonial		Silva (2016: 139)
30 a 40	11	Doméstico		Gomes (2002: 84)

3.2.3 Feição 5

O material cerâmico coletado na feição 5 soma 4.394 fragmentos, sendo que 1.872 são micro-fragmentos, 1.453 são fragmentos não diagnósticos e 1.069 são fragmentos diagnósticos. Desta amostra a proporção de fragmentos diagnósticos representa mais de 24% do total de material cerâmico coletado. Quanto a quantidade de material (diagnóstico e não diagnósticos) coletado por nível escavado, observo que do segundo e ao sétimo nível (10-70 cm) foram coletados mais de 52% da amostra, no entanto,

apenas no penúltimo nível (80-90 cm) a quantidade de material diminuiu, chegando a se equiparar com a quantidade de material que foi coletado no primeiro nível (0-10 cm), conforme a Figura 66. A maior parte do material diagnóstico foi coletado do segundo ao oitavo nível (10 a 80 cm) conforme o gráfico da Figura 67.

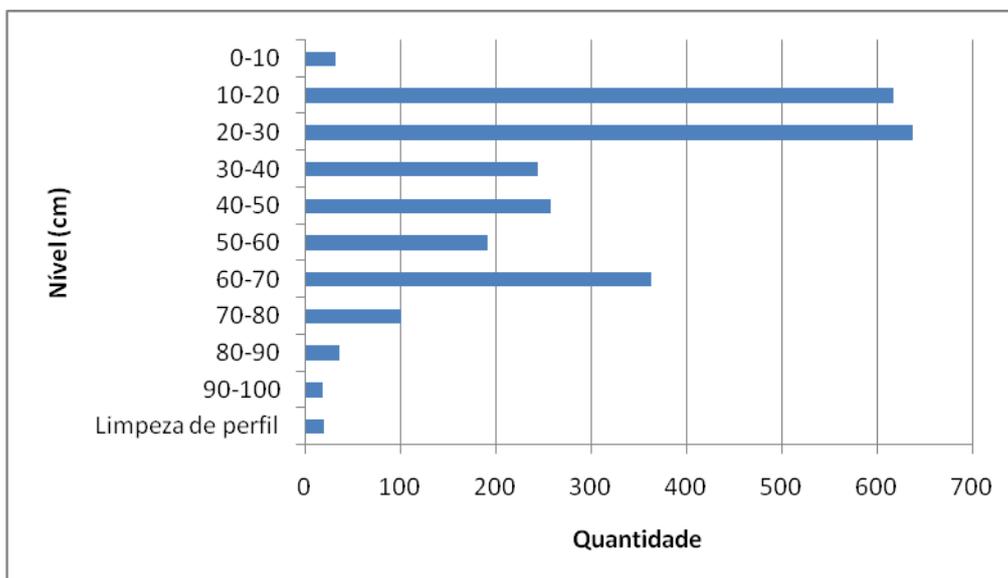


Figura 66 - Quantidade de material (diagnóstico e não diagnóstico) distribuídos por níveis escavados

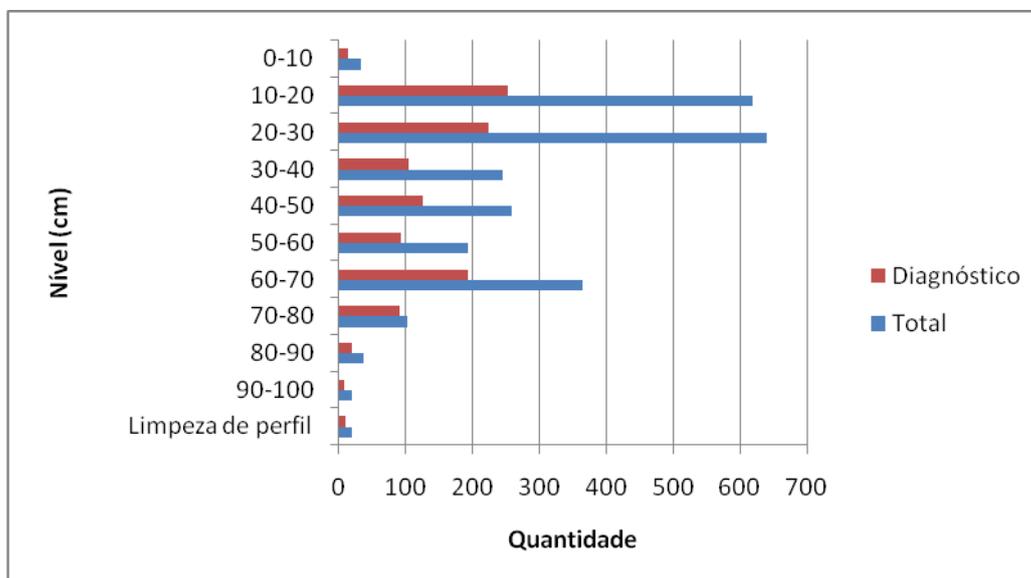


Figura 67 - Quantidade total de material (diagnóstico e não diagnóstico) coletado na feição 5 em relação à quantidade de material diagnóstico

Quanto ao antiplástico presente no material cerâmico da feição 5, observa-se que nos cinco primeiros níveis (0-50 cm) há predominância de cauxi, no entanto nos níveis

seguintes, a partir do sexto nível (50-60 cm) há uma mudança, quando passar a haver mais caco moído do que cauixi. Apesar dessa mudança, isso não afeta a predominância do antiplástico cauixi na quantidade geral do material coletado, que foi de 79% de cauixi sozinho ou com outras combinações. A proporção de caco moído foi de 20% mesmo quando combinado com outro antiplástico. O gráfico da Figura 68 apresenta a mudança na predominância do antiplástico.

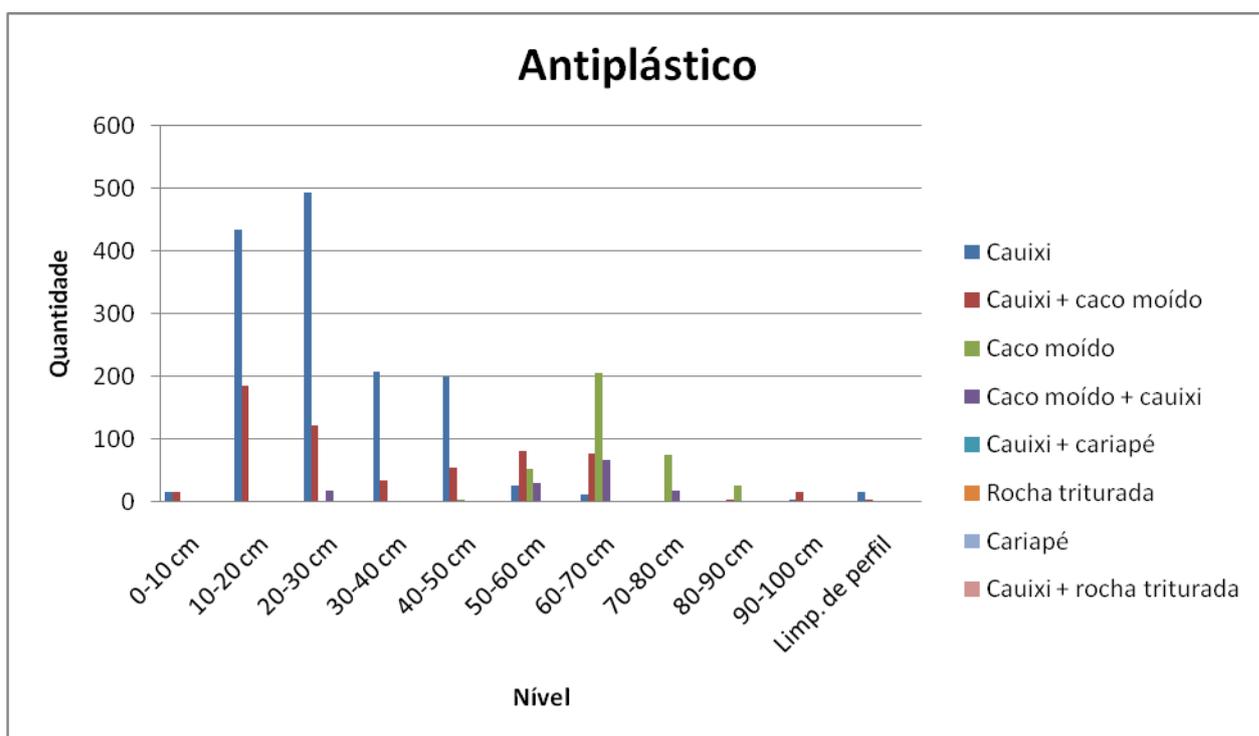


Figura 68 - Distribuição dos antiplásticos presentes no material por nível

Foram coletados 157 fragmentos de borda, sendo possível classificar, segundo a lista de atributos, 102 fragmentos. Verifiquei que 37 fragmentos são do tipo direta com lábio plano, seguida de bordas direta com lábio arredondado (30) e expandida com lábio plano (12). As bordas do tipo direta somam 76 fragmentos, que equivale a mais de 74% da amostra. O gráfico da Figura 69 apresenta os tipos de bordas combinados com os lábios.

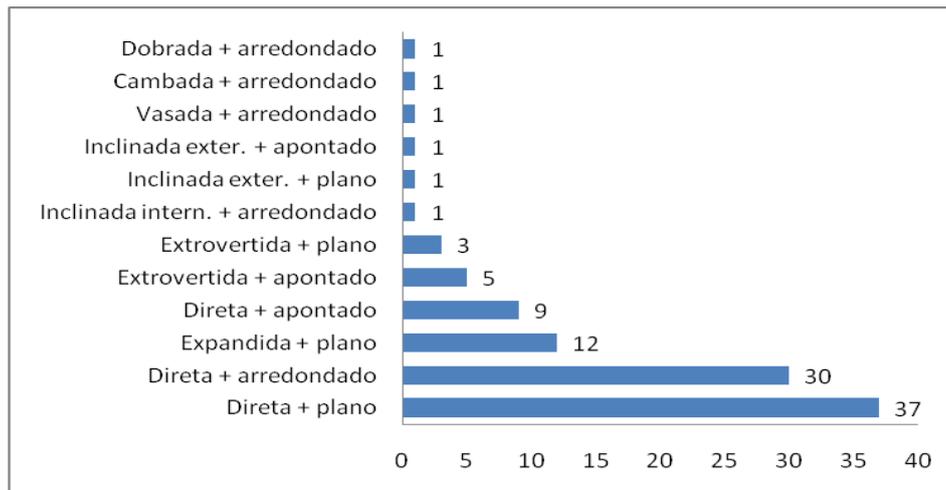


Figura 69 - Tipos de bordas combinados com tipos de lábios encontrados na F5

A partir de 17 fragmentos de borda, quatro fragmentos de base e três fragmentos de gargalo foi possível fazer a reconstituição hipotética de 20 vasilhas. A classificação das vasilhas se deu a partir de alguns atributos semelhantes: dimensões das peças, diâmetro e inclinação das bordas e forma do corpo. Essas bordas e bases foram desenhadas e depois trabalhadas sua forma definitiva no CorelDRAW X5 e depois foram agrupadas a partir de suas formas e funções. Assim foram identificadas 13 formas de vasilhas para a feição 5.

Forma 1: Vaso globular – boca fechada, contorno composto, corpo no formato ovalóide. Estes tipos de vaso são formados por três partes: a primeira é o gargalo tronco-cônico, a segunda parte é o corpo do vaso e a terceira parte é uma base anelar (Gomes 2002: 205). Segundo Gomes (2002), geralmente o gargalo tem incisões e ponteados alongados e no corpo são aplicados apêndices de forma zoomorfa ou zoomorfa antropomorfizada e todo o vaso é banhado de pintura vermelha, conforme exemplar da Figura 71. As peças desta forma têm antiplástico constituído de cauxi, a técnica de confecção o acordelamento e o tratamento de superfície o alisamento.

O vaso 70A tem diâmetro de abertura 17 cm, borda cambada e lábio arredondado, com pintura vermelha na parte externa e interna do gargalo. O vaso 70B tem diâmetro de abertura 8 cm, borda reforçada externa e lábio plano, tem um filete fino aplicado na borda, o filete e o lábio foram decorados com entalhes bem pequenos e finos.

O vaso da Figura 72 tem diâmetro de abertura 11 cm, borda extrovertida e lábio arredondado, pintura vermelha na parte externa do vaso.

A base em pedestal da Figura 73 tem diâmetro 12 cm, com pintura vermelha na parte externa. A base tem um exemplar no catálogo de Gomes (2002: 202), conforme Figura 73.

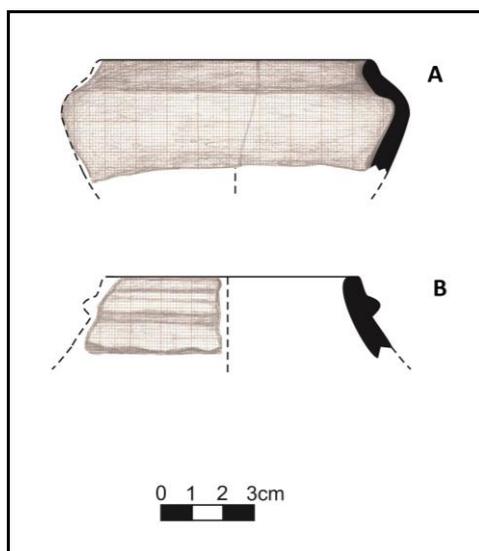


Figura 70 - Forma 1 – Vaso globular



Figura 71 -Forma 1 – Vaso globular – exemplar de Gomes (2002: 205) e fragmento de vaso globular com apêndice zoomorfo, coletado no nível 50-60 cm

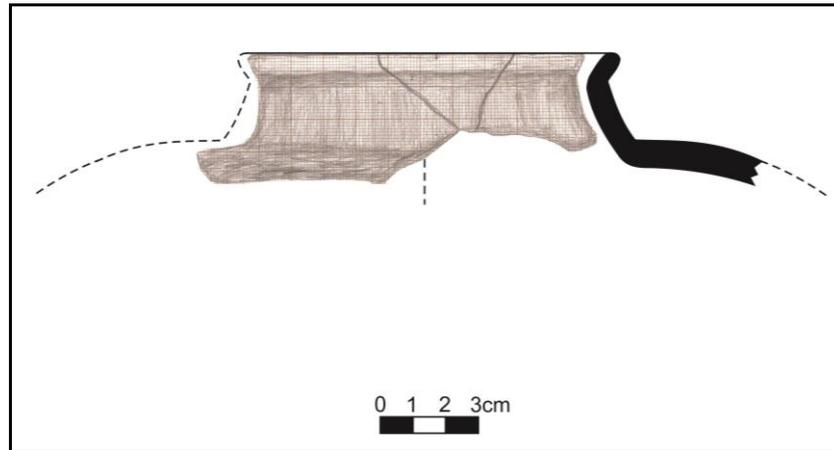


Figura 72 - Vaso globular

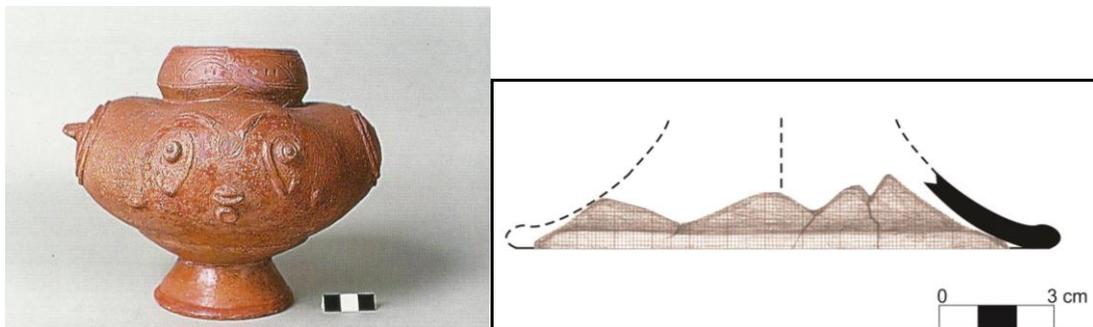


Figura 73 - Forma 1- Vaso globular - exemplar de Gomes (2002: 202) e fragmento de base em pedestal

Forma 2: Vaso em miniatura –boca fechada, contorno complexo, corpo no formato esférico com um estreitamento na borda formando um pescoço. O vaso tem 7 cm de diâmetro de abertura, borda extrovertida, lábio e base planos. O lábio tem duas incisões finas horizontais e na parte interna do vaso tem pintura vermelha. O antiplástico é cauxi, técnica de confecção o acordelamento e o tratamento de superfície o alisamento.

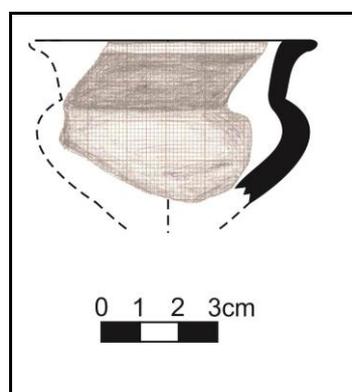


Figura 74 - Forma 2 – Vaso em miniatura

Forma 3: Tigela miniatura – bojo na forma de calota esférica, boca aberta, contorno composto e o corpo apresenta uma carena. A borda é do tipo direta reforçada externa, diâmetro de abertura 19 cm e lábio plano. O corpo apresenta incisões finas retilíneas semicirculares concêntricas e entre os dois motivos de incisões têm outras incisões finas paralelas na posição vertical. O antiplástico é composto de cauxi, técnica de confecção o acordelamento e o tratamento de superfície o alisamento seguido do polimento.

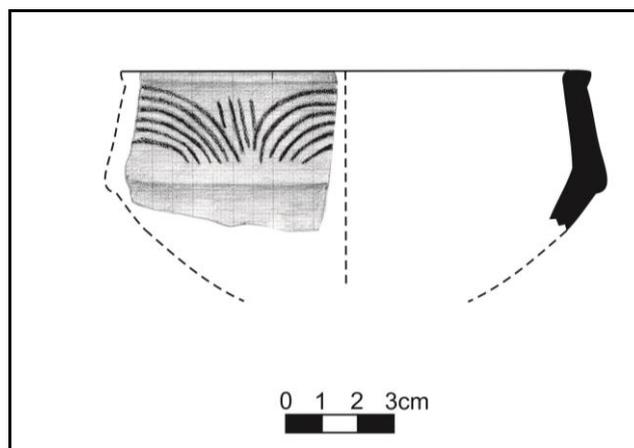


Figura 75 - Forma 3 – Tigela miniatura

Forma 4: Tigela rasa – boca aberta, contorno simples, formato do corpo calota esférica e base plana. A tigela 76A tem diâmetro de abertura 19 cm, borda vazada, e lábio arredondado. A borda é decorada com incisões finas paralelas na posição vertical em número de três, intercaladas ocasionalmente por apliques, o que se percebe pela ausência de aplique nesse exemplar. Há perfurações no lábio que indicam a intenção de suspensão. O antiplástico é o cauxi. A tigela 76B tem diâmetro de abertura 17 cm, borda expandida e lábio arredondado, antiplástico composto de cauxi e caco moído. A tigela 76C tem diâmetro de abertura de 15 cm, borda reforçada externa e lábio arredondado, antiplástico composto de cauxi e caco moído. A técnica de confecção das tigelas é o acordelamento e tratamento de superfície o alisamento.

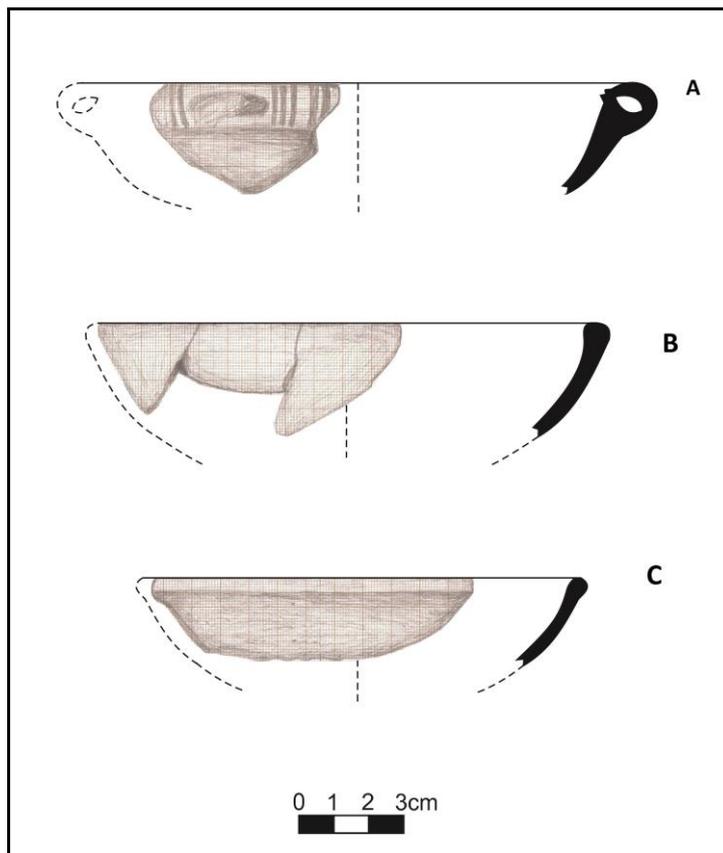


Figura 76 - Forma 4 – Tigela rasa

Forma 5: Prato com borda dupla e suporte trípole (modelo de Gomes 2002: 239) – o prato com boca aberta, contorno simples e formato do corpo de calota esférica. As bases analisadas possuem pintura vermelha na parte externa, o antiplástico é o cauxi, técnica de confecção a modelagem e o tratamento de superfície o alisamento. As bases foram encontradas no mesmo nível (10-20 cm).

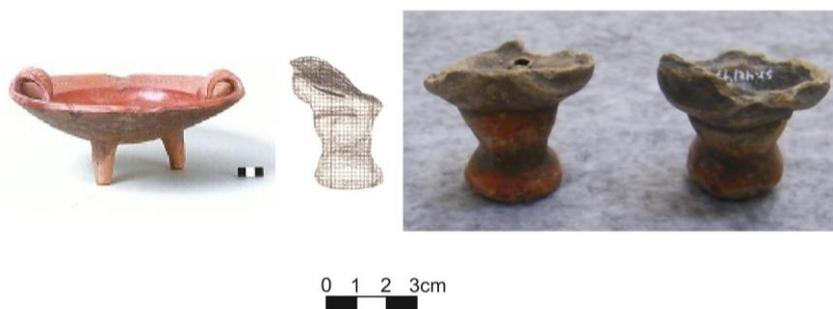


Figura 77 - Forma 5 – Prato com suporte trípole – fragmentos de bases de prato

Forma 6: Vasilha –vasilha com forma aberta, contorno simples e formato do corpo de calota esférica. A vasilha 78A tem diâmetro de abertura de 36 cm, borda reforçada

externa com pintura vermelha, lábio plano, incisões paralelas no lábio e antiplástico de cauxi. A vasilha 78B tem diâmetro de abertura 32 cm, borda expandida e lábio plano. A carena tem uma decoração digitada, na parte interna o vaso tem pintura vermelha e na parte externa junto à borda e ao bojo do vaso, tem engobo branco e vestígios de pintura vermelha, o antiplástico é composto com cauxi com caco moído. As vasilhas têm a técnica de confecção o acordelamento e o tratamento de superfície o alisamento.

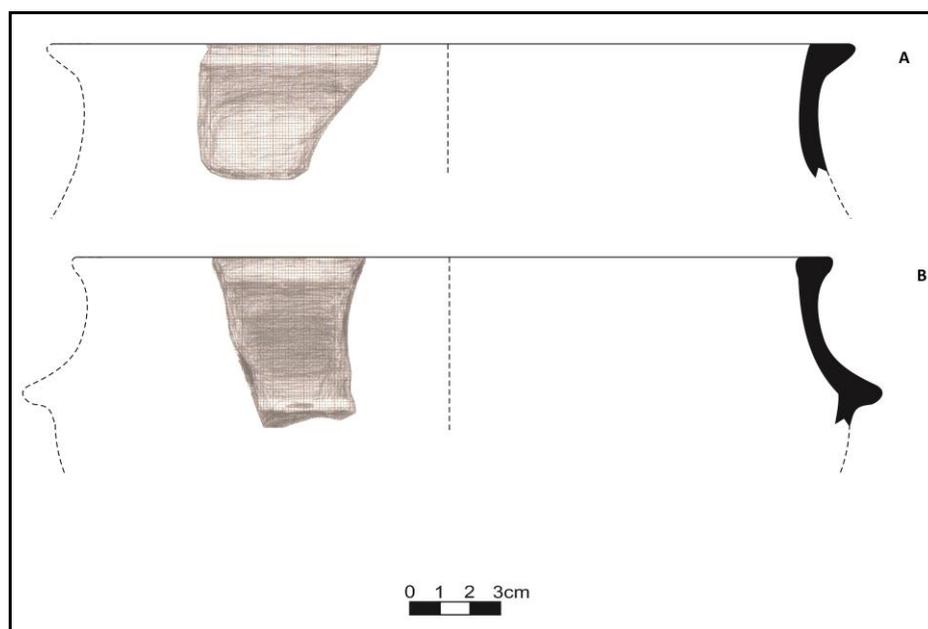


Figura 78 - Forma 6 - Vasilha

Forma 7: Vasilha –bojo no formato de calota esférica, boca aberta, contorno composto e carena. O diâmetro de abertura tem 24 cm, borda expandida, lábio plano, base plana com diâmetro 6 cm e carena. O lábio tem uma “decoração plástica, semelhante a ondulações, feito por meio da técnica do entalhe” (Gomes 2002: 223), a vasilha tem pintura vermelha na parte interna e externa, junto à borda e também no corpo da vasilha, tem pintura policrômica que formam linhas paralelas na posição horizontal. O antiplástico que compõe a tigela é o caco moído, a técnica de confecção foi o acordelamento e o tratamento de superfície foi o alisamento.

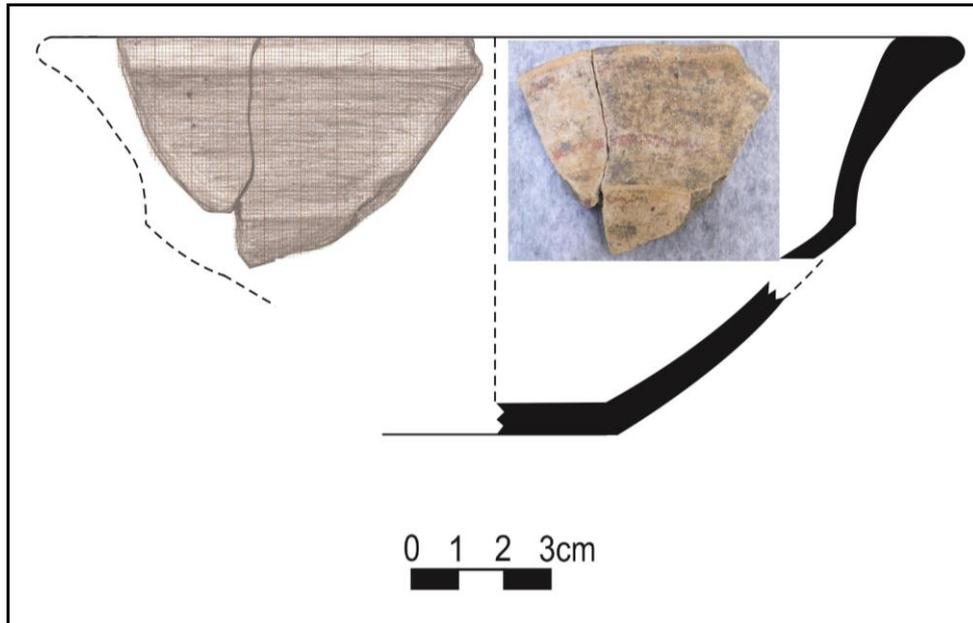


Figura 79 - Forma 7 – Vasilha

Forma 8: Vasilha – com boca aberta os contornos e forma não podem ser sugeridos. A vasilha 80A tem diâmetro de abertura de 50 cm, borda reforçada externa com filete aplicado digitado e lábio plano. A vasilha 80B tem diâmetro de abertura 50 cm, borda reforçada externa, com filete aplicado e digitado e lábio arredondado com incisões em linhas paralelas finas. A vasilha 80C tem borda expandida e lábio arredondado. As vasilhas têm antiplástico o cauixi, técnica de confecção acordelamento e o tratamento de superfície alisamento.

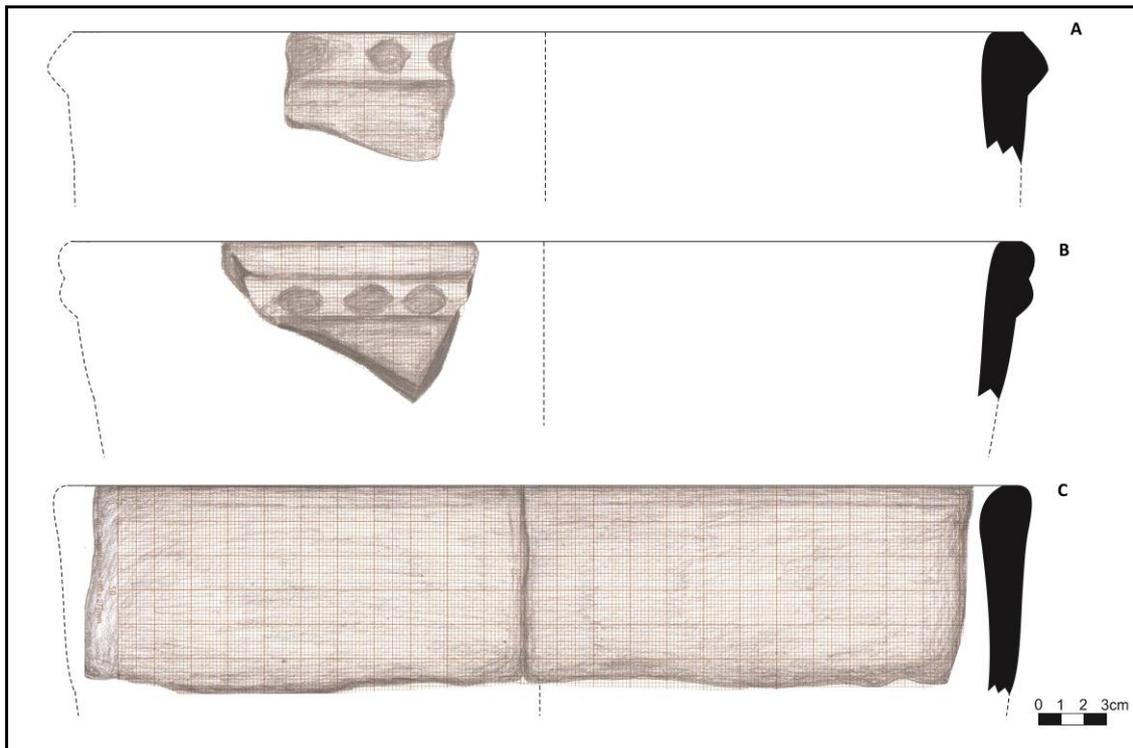


Figura 80 - Forma 8 – Vasilha

Forma 9: Tigela média – bojo no formato de calota esférica, boca aberta, contorno simples, e base plana. A tigela 81A tem diâmetro de abertura 36 cm, borda expandida e lábio plano e base plana diâmetro medindo 6 cm, a tigela vai ficando menos espessa em direção a base, o antiplástico é o cauixi. A tigela 81B tem diâmetro de abertura 42 cm, borda reforçada interna e lábio arredondado, base plana com diâmetro 6 cm, a parede da tigela também vai ficando menos espessa em direção a base. O antiplástico é o caco moído. As tigelas têm técnica de confecção o acordelamento e o tratamento de superfície o alisamento.

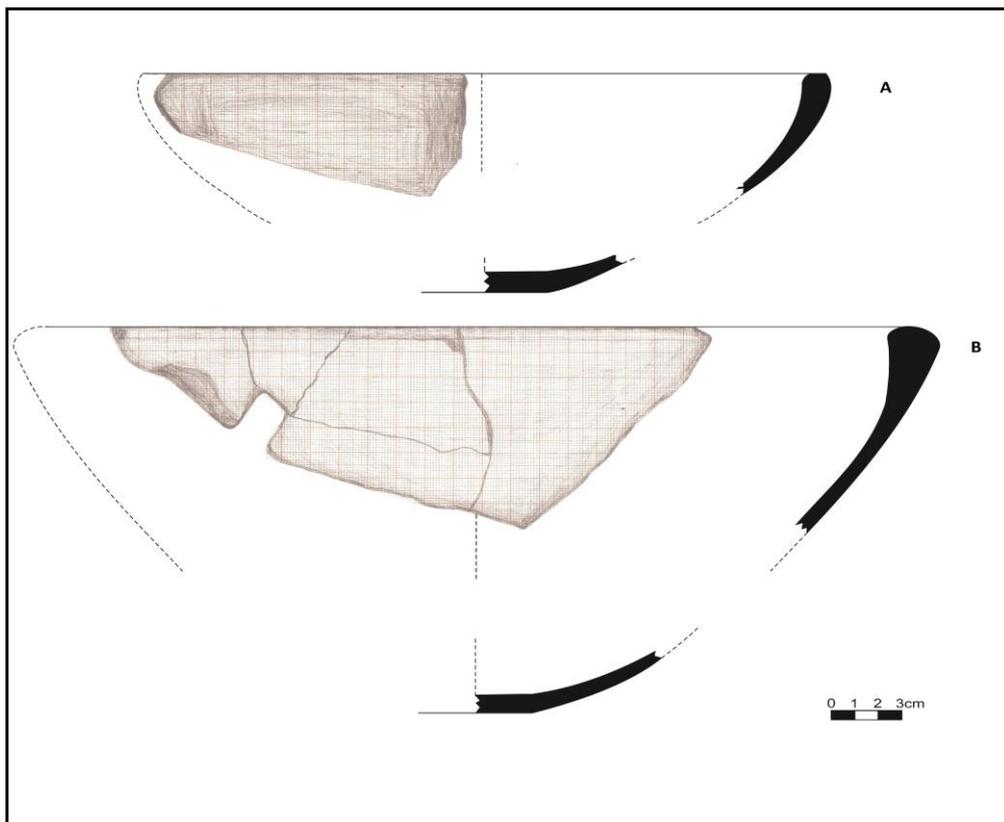


Figura 81 - Forma 9 – Tigela média – formada por dois fragmentos de bordas e dois fragmentos de bases planas

Forma 10: Vasilha – bojo no formato tronco-cônico invertido, boca aberta e contorno composto. A vasilha 82A tem diâmetro de abertura 42 cm, borda direta e lábio arredondado, no lábio e na parte externa da borda da vasilha têm vestígios de pintura vermelha. A vasilha 82B tem diâmetro de abertura 42 cm, borda reforçada externa com um filete aplicado digitado e lábio arredondado. O antiplástico das vasilhas é o cauxi, técnica de confecção acordelamento e tratamento de superfície o alisamento.

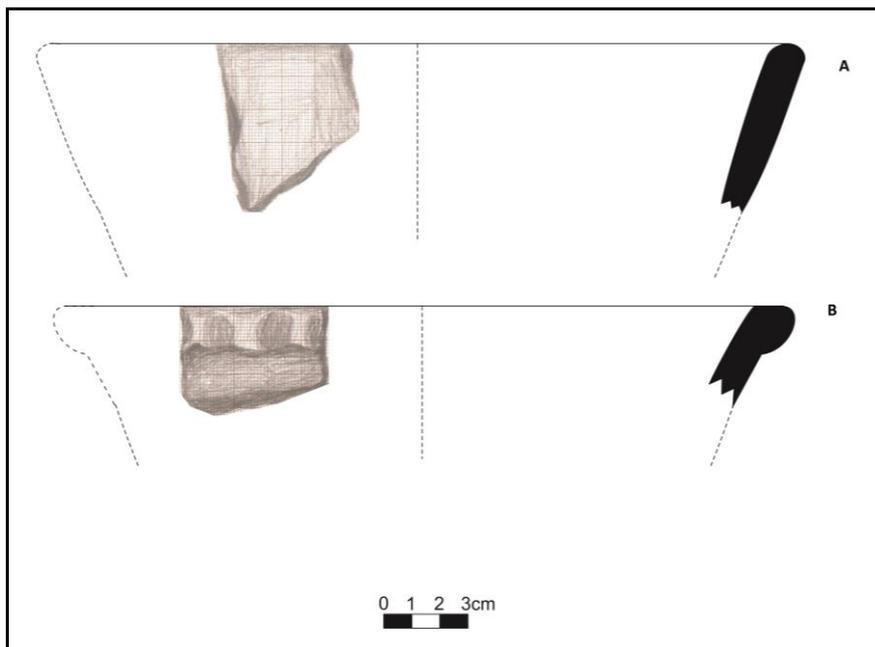


Figura 82 - Forma 10 - Vasilha

Forma 11: Vasilha – bojo esférico, boca fechada e contorno infletido. A vasilha tem diâmetro de abertura 40 cm, borda expandida, lábio arredondado. O antiplástico é o cauixi, técnica de confecção acordelamento e tratamento de superfície alisamento.

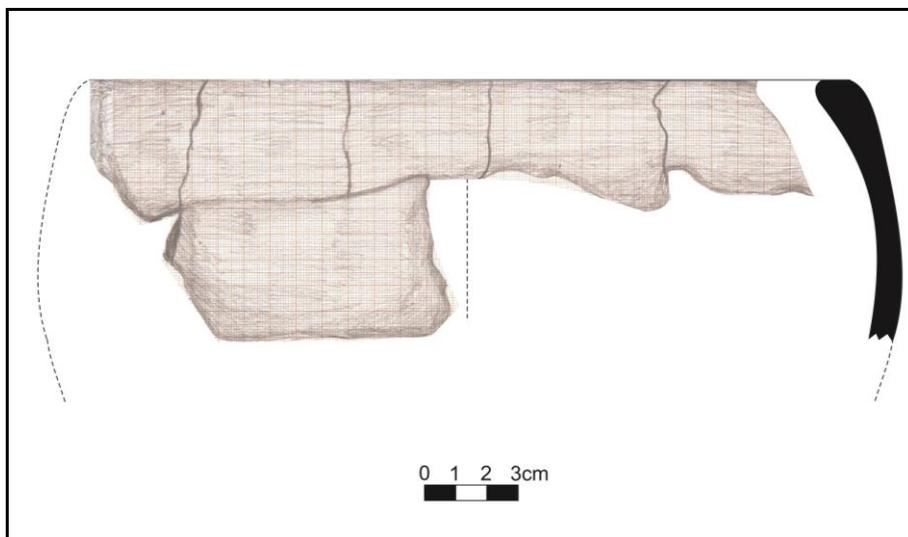


Figura 83 - Forma 11 - Vasilha

Forma 12: Tigela média – bojo no formato de tronco-cônico, boca aberta e contorno simples. A tigela tem diâmetro de abertura 26 cm, borda extrovertida reforçada e lábio arredondado. O lábio e a parte interna da tigela tem pintura vermelha. Abaixo do lábio na parte interna da tigela tem incisões finas horizontais e na parte externa da tigela

tem pintura policrômica. A pintura vermelha e preta formam linhas paralelas e horizontais na tigela. O antiplástico é o caco moído, a técnica de confecção foi o acordelamento e o tratamento de superfície o alisamento.

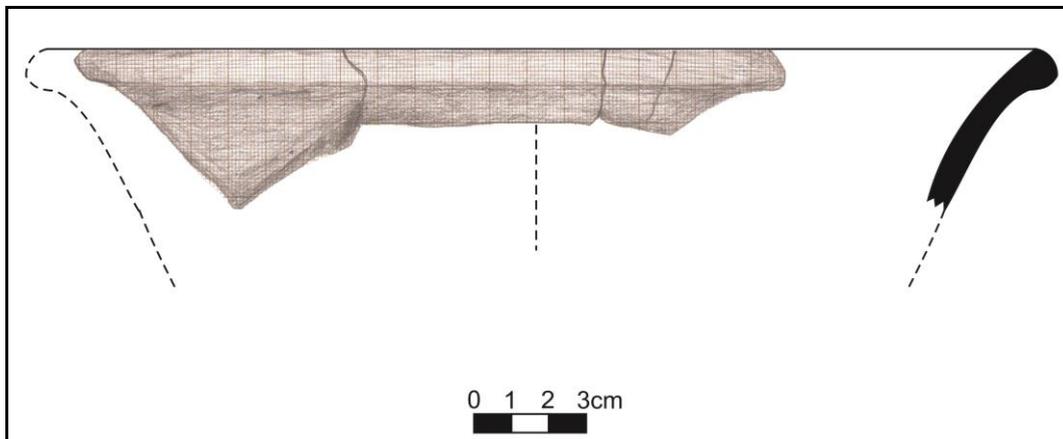


Figura 84 - Forma 12 – Tigela média

Forma 13: Prato – boca aberta, contorno simples, corpo no formato de calota esférica. O prato não possui borda, com base plana e diâmetro da base 7 cm. Apresenta vestígios de pintura policrômica na parte externa do prato.

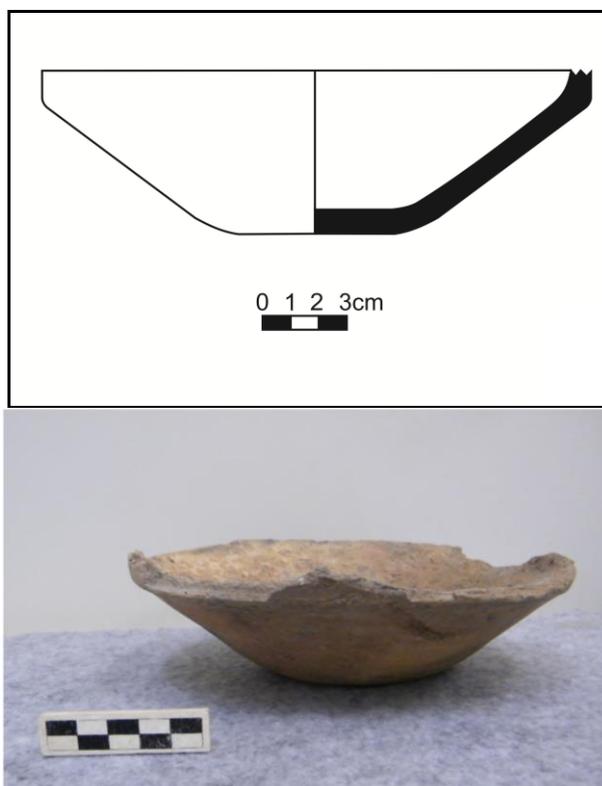
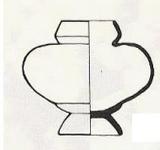
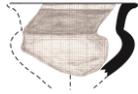
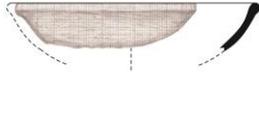
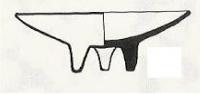
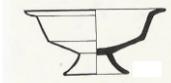
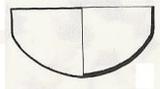
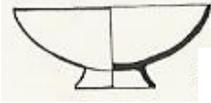


Figura 85 - Forma 13 – Prato – reconstituição gráfica da vasilha e a vasilha fragmentada, coletada aos 60 cm de profundidade

Quadro 3 - Relação entre Forma e Função das vasilhas da feição 5

Prof. (cm)	Forma	Função	Modelo	Referências
20 a 70	1	Cerimonial		Gomes (2002: 54)
10 a 20	2	Cerimonial		Silva (2016: 146)
50 a 60	3	Cerimonial		Gomes (2002: 85)
20 a 80	4	Doméstico		Silva (2016: 149)
10 a 20	5	Doméstico		Gomes (2002: 84)
60 a 70	6	Doméstico		Silva (2016: 149)
10 a 20	7	Doméstico		Gomes (2002: 84)
10 a 50	8	Doméstico		Gomes (2002: 84)
20 a 60	9	Doméstico		Silva (2016: 152)
10 a 70	10	Doméstico		Silva (2016: 153)

30 a 40	11	Doméstico		Gomes (2002: 84)
60 a 70	12	Doméstico		Gomes (2002: 85)
50 a 60	13	Cerimonial		Silva (2016: 154)

3.3. O que a cerâmica pode nos dizer sobre os *Tapajó*? Uma análise contextual de objetos inteiros, semi-inteiros e apêndices

No contexto das feições arqueológicas do sítio Porto de Santarém foram coletadas nas feições 3, 4 e 5 algumas peças inteiras e semi-inteiras de material cerâmico, entre estas estatuetas, vasilhas, apêndices, adorno, tortual de fuso e outros que conforme o contexto encontrado dentro dos *bolsões* podem sugerir algumas interpretações sobre sua utilização/função antes do descarte nesses buracos. Esses tipos de peças são comuns em museus e acervos arqueológicos que frequentemente vieram de doações ou de colecionadores, sendo menos frequentes em escavações com contextos arqueológicos conhecidos.

3.3.1. Feição 3

Na análise contextual, ao examinar o material por nível escavado, observei que o material estava bastante fragmentado de uma forma geral, apesar de que abaixo dos 50 cm de profundidade encontrei algumas peças semi-inteiras, além disso, percebi que provavelmente o material foi descartado em um único episódio. Essas evidências podem ser comprovadas pelos itens a seguir:

1. Não foram encontrados muitos fragmentos semelhantes que pudessem ser remontados, assim indicando que não houve intencionalidade na quebra. As peças foram encontradas entulhadas, nas posições verticais e horizontais, a exemplo da

vasilha policrômica, como se tivessem sido apenas jogadas de qualquer forma. Isso indica que esses fragmentos são provenientes de refugo secundário e o processo de descarte poderia ter ocorrido pelo uso, isto é, pelo fim de vida útil do objeto. A Figura 86 mostra a vasilha policrômica em campo.



Figura 86 - Concentração de fragmentos de uma mesma vasilha policrômica

2. Ter encontrado material da mesma vasilha por diversos níveis. A vasilha policrômica foi encontrada fragmentada no nível 50-60 cm, no entanto outros fragmentos da mesma vasilha foram encontrados em níveis acima (20 a 40 cm) e abaixo (60 a 80 cm). Assim como a vasilha de forma 8 desta feição, cujos fragmentos estavam dispersos nos níveis que antecederiam os 50 cm de profundidade, onde foram encontrados os maiores fragmentos. Essa dispersão de fragmentos por vários níveis indica que esses fragmentos foram jogados em meio a um entulho maior, como refugo secundário de atividades de descarte. Aos 30 cm de profundidade a feição media 1,25 x 1,3 m.

3. O descarte do mesmo material em uma espessa camada arqueológica sugere que o buraco foi aberto para receber esse material de uma única vez e que logo foi preenchido e fechado. Isso também pode ser evidenciado no perfil do *bolsão* que não indica intrusão de solo na camada arqueológica, isto é, a coloração do solo nos níveis escavados não se diferencia, indicando que o buraco não foi aberto e fechado várias vezes, pois se isso ocorresse o perfil apresentaria marcas de coloração do solo diferentes.

Segundo Schiffer (1987) as peças para serem descartadas precisam passar por vários processos que podem ocorrer de forma combinada ou não. Alguns processos para o descarte podem ser a partir da quebra, o uso, o desgaste ou a deterioração. Ao que parecia vasilha policrômica encontrada na feição 3, foi descartada pelo que Schiffer (1987) denominou de “termination of use life”, que são peças que foram produzidas e utilizadas para pouco uso e independente de sua condição física são descartadas. Pode-se inferir o pouco uso desta vasilha pela pintura, que não se encontrava desgastada. Com isso, posso sugerir que esta vasilha possa ter sido usada em uma cerimônia, e pode ter sido quebrada no momento do ritual ou depois e em seguida foi descartada.

Segundo Heriarte ([1662] 1874), os *Tapajó* praticavam rituais/cerimônias em um espaço afastado da aldeia, quando bebiam e comiam. É possível que esta vasilha tenha sido produzida para um momento especial de festa entre os *Tapajó* e depois foi descartado. Existem outros grupos indígenas que descartam materiais utilizados depois de um ritual ou cerimônia. Os *Wayana*, após utilizarem flautas e máscaras para um ritual ou cerimônia, as deixam penduradas na casa cerimonial e esperam que o tempo as destrua, não sendo mais utilizadas em outros momentos (Velthem 2003).

Foram encontradas três cabeças de urubu rei na Feição 3 que são provenientes de três vasos de gargalo. A cabeça de urubu rei é uma peça rica em detalhes típicos da cerâmica tapajônica, com entalhes, perfurações, olhos modelados e passam certa imponência quando são vistas. Esta peça é uma das peças produzidas pelos *Tapajó* que representam a fauna; além da cabeça de urubu, outros animais também são representados, como jacaré, onça, sapo, pássaro e outros. Os vasos de gargalos eram provavelmente usados para servir bebidas. A Figura 87 é um exemplar de uma cabeça de urubu rei.

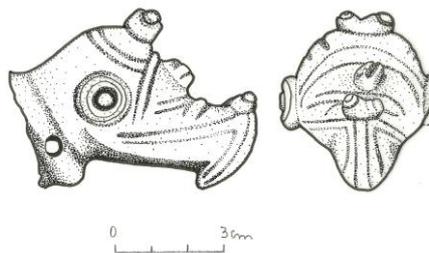


Figura 87 - Desenho da cabeça de urubu rei. Desenho Deise Lobo

Roosevelt (1996), ao considerar Santarém como sede do cacicado tapajônico, com centralização política e tendo o grupo indígena a característica de ser guerreiro, interpretou na iconografia tapajônica a presença predominante de animais ferozes, predadores, e aves de rapina como os urubus-rei, como uma forma de comparação com o comportamento guerreiro e expansionista característico dos *Tapajó*. No entanto, Gomes (2012) sugere que as representações de animais e seres humanos poderiam ser relacionadas com a cosmologia dos *Tapajó*. Assim, a autora sugere que a iconografia encontrada nas cerâmicas tapajônicas representariam três aspectos da vida social: (1) o xamanismo, (2) cosmologia, (3) culto aos mortos.

Para Gomes (2010) essas iconografias referente aos animais tem relações com o cosmo, sendo as relações simbólicas que essas peças, quando representam os animais, passam para organizar em torno do xamanismo, assim considerando que as peças cerâmicas tidas como de uso cerimonial são vistas como uma tecnologia xamânica. Como exemplo, Gomes (2010: 217) menciona que o “urubu rei que se transforma em homem”, assim as figuras antrozoomorfas presentes nos vasos tapajônicos se materializam nessa “ideia de metamorfose corpórea” (op. cit. pp. 217).

As peças de cabeças de urubu rei provavelmente tiveram um significado conotativo muito forte para os *Tapajó*, tendo em vista como foram produzidas, com uma riqueza de detalhes que outras peças mesmo quando representando a fauna não tinham. São peças feitas de forma mais próximo do real, quem sabe tendo essa relação direta com o mundo cósmico, com os rituais xamânicos que eram praticados pelos *Tapajó*, conforme relatos etnohistóricos.

3.3.2. Feição 4

Na análise contextual, ao analisar o material por nível escavado, observei que o material estava bastante fragmentado de uma forma geral, apesar de ter encontrado entre os níveis 10 a 30 cm peças inteiras e semi-inteiras. Provalmente o material encontrado no buraco é proveniente de um único descarte. Essas evidências podem ser comprovadas conforme itens a seguir:

1. O material estava entulhado, nas posições horizontais e verticais e não encontrei muitos fragmentos semelhantes que pudessem ser remontados, o que indica que não houve intencionalidade na quebra. O descarte é de refugio secundário e o processo deste descarte pode ter ocorrido pelo processo de uso, isto é, fim de vida útil do objeto.

2. O material que encontrei na feição provavelmente teve um único descarte pelo fato de ter encontrado nesta feição fragmentos de um vaso de gargalo entre os níveis 10-70 cm. O fragmento maior do vaso de gargalo foi encontrado no nível 20-30 cm, sendo que encontrei material do mesmo vaso para os níveis acima dos 30 cm e também para os níveis abaixo dos 30 cm. A feição aos 30 cm de profundidade media 2,5 x 1,3 m e pelas suas dimensões e pelo fato de encontrar fragmentos da mesma vasilha em níveis diferentes, posso sugerir que houve um único descarte na feição. A Figura 88 apresenta o exemplo do vaso de gargalo encontrado nos níveis já mencionados.



Figura 88 - Fragmentos de vaso de gargalo encontrados em diferentes níveis

3. Além deste fragmento de vaso de gargalo também identifiquei fragmentos de outras vasilhas distribuídos nesta mesma camada arqueológica.

Entre as peças inteiras e semi-inteiras desta feição, identifiquei fragmentos de estatuetas (cabeça, olho, braço, nariz, orelha), conforme Figura 89, além de duas estatuetas inteiras (feminina e masculina) e um adorno (forma fálica). O adorno foi encontrado no segundo nível (10-20 cm) e a estatueta masculina aos 25 cm de profundidade e a estatueta feminina foi encontrada aos 28 cm de profundidade uma próxima a outra como mostra a Figura 90.

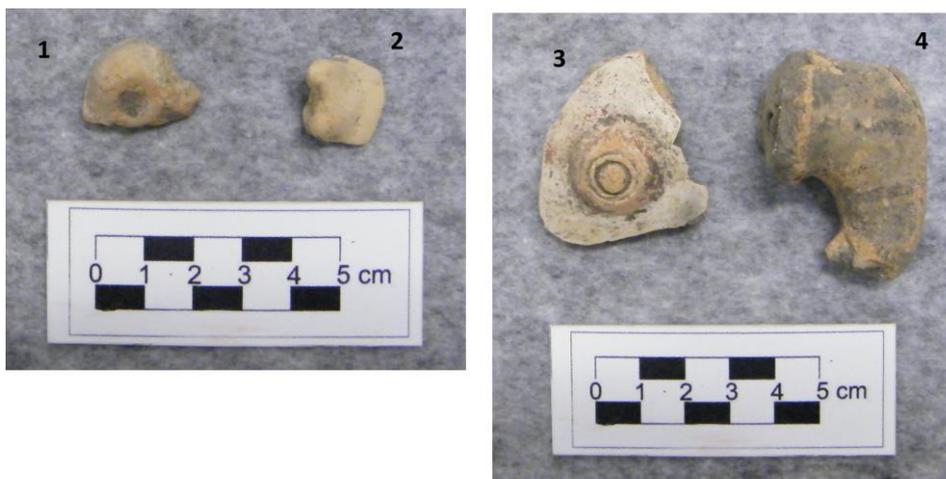


Figura 89 - (1) nariz, (2) orelha, (3) olho e (4) braço de estatueta



Figura 90 - Estatuetas *in situ* e o adorno com forma fálica

As estatuetas possuem características comuns ao estilo Santarém, com representação de sexo, sendo a menor do sexo masculino e a maior do sexo feminino. Ambas foram moldadas a mão e possuem um realismo nas suas formas, sendo banhadas por engobo branco. A estatueta do sexo masculino tem 3,5 cm de altura e 2,3 cm de largura. Modeladas à mão a estatueta do sexo masculino é oca. Os olhos são feitos em relevo modelados marcado por incisões, nariz modelado no formato arredondado e a boca em relevo com incisão horizontal, as orelhas foram estilizadas. No tronco a representação do sexo masculino é formado por um aplique modelado. Os braços e as pernas foram estilizados.

A estatueta do sexo feminino é bem característica das estatuetas que foram estudadas por Corrêa (1965), tem o corpo e cabeça maciços e base semi-lunar, tendo 8,3 cm de altura e 5,6 cm de espessura. Os olhos são feitos em relevo modelados marcado por incisões, nariz modelado no formato arredondado e a boca em relevo com incisão horizontal, as orelhas foram estilizadas. No tronco a representação dos seios são

formadas por apliques modelados arredondados, a estatueta não tem representação do sexo feminino, no entanto, sugere que seja do sexo feminino pelo ventre saliente. Os braços e pernas foram estilizados, conforme Corrêa (1965). Quanto ao adorno, este tem forma fálica e foi encontrado centímetros antes das estatuetas.

Como as peças foram encontradas muito próximas umas as outras, sugiro que as peças poderiam ter sido usadas em uma cerimônia de iniciação à puberdade, embora não haja evidências nos relatos etnohistóricos ou em estudos de estatuetas, esta é uma possibilidade interpretativa, dentro de várias que podem ser feitas. Cerimônia de iniciação é comum nas sociedades indígenas da Amazônia, e segundo Velthem (2003) a iniciação das crianças *Wayana* acontecia a partir da transformação do corpo que são modelados em lugares específicos de acordo com o sexo. Os meninos ficam na casa cerimonial e as meninas nas residências. As meninas são expostas a formigas tocandiras e depois são reclusas por um tempo. Lembrando que as estatuetas tapajônicas que foram estudadas até o momento são originárias de coleções museológicas e sem contexto arqueológico. As estatuetas encontradas nos *bolsões* e depois outras estatuetas que foram encontradas em outras áreas do sítio, escavadas pelo projeto, são as primeiras encontradas em contexto e do qual posso inferir algumas interpretações.

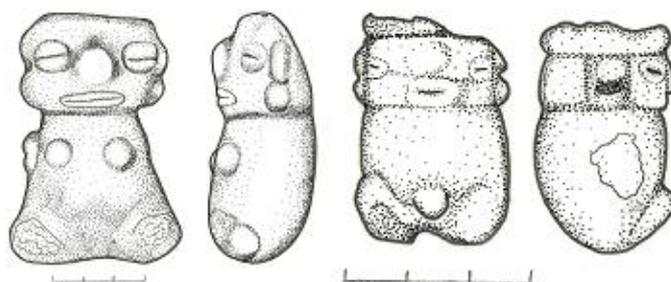


Figura 91 - Estatuetas de perfil e de frente. Desenhos de Deise Lobo

3.3.3. Feição 5

A análise contextual para a feição 5, também segue a mesma metodologia das demais feições. O material também estava bastante fragmentado, apesar de que no nível 50-60 cm e nos níveis abaixo ter encontrado peças menos fragmentadas, a exemplo da vasilha sem borda do nível 50-60 cm e do fragmento grande de vaso de gargalo encontrado no mesmo nível. Nesta feição também foram encontrados fragmentos de outras vasilhas em níveis diferentes, a exemplo do vaso da forma 13, em que a borda foi remontada a partir de seis fragmentos que foram encontrados nos níveis 10-20 cm, 30-40 cm, 40-50 cm. Esta feição continha muitos fragmentos de bordas, e ao fazermos a reconstituição hipotética das vasilhas, percebi que a feição apresentou vasilhas grandes, com diâmetros que variaram de 42 cm a 50 cm. Este tipo de vasilha não foi identificado nas feições 3 e 4.

A feição, além de conter a maior quantidade material cerâmico, também continha a maior quantidade de material lítico, se comparada com as outras feições (3 e 4); além disso, foi encontrado nesta feição um muiiraquitã de pedra esverdeada e um alargador. Apesar de ter encontrado material da mesma vasilha distribuído por níveis diferentes, nesta feição não posso sugerir que houve apenas um descarte, já que tenho uma diferença no tipo de antiplástico utilizado no material desta feição. Sendo que nos primeiros 50 cm de profundidade o antiplástico mais frequente foi o cauixi, e nos centímetros abaixo de 50 cm de profundidade o caco moído passou ser mais frequente, assim podendo sugerir que o descarte neste buraco ocorreu em mais de um episódio.

A vasilha encontrada na feição 5, aos 60 cm de profundidade, estava emborcada. Esta é a única vasilha semi-inteira encontra *in situ*. Ao ser escavada em laboratório a vasilha continha fragmentos de ossos, como foi identificado em outras vasilhas na área 2 do sítio. A vasilha não tem borda/lábio, porém tem vestígios de pintura policrômica (pintura vermelha e preta sobre engobo branco). Apresenta forma aberta e contorno infletido e base arredondada. Abaixo imagens da vasilha sendo escavada em campo (Figura 92) e depois que foi escavada e limpa em laboratório (Figura 93).



Figura 92 - Vasilha *in situ*. Fonte: Schaan 2012a: 122



Figura 93 - Vasilha limpa e escavada, encontrada na feição 5, aos 60 cm de profundidade

Vasilhas contendo ossos triturados também foram encontradas na área 2. Em outra área do sítio onde também identificaram *bolsões*, foi encontrada uma vasilha na mesma posição da encontrada na feição 5 (Moraes et al 2013). Apesar de ter encontrado fragmentos de ossos triturados nesta vasilha, não sugiro que esta vasilha seja um componente simbólico que estava associado a feições/*bolsões*, como também afirmou Rapp Py-Daniel (2015).

Nas feições 3, 4 e 5 também foram encontrados fragmentos de vasos de gargalo e globular. Esses tipos de vasos são os mais característicos da cultura Tapajônica (Barata

1953). Os fragmentos de vasos de gargalo e globular somam 20 peças encontradas nas três feições. Como exemplos tem um vaso de globular (forma 1 da feição 5) representado por um grande fragmento do vaso com um apêndice com forma zoomorfa (Figura 94). E o outro exemplo é de um vaso de gargalo (forma 1 da feição 3) que foi identificado por duas cabeças de urubu rei.



Figura 94 - Vaso globular parcialmente *in situ*, encontrado na feição 5

Esses vasos tiveram suas iconografias estudadas por Barata (1950), Palamatary (1960) e outros, sendo destacadas suas formas decorativas ricas em detalhes. Os três tipos de vasos possuem apêndices em formas zoomorfas ou antropomorfas e que formando os conjuntos dos vasos foram relacionados com o universo cosmológico ou com mito do grupo indígena *Warrau* (Macdonald 1972) mesmo com aspectos do xamanismo a partir do pespectivismo ameríndio (Gomes 2010, 2012).

Assim, inferindo que estas vasilhas podem ter sido usadas em algum momento especial do grupo, embora não tenha encontrado nenhuma peça inteira, as peças fragmentadas que foram encontradas também foram depositadas de qualquer forma dentro dos *bolsões*. Além dos vasos específicos, também foram encontrados a vasilha grande com decoração policrômica e vasilhas menores (exemplo das vasilhas da forma 8 e 9 da feição 3) que estão pouco fragmentadas, assim indicando ainda mais que nesta feição eram descartadas as vasilhas que provavelmente foram usadas em algum momento especial entre os *Tapajó*. Esta inferência também se deve ao fato que estas peças puderam ser em parte remontadas, assim correlacionado o tipo de material encontrado na feição com o tipo de material que Shiffer (1987) identifica com de um *ritual caches*, que seria um depósito onde se concentra um material que não se

encontra em um depósito secundário, além de que nesses *aches* geralmente se encontra material inteiros/completos ou mesmo materiais intactos e/ou fâcies de serem restaturados.

Alves (2012:74), a partir da distribuição e do conteúdo encontrado nos *bolsões*, propôs que “o comportamento de descarte dos *Tapajó* incluía a queima tanto dos objetos elaborados encontrados em *bolsões* quanto dos de usos cotidiano”, no entanto, isto não foi visto no material analisado nos *bolsões* do Porto, isto é, não identifiquei marcas de queima nos fragmentos.

Conclui-se que essas feições foram buracos abertos de forma intencional para descartar material sem utilidade para o grupo, e este material poderia ter vindo de uma cerimônia, no entanto era misturado ao material de uso cotidiano. Embora o material não tenha sido descartado de forma organizada, foi possível fazer algumas inferências a respeito do modo de vida dos *Tapajó*.

Essas inferências foram sugeridas a partir do contexto dos *bolsões*, porém levando em consideração o contexto do sítio de forma geral. Esses buracos a meu ver, são lixeiras secundárias onde foram misturados lixos de alguma celebração junto com material da cozinha e de uso cotidiano.

Segundo Schiffer (1987) um *ritual cache* é um tipo de depósito onde encontra-se artefatos que geralmente não são encontrados em lixeiras secundárias, sendo estes artefatos muitas vezes completos e fâcies de serem restaurados. Com isso, pode sugerir que algumas peças das feições do sítio Porto podem ter vindo de alguma celebração, mas não posso afirmar que todo material encontrado nas feições são de origem cerimonial/ritual, já que foi encontrado esses mesmos tipos de materiais em outras áreas do sítio e não tinham contexto de lixeiras.

Tendo em vista que Gomes (2010) não escavou por completo o *bolsão* que encontrou no sítio Aldeia e também no sítio Porto de Santarém, me vem algumas reflexões; será que os materiais encontrados nesses *bolsões* parcialmente escavados também não são materiais parecidos com os que foram encontrados nos *bolsões* da área 2A-C1 do sítio Porto de Santarém? E que esses *bolsões* não se diferenciam em termos de contexto?

Assim, sendo esses buracos, apenas lixeiras secundárias que o grupo indígena *Tapajó* abriam nos fundos dos seus terrenos como forma de descartar todos os materiais que não tinham mais utilidade para o grupo, seja para manter o ambiente limpo ou mesmo para não se afetarem negativamente pelos materiais usados em uma cerimônia.

Além, disso, segundo Gomes (2010) os artefatos encontrados em contexto de dispersão são objetos rituais que foram misturados ao lixo comum e depois foram queimados, parecidos com o contexto encontrado nos *bolsões* estudados pela autora. No entanto há uma diferença, o material por mim estudado não tinha marcas de queima. Da mesma forma, Gomes (2010) identificou no sítio Carapanari que continham lixo cerimonial e lixo comum.

As indagações aqui apresentadas se colocam para fazer pensar outras possibilidades para além daquelas já apresentadas pela arqueóloga. Uma preocupação pessoal, vem no sentido de Gomes não escavar por completo os *bolsões* do sítio Aldeia, assim não tendo por completo o contexto do *bolsão* e do material que este continha. Além disso, outra inquietação está no fato da autora relacionar material cerimonial/ritual ao um material mais elaborado, como exemplo os vasos cariátides. Junto a isso, no início do artigo Gomes (2010:216) afirma que as pesquisas anteriores realizadas com a cerâmica tapajônica “todos centrados nos objetos rituais”. Resalto que os trabalhos anteriores que Gomes se refere são de Barata (1950, 1951, 1953a); Corrêa (1965); Guapindaia (1993); Gomes (2002) e outros, são todos de materiais provenientes de coleções museológicas, assim tendo apenas os artefatos que mais saltavam os olhos dos colecionadores. O que me incomoda é essa dicotomia entre ritual/cerimonial e cotidiano/doméstico. Assim, procuro pensar esses materiais dentro de contexto onde as coisas ocorram de forma menos rígida, sem que ocorra uma classificação tão arbitrária e seletista.

CONCLUSÃO

A cerâmica tapajônica, conhecida por seus vasos de cariátides, gargalo, globular, rica em detalhes decorativos e motivos zoomorfos ou antropomorfizados, além das estatuetas humanas com formas mais realistas enchem aos olhos de curiosos e mesmo da comunidade acadêmica arqueológica. Essa cultura amazônica vem sendo estudada desde início do século XX, quando Curt Nimuendajú esteve nesta região fazendo pesquisas arqueológicas. O legado de Nimuendajú no baixo Amazonas trouxe outros arqueólogos para a região, como exemplos Frederico Barata e Hellen Palmatary que com seus estudos da cultura material dos *Tapajó* também contribuíram para novos estudos e são fontes bibliográficas para aqueles que estudam a região. Os estudos de Anna Roosevelt no sítio Taperinha e Pedra Pintada trouxeram à tona datações radiocarbônicas antigas que colocaram a região em discussões a respeito da ocupação humana na região.

Junto aos estudos dos sítios Taperinha e Pedra Pintada, Roosevelt também investigou o sítio Porto de Santarém. E a partir de convênio e parceria com a arqueóloga Denise Schaan a partir de 2007, retomou suas pesquisas no sítio. No decorrer desta pesquisa, que durou sete anos, Schaan (2012a) identificou áreas com feições arqueológicas, mais conhecidas como *bolsões* (Barata 1950). Das seis áreas (4A, 4B, 10-4, 10-5, 2 e 2A-C1) que apresentaram essas estruturas a área da pesquisa aqui concluída é a área 2A-C1, que apresentou três *bolsões* contínuos (F3, F4 e F5) dos quais estudei o material cerâmico. Segundo alguns estudos, que ajudaram a construir a hipótese da pesquisa, os materiais encontrados nesses bolsões advinham do descarte de um ritual/cerimônia que teria ocorrido entre os *Tapajó*. No entanto nenhum estudo mais aprofundado tinha sido feito com o material destes *bolsões*.

Desta maneira, considerando que um dos objetivos desta dissertação foi de confirmar ou não esta hipótese, busquei neste trabalho discutir assuntos como descarte, ritual/cerimônia, contextos de lixeiras e outros afins que pudessem me orientar na interpretação do conteúdo dessas feições. As pesquisas que já foram realizadas afirmam tal hipótese, no entanto, tendo em mãos um contexto arqueológico como o do sítio Porto de Santarém não posso afirmar que os materiais encontrados nos

bolsões são oriundos apenas de contexto cerimonial. Tendo em vista que, se encontra materiais cerâmicos semelhantes aos encontrados nos *bolsões* distribuídos em todas as áreas do sítio. Assim, a hipótese não se confirma para os *bolsões* estudados por mim. Já que foi encontrado na F3 três cabeças de urubu-rei, que provavelmente é parte de um vaso de gargalo e este tipo de vaso é considerado de uso cerimonial, no entanto outra cabeça de urubu-rei foi encontrada em outra área do sítio que não tinha contexto de *bolsão*. Este é um exemplo dentre outros exemplos de materiais considerados “rituais” que também foram encontrados distribuídos pelo sítio de forma geral e fora do contexto dos *bolsões*.

No entanto o que muda é o contexto encontrado e a forma de interpretar esses vestígios arqueológicos, o contexto dos *bolsões* é característico não só do sítio Porto, mas também foi identificado *bolsões* no sítio Aldeia. Assim sugerindo como uma prática de descarte do grupo *Tapajó*, muito embora essa também seja uma prática de outros grupos indígenas da Amazônia.

Segundo Gomes (2010, 2012) e Gomes e Luiz (2011,2013) existem diferentes contextos e significados nos depósitos encontrados nessa região. A autora classifica estes contextos em três modos: retenção, dispersão e deposição *in situ*. E cada modo contém um significado distinto. O contexto de retenção está relacionado com *bolsões* e se caracterizou por “ser uma forma de deposição intencional de artefatos cerâmicos, que foram usados durante cerimônias coletivas, intencionalmente quebrados e em seguida descartados numa estrutura escava na terra” (op. cit. 2010: 228); já o contexto de dispersão seriam depósitos onde se encontrou “objetos rituais fragmentados, queimados e associados ao lixo comum” (op. cit. 2010: 229), e por fim o contexto de deposição *in situ* em que “o artefato foi encontrado no local onde foi utilizado, constituindo num outro tipo de refugio primário” (op.cit. 2010: 230).

Com esses diferentes contextos deposicionais identificados por Gomes (2010, 2012) e Gomes e Luiz (2011,2013), observo que os três *bolsões* que estudei não se parecem com o contexto de retenção descrito por Gomes. Já que não considero que os materiais encontrados nos *bolsões* sejam apenas de “cerimônias coletivas”, além disso, como já apresentei anteriormente o material desses *bolsões* não foram quebrados de

forma intencional, assim também não sendo parecido com o contexto descrito por Gomes para o sítio Aldeia.

Assim não vendo que esses diferentes modos de descarte se aplicam ao contexto estudado, muito embora sirvam para refletir a respeito das ponderações que Gomes fez aos *bolsões* estudados. Além disso, para Gomes e Luiz (2011, 2013) os *bolsões* se diferenciam das lixeiras em tamanho e conteúdo. Os *bolsões* seriam menores que as lixeiras e quanto ao conteúdo às lixeiras continham lixo comum os *bolsões* continham “artefatos cerimoniais” (Gomes e Luiz 2013: 653), como vasos de cariátides, gargalos, pintura policroma e outros. Com o exposto percebo que esses buracos por mim estudados são *bolsões* ou lixeiras, segundo Gomes? Pelas dimensões seriam lixeiras, mas pelo conteúdo também poderiam ser *bolsões*.

Essa dicotomia de material decorado/contexto ritual e material não decorado/contexto doméstico não foi de grande utilidade para esta pesquisa. Tendo em vista que considerado tanto os espaços dos *bolsões* como o local onde eles estão situados como locais que não significavam espaços de fronteiras, isto é, não havia limites entre os espaços rituais e domésticos, mas continham um processo mais fluído desses espaços conforme as ações e comportamentos do grupo. Com essa proposição de espaços fluídos vale supor que o material dito cerimonial também poderia ser encontrado nos espaços domésticos e vice-versa, assim fazendo com que houvesse uma mistura de material.

Ao que se refere aos materiais encontrados nos três *bolsões*, observei que a maior quantidade de material foi identificado como micro-fragmentos, no entanto seu peso é menor se comparado com o peso do material diagnóstico e não diagnóstico. Assim indicando que o este material poderia vir de áreas de maior circulação de pessoas, solos de habitação e devido ao pisoteamento ficaram muito fragmentados, conforme mencionado por Gomes e Luiz (2013) e com isso sugerindo que este material mais fragmentado já estivesse quebrado e descartado antes de ser levado aos *bolsões*.

Ao verificar a distribuição do material por níveis escavados, os três *bolsões* têm maior concentração de material nos primeiros 50 cm de profundidade e isto se deve ao

formato do *bolsão* que vai diminuindo de largura de acordo com a profundidade, assim concentrando menos material. Em termos de proporção no material decorado e não decorado, a F5 (51%) apresentou maior proporção, seguido da F4 (27%) e F3 (22%), e o material não decorado a F4 (38%) apresentou maior proporção, seguido da F5 (37%) e F3 (26%). Quanto à relação entre quantidade e peso, o *bolsão* 3 tem menor quantidade de material que o *bolsão* 5, no entanto seu peso é maior que o *bolsão* 5, e isto se deve por este *bolsão* conter fragmentos grandes de uma vasilha polícroma e duas vasilhas menores e pouco fragmentadas.

Com relação ao *bolsão* 3 observei que a maior quantidade (25) de tipos de vasos se concentra neste *bolsão*, sendo os três tipos mais frequente: os vasos globulares (21%), seguidos por vasilhas (20%) e tigelas médias (16%). O vaso do tipo de gargalo representam 13% da amostra total.

Quanto ao *bolsão* 4 percebo que havia maior frequência de fragmentos de estatuetas (olhos, cabeças, braços, nariz, orelha) além de duas estatuetas (uma com representação do sexo feminino e outra do sexo masculino). E ao que se refere ao *bolsão* 5 foi que mais apresentou material cerâmico dos três *bolsões*, que equivale a 40% do total de material coletado, no entanto o peso do material decorado é menor se comparado com o *bolsão* 3, como já mencionei.

A técnica de confecção da indústria cerâmica tapajônica é o acordelamento para a maior parte das peças e a modelagem para peças como apêndices e estatuetas, que parecem ter sido modeladas à mão livre. O tratamento de superfície na maioria do material foi o alisamento e alguns casos o alisamento seguido do polimento. O estado de conservação do material era preservado.

Com relação ao antiplástico e às técnicas decorativas, observei que o cauixi seja sozinho ou acompanhado de outro antiplástico, como exemplo o caco moído, representam mais de 90% dos antiplásticos presentes na amostra. E em relação às técnicas decorativas, o engobo vermelho e a incisão são os mais frequentes. Quanto aos tipos de bordas, lábios e bases, as mais representativas foram as bordas do tipo direta e lábio arredondado e as bases em pedestal.

Quanto às formas hipoteticamente reconstituídas das vasilhas os três *bolsões* apresentaram formas de vasos de gargalo, vasos globular, tigelas em miniatura e tigelas rasas e médias. No entanto, o *bolsão* 5 apresentou formas de vasilhas com diâmetros bem maiores que não foram identificados nos *bolsões* 3 e 4.

Sobre o descarte do material nos três *bolsões* observo que o descarte provavelmente ocorreu de um único episódio nos *bolsões* 3 e 4, tendo em vista ter encontrados fragmentos da mesma vasilha em vários níveis da camada cultural. No entanto o *bolsão* 5, provavelmente tem mais de um descarte, já que verifiquei que existe uma diferença de antiplástico encontrado neste buraco, o que sugeriria mais de um descarte. No entanto, esses materiais foram descartados sem uma organização, tendo em vista que, foi encontrado material entulhado, um por cima do outro, nas posições horizontais e verticais, assim sendo diferente dos depósitos encontrados por Cabral e Saldanha (2008) e Costa (2012) em que havia uma organização onde as vasilhas foram depositadas inteiras e depois quebradas ou o descarte foi realizado de forma organizada.

Os *Wayana* estudados por Velthem (2003) tinham seus lugares específicos para o descarte de seus “lixos”, ao que parece entre os *Tapajó* isso também ocorria, já que foram encontrados em várias áreas do sítio Porto de Santarém *bolsões* com descarte dos seus materiais tidos como “lixos”.

Assim, concluo que esses *bolsões* são lixeiras secundárias, porque o material descartado não foi utilizado no local do descarte. E que os *Tapajó* abriram essas lixeiras nos fundos de suas residências para descartar o material sem utilidade, seja porque foi quebrado e perdeu sua utilidade ou mesmo porque poderia estar carregado negativamente e isto poderia atingir o grupo (Gomes 2010). Pensando em termos de ritual e apoiada em Van Gennep (2011), que diz que o ritual é uma forma de sacralizar as ações cotidianas, vejo que o que torna o material encontrado nesses *bolsões* “ritualizado” seriam as ações de escavar os buracos e de neles descartar o material. Haveria, então, toda uma intencionalidade no momento do descarte. Estes materiais não poderiam ser apenas varridos para a periferia das áreas de circulação, eles

precisavam ser jogados e enterrados dentro desses buracos, assim, saindo de circulação, da visão e do cotidiano do grupo *Tapajó*.

Com isso teríamos espaços e contextos de deposição conforme as ações cotidianas dos *Tapajó*, a exemplo também de algumas feições estudadas por Cummins e Haslam (2006) onde havia uma mistura do material simbólico e utilitário. Assim sendo, a ação cotidiana no momento do seu ato é ritualizada, tornando tudo ao seu redor proveniente de um ritual/cerimônia, não apenas os materiais decorados e sofisticados do grupo. Como os estudos das máscaras *Wauja*, em que o *Apapaatai* ao usar a máscara lhes confere poder e capacidades, com isso torna as máscaras ritualizadas somente no momento da utilização, isto é, no momento da ação dos *Wauja* (Barcelos Neto 2004).

Pensar desta forma é não enquadrar/engessar as ações, formas e performances dos *Tapajó* em termos de doméstico ou ritual e deixar que vejamos esses comportamentos de forma mais ampla. Apesar de que, este comportamento não deixa de lado a sugestão de que o grupo era considerado uma sociedade com sua complexidade social, com regras, costumes, crenças e relações sociais formadas e definidas. Por fim, ressalto que, esta é uma das várias formas de interpretar os *bolsões*, os materiais contidos nele, e os contextos em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acuña, C. de. 1641. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. Uruguai: Oltaver S.A. Buenos Libros Activos, Consejería de Educación de La Embajada de España em Brasil.
- Amoroso, M. R. 2001. Nimuendajú às voltas com a história. *Revista de Antropologia* 44 (2): 173-188.
- Alves, D. T. 2012. *Ocupação indígena na foz do rio Tapajós (3260-960 AP): estudo do sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.
- Araújo da Silva. T. S. 2015. Mítico e Doméstico: os usos do Lítico na Região do Tapajós. In: *Um Porto, Muitas Histórias: Arqueologia em Santarém*, org. Denise Schaan e Daiana Alves, pp. 115-131. Belém: Supercores.
- _____. 2016. *Banquete Lapidoso: tecnologia lítica em contextos festivos no sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Arevello-Jimenez, N & Biord, H. 1994. The Impact of Conquest on Contemporary Indigenous Peoples of the Guiana Shield: The System of Orinoco Regional Interdependence. In: Roosevelt, Anna (ed.). *American Indians from Prehistory to the Present: Anthropological Perspectives*. Tucson, University of Arizona Press, pp. 55-78.
- Azevedo, J. L. d'. 1999. *Os jesuítas no Grão-Pará: suas missões e a colonização*. Belém: SECULT, 366p.
- Barata, F. Barata, F. 1944. Os maravilhosos cachimbos de Santarém. *Estudos Brasileiros* 13, nº37-9, RJ.
- _____. 1950. A arte oleira dos Tapajó. *Considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos*. Publicação nº 2 do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Belém.
- _____. 1951. A arte oleira dos Tapajó II. Os cachimbos de Santarém. In *Revista do Museu Paulista. Nova serie, nº V, SP*.
- _____. 1953a. A arte oleira dos Tapajó III. Alguns elementos novos para a tipologia de Santarém. Publicação, nº 6. *Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*. Belém.
- _____. 1953b. Uma análise estilística da cerâmica de Santarém. In *Cultura*, nº 5. Ministério da Educação e Cultura, RJ.

Barbosa Rodrigues, J. 1875. *Exploração e estudo do Valle do Amazonas. O rio Tapajós*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional.

Barcelos Neto, A. 2004. As máscaras rituais do Alto Xingu um século depois de Karl Von den Steinen. *Société suisse des Américanistes*. Bulletin, 68, p. 51-71.

_____. 2012. Objetos de Poder, Pessoas de Prestígio: A temporalidade biográfica dos rituais xinguanos e a cosmopolítica Wauja. *Mundo Amazônico*. 3:17-42.

Barreto, C. 2013. Beyond pots and pans: Ceramic Record and context in pre-colonial Amazonia. Trabalho apresentado no *78 Annual Meeting of the Society for American Archaeology*, Honolulu.

_____. 2014. Modos de figurar o corpo na Amazônia pré-colonial. *Antes de Orellana. Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. pp. 123-131. Quito, Ecuador.

Bates, H. W. 1979 [1876]. O naturalista no rio Amazonas. *Serie Brasiliana*, vol. 273-A, 2º volume, Cia. Ed. Nacional, São Paulo.

Berredo, B. P. de. [1718]. 1905. *Anais históricos do Maranhão: em que se dá notícia do seu descobrimento, e tudo o que mais nele tem sucedido desde o ano em que foi descoberto até o ano de 1718*. Tomo I. Terceira Edição. Florença: Typographia Barbera.

Betendorf, J. F. de. 1910 [1661]. Chronica da missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo LXXII, parte I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.

Cabral, M. P. & Saldanha, J. D. 2008. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. *Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. 21:9-26.

Carneiro, R. L. 2007. A Base Ecológica dos Cacicados Amazônicos. *Revista de Arqueologia* 20: 117-154.

Carvajal, G. de. 2011 [1542]. *Descubrimiento del río de las Amazonas*. Madrid: Babelia. 70p.

Castro, M. W. 2009. *A cronologia dos sítios Lago do Iranduba e Laginho à luz das hipóteses da ocupação humana para a Amazônia Central*. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.

Corrêa, C. G. 1965. Estatuetas de cerâmica na cultura Santarém. *Publicações do Museu Paraense Emílio Goeldi* 4.

Costa, B. L. 2012. *Levantamento Arqueológico na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã: Estado do Amazonas*. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.

Coudreau, H. *Viagem ao Tapajós*. 1977. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia e Edusp. 162p.

Chmyz, I. 1966. *Terminologia arqueológica Brasileira para a cerâmica. Manuais de Arqueologia n° 1*. Curitiba: Conselho de Pesquisas da Universidade Federal do Paraná.

Cummins, D. & Haslam, M. 2006. To Trash and to Cache: Analysis of a Late Formative Living Surface at Copan, Honduras, in: *An Archaeological Life: Papers in Honour of Jay Hall*. Sean Ulm and Lilley (eds).

Daniel, Pe. J. 2004 [1722-1776]. *Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas v.2*. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto. 624p.

Esquerdo, S. D. M. 2013. *Arqueologia Experimental como ferramenta para o estudo e identificação de escolhas tecnológicas no uso de antiplásticos em vasos cerâmicos pré-coloniais*. Relatório Final-PIBIC/UFOPA.

Ekholm, S. M. 1984. When refuse isn't garbage. Mesoamerican end-of-cycle ceremonial refuse. Paper presented at the *49th Annual Meeting of the Society for American Archaeology*, Portland.

Ferreira, A. R. 2008 [1783-1792]. *Viagem Filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará*, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Manaus: Ed. Valer. 334p.

Geertz, C. 2005. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Tradução Vera Ribeiro. 2 ed, Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Gennep, A. V. 2011. *Os ritos de passagem*. Coleção Antropologia. Editora Vozes.

Gomes, D. M. C. 2002. *Cerâmica Arqueológica da Amazônia: Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP*. São Paulo: Edusp/FAPESP/Imprensa Oficial do Estado. 355p.

_____. 2003. A Amazônia antes da Complexidade Social: um estudo de comunidades pré-coloniais no baixo Tapajós. *Arqueoweb*, Espanha, v. 5 n. 2-3. http://www.ucm.es/info/arqueoweb/numero5_3/articulo5_3_denise.html.

_____. 2005. *Análise dos padrões de organização comunitária no baixo Tapajós: o desenvolvimento do formativo na área de Santarém*, Tese de Doutorado, MAE/USP, São Paulo.

_____. 2006. *Identificação de Sítios Arqueológicos da Cultura Santarém na área Central da Cidade de Santarém, PA*. Relatório Final. São Paulo: [s.n.].

_____. 2007. Cotidiano e poder na periferia da sociedade Santarém. *Ciência Hoje* 40: 64-67.

_____. 2008. *Cotidiano e poder na Amazônia Pré-Colonial*. São Paulo: Edusp, 240p.

_____. 2010. Os contextos e os significados da arte cerâmica dos Tapajó, In *Arqueologia Amazônica*. Editado por E. Pereira & V. L. C. Guapindaia v. 1, p. 213-234. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/ SECULT/ IPHAN.

_____. 2012. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 7 (1): 133-159. Belém.

Gomes, D. & Luiz, G. 2011. *Projeto "Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico: Prospecção e Resgate na Área de Influência Direta da Construção de Diversas Estruturas no Campus Tapajós-UFOPA"*. Primeiro Relatório IPHAN. Belém.

_____. 2013. Contextos domésticos no sítio arqueológico do Porto, Santarém, Brasil, identificados com o auxílio da geofísica por meio do método GPR. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 8 (3): 639-656. Belém.

Guapindaia, V. L. C. 1993. *Fontes Históricas e Arqueológicas sobre os Tapajó de Santarém: a Coleção Frederico Barata do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. <http://marte.museu-goeldi.br/arqueologia/dissertacao.html>

Hartt, C. F. 1885 [1871]. Contribuições para a Ethnologia do Valle do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional*. Vol. VI. 1-174. Rio de Janeiro: Typ. e lith. Economica de S. C.

Hayden, B. & Cannon, A. 1983. Where the garbage goes: refuse disposal in the Maya Highlands. *Journal of Anthropological Archaeology* 2:117-163.

Heckenberger, M. J. 2001. Estrutura, história e transformação: a cultura Xinguana na long durée, 1000-2000 d.C. In *Povos do alto Xingu: História e cultura*. Editado por M. J. Heckenberger e B. Franchetto, pp. 21-62. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. 2005. *The Ecology of Power: Culture, Place, and Personhood in the Southern Amazon, A.D. 1000-2000*. Nova York & Londres: Routledge.

Heckenberger, M. J. et al. 2003. Amazônia 1492: Pristine Forest or Cultural Parkland?. *Science* 301: 1710-1713.

Heriarte, M. [1662] 1874. *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*. Vienna: Carlos Gerold.

La Condamine, C. M. de. 2000 [1735]. *Viagem na América Meridional descendo o Rio Amazonas*. Coleção o Brasil visto por Estrangeiros. Brasília: Senado Federal. 204p.

Leite, J. N. & Leite, C. S. 2010. Alexandre Rodrigues Ferreira e a formação do pensamento social da Amazônia. *Estudos Avançados*. 24 (68).

Lima, H. P. A história das Caretas: a tradição borda incisa na Amazônia central. 2008. 400f. Tese de Doutorado (Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-graduação em Arqueologia Universidade de São Paulo. V. 1. Biblioteca digital da USP. São Paulo.

Lisboa, P. & A. Coirolo. 1995. Notas sobre implementos indígenas com madeira de 5000 anos da microrregião do Tapajós, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica*, 11 (1): 7-17.

MacDonald, R. 1972. The Order of Things: An Analysis of the Ceramics from Santarem, Brazil. *Journal of the Steward Anthropological Society*, 4 (1):39-55.

Marcy, P. 1995 [1847]. Do Tapajós ao Madeira. *Viagem pelo rio Amazonas*.

Martins, C. M. P. 2010. *Ocupações humanas pré-coloniais na bacia do baixo rio Tapajós, Amazônia brasileira*. Monografia de Especialização. Belém: Universidade Federal do Pará.

_____. 2012. *Arqueologia do baixo Tapajós: Ocupação humana na periferia do domínio Tapajônico*. 208 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal do Pará, Belém.

Meggers, B. J. 1954. Environmental Limitation on the Development of Culture. *American Anthropologist* 56(5): 801-24.

Meggers, B. J. & Evans, C. 1957. *Archeological investigations at the mound of the Amazon*. Vol. Bulletin 167. Washington, D.C., Smithsonian Institution Bureau of American Ethnology U.S. Govt. Print. Off.

_____. 1961. An experimental formulation of horizon styles in the tropical forest near south America, in *Essays in pre-Columbian art and archeology*. Edited by S. K. Lothrop et al. p. 372-388. Cambridge: Harvard University.

Moraes et. al. 2013. *Projeto "Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico: Prospecção e Resgate na Área de Influência Direta da Construção de Diversas Estruturas no Campus Tapajós-UFOPA"*. Segundo Relatório IPHAN. Belém.

Myre, W. E. 1928. Two Prehistoric Villages in Middle Tennessee Forty-first. *Annual Report of the Bureau of American Ethnology*. Pp. 485-626. Washington.

Nimuendajú, C. 1949. Os Tapajó. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém.

_____. 2004. In *Pursuit of a Past Amazon. Archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon region*. A posthumous work compiled and translated by Stig Rydén and Per Stenborg. Edited by P. Stenborg & J. Sandhal.

Noronha, J. M. 1862 [1768]. *Da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias do sertão da província*. Typographia de Santos & Irmãos. Pará.

Oberg, K. 1973 [1955]. Types of Social Structure among the Lowland Tribes of South and Central America. En: *Peoples and Cultures of Native South America*, vol. 57. Editado por Gross.

Palmatary, H. C. 1939. *Tapajo Pottery*. *Ethnologiska Studier*, vol. 8.

_____. 1960. The Archaeology of the lower Tapajos valley: Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society*. New Series, 50.

Peirano, M. 2003. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar.

Perota, C. 1979. Projeto PRONAPABA. *Relatório de Campo*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Inédito.

Porro, A. 1992. *As Crônicas do Rio Amazonas - Tradução, introdução e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas a Amazônia*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes.

_____. 2010. Arte e simbolismo xamânico na Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v.5, n.1, p. 129-144. Belém.

Portocarrero, R. 2006. *A variabilidade espacial no sítio Osvaldo: estudo de um assentamento da Tradição Barrancóide na Amazônia Central*. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.

Quinn, E. R. 2004. *Excavating "Tapajó" Ceramics at Santarém: Their Age and Archaeological Context*. M.A., Anthropology, University of Illinois at Chicago.

Rapp Py-Daniel, A. 2015. *Os Contextos Funerários na Arqueologia da Calha do Rio Amazonas*. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.

Raymond, J. S. 1993. Ceremonialism in the Early Formative of Ecuador. *Senri Ethnological Studies*. Vol. 37, pp. 25-43.

Reis, A. C. F. 2001. *A Amazônia e a integridade do Brasil*. Coleção Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal.

Renfrew, C. 1984. Introduction: Peer Polity Interaction and Socio-Political Change. In: *Approaches in Social Archaeology*. Cambridge, Harvard University Press.

Rice, A. 1987. *Pottery Analysis*. Chicago/London: University of Chicago Press. 487p.

Rojas, A. 1639. Descobrimento do rio das Amazonas e suas dilatadas províncias. In: *Descobrimientos do rio das Amazonas*. Tradução e notas por C. Melo-Leitão (Col. Brasileira, vol. 203). São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1941.

Roosevelt, A. 1987. Chiefdoms in the Amazon and Orinoco, in *Chiefdoms in Americas. Part III. South America*. Edited by R. D. Drennan & C. Uribe., pp. 153-184. Maryland: University Press of America.

_____. 1989. Resource management in Amazônia before the conquest: Beyond ethnographic projection. *Advances in Economic Botany* 7: 30-62.

_____. 1991. *Relatório Preliminar Sobre o Levantamento e Escavações na Caverna da Pedra Pintada, Monte Alegre, Pará, Brasil*. 1991: a segunda etapa de campo do projeto arqueológico Santarém. Disponível em: < <http://www.mtepa.com/artigo2.html>>. Acesso em 4 maio 2013.

_____. 1992. Secrets of the forest: An Archaeologist Reappraises the Past – and Future – of Amazonia. *The Sciences* nov./dez: 22-28.

_____. 1993. The rise and the fall of the Amazon Chiefdoms. *L'Homme* 33(126):255-283.

_____. 1994. Amazonian Anthropology: Strategy for a new Synthesis, in *Amazonian Indians from prehistory to the present: Anthropological Approaches*. Edited By Anna C. Roosevelt, p. 1-29. Tucson: University of Arizona.

_____. 1999. The Development of Prehistoric Complex Societies: Amazonia, a Tropical Forest, in *Noronha Complex Politics in the Ancient Tropical World*. Edited By E. A. Bacus & L. Lucero. *Archaeological Papers of the American Anthropological Association* 9: 190-212.

_____. 2000a. The lower Amazon. A dynamic habitat, in *Imperfect Imbalance: landscape transformations in the precolumbian Americas*. Edited by D. Lenz, pp. 455-479. New York: Columbia University Press.

_____. 2000b. Arqueologia Amazônica, in *A história dos índios no Brasil*, Editado por M. C. Cunha, PP. 53-86. São Paulo: Cia. das Letras.

Roosevelt, A. C, R. Housley, I., M. Imazio da Silveira, S. Maranca, and R. Johnson. 1991. Eighth millennium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. *Science* 254:1621-1624.

Roosevelt, A. C, M. Lima C, C. Lopes Machado, M. Michab, N. Mercier, H. Valladas, J. Feathers, W. Barnett, M. Imazio da Silveira, A. Henderson, J. Sliva, B. Chemoff, D. Reese, J. A. Holman, N. Toth, and K. Schick. 1996. Paleoindian cave dwellers in the Amazon: the peopling of the Americas. *Science* 272:373-384.

Silva, J. 2010. Revisitando Paul Marcoy em sua passagem pelo Amazonas: viajantes naturalistas e a vulgarização científica no século XIX. *ANPUH*, São Paulo-Franca.

São José, J. 1847. Viagem e visita do sertão em o bispado do Grão-Pará em 1762 e 1763. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Tomo IX. 2. ed. Rio de Janeiro: Typografia de João Ignácio da Silva.

Schaan, D. P. 2006. *Diagnóstico do patrimônio arqueológico na área de Influência da Rodovia BR-163-Trecho: Santarém-Rurópolis*. Relatório Técnico (não publicado).

_____. 2009. Manejo ecológico e o desenvolvimento de sociedades complexas na ilha de Marajó, Brasil. In: *Marajó: Arqueologia, Iconografia, História e Patrimônio. Textos Selecionados*. Erechim. Rio Grande do Sul: Habilis.

_____. 2010a. Sobre os cacicados amazônicos: sua vida breve e sua morte anunciada. *Revista Jangwa Pana*. Vol 9(1): 45-64. Universidad del Magdalena. Santa Marta, Colombia.

_____. 2010b. *Salvamento do Sítio PA-ST-42: Porto de Santarém. Ano I*. Relatório Final. Belém: UFPA.

_____. 2012a. *Salvamento Arqueológico do Sítio PA-ST-42: Porto de Santarém – Ano II*. Relatório Final. Vol. 1 Belém: UFPA/CDP, Inédito. 213p.

_____. 2012b. Ponds Lakes and feasts: the geography of antropogenic soils, in *Sacred Geographies of Ancient Amazonia: Historical Ecology of Social Complexity (New Frontiers in Historical Ecology)*. Edited by Schaan, D. P. Walnut Creek, Calif.: Left Coast Press.

_____. 2012c. Curt Nimuendajú: “O ser que cria ou faz o seu próprio lar”, In: *Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará*. Belém: GKNoronha, pp.99-107.

_____. 2014. *Salvamento Arqueológico do Sítio PA-ST-42: Porto de Santarém. Anos III e IV*. Relatório Final. Belém: UFPA/CDP, inédito 228p.

_____. 2015. A indústria cerâmica dos Tapajó, In: *Um porto, muitas histórias: arqueologia em Santarém*. org. Denise Schaan e Daiana Travassos. Belém: Supercores, PP.101-114.

Schaan, D. P et al. 2007. Geoglifos da Amazônia ocidental: Evidência da complexidade social entre povos da terra firme. *Revista de Arqueologia* 20: 67-82.

Schaan, D. P. & Roosevelt, A. C. 2008. *Projeto Baixo Amazonas. Curso Intensivo de Campo em Arqueologia Ambiental*. 1º Relatório Parcial. Belém: Universidade Federal do Pará, inédito. 15p.

Schaan, D. P & Amaral-Lima. A. M. 2012. A Grande Expansão Geográfica dos Tapajó, In: *Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará*. Belém: GKNoronha, pp. 17-35.

Schaan, D. P, Stenborg. P & Alves. D. 2014. *Discussing centre-periphery relations within the Tapajó domain, lower Amazon*.

Schaan, D. P & Alves. D. 2015. As escavações no sítio Porto de Santarém. In: *Um porto, muitas histórias: arqueologia em Santarém*, org. Denise Schaan e Daiana Alves. Belém: Supercores.

Schiffer, M. B. 1975. Archaeology as Behavioral Science. *American Anthropologist*, 77:836-848.

_____. 1987. *Formation Processes of the Archaeological Record*. Albuquerque: University of New Mexico Press.

Shepard, O. A. 1985. *Ceramics for the Archaeologist*. Washington: Carnegie Institution of Washington. 414p.

Smith, N. 1980. Anthrosols and human carrying capacity in Amazonia. *Annals of the American Association of Geographers* 70(4):553-566.

Souza, A. M. de. 1997. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: Adesa.

Stenborg, P, D. Schaan, & M. Amaral-Lima. 2012. Precolumbian land use and settlement pattern in the Amazon region, lower Amazon. *Amazônica* 4 (1):222-250.

Steward, J. H. 1948. The tropical forest tribes. En: *Handbook of South American Indians*, vol. 3.

Teixeira, P. 1639. Relação do Rio Amazonas. In: *As Crônicas do Rio Amazonas*. Petrópolis: Vozes. 1993.

Turner, V. 1974. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis. Vozes.

Ugarte, A. S. 2009. *Sertões de Bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII)*. Manaus: Editora Valer.

Velthem, L. 2003. A aldeia, local de fabricação e destruição. *In: O belo é a fera: A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Museu Nacional de Etnologia. Assírio e Alvim.

Viveiros de Castro, E. 2002. Imagens da Natureza e da Sociedade, *In: A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*, pp. 317-345. São Paulo: Cosac & Naify. 552p.

Wallace, A. R. 2004 [1853]. Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. *Coleção o Brasil visto pelos Estrangeiros* v. 17. Brasília: Senado Federal. 630p.

Wolkmer-Ribeiro, C. 2005. *As Esponjas do Lago Tupe*. Editora INPA. Manaus.

Woods, W. I. & J. M. McCann. 1999. The Anthropogenic Origin and Persistence of Amazonian Dark Earths. *Yearbook, Conference of Latin Americanist Geographers* 25:7-14.

ANEXOS

Lista de Atributos

Atributo 1

Estado de preservação: estado em que o material cerâmico se encontra.

1. Fragmento
2. Peça fragmentada
3. Peça inteira

Atributo 2

Tipo de Objeto

1. Estatueta
2. Tortual de fuso
3. Vasilha
4. Adorno

Atributo 3

Parte da vasilha ou objeto: parte que constitui uma vasilha seja pela forma ou pela função.

Forma 1

1. Alça
2. Aplique
3. Base
4. Borda
5. Corpo
6. Gargalo
7. Aplique modelado zoomorfo
8. Aplique modelado antropomorfo
9. Aplique modelado (sem forma específica)
10. Flange
11. Braço de estatueta
12. Pé de estatueta
13. Mão de estatueta
14. Perna de estatueta
15. Cabeça de estatueta
16. Olho de estatueta

17. Nariz de estatueta
18. Orelha de estatueta
19. Apêndice
20. Apêndice zoomorfo
21. Apêndice antropomorfo
22. Apêndice sem forma
23. Vasilha em miniatura
24. Vasilha semi-inteira
25. Tampa
26. Tigela em miniatura
99. Não identificado

Forma 2: conforme a classificação de Barata (1950).

1. Vaso de gargalo
2. Vaso de cariátides
3. Vaso globular
4. Prato
5. Tigela

Atributo 4

Antiplástico: matéria introduzida, intencionalmente ou não, na pasta para conseguir condições técnicas propícias à uma boa secagem (Chmyz 1966).

1. Cauixi
2. Carvão
3. Caco moído
4. Caraipé
5. Areia
6. Rocha triturada

Atributo 5

Tratamento de Superfície: processo de acabamento original das superfícies (Chmyz 1966).

1. Alisamento
2. Polimento
3. Perda do alisamento
4. Sem tratamento de superfície

5. Polido e alisado

Atributo 6

Estado de Conservação da peça ou fragmento

1. Erodido
2. Patinado
3. Preservado

Atributo 7

Técnica de confecção: processo de confecção que da forma as peças cerâmicas.

1. Acordelamento
2. Modelagem
3. Repuxado

Atributo 8

Tipos de bases: parte inferior, de sustentação do vaso (Chmyz 1966).

1. Plana
2. Arredondada
3. Anelar
4. Em pedestal
5. Côncava
6. Convexa
7. Anelar
8. Tríпода/ tetrapoda/ Polípoda
99. Não identificado

Atributo 9

Tipos de bordas: extremidade superior do vaso (Chmyz 1966).

1. Direta
2. Inclinação interna
3. Inclinação externa
4. Reforçada internamente
5. Reforçada externamente
6. Extrovertida

7. Extrovertida e reforçada
8. Introvertida
9. Expandida
10. Vasada
11. Cambada
12. Dobrada
13. Contraída
99. Não identificado

Atributo 10

Tipos de lábio de bordas: extremidade da borda (Souza 1997).

1. Plano
2. Redondo
3. Biselado
4. Serrilhado/ Dentado
5. Apontado
6. Ondulado
99. Não identificado

Os atributos 11 e 12 serão classificados conforme Gomes (2002), que separou os aspectos decorativos da cerâmica da fase Santarém em acromáticos e cromáticos.

Atributo 11

Decoração acromática: decoração que não utiliza pintura (Gomes 2002).

1. Inciso
2. Ponteadado
3. Inciso/Ponteadado
4. Inciso/Filetes com ponteadado
5. Incisões angulares/Entalhado
6. Filetes aplicados
7. Filete aplicado com ponteadado
8. Filete aplicado com incisões
9. Filete aplicado com entalhes
10. Acanalado
11. Exciso

12. Digitado
13. Ungulado
14. Entalhado
15. Exciso/Ponteadado
16. Vazado
17. Ponteadado arrastado
18. Filete aplicado digitado
19. Incisão/entalhado
20. Ponteadado/exciso
21. Incisões angulares (semi-circular)
22. Marca de cestaria
23. Incisões paralelas

Atributo 12

Decoração cromática: decoração que utiliza vários tipos de pintura (Gomes 2002).

1. Pintura vermelha externa
2. Pintura vermelha interna
3. Pintura vermelha externa/interna
4. Pintura preta externa
5. Pintura preta sobre vermelha
6. Pintura preta sobre branca
7. Pintura branca
8. Pintura branca sobre vermelha
9. Pintura branca sobre preta
10. Engobo vermelho interno
11. Engobo vermelho interno e externo
12. Engobo vermelho externo
13. Engobo branco externo
14. Pintura vermelha sobre engobo branco externo
15. Pintura vermelha sobre engobo branco externo e engobo branco interno
16. Engobo branco interno e externo
17. Pintura vermelha sobre engobo branco interno
18. Pintura laranja externa
19. Pintura laranja interna
20. Pintura laranja interna e externa
21. Pintura laranja externa sobre engobo branco
22. Pintura vermelha e preta sobre engobo branco parte externa e parte interna
engobo vermelho
23. Pintura vermelha e preta sobre engobo branco parte externa

24. Pintura vermelha e preta sobre engobo branco parte externa e pintura preta parte interna
25. Pintura branca parte externa e pintura vermelha parte interna
26. Engobo branco parte externa e pintura vermelha parte interna
27. Pintura vermelha parte interna e pintura vermelha e preta sobre engobo branco parte externa
28. Pintura vermelha e preta sobre engobo branco parte externa e interna
29. Pintura preta parte externa e interna
30. Pintura vermelha parte externa e engobo branco parte interna